

REVISTA DO  
INSTITUTO  
ARQUEOLÓGICO,  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO  
PERNAMBUCANO

VOL. L

RECIFE - 1978

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.





REVISTA DO  
INSTITUTO ARQUEOLÓGICO,  
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
PERNAMBUCANO

VOL. I

RECIFE - 1978

PUBLICAÇÃO FEITA EM CONVÊNIO COM O  
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS  
DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA.

Senador Ney Braga, Ministro de Estado de Educação e Cultura

Prof. Manuel Diegues Júnior, diretor do Departamento de  
Assuntos Culturais do MEC.

DIRETORIA DO INSTITUTO  
ARQUEOLÓGICO

EM 1978

Presidente	— Prof. José Antônio Gonsalves de Mello
Vice-Presidente	— Dr. Salomão da Silva Carneiro
Secretário Perpétuo	— Dr. Olympio Costa Junior (licenciado)
1.º Secretário	— Dr. Pedro Alves Camêlo
2.º Secretário	— Prof. José Aragão Bezerra Cavalcanti
Tesoureiro	— Dr. Gutemberg de Arruda Peixoto
Bibliotecário	— Dr. Milton Melo

COMISSÕES:

*da Revista e Estatutos:* Drs. Olympio Costa Junior, Salomão da Silva Carneiro e Fernando da Cruz Gouveia.

*de História e Geografia:* Prof. Nilo Pereira, Prof. Gláucio Veiga e Prof. Roberto Pereira

*de ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA:* Prof. José Luiz da Mota Menezes, Dr. Ulysses Pernambucano de Mello, neto e Prof. Reinaldo Carneiro Leão

*de Admissão de Sócios:* Dr. Pedro Alves Camêlo, Padre Theodoro Hucklmann e Prof. José Aragão Bezerra Cavalcanti.

*de Contas:* Drs. Aloísio de Melo Xavier, Salomão da Silva Carneiro e Prof. José Luiz Marques Delgado



## S U M Á R I O

Capistrano de Abreu e o povoamento do Sertão Pernambucano — Barbosa Lima Sobrinho .....	9
A Biblioteca dos Oratorianos — Gláucio Veiga .....	51
Canoas do Recife: Um Estudo de Microhistoria Urbana — Evaldo Cabral de Mello .....	67
O Noviciado Franciscano de Igarapu — Frei Venâncio Willeke, Ofm	105
Igreja de N. Sra. da Conceição dos Militares — José Luiz Mota Me- nezes .....	117
O Barão de Goicana e o seu Diário — Fernando da Cruz Gouvêa ....	153



REVISTA  
DO  
Instituto Arqueológico, Histórico e  
Geográfico Pernambucano

---

---

VOL. L — ANO DE 1978

---

---

Capistrano de Abreu e o povoamento  
do sertão pernambucano

BARBOSA LIMA SOBRINHO

"QUANDOQUE BONUM DORMITAT HOMERUS"  
(HORACIO, AD PISONES, V. 359)

Um espírito sintético, como o de Capistrano de Abreu, não pode prescindir de hipóteses gerais, que valem como pilares, para as suas construções teóricas. Uma dessas colunas, seria a da explicação do papel desempenhado pela Capitania de Pernambuco, na expansão de seu povoamento. É uma tese tão repetida, que quase dá a impressão de uma idéia fixa. Pode ser encontrada nos *Capítulos de História Colonial*, assim como em *Ensaio e Estudos* ou até mesmo no volume dos *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*.

Talvez que a primeira referência ao que se poderia classificar como a paralisia de Pernambuco, na ocupação de seu território, tenha sido o artigo de comentário á obra, que Oliveira Lima acabava de publicar, sob o título de *Pernambuco — seu desenvolvimento histórico*. O artigo saiu em *A Notícia* de 22 de dezembro de 1894, sem assinatura, e ultimamente incluído, por José Honório Rodrigues, no volume IV de *Estudos e Ensaio* (págs. 177-184). É desse artigo o trecho que passamos a recordar; quando assinala que Pernambuco não tomou parte na conquista do sertão. Escreve:

"A verdade é outra, e o sr. Oliveira Lima tê-la-ia certamente apanhado se tivesse meditado sobre um mapa de seu Estado. Pernambuco tem uma região de mata virgem e outra de caatinga. A história propriamente de



Pernambuco teve por teatro único a mata virgem, esta mesma que ainda em nosso século asilou os Cabanos, como Pedro Ivo. A região das caatingas foi incorporada muito posteriormente a Pernambuco, e tão ligada estava á primeira como estaríamos nós a Niterói, se não houvesse meio de nos correspondermos por água.

Para prová-lo, basta considerar que, ainda em 1760 e tantos, as comunicações de Bezerros eram com a Bahia e não com Pernambuco; que Azeredo Coutinho, Governador interino, no começo do nosso século, enumera, como um dos serviços que prestou, haver mandado fazer uma estrada para conduzir gado da Comarca do Sertão de S. Francisco para Olinda; que a gente da Vila da Barra e adjacências, incorporada primeiramente a Minas Gerais, nunca mais procurou ligar-se a Pernambuco, ligando-se antes à Bahia, por cujos filhos foi povoada.

E este encadeamento à mata explica a decadência de Pernambuco no século XVII e no século XVIII. Os pernambucanos só penetraram a caatinga, entregando-se à criação de gado, que até hoje tem sido o grande veículo de civilização entre a Bahia e o Piauí, só se entregaram à criação fora de Pernambuco, na Paraíba, no Rio Grande do Norte e no Ceará". (Capistrano de Abreu, *Estudos e Ensaíos*, 4ª série, 182).

De novo, nos *Capítulos de História Colonial*, trabalho escrito para o Centro Industrial do Brasil, no ano de 1907 e, mais tarde, editado pela Sociedade Capistrano de Abreu, ao demarcar a zona de criação do Nordeste, voltava o mestre cearense a afirmar:

"Em Pernambuco ocorria fato semelhante, porque como as ligações beijavam o rio S. Francisco, a maior ou menor distância, grande número de sertanejos achavam mais fácil e mais vantajoso comunicar-se com a Bahia, deixando deserta uma região intermédia, variável em comprimento e largura, o caminho entre Pajeú e Capibaribe, que regulou esta anomalia, data dos primeiros anos do século XIX". (ob. cit. 1928, 277).

Mas a melhor exposição da tese de Capistrano de Abreu, ou da hipótese que o deslumbrava, continha-se num longo ar-

tigo, estampado primeiro no *Jornal do Comércio* de 12 de agosto de 1899, e posteriormente publicado na *América Brasileira* de agosto de 1924, e incluído no volume dos *Caminhos Antigos a Povoamento do Brasil*, editado pela Sociedade Capistrano de Abreu, 1930, pgs. 55-74. O estudo saíra no *Jornal do Comércio*, sem assinatura, e com o título de *Revista de História*.

É nesse artigo que a hipótese se completa. As 12 capitanias hereditárias não haviam tido a mesma evolução. Capistrano de Abreu elimina as capitanias que ficavam acima do cabo de S. Roque e de que eram titulares João de Barros, Fernando Álvares de Andrade, Aires da Cunha, Antônio Cardoso de Barros, que haviam passado "sem deixar sinais". Afasta, também, a região entre o sul da Bahia de Todos os Santos e o Norte de S. Vicente. Restavam Pernambuco e S. Vicente e "os troços da capitania de Pero Lopes, que sempre gravitaram para as de Duarte Coelho e Martim Afonso e, finalmente, nelas se absorveram. São estes, concluía Capistrano, os dois primeiros focos do povoamento de nossa terra".

Passa então o historiador a examinar a função das duas capitanias restantes. Enquanto S. Vicente se entregava ao trabalho fecundo das Bandeiras, Pernambuco como que se concentrava na defesa e conquista da faixa litorânea, mais cubizada pelos invasores. Diversas circunstâncias influíam nessa diferenciação de encargos, entre as duas capitanias. A Serra do Mar afastava povoadores, com as suas montanhas ínvias, e não poderia ter outro destino do que promover a marcha para oeste, onde as aldeias de índios figuravam como depósitos de escravaria, à espera dos predadores. Pernambuco, colocado mais perto da Europa e com o seu litoral acessível a uma navegação, que dispensava maiores calados, não somente se defendia bravamente, como esbanjava valores na defesa dos vizinhos, consolidando, assim, o domínio luso contra os franceses e, posteriormente, contra os holandeses que haviam chegado. Desse modo, trabalhara Pernambuco na Paraíba, no Rio Grande do Norte, no Ceará e até mesmo no Maranhão. E havia chegado ao Amazonas, com a fundação de Belém. De certo modo, uma função essencial e cuja importância não seria para desprezar, pois que era um esforço para dar bases definitivas à unidade do Brasil.

Mas — e aí entra a hipótese de Capistrano de Abreu — esse missão de tanta significação para os destinos futuros de

todo o Brasil, como que consumira e esgotara as energias pernambucanas. A atividade litorânea afastara o trabalho de exploração e conquista do interior e, de certa forma, "atrofiara" a sua expansão para Sudoeste. O que leva o historiador cearense a resumir:

"A invasão holandesa sustou o avanço. Bagnuolo, Camarão, Henrique Dias, Vidal, Barbalho abriram caminhos que lhes permitiam passar longe do mar de um a outro extremo de Pernambuco. Com a capitulação do Taborda, a evacuação do Recife e a vitória final dos patriotas, o desuso se tornou absoluto e, por fim, fecharam-se, para não se abrir senão muito tarde, quando o primeiro impulso colonizador divergira para outros rumos.

Na segunda metade do século XVIII, não se penetrava do Recife além de Bezerros, a quinze léguas para o interior; o que ficava além entendia-se com a Bahia. O Bispo Azeredo Coutinho alegava como um dos serviços de seu governo interino (1798-1804) ter aberto um caminho comunicando a praça de Olinda com os sertões do S. Francisco.

Esse caminho seródio que, a julgar por uma indicação vaga de Frei Caneca, acompanhava o Capibaribe até Taquaritinga, de onde demandava o Brejo da Madre de Deus, isto é, sertões batidos por baianos um século talvez antes, explica exuberantemente por que motivo os limites pernambucanos recuaram do Carinhanha, hoje divisa da Bahia e Minas-Gerais, para o Pau de Arara, 156 léguas rio abaixo, segundo as medições de Halfeld e, ao contrário, a Bahia se estendeu até as fronteiras de Goiás. Pouco repara quem viu nisto apenas os efeitos do decreto de 7 de julho de 1824, que desligou de Pernambuco a Comarca do S. Francisco, e da resolução de 15 de outubro de 1827, que a incorporou à Bahia. Estes dois atos apenas apuram a Nêmesis da história". (*Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, 1930, pags. 57-58).

A resolução da incorporação à Bahia também foi um Decreto, com a data de 15 de outubro de 1827. E não era a primeira vez que se aplicava a Pernambuco — caso único em todo o Brasil — a pena das mutilações territoriais. Já em 1817,



também para criar uma barreira às influências libertárias que haviam dominado Pernambuco, D. João VI desligara dessa Província a Comarca de Alagoas. Daria vontade de perguntar a mestre Capistrano se também fora inspiração da Némesis da história e se os baianos é que haviam povoado a Comarca das Alagoas. Mesmo no caso da Comarca do S. Francisco, a Némesis da história se revelara demasiadamente cautelosa, anexoando a Comarca a Minas-Gerais, *provisoriamente*, e mais adiante à Bahia, também *provisoriamente*. Entre as duas anexações, houvera a viagem de D. Pedro à Bahia e o desejo natural de corresponder à maneira entusiástica com que fora recebido e festejado, numa recepção que os periódicos da época chegaram a classificar como "triumfal". Otávio Tarquínio de Souza a descrevia como "reverente e afetuosa". Para o *Spectador*, a viagem conseguira "tranqüilizar os espíritos, estabelecer a ordem e a harmonia e criar para a sua pessoa (de D. Pedro) grandes simpatias e verdadeiras afeições". Não havia que estranhar que o Imperador procurasse dar demonstrações de agradecimento e de cordialidade, sem mesmo procurar saber quem fosse Némesis. E de certo não lhe doeu a consciência quando assim continuava a castigar os revolucionários pernambucanos de 1824, que tanto sofreram de sua apregoada magnanimidade. Verdade que Capistrano de Abreu também não gostava de revoluções.

O artigo de Capistrano de Abreu, publicado no *Jornal do Comércio* de 12 de agosto de 1899, não passou incólume, em face dos sentimentos de ilustres pernambucanos. O historiador cearense era amigo de Aníbal Falcão, a quem chegara a classificar como "enciclopédico", pela extensão de sua cultura. E coube a Aníbal Falcão escrever de Paris, onde no momento se encontrava, uma carta em que fazia restrições à tese, que Capistrano de Abreu estava sustentando. Sua carta foi divulgada por ocasião da republicação do artigo de Capistrano na *América Brasileira*. O que intrigava a Aníbal Falcão era saber de onde vinha aquele "sentimento hostil", que não conseguia explicar. Aníbal Falcão fazia restrições às Bandeiras paulistas, quando considerava que resultavam apenas da caçada de índios. "Nisso, dizia ele, não os guiava o primeiro impulso de um brasileirismo espontâneo: a cobiça devastou-lhes terras cujos incolos eles exterminavam pelo arcabuz ou pelo cativoiro. Ainda que eu pudesse demonstrar essa afirmativa, nem tenho tempo de o fazer, nem tu de tal precisas. Mas, Capistrano de Abreu, historiador do Brasil, carece de justiça e de

verdade. Que o Tietê não se lhe represente melhor do que é e, sobretudo, foi: o rio da escravidão dos índios; está muito longe de haver sido o Nilo, em cujas margens se fundou a nossa civilização". (*Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil*, pág. 61-62).

Capistrano de Abreu recebeu a carta em 1899. E embora anunciasse que o artigo publicado no *Jornal do Comércio* sairia de novo, na *América Brasileira*, "ligeiramente atenuado", não alterou senão minúcias de linguagem e uma ou outra referência, sem maior importância. Pode-se até dizer que procurou completar a tese ou a hipótese anterior, quando acrescentava que "embora em menor escala que da Bahia de Todos os Santos para o sul, as serras e matas opuseram-se ao povoamento normal de Pernambuco. A existência e resistência dos quilombos dos Palmares seriam impossíveis em outras condições".

Na verdade, o que seria interessante era limitar-se ao confronto entre os serviços prestados ao Brasil pelos dois pólos do povoamento, S. Paulo e Pernambuco, e verificar se Pernambuco realmente se detivera em Bezerros, a 25 quilômetros do Recife, de onde só começara a sair depois de iniciado o século XIX.

Verdade que Capistrano de Abreu admitia algumas dúvidas, quando pedia a Oliveira Lima e a João Lúcio de Azevedo que procurassem descobrir roteiros antigos, que registrassem os rumos da marcha de Pernambuco para o sertão. (*Correspondência*, vol. III p. 123 e II pág. 202). Mas parecia convencido de que esses roteiros, se existissem, não deixariam de confirmar suas hipóteses e suas conclusões. Do contrário, teria sido menos afirmativo, à espera de que aparecessem os roteiros.

E havia razões de sobra para duvidar. Sua tese, na substância, para um geógrafo consumado, como ele sempre fora, até vinha com ares de paradoxo. A história de Pernambuco tivera como teatro, ao que ele próprio ensinava, a mata virgem. E parara justamente ao atingir a caatinga? Fizera o mais difícil e estacara quando os obstáculos eram menores? O equívoco do geógrafo deveria assustar mais do que o equívoco do historiador. Bezerros está, a bem dizer, um passo adiante do limiar do agreste pernambucano, que principiava em S. João dos Pombos, na escarpa ocidental da Borborema, na serra das



Russas. Aprendo num geógrafo de alta competência, o Professor Mário Lacerda, que:

“Une fois gravie l'escarpe disséquée, nous sommes en plein Agreste”. E que “en fonction du facteur climatique, soit directement, soit á travers ses effets édaphiques, on commence á voir, á partir de l'Agreste, le très vaste domaine du type d'association végétale xérophile propre á tout le Nord-Est sec: la caatinga”. (XVIII Congrès Internat. de Géographie, *Livret-Guide n. 7*, pág. 98 e 104).

De certo que o termo “caatinga” é muito amplo, pois que pode incluir situações diversas, como a chamada arbórea e a outra denominada arbústica, que são, aliás, as mais características e que só elas deveriam merecer o nome de caatinga. Mas como se estende a regiões consideráveis, em que pode haver a presença de terras úmidas, há que ir adiante do rótulo, para precisar os conceitos e avaliar os obstáculos. Já Wappeus, no seu livro célebre, havia considerado a caatinga como abrangendo os “lugares mais extensos, que são baixos, cheios de tojos e moitas muito bem trançadas. As caatingas, assim, como os capões, nunca atingem ao vigor e á altura da mata virgem, nem ainda nos lugares em que mais se desenvolvem em conseqüência da humidade”. (*A Geografia Física do Brasil*, Rio, 1884, p. 228).

O Professor Mário Lacerda, no já mencionado *Livret-Guide n. 7*, vinha acrescentar outros elementos, para a identificação da caatinga. Dizia ele:

“Le changement du climat dans cette région est immédiatement accompagné par un changement dans le revêtement végétal. A la diminution de la pluviosité correspond un amincissement du manteau de décomposition et un affaiblissement de son pouvoir de rétention d'eau. En fonction des facteurs climatiques, soit directement, soit á travers ses effets édaphiques, on commence á voir, á partir de l'Agreste, le très vaste domaine des types d'association végétale xérophile propre á tout le Nord-Est sec: la caatinga”. (Ob. cit. 1956, p. 104).

O que caracteriza a caatinga, diz outro geógrafo, é justamente a “circulação não é muito difícil e ha sempre cami-

nhos livres de todo obstáculo". Senão livres, pelo menos com a possibilidade de abri-los com instrumentos rudimentares.

Teodoro Sampaio, no seu estudo magistral, publicado na *Revista do Instituto Histórico de S. Paulo* (vol. V p. 85) já dizia, com extraordinária precisão:

"A caatinga não é, contudo, uma barreira impenetrável. A vegetação *sui-generis* que a constitui deu-lhe antes o aspecto de um labirinto, com a sua multiplicidade de veredas, de clareiras sempre iguais e que só uma vez se transforma, como por encanto, pela revivescência de um dia, se por ventura a chuva lograr vencer a inclemência do céu.

Se o perigo da mata virgem é a solidão sem veredas e sem saída, o terror da caatinga é o desnorreamento infalível pela multiplicidade delas. O bruto com o seu instinto rasga horizontes e vai ao seu alvo sem vacilar; o homem, porém, que uma vez penetrou na caatinga e lhe fahou a memória na escolha da vereda, é uma vítima que só um milagre salvará".

Na sua viagem ao rio S. Francisco, Teodoro Sampaio conheceu de perto essa região da caatinga. E confirmou suas impressões anteriores, falando de novo "no labirinto da caatinga" e aludindo aos "meninos, quase sempre nús, que nos rodearam e seguiam ensinando-nos as veredas e os atalhos". (*Revista do Inst. Histórico Brasileiro*, tomo 167 p. 320) Caio Prado, aludindo à natureza do relevo e da flora, nas regiões ocupadas pelo povoamento, descrevia a vasta região do sertão nordestino como "constituído de largos chapadões de terreno mais ou menos unido e plano, e a vegetação, ao contrário das densas matas que bordam boa parte do litoral e revestem outras áreas do território da colônia, é formada de uma associação florística que sem ser rasteira, é bastante rala para oferecer passagem natural franca, dispensando, para a instalação do homem, quaisquer trabalhos preliminares de desbravamento ou preparo do terreno. A agricultura era ai impossível, faltava água; mas o gado encontraria horizontes largos, podendo-se difundir à lei da natureza, como foi mais ou menos o caso. A forragem que fornece a caatinga não é, com certeza, suculenta; concede, no entanto, um mínimo de subsistência para rebanhos pouco exigentes, de grande resistência e, so-



bretudo, largamente esparsos, com áreas médias por cabeça consideráveis". (*Formação do Brasil Contemporâneo*, 1942, 55-56).

E onde encontrou Capistrano de Abreu apoio, para fazer da caatinga, no povoamento do território nordestino, um obstáculo, que a mata virgem da região litorânea não pudera constituir? Ao que ele próprio revela, toda a hipótese parecia resultar de uma afirmativa do Bispo Azeredo Coutinho, de que havia aberto uma estrada para a passagem do gado do sertão pernambucano, quando estava no governo da capitania, em começos do século XIX. Completada essa informação com o documento, que José Antônio Gonsalves de Melo divulgou recentemente, dizia o Bispo que lhe sendo "presente que uma das causas de não haver maior abundância de gados, nesta Praça, é a falta de estradas suficientes para os Sertões do Rio S. Francisco, Pajeú, Urubá e outros, onde se criam muito gado, assim também como a falta de currais em alguns desertos em que se recolhem de noite, com segurança e descanso dos boia-deiros, os ditos gados; e querendo nós providenciar em tão grande necessidade, ordenamos ao Capitão Custódio Moreira dos Santos, proposto pela Câmara da Cidade de Olinda para Inspetor da fatura das ditas estradas e currais precisos, nas distâncias necessárias para se recolherem os gados desta Praça até o rio de S. Francisco". (José Antônio Gonsalves de Melo, *Três Roteiros de Penetração do Território Pernambucano*, p. 18-19).

Observe-se que o Bispo não contesta a existência de outras estradas. Faz questão de estradas *suficientes* para a tarefa, que consiste menos em abrir caminhos do que em organizar o transporte do gado, por meio dos currais necessários, sem esquecer o problema das aguadas, de tanta importância na caatinga. E onde estaria a estrada projetada? Que direção teria? Seria uma estrada nova ou tão somente a reabertura de um caminho antigo? Não raro os governantes procuram recomendar-se, melhorando estradas e apresentando-as como se fossem novas.

E por que Bezerros como ponto final na penetração de Pernambuco? Ou para o apoio daquela tese de que "na segunda metade do século XVIII, não se passava além de Bezerros, a quinze léguas para o interior; o que ficava além, entendia-se com a Bahia"?



Mesmo com um conhecimento perfuntório da ocupação do território pernambucano, a frase de Capistrano de Abreu não causa apenas surpresa: causa espanto. Mas é provável que o mestre cearense se tenha deixado arrastar pela "*Idéia da População da Capitania de Pernambuco e das suas anexas*", desde o ano em que tomou posse do Governo o Capitão General José César de Menezes". Uma espécie de relatório, para facilitar a ação do governador, que havia chegado ao Recife em 1774. É nesse documento, aliás precioso, e que a Biblioteca Nacional incluiu nos seus *Anais*, em 1924, que se pode encontrar o trecho, que talvez haja inspirado a conclusão de Capistrano de Abreu. Referindo-se à freguesia de S. José de Bezerros, que descreve, e na qual aponta oitenta e nove fazendas de gado *vacum* e cavalariço, diz a *Idéia*:

"Os Povos desta Freguesia vivem de criar gados, outros de alguma lavoura que plantam nos brejos, e de curtir couros e solas; a conduta destes gados é para a cidade da Bahia, onde fica mais próximo".

É claro que está implícita, na redação, a palavra *mercado*. Do contrário, seria até insensatez, ou absurdo, admitir que a Bahia ficasse mais perto ou mais acessível, para os povos de Bezerros, do que Recife, a quinze léguas para o interior da Capitania. O fornecimento de gados não indica distâncias; limita-se a traduzir necessidades, refletindo a influência de preços maiores. No tempo da mineração, não iam boiadas de Parnaguá e da Bahia para a região das minas, na informação de Antonil? O Nordeste baiano, aliás, não era caminho fácil e o fornecimento de gado de Bezerros para a Bahia pressupunha uma situação de grande fartura no Recife, para não aparecer a 15 léguas com preços de concorrência. E a frase de Capistrano de que, em fins do século XVIII "não se penetrava do Recife além de Bezerros" seria desmentida pela própria *Idéia da População da Capitania de Pernambuco* que descrevia, para o sertão, as freguesias de Cimbres, de Garanhuns, de Ararobá, de Águas Belas, de Cabrobó e até mesmo de Tacaratú, de Pilão Arcado e das que compunham a Comarca da Manga, com a vila (já era *vila*) da Barra do Rio Grande do Sul. Acrescentando, em todas elas, informações minuciosas, que bastariam para documentar a presença pernambucana.

A freguesia de Ararobá, por exemplo, segundo Sebastião Galvão, havia sido criada ao tempo do Bispo D. Matias de Fi-

gueiredo Melo, em 1692, e passara depois a denominar-se Cimbres, por influência dos Xucurús ali aldeados. Informa ainda Barata ("Apontamentos para a História Eclesiástica de Pernambuco", na *Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano*, XXIV, p. 361) que D. Matias percorreria toda a sua diocese, exemplo que seria seguido, pouco depois, pelo Bispo D. José Fialho, no começo do século XVIII. Ararobá ficava num sítio excelente, ainda no vale do Ipojuca e próxima das nascentes do Ipanema, afluente do rio S. Francisco. Na *Carta para o Doutor Ouvidor* a que mais adiante nos vamos referir, Ararobá era um ponto importante, para a ligação com o sertão do Pajeú.

Na citada *Idéia da População da Capitania de Pernambuco*, em 1774, a freguesia de Santo Antônio de Ararobá, que alcançava o riacho do Navio, incluindo o território atual de Garanhuns, Pesqueira, Águas Belas e Bom Conselho, tinha, na ocasião, 25 fazendas de criação de gado, plantando nos brejos lavouras "e outras vivem de passar boiadas para a praça de Pernambuco e Cidade da Bahia" (p. 37). Cimbres era uma vila, com as instituições correspondentes, e o estabelecimento da vila já indicava um grau mais avançado do povoamento. A freguesia de Cabrobó, no sertão do Pajeú, compreendia 60 fazendas de gado e seus habitantes viviam de criar seus gados "e as suas condutas para a Cidade da Bahia e Pernambuco" (p. 38). Ainda havia, para o sertão, a freguesia de Pilão Arcado, com 35 fazendas.

Todas essas freguesias do sertão estavam situadas para mais de 20 e até mesmo 200 léguas para cima de Bezerros. E nas seis freguesias enumeradas até Pilão Arcado, a *Idéia da População da Capitania de Pernambuco* já registrava uma população de 2.082 fogos e 7.539 pessoas de desobriga, isto é, pessoas que podiam contar com assistência religiosa. E como a freguesia de Cabrobó, por exemplo, poderia mandar gados para Pernambuco, se não houvesse estradas ou meios de comunicação?

#### A PRIMEIRA VILA ÀS MARGENS DO RIO S. FRANCISCO

Na verdade, Pernambuco teve que vencer obstáculos, para alcançar o curso do rio S. Francisco. Os caetés se revelaram aguerridos e ameaçadores, como se poderia comprovar com o sacrifício do Bispo Sardinha. Mas acabaram superados



pelos donatários de Pernambuco, Duarte Coelho inicialmente, depois pelos seus filhos, Jorge e Duarte Coelho. Frei Vicente do Salvador recorda a expedição contra o gentio, comandada, por parte de Pernambuco, por Cristóvão da Rocha e, por parte da Bahia, por Antônio Rodrigues de Andrade, que teriam chegado à serra do Salitre, que deve corresponder à região banhada pelo rio do mesmo nome, classificado como riacho no *Relatório* de Halfeld, a 138 léguas para o interior, contadas da foz do S. Francisco. (Vide Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 1918, 342).

Talvez que o fato mais importante, para a conquista e o povoamento do vale do rio S. Francisco, tenha sido, já em começos do século XVII, a criação da vila de Penedo, ainda ao tempo em que Pernambuco era governado pelo neto do primeiro donatário, Duarte Coelho III, que definiu o termo da Vila e lhe fixou a jurisdição, em 1636, segundo Pereira da Costa. (*Revista do Instituto Arqueológico*, vol. VIII p. 32). As vilas que Duarte Coelho instituiu eram, todas elas, pontos de referência, no caminho para o rio S. Francisco, como Serinhaém, Porto Calvo, Madalena e Penedo, que ainda se intitulava S. Francisco. Maurício de Nassau aproveitou a povoação nascente, para a construção de uma fortaleza, que demarcasse o ponto extremo, para o sul, da conquista holandesa. Em consequência, coube aos holandeses oferecer um itinerário entre Olinda e Penedo, publicado na *Revista do Instituto Arqueológico*, número 31 p. 311-321). Na fase anterior, perturbada pelas guerras contra os caetés, o percurso por mar era mais fácil ou mais conveniente. Mas ao tempo das operações da guerra, o caminho por terra acabara por prevalecer. No percurso, o *Itinerário* enumerava, sem falar nos rios maiores, que podiam exigir barcos ou jangadas para a travessia, pelo menos 13 pontes, sobre os rios Jaboatão, Ipojuca, Jubaratiba, Sibiró, Itaguaçatiba, Piracininga, Ojebú, Maragugi, Paúl, Itinga, Juparatiba, Sabidi, Mongaguaba e Itinga. Havia diversos rios que podiam ser atravessados a vau; outros que dispunham de canoas ou jangadas, o que pressupunha a permanência de um serviço de transporte. Vários desses rios ainda hoje conservam os topônimos daquela época, ou ligeiramente alterados, como Persinunga, Manguaba, Maragugi. E como demonstração do povoamento já existente, encontravam-se diversos engenhos como o Velho, do Cabo, Garapú, a povoação de S. Miguel, do Ipojuca, o engenho Siribó de Baixo, o engenho Nossa Senhora da Palma, a vila de Serinhaém, a povoação de Santo

Amaro, o engenho do Rio Formoso, a povoação de São Gonçalo, a igreja de Santo Antônio, a igreja de S. Sebastião, a povoação de Porto Calvo, o engenho Novo do Camuri, o engenho S. João, a povoação de Alagoas do Sul. Gastavam-se 90 horas na viagem. Setenta por cento do percurso era no território atual de Alagoas, 30% em Pernambuco.

É curioso que Capistrano de Abreu haja afirmado que "a invasão holandesa sustou o avanço da capitania para o sertão", quando, logo em seguida, reconhece que "Bagnuolo, Camarão, Henrique Dias, Vidal, Barbalho, abriram caminhos, que permitiam passar longe do mar de uma e outra margem". Não seria a utilização desses caminhos também uma forma de penetração nos sertões nordestinos? Os holandeses ocuparam o litoral. Os campanhistas, para os enfrentarem e para os combaterem, eram forçados a procurar caminhos mais afastados, já na faixa do *hinterland*. A travessia de Luís Barbalho, por exemplo, ficou famosa, passando do Rio Grande do Norte a Salvador, numa expedição arrojada, que não pode ser excluída do trabalho do devassamento dos sertões nordestinos.

Foi a armada do Conde da Torre que levou Luís Barbalho, desembarcando-o na baía dos Touros, no Rio Grande do Norte, 14 léguas ao norte de Natal, no cálculo da época. Ia acompanhado de algumas centenas de combatentes e levando ração apenas para 2 dias, e tendo que atravessar três capitâncias dominadas pelos holandeses, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, e ainda Sergipe, que não estava livre de sortidas inimigas. Faltou a essa retirada um Xenofonte ou um Visconde de Taunay, para descrever a epopéia de uma travessia difícil, num território ocupado pelo inimigo. Pereira da Costa nos dá as linhas gerais desse episódio épico:

"Luís Barbalho falou com energia à sua tropa e deu princípio à retirada, saindo de um verdadeiro deserto; avançando para o sul, procurou, de propósito, as povoações, naquelas que não tinham guarnições holandesas recebeu acolhimento e socorros alimentícios; nas outras ocupados pelo inimigo, entrou à força, tomou o necessário e incendiou o que não podia levar. Depois de mil trabalhos e dificuldades, chegou à vila de Goiana, onde os holandeses tinham 520 soldados. Luís Barbalho atacou-os e em furiosa peleja os venceu e mandou passar à espada os prisioneiros que não podia levar consigo. 3.000 holandeses, divididos em 3 colunas, saíram do Recife, em per-



seguição de Luís Barbalho, cuja retirada tornou-se mais áspera e tremenda. *O impávido mestre de campo viu-se forçado a marchar, fazendo grandes rodeios, a internar-se pelos sertões áridos e desertos, a abrir caminho através das florestas e transportar alguns rios engrossados pelas cheias e outros em todo tempo mais ou menos caudalosos: às vezes, urgido pela fome e pelas privações, despedia partidas ligeiras em busca de alimentos; às vezes aparecendo, a descoberto, oportunamente, batia-se e, forçando a recuar, a coluna inimiga que de mais perto o perseguia, de novo penetrava nas matas e iludindo com marchas falsas os holandeses, continuava a sua heróica retirada. Por fim, Luis Barbalho chegou à margem do S. Francisco e atravessando-o, fez alto da parte do sul, dando descanso e alívio a seus admiráveis soldados e não poucos emigrantes de ambos os sexos que, fugindo ao jugo estrangeiro, os acompanhavam.*

“Foi este feito, talvez, o mais portentoso de toda a guerra holandesa”, conclui Pereira da Costa. (Pereira da Costa, *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*, págs. 623-624) Varnhagen não é menos eloqüente, quando registra que Luís Barbalho “com valor e constância se arrostando a essa retirada, comparável à dos dez mil Gregos, ao regressar da Pérsia; sendo, porém, para sentir que o Xenofante pernambucano não nos deixasse, como o ateniense, a narração dos serviços que então lhe deveu a Pátria”. (*História Geral*, II, 385) Camarão e Henrique Dias tomaram parte ativa nesses sucessos. As patentes que lhes foram concedidas fazem referência a essa marcha, para vencer as 400 léguas, que separavam Salvador da baía dos Touros, andando a pé, “com fome e sede, comendo erva e carnes de cavalo, atravessando sertões da Paraíba e Pernambuco, em demanda do Rio S. Francisco”. (Varnhagen id. 426-429). É o caso de perguntar: Qual o exato roteiro dessa travessia? Por onde teriam sucedido aquelas “grandes façanhas das guerrilhas e campanhistas pernambucanos, a que se reporta José Antônio Gonsalves de Melo? (*Tempo dos Flamengos*, 23). Tanto mais quando não se podia ignorar que a alimentação deles não raro procurava valer-se dos currais existentes no percurso.

Todos esses fatos concorriam para transformar a invasão holandesa numa espécie de estímulo para o devassamento do território, em vez de sustar essa expansão, como afirmava mestre Capistrano de Abreu. Não se esqueça que entre os índios arregimentados para o combate ao invasor, havia um

cariri de nome Rodela, vindo de uma das tribos do médio S. Francisco.

### O TESTEMUNHO DAS MISSÕES DE CAPUCHINHOS FRANCESES

Mal havia terminado a luta com os holandeses, com a rendição do Taborda, em 1654, e 17 anos depois se registrava a presença de capuchinhos franceses, de que nos dá notícia o Padre Martin de Nantes, na sua preciosa *Relation Succinte et sincère de la mission du Père Martin de Nantes parmi les indiens appelés Cariris*". O livro foi publicado em Quimper, na França, *chez Jean Perier, Imprimeur du Roy, du Clergé & du Collège*. A Biblioteca Nacional possuía um exemplar dessa primeira edição. Vali-me dele quando fazia os estudos para o meu livro *Pernambuco e o S. Francisco*. Tive depois, graças a Frei Jacinto de Palazzolo, ilustre capuchinho, o presente de uma edição de Roma, sob os auspícios dos Archives Générales de L'Ordre des Capucins, em 1883. Recentemente, devemos a Frederico G. Edelweiss uma edição fac-similar, publicada na Bahia, em 1953.

A missão dos capuchinhos se situa entre 1671 e 1688. O Padre Martin de Nantes chegara à Bahia e daí seguira para Pernambuco, onde se encontrava um convento da ordem, que ainda não se instalara em Salvador. O Governador de Pernambuco proporcionou ao capuchinho francês todo o auxílio que ele desejava, para a fundação de sua missão, assim como para a viagem que pretendia fazer. O Padre tomara, de início, o rumo da Paraíba, onde já havia missão junto aos cariris, a cargo do Padre francês Teodoro de Lucé. Informado de que havia numerosas aldeias dos cariris, junto ao rio S. Francisco, sem qualquer assistência religiosa, o Padre Martin de Nantes resolveu dedicar-se a essas outras aldeias. Regressou a Pernambuco e de lá partiu novamente em direção ao rio S. Francisco. Vale a pena acompanhá-lo, para ter idéias mais precisas do itinerário que adotou. A primeira embarcação que o devia transportar naufragou, à vista do porto do Recife. Outro barco foi preparado e três semanas depois o Padre tornava a partir, rumando para Penedo, onde desembarcou, a 7 léguas da foz do rio. De Penedo seguiu, ainda de barco, pelo curso do rio, 20 léguas para cima, no ponto em que se situava o primeiro aldeamento dos índios Aramurus, na qual se havia instalado outro capuchinho, o Padre Anastácio. Alguns dias mais tarde,



o Padre Martin seguia viagem, em companhia de outro capuchinho, o Padre Francisco de Domfront, que havia chegado da Bahia. Tanto para Salvador, como para o Recife, a via marítima era a preferida.

A caminho para a aldeia em que desejava instalar-se, o Padre Martin de Nantes foi margeando o curso do rio. Atravessou uma região montanhosa, em que se instalara a missão do Padre Anastácio, também chegado da Paraíba. Alcançaram assim Rodelas, em que se localizava a missão do Padre Domfront. Daí continuaram até Pambú, em que já havia uma aldeia, dispondo de uma pequena capela, construída por um português e na qual se reuniam, na Páscoa ou no Natal, católicos vindos de um raio de trinta e mais léguas em derredor, para participarem dos atos de devoção. O Padre Domfront costumava percorrer distâncias ainda maiores, para cima de 100 léguas, oficiando missas de dez em dez léguas. Se essas 100 léguas tivessem o rumo do oeste, alcançariam a região em que surgiria Pilão Arcado, já depois de Juazeiro, desde que adotadas as medições de Halfeld.

Nem havia necessidade de uma ligação direta entre Olinda e o sertão pernambucano. Era mais fácil ir acompanhando a margem ou o vale do rio, tanto mais quando o trecho encachoeirado não permitia o uso de embarcações, por mais sumárias que fossem, pelo menos para viagens longas. As próprias cachoeiras constituíam elementos de defesa, o que explica que as aldeias se concentrassem mais aí que nos trechos abertos à navegação. Tanto mais quando a região de caatinga não impedia que os desbravadores continuassem a marcha pelo curso dos afluentes, que podiam estar cortados, proporcionando estradas provisórias. E ainda seriam mais favoráveis quando, nas poças remanescentes, proporcionassem a água de que precisavam os caminhantes. Os caminhos terra adentro dependeriam das aguadas, que se localizassem no seu percurso, e não era raro adotar desvios, para garantir o suprimento d'água, como se os caminhos tivessem a preocupação de constituírem uma rede de aguadas.

O Padre Martin de Nantes fez a experiência do que significava a escassez d'água, nessas regiões áridas. Certa vez precisou levar ao conhecimento do Governo Geral tropelias sucedidas com os índios de suas aldeias, enfrentando a poderosa Casa da Torre, que se atribuía direitos de dominação, por

força de sesmarias que ia obtendo do Governo Geral ou dos Governadores regionais. A aldeia em que o Padre Martin de Nantes se estabelecera ficava a 4 léguas da ilha de Pambú. *Uracapa*, a que ele se referia, é provável que corresponda à ilha de Aracapá, que Halfeld descrevia na légua 288 do curso do rio S. Francisco, o que vale dizer 564 quilômetros sertão a dentro, já adiante de Cabrobó e da foz do Pajeú.

Conta o Padre que se munuiu de carne seca e de farinha, para uma viagem de 25 dias, que era o cálculo que se fazia para cobrir a distância entre a sua missão e Salvador, a 150 léguas ou mais de caminho. Essa primeira viagem fora realmente penosa. Mas na segunda vez em que estava sendo objeto e que lhe parecia que encontravam boa aceitação no Governador Geral, o Padre encontrara pela frente uma seca devastadora. A fome afligia os índios que o acompanhavam. Vendo-os assim, na última extremidade, o Padre procurava obter, das matas, o alimento necessário. Narra então o Padre Martin de Nantes e sua descrição é indispensável:

“Parti com dois índios corajosos, bravos e de confiança. O trabalho foi extraordinário, a provisão não sendo senão de carne seca, com a farinha, para um mês de viagem e contando com a água que encontrássemos pelo caminho. Ela nos faltou muitas vezes, nossos cavalos, durante três dias, não encontraram o que comer”. (*Relation*, p. 122).

A viagem de regresso não foi mais feliz. Conta o Padre Martin de Nantes:

“Depois de 7 ou 8 dias de caminhada, a água nos faltou, no lugar em que pensávamos encontrá-la e descansar um pouco. Foi necessário ir para a frente, tendo ainda nove léguas a percorrer, sem muita esperança de encontrar água. Marchávamos de noite e, depois de 3 horas de caminhada, não tendo mais forças para continuar, resolvemos descansar. Nossos cavalos estavam tão fatigados quanto nós, pois que não tinham podido beber água desde o começo da viagem, pela manhã; não tiveram também o que comer, como nós mesmos. Continuamos a viagem duas horas antes da manhã, para aproveitar a aragem da madrugada. Apenas fiz meia légua a cavalo e percebi que o cavalo estava esgotado pelo excesso de cansaço. Saltei incontinenti e tomei outra montaria que, depois de meia



légua, também já não podia aguentar-me. Foi preciso seguir a pé e tirar força da própria fraqueza em que estávamos, para não morrer. Toda a estrada era um areal, em que o pé afundava e, quando o sol subia, queimava os olhos e acabava de nos consumir. Creio que se os nossos índios não tivessem encontrado, de tempos a tempos, alguns frutos do mato, que chamávamos *mangaba*, semelhante a sorveiras (cormes), eu teria morrido de sede. Enfim, depois de trabalhos imensos, chegamos a um lugar em que havia água para os cavalos, mas desagradável para nós, e ainda assim tivemos prazer em bebê-la. Depois de 3 horas de repouso, partimos para alcançar a aldeia de um Reverendo Padre Jesuíta, chamado Jacob Rolland, de nacionalidade holandesa e que era verdadeiramente um santo. Havia ainda duas léguas pela frente, num areal frouxo, que dificultava a marcha, ladeira acima. Acabei de me cansar, pois que era preciso caminhar a pé. Chegando a uma hora tardia da noite, tive força apenas para pronunciar algumas palavras, para saudar o Reverendo Padre Jesuíta e seu companheiro." (Ob. cit. 133-134).

Não terminaram aí as dificuldades da viagem. Alcançando Geremoabo, teve que interromper o regresso, vencido pelo extremo cansaço e pela debilidade de um organismo exaustivo. Não conseguia nem mesmo manter-se de pé. Sofrimentos que precisam ser lembrados, para que se veja o perigo dessas travessias, em regiões desabitadas e sem conhecer ainda o roteiro das aguadas, que também não eram certas, pois que dependiam da frequência das secas. O que valia como uma razão para a preferência pelo vale dos rios. O capuchinho francês dava notícia da presença de portugueses na região que estava percorrendo e deixava perceber que o traçado do rio S. Francisco, até Joazeiro, não era mistério nem para o gentio cariri, nem para as missões dos capuchinhos, nem para os colonos que iam chegando e ocupando as terras desertas da região. Pambú, Canabrava, Geremoabo, Rodelas, Tacaratu, são topônimos que aparecem e que continuam presentes, assim como o de Aracapé. É claro que se não podia apurar a procedência dos habitantes da região, pois que havia que contar com os índios cariris, com os mulatos, com os portugueses, com os escravos, que tanto podiam ser africanos como do gentio, talvez mais do gentio que da África. Razão tinha Teodoro Sampaio quando escrevia, ao mencionar a população que se estava fixando ao longo do rio S. Francisco, que ali se viam "todos os matizes da população policroma de nossa terra. O

caboclo legítimo, o negro crioulo, o *cariboca*, misto do negro e do índio, o *cabra*, o *mulato*, o branco tostado de cabelos castanhos e às vezes ruivo, todas as raças do continente e os produtos dos seus diversos cruzamentos ali estão representados. Neste particular é o vale do S. Francisco um vasto cadiño, em que todas as raças representadas na América se fundem ou se amalgamam". (Teodoro Sampaio, "O Rio S. Francisco", na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, tomo 167, p. 318). Como distinguir, nesse cadiño, entre baianos e pernambucanos, quando tanto havia um baiano como Francisco Dias de Avila, como pernambucanos como os Vanderlei e os Vieira de Melo, ou portugueses como Domingos Afonso Mafrense e seu irmão ou os que estão mencionados na *Relation* do capuchinho francês?

A ação desses capuchinhos, todavia, não foi adiante de 1688, quando a situação internacional tornou inconveniente a presença deles, em face dos interesses portugueses. Mas foram de imediato substituídos pelos Jesuítas, que aceitaram as responsabilidades de continuação do trabalho iniciado pelos capuchinhos franceses, ao longo do rio S. Francisco. Padre Martin de Nantes conheceu alguns desses Jesuítas. E contou que em 1685 dois Reverendos Padres Jesuítas haviam visitado as missões que os franceses dirigiam. Um deles era o Padre João de Barros, conhecendo a língua cariri, por haver permanecido muito tempo entre eles, em Canabrava e Jacobina. Outro era o que ele chamava Jacob Clé e que deve ser, provavelmente, Jacob Cóleu. Havia ainda um Jacob Rollando, holandês de nascimento. Serafim Leite recorda o relacionamento dos emissários das duas Ordens religiosas, na sua *História da Companhia de Jesus no Brasil* (vol. V, p. 270-315). Nas lutas travadas com a Casa da Torre, os jesuítas foram aliados e defensores dos capuchinhos franceses, sobretudo na ação junto ao Governador Geral do Brasil. Os jesuítas haviam criado missões nas aldeias dos Cariris, junto ao rio Itapicuru, em Canabrava, hoje Pombal, e Natuba, hoje Nova Soure, que devem ter servido de pontos de referência ao Padre Martin de Nantes, na sua viagem para a Bahia. Com o afastamento dos capuchinhos franceses, os Jesuítas aceitaram a sucessão, tanto mais quando, antes dos franceses, já estavam instalados na aldeia do Rodelas, que havia de fornecer o índio Zorobabé, para a luta contra os holandeses. Por isso já dizia Euclides da Cunha que as missões do rio S. Francisco ainda "não tiveram um historiador". (*Os Sertões*, 3ª ed. p. 101). Não é fácil delimi-



tar a zona que elas percorreram ou a que deram assistência. O Padre Martin de Nantes narra o episódio de uma expedição que foi obrigada a acompanhar, na guerra promovida por Francisco Dias de Ávila. As tropas da conquista, alcançaram, ao que ele relata, "pelo menos 300 léguas, sem outras provisões para a viagem que a carne seca, a farinha de mandioca e a água, que algumas vezes escasseiava no percurso". (Ob. cit. 92). O combate se travara nas imediações do rio Salitre. Os índios atravessaram o S. Francisco a nado, com tal precipitação que perderam as flechas que levavam nos carcasses. Depois abandonaram o curso do rio e se meteram nas matas, "em busca de um certo pequeno lago, a seis ou sete jornadas desse local". Os portugueses, "depois de 5 dias de descanso, atravessaram o rio em pequenas canoas que encontraram, enquanto os índios e os cavalos os seguiam a nado. Acompanharam a pista do inimigo, no interior das terras. Encontraram os índios quase sem armas e meio mortos de fome, rendendo-se todos, com a condição de que lhes salvassem a vida. Mas os Portugueses, obrigando-os a depor os restos de suas armas, os amarraram e, dois dias depois dessa rendição, mataram de sangue frio todos os homens de armas, em número de 500, e fizeram escravas as mulheres e as crianças. Por felicidade, não presenciei essa carnificina; de certo não a suportaria, como injusta e cruel, depois de dada a palavra de que a vida lhes seria poupada". (*Relation*, p. 96). Teria isso acontecido naquele pequeno lago de Parnaguá, nas proximidades do Gurgueia piauiense?

Esses documentos testemunham a presença do trabalho do desbravamento do território já adiante de 182 léguas da foz do rio S. Francisco. Pode-se, por aí, inferir o que valiam, já no fim do século do descobrimento, as palavras de Alviano, nos *Diálogos das Grandezas do Brasil*, quando registrava que os "colonos não se alargavam para o sertão para haverem de povoar nele dez léguas, contentando-se, nas fraldas do mar, se ocuparem somente de fazer açúcar". (Ob. cit. 28). Frases boas para repetir, como sínteses ou generalizações turísticas, embora a realidade fosse diferente. Que seriam, nessa época, os meios de comunicação? Que poderiam valer? Com o conhecimento das obras dos missionários e com a revelação de outros documentos, estamos hoje muito melhor informados do que se houvéssemos sido contemporâneos dos primeiros povoadores.

Embora nunca se deva perder de vista o testemunho de Duarte Coelho, quando lembrava que os salteadores viviam misturados com os povoadores. Uma tese que a História do Brasil ainda não soube incorporar à sua visão do passado, quando não raro o que se chamava *povoamento* não passava de *despovoamento* do território, que o gentio já ocupava. O povoamento — e essa é a glória maior da catequese — traduzia-se mais na ação dos missionários do que na faina dos salteadores, que fomentavam revoltas como fundamento de uma declaração de guerra justa, com que se alimentassem as senzalas do litoral. Também não se pode perder de vista que o povoamento, excluído o gentio, era escasso por toda a parte e o que sobrava era o alastramento da mestiçagem, com que de fato se povoaria o *hinterland*.

#### DOS CAPUCHINHOS FRANCESES AO LIVRO DE ANTONIL

Como se está vendo, já no fim do século XVII os capuchinhos franceses, em colaboração com o Governo de Pernambuco, haviam alcançado o médio S. Francisco, na proximidade da cachoeira de Sobradinho. O Padre Martin de Nantes começara seu trabalho missionário numa aldeia localizada em Pernambuco, atraído que fora pelo Padre Teodoro de Lucé, que ele descreve como merecedor de “grande estima em Pernambuco” (p. 15). É ainda Martin de Nantes quem nos informa que o “Padre François de Domfront, que viera a Pernambuco no intento de renovar suas provisões para a missão do Rodelas, sobre o rio S. Francisco”, fora seu companheiro de viagem, no regresso à missão em que estava instalado. Logo que chegaram a Rodelas (que Halfeld localiza a 85 léguas da foz do rio) seguiram viagem, percorrendo mais 20 léguas, o que já totalizava 105 léguas da foz do rio S. Francisco para o sertão. Nessa nova aldeia, 20 léguas acima de Rodelas, já havia seis meses que estava trabalhando o Padre Anastácio d’Audierne, com uma aldeia dos Aramurús. Mais acima ficavam os Tamaquiús, que se aliavam aos Portugueses para a resistência ao trabalho missionário. A aldeia dos Tamaquiús deveria localizar-se, provavelmente, na ilha do mesmo nome, que Halfeld encontrou a 115 léguas da foz do S. Francisco, na região em que hoje se encontra a cidade de Coripós, antiga Boa-Vista. Esse Padre Anastácio, a que se refere o Padre Martin de Nantes, chegara certa vez a fazer 300 léguas, para libertar dez ou doze índios de sua missão, cativados injustamente



pelos portugueses da região. Depois de tantas fadigas, o Padre Anastácio veio a morrer em Pernambuco, depois de cumprir seus derradeiros deveres com o Bispo de Pernambuco, no Convento de sua Congregação do Oratório.

Em Pernambuco, havia também um convento de capuchinhos, que ainda não existia na Bahia. O Padre Martin de Nantes se refere ao Governador de Pernambuco, testemunhando que ele havia tido "a caridade de nos prover de todo o necessário, inclusive do barco para a viagem, provando uma afeição e um zelo que demonstravam que era realmente amigo dos Capuchinhos e bom cristão" (p. 58).

Outra vez o Padre Martin de Nantes voltara a Pernambuco e "tendo ido com um missionário, meu amigo, ao palácio do Governador, para tratar de algum caso, encontraram, numa das salas, um ex-Governador de Pernambuco, pouco amigo dos Capuchinhos Franceses, conquanto tivesse deles recebido bons serviços, como o próprio Estado a que havia governado, pois que a ação deles havia concorrido para a recuperação de Pernambuco aos holandeses, havia 24 anos" (p. 77). O encontro com esse ex-Governador não foi agradável, mas terminou bem, pois que ele próprio acabou fazendo generoso donativo para a missão dos capuchinhos.

A substituição dos capuchinhos pelos Jesuítas, nas missões do S. Francisco, iria permitir acumular informações, que estavam presentes, quando o Reitor do Colégio dos Jesuítas da Bahia, o insigne André João Antonil, veio a publicar, sob o criptônimo de *Antonil*, a *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*. O livro vem com a data de 1711. O Padre Andreoni, como Visitador da Ordem e Provincial do Brasil, deve ter tido oportunidade de conhecer e visitar algumas ou muitas das aldeias de índios, reunindo, pelo menos, as informações com que se recomenda o seu trabalho, talvez a primeira história econômica do Brasil, surgindo no começo do século XVIII.

É nesse livro que Antonil nos dá a relação dos currais existentes ao longo do curso do rio S. Francisco. O rio estava dividido entre as duas capitânicas que o cercavam, Pernambuco e a Bahia. O próprio Antonil informa, quando fala em "borda aquém do rio S. Francisco" e "outra borda da parte de Pernambuco". (p. 262 da edição de Taunay, em 1923). Do lado

da Bahia havia mais de 550 currais. "E posto que sejam muitos os currais da parte da Bahia, chegam a muito maior número os de Pernambuco, cujo sertão se estende pela costa desde a Cidade de Olinda até o rio de S. Francisco, oitenta léguas; e continuando da barra do rio S. Francisco até à barra do rio Iguaçú, contam-se duzentas léguas. De Olinda para Oeste até o Piaguí, Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, 160 léguas; e pela parte do Norte estende-se de Olinda até ao Ceará Mirim, 80 léguas; e daí até o Açú 35 léguas, e até o Ceará Grande 80 léguas, e por todas vem a estender-se desde Olinda até esta parte, quase 200 léguas. Os rios de Pernambuco que, por terem junto de si pastos competentes, estão povoados com gado (fora o Rio Preto, o Rio Guaraira, o Rio Iguaçú, o Rio Corrente, o Rio Guariguá, a Lagoa Alegre e o rio de S. Francisco, da banda do Norte) são o Rio de Cabaços, o Rio de S. Miguel, as duas Alagoas, com o Rio do Porto do Calvo, o da Paraíba, o dos Kariris, o do Açú, o do Podi, o do Jaguaribe, o das Piranhas, o Pajeú, o Jacaré, o Kaninde, o de Parnaíba, o das Pedras, o dos Camarões e o Piaguí. Os currais desta parte hão de passar de 800 e de todos estes vão boiadas para o Recife e Olinda e suas vilas, e para o fornecimento das fábricas dos engenhos desde o Rio de S. Francisco até ao Rio Grande; tirando os que acima estão nomeados desde o Piaguí até à barra do Iguaçú, e de Pernaguá, e Rio Preto; porque as boiadas destes rios vão quase todas para a Bahia, por lhes ficar melhor caminho pelas Jacobinas, por onde passam e descansam".

Veja-se bem: *os currais de Pernambuco em maior número do que os da Bahia*. E Antonil distingue entre as boiadas que ficavam em Pernambuco e as que se dirigiam, de preferência (e não exclusivamente) à Bahia. Ficavam na categoria dos currais que preferiam a Bahia os existentes na margem esquerda até o Piauí. Mas entre as que se dirigiam para Pernambuco estavam também os que se situavam nos rios Pajeú e Jacaré, que ficavam no sertão pernambucano.

Com o descobrimento das minas, muitas dessas boiadas seguiram o rumo de Minas-Gerais, sem se preocuparem com a Némesis de Capistrano de Abreu. Assim como os verdadeiros povoadores eram os que ficavam nas fazendas, pagando foro aos felizardos titulares de sesmarias.

Há também que considerar que o caminho pelas Jacobinas não ficaria mais perto do que o da descida do gado pelas



margens do S. Francisco, no rumo de Penedo. De Jacobina a Salvador seriam mais de 105 léguas, segundo os caminhos de hoje, que não levam em conta o rodeio das aguadas. Do Pajeú a Olinda seriam 160 léguas. E as distâncias ficariam muito mais reduzidas, se encontrados os caminhos que fossem diretamente do Pajeú para Olinda. Capistrano de Abreu duvida de existência desses caminhos, antes do governo do Bispo Azeredo Coutinho. E suas hipóteses temerárias são destruídas pelo achado dos roteiros de 1738, existentes na coleção de documentos reunidos pelo historiador fluminense Alberto Lamego e atualmente de posse da Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo. José Antônio Gonsalves de Melo os encontrou, quando ainda não estavam catalogados, e com eles publicou um notável opúsculo, sob o título de *Três Roteiros de Penetração do Território Pernambucano*, na Imprensa Universitária de Pernambuco.

#### ROTEIROS DO SÉCULO XVIII

Até agora estávamos percorrendo o século XVII. Com Antonil, entramos no século XVIII. A conquista do território não se interrompera, em nenhum lugar, exceto em Pernambuco, no julgamento de Capistrano de Abreu. Mas ele próprio deixara em suspenso a sentença definitiva, pelo receio da descoberta de algum roteiro, que não lhe parecia provável. Mas havia uma coleção de documentos copiados em Portugal, graças ao historiador fluminense Alberto Lamego. Teria ele encontrado o roteiro, que viesse resolver o problema da penetração pernambucana? José Antônio Gonsalves de Melo teve a sorte que faltou ao historiador cearense. E lá estavam os roteiros de 1738, que publicou no seu precioso opúsculo.

Tinha conhecimento do trabalho de José Antônio Gonsalves de Melo, quando fui a S. Paulo e procurei, no Instituto de Estudos Brasileiros, o seu ilustre Diretor José Aderaldo Castelo. Pedi que me desse algumas informações a respeito dos roteiros constantes da coleção de Alberto Lamego. Não poderia ter sido mais afortunada a minha inspiração. Os competentes funcionários do Instituto, Arlinda Rocha Nogueira, Heloisa Liberalli Bellotti, José Eduardo Marques e Lucy de Abreu Maffei, prestaram os seguintes esclarecimentos:

“Os Roteiros de 1738 foram localizados no volume 72 dos Manuscritos da Coleção Lamego, sob os registros:

Ms. 72/82 e Ms. 72/83. Foram feitas as cópias xerográficas e a transcrição dos mesmos, com a resolução das abreviaturas. Não contamos com elementos para determinar a sua autoria e procedência, ou se se trata de uma cópia, uma vez que não são assinados, nem datados, e não há informações onde foram encontrados e nem como foram anexados à coleção.

Durante a pesquisa realizada no referido volume, foi encontrado um documento (Ms. 72/5) que talvez possa ser de interesse. Por esse motivo foi copiado. Trata-se de uma comunicação "Para o Senhor doutor ouvidor geral" ver os caminhos que são necessários abertos para seguir pela estrada de Santo Antão para o rio de S. Francisco". Esse manuscrito não possui outros elementos de identificação".

Na verdade, o novo documento me pareceu de grande importância. Mas havia necessidade de uma pesquisa complementar. Voltei ao Instituto dos Estudos Brasileiros e recebi, em resposta, o ofício dos competentes funcionários Lucy de Abreu Maffei e José Eduardo Marques Mansom, por intermédio do Diretor do Instituto, José Aderaldo Castelo, com os seguintes esclarecimentos:

- "1 — O primeiro documento "Para o Senhor Doutor Ouvidor Geral de Pernambuco" ou é do século XVIII ou, ainda, dos fins do século XVII.
- 2 — O segundo é indubitavelmente do século XVIII. Essas afirmações são fundamentadas nas opiniões abalizadas dos Professores Frédéric Mauro (Professor da Universidade de Paris) e Victor Deodato da Silva (especialização pela Escola de Chartres) consultados por mim.

Queremos finalmente justificar a demora em atendê-lo, uma vez que aguardávamos parecer de professores especializados em Paleografia dos séculos XVII e XVIII."

Acredito que o documento, pelo seu teor, seja da primeira metade do século XVIII, pois que apresenta, como separação entre Pernambuco e Minas-Gerais, a divisa do Carinha-



nha, que resultou de um bando de 26 de abril de 1721. (*Revista do Arquivo Público Mineiro*, II, p. 8-9, e Diogo de Vasconcelos, *História Média de Minas-Gerais*, p. 46). Mas tudo indica que seja anterior aos roteiros de 1733. É um documento excelente, testemunhando a presença de Pernambuco na conquista de seus sertões e para os lados do curso do rio S. Francisco. Vale a pena transcrever, na íntegra, o documento, modernizando a sua grafia e completando a sua redação, desde que se incorpore à publicação deste artigo o texto da tradução, elaborada pelos técnicos do Instituto de Estudos Brasileiros. Diz o documento:

“Para o Senhor Doutor Ouvidor Geral ver os caminhos que são necessários abertos para seguir pela estrada de Santo Antão para o rio de S. Francisco.

Na freguesia de Santo Amaro de Jaboatão é necessário abrir os caminhos tanto de enchada como de foice e machado, até o sítio chamado Queimadas. Nas ditas Queimadas começa a freguesia de Santo Antão da Mata, a qual lhes toca abrir até à passagem do rio das Pedras de Ipojuca, donde acaba a dita freguesia. Da dita passagem do Rio das Pedras para a outra banda, no sítio chamado Carara, pega a freguesia de Ararobá e acaba no sítio chamado Tacaitó. Esta freguesia é a mais fechada estrada que se acha em todo o sertão, por nunca ser aberta senão no tempo em que se começou a cultivar, e hoje já a deixam muitos passageiros pela não poderem seguir com os seus comboios. Nesta freguesia é necessário abrir para a estrada do rio de S. Francisco, a estrada que entra na fazenda do Tacaeté para a Missão de Ararobá. E de Ararobá para o Pajeú. Como também todas as aguadas que há, é necessário pô-las públicas, com caminhos e cruz na entrada, por estas ficarem afastadas nas ditas estradas pouco espaço. Principalmente se deve abrir o caminho da Lagoa da Pedra do Tacaitó, a todas as aguadas do riacho Liberal e Pedra do Cachorro e Lagoinha, fazendo-lhes caminho para sair para a porteira do Macaco. E os caldeiros (ou caldeirões?) do riacho do Mororó, pôr-lhe cruz. Esta freguesia é dilatada, que tem

de comprimento 70 léguas, mas está toda cultivada de moradores e fazendas e aldeias do gentio, como seja a nação dos Xucurús, dos Paraquiós e Parariconha, circunvizinhas da nação Carnijó. E como tem todo este presidio é muito fácil por as estradas prontas em poucos dias. Do dito sítio, chamado Tacaíco, donde acaba a freguesia, começa a freguesia do Cabrobó, a qual tem só para (sic). Para abrir do sítio Tacaratú a sair ao rio de São Francisco que distam 5 léguas. E entrada nesta estrada da beira do rio até às minas é caminho deveras aberto e aprazível.

Disto o rio de São Francisco desta praça 100 léguas, pela estrada dita. E seguindo para as minas se caminha à vista do dito rio 350 léguas, e largando o tal rio se passa o tal rio das Velhas na barra donde se encontra com o de São Francisco e a chegar às minas fazem 100 léguas. Chega o Bispado de Pernambuco até perto das minas 30 léguas, correndo para a parte do Pitangui, nas povoações chamadas das Abaetés. E o governo no sítio alcança até Carinhanha, 200 léguas afastado das minas.

No tempo conveniente para se abrir as ditas estradas no mês de Outubro e Novembro, por haver ainda abundância de águas para os trabalhadores. Advirta-se que nesta estrada se caminha 2 dias por dentro de um rio chamado Moxotó, e todas as vezes que corre com qualquer inundação de águas, já se não caminha por não ter caminho por fora do dito rio, o qual é muito fácil abrir-se por que no dito rio, quase todo o ano assiste a nação já dita Paraquió e Aparariconha.

E é o que posso informar, conforme a experiência de algumas viagens me tem mostrado ser esta a realidade, etc."

Por esse documento, que tinha a intenção de indicar o caminho para as minas, verifica-se que Pernambuco já possuía idéia precisa até das distâncias que se observavam no curso do rio São Francisco. O Roteiro falava em 350 léguas para o curso



do rio, que Halfeld elevava a 382 léguas. Era, afinal, todo o curso do rio, conhecido em começos do século XVIII. Conhecido e de certa forma medido e frequentado. A parte mais interessante do Roteiro era quando avaliava em 100 léguas a distância entre Olinda e o curso do rio, na altura de Tacaratú. Pelo itinerário Olinda-Penedo-Cabrobó daria bem mais de 100 léguas. Pelas distâncias atuais teríamos mais de 140 léguas, de Olinda a Penedo e de Penedo a Cabrobó, margeando o curso do rio São Francisco. Cabrobó dista hoje, do Recife, 103 léguas pela estrada de rodagem. E o caminho indicado é o que se inicia em Jaboatão, alcança o vale do rio Ipojuca e vai seguindo por ele e desce até Tacaratú pelo Moxotó, onde atinge o S. Francisco, quase 77 léguas distante de Bezerros.

Já o Roteiro de 1738 preferia o curso do rio Capibaribe, subindo para o norte, alcançando Afogados de Ingazeira, de lá derivando para Serra Talhada, Brejo do Gama e Cabrobó. Informa José Antônio Gonsalves de Melo que "em 1964 um grupo de licenciados em História, da Divisão de História do Instituto de Ciências do Homem, percorreram os dois caminhos, o do Capibaribe e o do Ipojuca, reconhecendo o itinerário e as paragens indicadas, até Cabrobó. Algumas poucas não puderam ser identificadas". A maioria continuava a prevalecer, como prova da continuidade do povoamento. O que vinha também demonstrar, que a luta contra os holandeses não sustentara o esforço de Pernambuco, no devassamento e no povoamento de seu território.

#### A INFORMAÇÃO GERAL DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO EM 1749

*A Informação Geral da Capitania de Pernambuco em 1749* — é um documento de alta importância, incorporado ao volume XXVIII dos Anais da Biblioteca Nacional, descrevendo a Capitania desde o porto e a planta da Vila do Recife, com o catálogo de seus governadores, a relação de suas Comarcas e os termos das Capitanias anexas. É um Relatório completo, minucioso e circunstanciado, com a segurança e a austeridade de um documento oficial. Não esquece nada que pudesse interessar à administração da Capitania. No fundo, uma consolidação das leis que se aplicavam à Capitania. Inclui certidões de 1748 (p. 127) e provisões datadas desse mesmo ano (p. 346 e 347). O que revela que ela procura recordar tudo que ainda se encontrava em vigor na Capitania, de 1580 a 1749. Obra

iniciada, provavelmente, no governo de D. Marcos de Noronha e Brito, depois VI Conde dos Arcos, "homem inteligente, instruído e cultivador da História, mandou, como recorda Borges da Fonseca, fazer muitos escritos curiosos, de tudo quanto pode haver notícia em Pernambuco, desde o seu descobrimento até à época de seu governo". (Pereira da Costa, *Anais*, VI, 63). Em suma, um admirável roteiro para os governadores que chegassem à Capitania. A obra inicial é de 1746, ainda no governo de D. Marcos de Noronha, mas alguns documentos posteriores foram a ele incorporados.

Nessa época, a Comarca de Pernambuco, que tinha Olinda como capital, estendia-se pela costa do mar desde o Rio de Santa Cruz até a freguesia de Una e pelo sertão a quase 400 léguas até o Rio Carinhanha e contam-se 19 freguesias no termo desta Comarca, a saber: Igarapu, Tracunhaém, Maranguape, São Lourenço da Mata, N. Sra. da Luz, Santo Antônio, Jabotão, Várzea, São Pedro de Olinda, o Curato da Sé, Ararobá, Cabrobó, Rio Grande do Sul e outras.

Dessas freguesias, já estavam adiante de Bezerras as de Ararobá e a do Rio Grande do Sul, assim como Cabrobó. A respeito de Ararobá convém recordar a informação do *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, publicado por Sebastião Galvão. Diz ele:

"*Ararobá*. Antiga freguesia e povoação de Santo Antônio. A maior parte do terreno desta freguesia foi doado pelo governo desta Capitania, Fernão de Souza Coutinho, por carta de sesmaria passada na vila de Olinda, aos 23 de dezembro de 1671, a favor de Bernardo Vieira, Antônio Pinto e Manuel Vieira de Sousa, cuja doação constava de 20 léguas de terra na parte compreendida entre a serra do Opi ou Japi, junto ao riacho Lima, correndo pelo rio Ipojuca acima de um e de outro lado até à serra de Tacaité, compreendendo, atualmente, este terreno, parte do território das Comarcas de Garanhuns, Brejo da Madre de Deus e Bonito. Esta freguesia foi muito importante e em 1761 ainda tinha um comandante, vigário, tabelião público de notas e outras autoridades e neste mesmo ano de 1760 foram os seus dízimos arrematados por 600\$000, impulso este devido às grandes povoações e estradas que fazia o então proprietário, Capitão Antônio Vieira de Melo".



A serra de Ararobá se situava no Município de Cimbres, que era a sede antiga da Comarca do Sertão, instalada nessa vila, segundo ainda Sebastião Galvão, em 1762, nas proximidades da Pesqueira de hoje. *Ararobá* é hoje *Ororobá*. A freguesia de Cimbres foi criada, segundo Hilton Sete, pelo Bispo de Olinda, em 1692 (Hilton Sete-*Pesqueira*, p. 40-41). É ainda deste autor a excelente observação de que, tomando como ponto de partida a criação da freguesia de Cimbres, em 1692, acrescenta:

“É a partir desse momento que tomam importância, na expansão geográfica do povoamento do nosso Estado, os vales dos rios Capibaribe, Ipojuca e Una, principalmente o do segundo, por ser o mais extenso e o de posição mais central. Estando prestes a se esgotar em extensão as terras devolutas na zona da mata, havendo-se aprendido, por outro lado, a técnica de ocupação em áreas de solo raso e de clima semi-árido e tendo-se ainda em mira uma passagem mais fácil e mais curta em direção aos “currais” sertanejos, depressa, agora, as fazendas de criar foram se multiplicando nas caatingas do Agreste e os sítios agrícolas sendo fundados nos brejos úmidos de altitude e as capelas religiosas servindo de semente ao aparecimento de pequenos aglomerados rurais, quase sempre instalados à beira dos cursos d’água e com tendência a evoluir para vila ou cidade, sempre que favorecido pela proximidade de “serras brejosas”. Tal marcha do povoamento, através do vale médio do Ipojuca, ao nosso ver, deve ter se processado no sentido de leste para oeste”. (V Ob. Cit. 42-43).

Os roteiros do século XVIII comprovam a tese de Hilton Sete, comandando a ligação de Cimbres ou do Ororobá com o Pajeú. Há cartas de doação do Marquês de Montebelo, que governou Pernambuco de 1690 a 1693, concedendo sesmarias em Ororobá ao Capitão Bento Gonçalves Vieira, Silvestre Ribeiro Soares, Gabriel de Souza Carvalho, Amaro Pereira de Souza e Manoel Machado. Em 1695, já havia um Alferes Custódio Muniz, que se dizia morador no Pajeú, na aldeia antiga dos Xucurus. (*Documentos Históricos de Pernambuco, Sesmarias*, I, 39). Outra sesmaria de 1698 já nos dava notícia de uma “estrada para o rio Pajeú”, partindo das povoações de Ararobá (id. 58) e falando numa “serra de Gebitaca”, que bem poderia ser Geritacó. Reportava-se a essa mesma estrada de Ararobá para o Pajeú outra sesmaria (id. 61). Já em 1671 se falava numa serra de Tacoati, que nada impede seja a Tacoeté



dos roteiros do século XVIII, já adiante de Ararobá. Sem falar nas sesmarias concedidas, em Pernambuco, a Atanásio de Siqueira e outros, a que me reporto no meu livro *Pernambuco e o S. Francisco*.

A *Informação Geral da Capitania de Pernambuco* nos oferece uma relação das freguesias existentes na capitania para o lado do sertão. E indica:

*Freguesia de Cabrobó.* A Igreja N.S. da Conceição, de que é Vigário o Reverendo Padre Francisco Fernandes, com uma capela, um clérigo, 3 fogos.

*Freguesia da Barra do Rio Grande,* com uma igreja matriz de S. Francisco, de que é Cura o Reverendo Padre José de Souza, com 3 capelas, 5 clérigos.

*Freguesia de Santo Antônio de Manga,* com uma Igreja matriz de S. Caetano de Saporé, de que é vigário o Reverendo Padre Antônio Mendes Santiago, com 7 capelas, 17 clérigos.

*Freguesia de Ararobá,* com uma Igreja Matriz de Santo Antônio, de que é Cura o Reverendo Padre Martinho Calado Vitancur, com 3 capelas, 2 clérigos, 169 fogos e 904 pessoas.

É curioso observar que as informações se tornam mais precisas, quando está em jogo uma freguesia do sertão de Pernambuco, a de Ararobá. E é importante verificar como se conhecia a região sertaneja, indicando o número de capelas e de clérigos existentes na região.

Também as missões de índios não se circunscreviam ao litoral. A *Informação* mencionava a de Aricobé, no Rio Grande do Sul, (p. 306), assim como, na freguesia de Ararobá, as aldeias dos xucurús, com 642 pessoas, a dos Carnijós, com 323 pessoas, a do Macaco, com os Paraquiós, contando com 182 pessoas. A freguesia de Conceição do Rodelas abrangia a aldeia, na ribeira do Pajeú, com várias nações de Tapuias, a de Nossa Senhora do Ó, na ilha de Sorobabé, a de Nossa Senhora de Belém, na ilha de Acará, com duas missões de Tapuias, os Porcás e Brancararús, a do Beato Serafim, na ilha de Vargem, com duas nações de tapuias, os Porcás e Brancararús, a de Nossa Senhora da Conceição, na ilha de Pambú, com uma nação de Cariris, a de S. Francisco na ilha de Aracapá, também

com uma nação de cariris, a de S. Feliz, na ilha dos Cavalos, com uma nação de tapuias cariris, a de Santo Antônio na ilha de Irapuá, com uma nação de tapuias cariris, a de N.S. da Piedade, nas ilhas de Inhamuns, com uma nação de tapuias cariris, a de N.S. do Pilar, na ilha de Coripós, com uma nação de tapuias coripós, a de N.S. dos Remédios, na ilha do Pontal, com uma nação de tapuias Tamaquiús, a do Senhor Santo Cristo, no Ararupe, com uma nação de tapuias. A designação de *tapuias* "cariris" é da própria *Informação*. As ilhas ocupadas pelas aldeias já estavam na altura de Coripós, a mais de 120 léguas para o sertão.

Como teriam D. Marcos de Noronha e seus auxiliares obtido cópia tão grande de informações? Através da Bahia, que não as possui ou que pelo menos até agora nada revelou a esse respeito? Ou todos esses dados não vêm provar a presença de Pernambuco e de seu governo nesses sertões dilatados, como tive oportunidade de observar nos volumes IV e V do Arquivo Público de Pernambuco, quando reuni, com o auxílio de uma excelente dactilógrafa, que era D. Maria Luisa Rosa Borges, mais de 300 documentos inéditos, atestando e comprovando a presença da capitania de Duarte Coelho na margem esquerda do rio S. Francisco. É certo que se trata de documentação divulgada depois da morte de mestre Capistrano de Abreu. Mas a *Informação Geral* saiu a lume em 1908. E bastaria ela para evidenciar como Pernambuco avançara, com o seu povoamento, muito e muito adiante de Bezerros. Se a mata não detivera o esforço pernambucano, a caatinga muito menos. Tanto mais quando um dos roteiros viria testemunhar que era muito fácil abrir estradas, na região, em poucos dias, "*não usando senão enxadas e foices e nem sempre machados*". Uma observação simples que aparecia, como um feixe de luz, para iluminar realidades, que o historiador cearense afastara de seu caminho, com um gesto quase desdenhoso.

#### A NÉMESIS DE CAPISTRANO DE ABREU

Tudo por culpa de uma hipótese temerária, quando o mestre cearense quisera ver nos Decretos de Pedro I, desanexando de Pernambuco a Comarca do S. Francisco, um ato de Némesis, o castigo da inércia e da inação de Pernambuco, pelo fato de não haver cuidado de povoar o território colocado sob a sua jurisdição.



Nenhum desses dois Decretos chegou a invocar a autoridade de Némesis. É mesmo possível que Pedro I a desconhecesse. E basta ler o texto dos dois Decretos, para verificar como andava longe o prestígio da mitologia grega. O primeiro Decreto acaba com todas as dúvidas, como se pode ver no seu texto, sublinhados os trechos mais expressivos:

"Tendo chegado ao meu Imperial Conhecimento que o *intruso* Presidente de Pernambuco, Manuel de Carvalho Paes de Andrade, que não tem podido seduzir até hoje mais que um punhado de Militares e de *gente miserável, sem luzes e sem costumes e sem fortuna*, da cidade do Recife e de três ou quatro vilas circunvizinhas, procura levar agora a todos os portos da Província os mesmos embustes e imposturas, que temerariamente tem assoalhado, mandando emissário para arrastarem ao mesmo abismo que o espera os Povos inocentes do interior, a quem dificultosamente chegam notícias do verdadeiro estado das cousas públicas, que ele cautelosamente oculta ou desfigura; E devendo Eu, como Imperador e Defensor Perpétuo do Império, empregar todos os meios possíveis para manter a integridade dele e salvar meus fiéis súditos *do contágio da sedução e impostura*, com que o partido do demagogo pretende ilaqueá-lo: E considerando quão importante é a bela Comarca denominada do Rio S. Francisco, *que faz parte da Província de Pernambuco, e a põe em contato com a de Minas-Gerais, e o grande cuidado que devem merecer-lhe os seus habitantes pela constante fidelidade e firme adesão, que tem mostrado à Sagrada Causa da Independência e do Império, e até pelos sacrifícios que tem já feito a favor dele. Hei por bem, com o parecer de meu Conselho de Estado, Ordenar, como por esta Ordeno, que a dita Comarca do Rio S. Francisco seja desligada da Província de Pernambuco e fique, desde a publicação deste Decreto, em diante, pertencendo à Província de Minas-Gerais, de cujo Presidente receberão as autoridades respectivas as ordens necessárias para o seu governo, e administração, provisoriamente, e enquanto a Assembléa, próxima a instalar-se, não organizar um plano geral de divisão conveniente. Ficará, porém, a dita Comarca sujeita, como até aqui, em seus recursos judiciais, à Relação da Província da Bahia. João Severiano Maciel da Costa, do Meu Conselho de Estado, Ministro e Se-*



cretário de Estado dos Negócios do Império, o tenha assim entendido e o faça executar com os despachos necessários. Paço, em 7 de julho de 1824, 3<sup>o</sup> da Independência e do Império. Com a rubrica de Sua Majestade Imperial, João Severiano Maciel da Costa”.

Um dos defensores da Bahia, o notável jurista Eduardo Espínola, tira da data do Decreto uma conclusão surpreendente: a de que antecedeu a Confederação do Equador, pois que se completou antes do movimento revolucionário. Não se deteve na leitura do próprio Decreto, que se fundamenta no que classifica como “o contágio da sedução e da impostura”. A data verdadeira da revolução não é 24 de julho, mas 2 de julho, como se decidiu num processo de arbitramento, decidido pelo parecer de Pedro Lessa, com a aprovação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Nem se poderia admitir que Manuel de Carvalho fosse um *intruso*, como o classificava o Decreto, desde que se leve em conta a maneira como foi eleito. Estudei demoradamente todos esses aspectos da revolução de 1824, na conferência, pronunciada no próprio Instituto Histórico Brasileiro, na comemoração do Sesquicentenário do movimento. (Vide *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, volume 306, págs. 33-112).

Até aqui, a Némesis da história continuava calada, com um dedo sobre os lábios, na postura da iconografia clássica. Nem sequer colaborava com algum argumento, que tirasse ao Decreto imperial o sentido de uma vacina preventiva. Mas a anexação a Minas-Gerais não entusiasmou a Província mineira, que viu na sua concessão uma espécie de prêmio de bom comportamento, num momento em que Minas-Gerais preparava suas baterias contra o discricionarismo do Primeiro Reinado. Por outro lado, a Bahia retornara jubilosa aos Paços Imperiais, orgulhosa da recepção triunfal que oferecera ao Imperador, em 1826. Não se pensava, e não se podia pensar, numa anexação *definitiva*, pois que infringiria dispositivos da Constituição outorgada, quando, no artigo 2, dividira o território nacional em Províncias, “na forma em que atualmente se acha”. Na data da promulgação da Constituição de 1824, a 25 de março, a Comarca do Rio S. Francisco, como reconhecia o próprio Decreto de desanexação provisória, “faz parte da Província de Pernambuco”. E já se fazia depender a divisão territorial do Brasil de um “plano geral”, que merecesse a aprovação dos órgãos legítimos do Estado, o que vale dizer de seu Poder Le-

gislativo. Mas *plano geral*, para incorporações definitivas e não anexações *provisórias*, ditadas por circunstâncias momentâneas, como seria, sem dúvida, o perigo de um "*contágio de sedução e impostura*", em face de uma revolução que estava sendo combatida.

O assunto voltou a debate em 1827, no Poder Legislativo. O mineiro Bernardo de Vasconcelos não aprovara a anexação a Minas-Gerais, que ficava às vezes, em Vila-Rica, a uma distância de 300 léguas de determinados pontos do território da Comarca do Rio S. Francisco. A razão da desanexação era óbvia, pois constava dos próprios termos do Decreto Imperial, embora o futuro Visconde de Abaeté houvesse recordado que Minas-Gerais "nunca sofreu revolução alguma", esquecido, de certo, da Inconfidência Mineira. Mas a Câmara de Deputados pede informações e o Governo as envia, em officio que é lido na sessão de 11 de maio de 1827. O Governo se dispensava de apresentar as razões da desanexação, uma vez que constavam do próprio Decreto de 7 de julho de 1824, publicado, aliás, a 14 do mesmo mês e ano, no órgão oficial, que era o *Diário Fluminense*. Achava o Governo que tudo se resumia em saber a que Província ficaria anexada a Comarca, uma vez que ainda não havia razões para confiar em Pernambuco. O assunto vai para a Comissão de Estatística e não para a Comissão de Constituição, embora houvesse em debate uma questão jurídica da constitucionalidade da mutilação territorial. Mas era um ato do Príncipe e não haveria necessidade de novos argumentos, embora o Deputado Cunha Matos houvesse insistido na necessidade de audiência da Comissão de Constituição:

"Para eu poder concordar com o que acaba de dizer o ilustre deputado (referia-se a Souza França, representante fluminense) seria necessário que a Câmara tivesse decidido que este negócio fosse remetido à Comissão de Constituição e não à de Estatística. Esta Comissão trata só de objetos estatísticos e não da Constituição, para a qual há uma Comissão própria".

Não houve pronunciamento da Comissão de Constituição. O parecer que foi aprovado foi o da Comissão de Estatística. Aprovado na Câmara o projeto, seguiu para o Senado, onde a voz do representante pernambucano, Antônio Luís Pereira da Cunha, Marquês de Inhambupe, se levantaria, para pronunciar discursos memoráveis, nas sessões de 21 de agosto e de 5 de



setembro de 1827. Gonçalves Maia transcreve todo o debate no Poder Legislativo, no seu livro *Direito Territorial de Pernambuco*, págs. 110 a 141. Inhambupe argumentava dizendo que a Comarca, em alguns pontos, tinha comunicação fácil com Pernambuco. Pedidas novas informações ao Governo, este se reportou ao mapa da região, que já havia sido enviado à Câmara dos Deputados. E foi à vista de um mapa que tudo se consumou, para uma anexação *provisória, até que se fizesse a organização definitiva das Províncias*, fixados os seus limites por meio de um plano geral, que nunca se chegou a fazer.

Daí o segundo Decreto, dessa vez Legislativo. Sua redação não se altera, nos pontos essenciais, quanto ao caráter *provisório* da anexação. É apenas mais sucinto, pois que se baseia nos argumentos do Decreto de 7 de julho de 1824. E diz:

“Tendo resolvido a Assembléia Geral Legislativa que a Comarca de São Francisco, que se acha *provisoriamente* incorporada à Província de Minas, em virtude do Decreto de 7 de julho de 1824, fique *provisoriamente* incorporada à Província da Bahia, até que se faça a organização das Províncias do Império, Hei por bem sancionar a referida Resolução para que ela se observe e tenha o seu cumprimento. O Visconde de São Leopoldo, de Meu Conselho de Estado, Ministro e Secretário dos Negócios do Império, o tenha assim entendido e expeça os despachos necessários. Palácio do Rio de Janeiro, em 15 de outubro de 1827, 6º da Independência e do Império. Com a rubrica de S. Majestade Imperial. Visconde de S. Leopoldo”.

No fundo, mais um ato de Júpiter, vindo de quem não perdoaria nunca a Pernambuco a Confederação do Equador, como D. João VI não perdoara a revolução pernambucana de 1817. Veja-se bem: ato de Júpiter e não de Nêmesis. Embora, na mitologia grega, para a manifestação e proteção da Justiça, houvesse, não Nêmesis, mas Temis, mãe da Equidade, da Lei, da Paz e da Concórdia. O que caracterizava Nêmesis era a sua associação com idéias de vingança, muito mais do que de justiça, destinada até a interpretar os ciúmes dos deuses, castigando os que se revelassem insubordinados ou rebeldes em face do Olimpo onipotente. Não fora de Nêmesis a punição de Narciso, por haver desdenhado a paixão da ninfa Eco? Também não lhe atribuíam responsabilidade no castigo de Prome-



teu, que se atrevera a trazer, para a humanidade, o fogo sagrado, que os deuses queriam conservar como um monopólio divino? Não podia merecer tanto respeito a Némesis invocada pelo historiador cearense, pois que seria, pelo menos sob critérios modernos, uma deusa reacionária, armando patíbulo para os subversivos, arrebatados pelos ideais generosos.

E que vinha fazer a Némesis de Capistrano de Abreu, no caso da Comarca? Castigar Pernambuco pelo trabalho, que com tanto amor soubera desempenhar, na defesa do litoral brasileiro contra os invasores que vinham chegando? E quando a presença de Pernambuco não fora nunca um ato de usurpação, mas a conseqüência natural das cartas de doação concedidas no primeiro século de nossa história? O curso do rio sempre foi uma divisa natural entre as duas Capitânicas, de um lado a *banda da Bahia*, do outro a *banda de Pernambuco*. Desse modo foi que a Bahia chegou à região das minas, como Pernambuco alcançou os sertões do Paracatú. Com a expansão e o povoamento do distrito do ouro, chegaram os limites naturais, o Rio Verde de um lado, o Carinhonha do outro. Mesmo na tese de Capistrano de Abreu, por que punir Pernambuco? Pelo fato de que os sacrifícios aceitos, em nome de todo o Brasil, o deixarem amarrado a Bezerros? Mesmo que fosse exato o argumento e já vimos que não o era — não haveria lugar para vinganças, mas tão somente para premiar e agradecer o esforço pernambucano, na luta com a maior potência naval daquele século. Não seria vingança: seria iniquidade, como o de enforcar um guerreiro exausto, arrancando-o ao descanso, para arrastá-lo à praça pública, e puni-lo por não haver feito o impossível. E já vimos que o argumento da parada em Bezerros não fora culpa de inércia de Pernambuco, mas tão somente um cochilo do historiador cearense, que os roteiros de 1738, ou da primeira metade do século XVIII, acabaram por desmentir, revelando a falsidade de suas premissas temerárias.

Já em 1817, a mutilação territorial alcançava Pernambuco, mesmo sem a necessidade da presença da deusa vingadora, a Némesis de Capistrano de Abreu. Debalde se procuraria, no Livro V das Ordenações do Reino, um tipo de penalidade semelhante, por mais severos e desumanos que fossem os castigos admitidos. Tanto mais quando a mutilação territorial alcançava a todos, não apenas aos que haviam tomado parte nas revoluções, como os que haviam ajudado a autoridade a vencê-las. E também estes eram castigados, como o

Marquês do Recife em 1824, pois que a desanexação da Comarca do rio S. Francisco não poderia deixar de atingi-lo, como um pernambucano fiel aos destinos de sua terra.

Em 1824, repetia-se a punição, dessa vez com Pedro I. E com as duas desanexações, a Província de Pernambuco passara do nono lugar, na extensão territorial, ao 13º lugar, passando de 266.012 quilômetros quadrados de superfície a 98.281 quilômetros quadrados. Nêmesis também fora responsável pela desanexação da Comarca de Alagoas?

Argumentar com as distâncias, para explicar desanexações provisórias, é adotar critérios de absoluta discriminação, em face de uma divisão territorial, que não levou em consideração esse fator, sobretudo quando muitas jurisdições se estabeleceram, tomando por base cartas de doação concedidas quando não havia maior conhecimento do território distribuído. Mesmo agora, grande parte da margem esquerda do rio S. Francisco, está mais perto de Goiana do que de Belo-Horizonte. Poços de Caldas está mais perto da capital paulista do que da mineira. O Nordeste baiano se aproxima mais de Aracaju do que de Salvador. O norte de Goiás está mais perto de Belém do que de Goiânia. A distância entre a Boca do Acre e Manaus é maior do que a que separa o Recife da Vila da Barra. E tantos outros casos, em que se não cogitou de medir distâncias, para que prevalescessem os limites tradicionais, consagrados pela evolução histórica das províncias brasileiras. O que vem mostrar que a Nêmesis de Capistrano de Abreu não é apenas vingativa: é também cavilosa, fechando de vez os olhos, quando lhe convém. É pena que não adote a venda de Temis, para com ela cobrir órbitas vazias.

Confesso que, no caso presente, não me interessa tanto o aspecto da espoliação territorial, a desanexação de uma Comarca de 133.000 quilômetros quadrados. O que não aceito é o que eu classificaria como a espoliação do patrimônio histórico de Pernambuco, com a contestação do esforço de tantas gerações, que se aplicaram na conquista e no povoamento do território da Província. Não reivindico territórios: reivindico justiça para o trabalho pernambucano. A negação dessa presença é, afinal, a negação de um grande patrimônio histórico, a que todo o Brasil não pode deixar de fazer justiça.

Pernambuco não reclamou, quando transformaram a Comarca de Alagoas numa Província brasileira. O que cons-



tituí agravo é a desanexação de uma Província para constituir o prêmio de outra. Enquanto persistir essa situação, o castigo de Pernambuco perdurará, como se fosse ininterrupta a punição dos cabeças da Confederação do Equador, ainda culpados e castigados pelo crime de pensarem e lutarem pelas idéias de Federação. E como compreender que se exalte a figura de Frei Caneca, como há pouco tempo se verificou em Pernambuco, com a presença das próprias autoridades federais, e se mantenha, contra Pernambuco, o castigo da mutilação territorial? O que vale dizer que Frei Caneca encontrou, finalmente, a hora merecida de sua redenção e de sua consagração como herói nacional. Mas Pernambuco continua no banco dos réus, como se os crimes não fossem os mesmos e como se o amor da liberdade, que arrastou Pernambuco às revoluções de 1817 e 1824, se houvesse transformado num crime sem perdão.

E para maior vexame dos brasileiros, vem a Némesis de Capistrano de Abreu transformar esse episódio, no fundamento de uma doutrina do *uti possidetis*, pela primeira vez utilizada na fixação de limites provinciais. Em face dos países estrangeiros, a tese vinha apoiada a razões poderosas. Mas dentro do Brasil, para fixar as fronteiras de seus Estados, partia de uma premissa absurda, a de que fossem baianos os portugueses imigrados, os índios, os negros, toda a imensa mestiçagem que se ia amalgamando nos sertões nordestinos, ignoradas e desprezadas as linhagens pernambucanas, que se incorporaram ao trabalho do povoamento, como os Vanderlei e os Vieira de Melo, que tanto se destacaram na ocupação e no desenvolvimento da região. O que não pode deixar de agravar e envenenar o problema e acaba transformando a Némesis de Capistrano de Abreu numa divindade cruel e iníqua, em condições de emparelhar com a ferocidade dos castigos, que Pedro I pessoalmente comandou, para a punição dos heróis de 1824, de Ratcliff a Frei Caneca, de Agostinho Bezerra Cavalcanti ao Padre Mororó, todos eles, na verdade, imolados, para a satisfação da Némesis imperial.

*Leitura do Roteiro para o Senhor Doutor Ouvidor,  
feita pelo Instituto de Estudos Brasileiros, da  
Universidade de São Paulo*



Coleção Lamego

Ms. 72/5

*Para o Senhor Doutor Ouvidor geral ver os Caminhos que / sam necessarios abertos para seguir pela estrada / de Santo Antam, para o rio de São Francisco.*

Nafreguesia de Santo Amaro dejaboatan he necessario abrir os Caminhos / tanto deemchada, Como defoise Emaçhado, até ósítio çhamado / asqueimadas.

Nasditas queimadas Comessa afreguesia de Santo An / tam damata, áqual lhestoca abrir ate ápasaje dorrio das pedras / deIpojuCa. donde aCaba adita freguezia.

Dadita pasage dorio daspedras para outra banda, Nosi / tio chamado Carara, pega a freguezia do Araroba. EaCaba no / citio chamado taCahico, Esta freguezia he ámais fichada / estrada que seacha emtodo óSertam, pornunCa Ser aberta se- / não. / Notempo emque se Comesou aCultivar, Eoje ja adei- / cham muitos / passageiros pela não poderem seguir com os / seus comboios, nes / ta freguezia he neCeSario abrir fora aestrada do rio de / São Francisco aestrada que entra nafazenda dotaCaete para amisam do / Araroba. Édo Araroba para opa- / jau. Como também todas / asaugoadas que ha, he neSeSario polas PubliCas ComCaminhos e / Crus naemtrada, por estas fiCarem afastadas daditas estradas pou / Co espaCio. Princil pal mente Sedeve abrir oCaminho da Lagoa / dapedra dotaCaete, etodas assaugoadas do riacho Liberal, e / pedra doCaçorro, eLagoinha, fazendolhes Caminho para Sa / hir para aporteira domaCaCo. Eos Caldeiros doriacho domoro / ro, porlhe Crus, Esta freguezia he dilatada que tem de / Conpri- / mento 70 Legoas, mas está toda Coltivada demoradores / efa- / zendas. aAldeias degentio, Como Seja anasam do / ÇhiCuru. adoparaquio. eparariConha, ser Convezinhos da / nasam Car- / nejo. EComo tem todo este prezídio he muito fasel por ases- / tradas prontas empouCos dias. dodito sitio chamado taCachico, donde aCaba afreguezia / ComeSa afreguezia do Cabrobo. aqual tem So para // Para abrir doSitio taCarata. aSahir aorrio de São Francisco que distam 5 / Legoas. Eemtrado na- / estrada dabeira rio ate asminas / he Caminho devarjas aberto Eaprazivel.

Distancia de São Francisco desta prasa 100 Legoas, pela / Estrada dita, ESeguindo para asminas SeCaminha avista / dodito rio 350 Legoas, elargando otal rio sepasa orio das / velhas nabarra donde seemContra Comode São Francisco éaçhegar / asminas fazem 100 Legoas. Chega oBispado de Por / nanbuco ate perto dasminas 30 Legoas Correndo para ápar / te do pitangui, naspovoassois chama das abaite. Eogover / no SiColar alCansa até áCoronhenha 200 Legoas afas / tado das minas.

He tenpo Conviniente para seabrir / asditas estradas nomes de Outubro e Novembro, porauer ain / da abundancia deaugostas para ostrabalhadores. aDe / vertesse que nesta estrada seCaminha 2 dias pordentro de / hum rio Chamado mochoto, etodas asvezes que Corre Conual / quer inundaSam deaugoas, já Senão Caminha pornão / ter Caminho porfora abeira dodito rio, oqual he muito fasel / abraise porque no dito rio, quaze todo oAno aSsiste anasam / ja dita paraquio, eparariConha.

Ehe oque poSso emformar/  
Comforme aexprienÇia de /  
algumas viagens metem mos /  
trado ser esta arealidade /

Etc.

- Obs. — 1. As letras grifadas correspondem à resolução das abreviaturas.
2. Os números estão grifados no original.
3. O tamanho diferente dos parágrafos obedece ao original.





## A Biblioteca dos Oratorianos (\*)

GLAUCIO VEIGA

Ao se iniciar o século XIX, parece não haver dúvidas que, ao Norte do País, o centro de maior atividade intelectual, era o Convento dos Oratorianos, no Recife.

Em 1826, a biblioteca dos oratorianos, abrigada no Convento do bairro do Recife, somava de quatro a cinco mil volumes. (1) Portanto, não seria exagerada uma estimativa de 2.000 volumes, nos fins do século XVIII. Com tal infraestrutura, o Convento da Madre de Deus poderia ser um foco de agitação de idéias, dos mais ativos, no País.

Tollenare reportou-se à biblioteca do Convento de São Bento, aos livros do pe. João Ribeiro mas, ignorou os livros dos oratorianos. Koster, idem. Também, idem, Kidder.

Limita-se Tollenare a registrar que as obras francesas são as mais festejadas; "e entre todos os escritos os que encerram o código, hoje desacreditado entre nós, da filosofia do século XVIII", acrescenta o arguto viajante, transparecendo sua posição política regalista.

Tollenare referiu-se ao filtro da censura, sem deixar anotado que, pelos seus poros, não era difícil tramitar as obras "impuras". Pois, só o relaxamento da censura permitiria a Caneva, João Ribeiro e outros a invocação, por exemplo, pelo primeiro, da "Enciclopédia Francesa", com tanta segurança e detalhe que, tudo indica, tiveram nas mãos os exemplares. (2)

Extinta a Congregação dos oratorianos em 1830, no ano subsequente, 25 de agosto de 1831, o des. Tomaz Antonio Ma-

ciel Monteiro destinava à Faculdade de Direito o acervo intelectual dos manigrepos.

No MS original, que documenta a entrega dos livros estão relacionadas pouco mais de 600 obras elasticsadas por mais de três mil volumes. (3)

Segundo Pereira da Costa, Autran, jesuíta de casaca, numa de suas interinidades, na diretoria da Faculdade, teria alienado o acervo dos oratorianos, já integrado na biblioteca, aos jesuitas clássicos inimigos dos neris. (4)

A biblioteca da Faculdade de Direito iniciou-se com quatro contribuições: a maior, o acervo dos neris; a contribuição popular de 89 obras em 262 volumes e, finalmente, alguns livros do Convento da Penha e, em 1831, os livros remetidos da Corte e pertencentes à Biblioteca Nacional e Pública. (5)

O catálogo de Umbelino Ferreira Catão, bibliotecário da Faculdade — primeiro catálogo — compendiou pouco mais de 3.500 volumes, em 1839.

Com base no MS da relação dos livros dos manigrepos, entregues ao Curso Jurídico, podemos fazer uma avaliação das idéias circulantes no Recife, nos primeiros decênios do século 19.

Como era de esperar, a biblioteca é enfaticamente teológica, porém, com boa percentagem de obras de Matemática e Ciências Naturais.

O Convento da Madre de Deus possuía Newton, à primeira vista, em tradução resumida. Registra o Catálogo da Madre de Deus um "Curso Matemático" e uma, "Phizica".

Na verdade, o funcionário deu uma tradução sumária da "Philosophiae Naturalis Principia Mathematica", em três volumes, os "Opúscula Mathematica, Philosophica et Philologica" em três volumes e finalmente a Opera Omnia, "Optica", em um único volume.

No catálogo da Madre de Deus, o "Curso Matemático" aparece com oito volumes, truncados, segundo observação do funcionário autor do levantamento. A "Phizica" é listada como edição em três volumes. (6)

Os oratorianos são os grandes divulgadores de Newton e da Física Moderna, àquela época. Portanto, não seria de admirar Newton e seus discípulos na biblioteca do convento da Madre de Deus. Esse mesmo Newton que o Reitor do Colégio das Artes, em edital de 7 de maio de 1746, proibia estudo, alusão ou referência. Vedação alcançando Gassendi e Descartes: "que nos exames ou lições, conclusões públicas ou particulares se não ensine defesa ou opiniões novas recebidas, ou inúteis para o estudo das ciências maiores como são as de Renato Descartes, Gassendo, Newton e outros e nomeadamente qualquer ciência que defenda os átomos de Espicuro, ou negue as realidades dos acidentes Eucarísticos, ou outras quaisquer conclusões opostas ao sistema de Aristoteles, o qual nestas escolas se deve seguir. (7)

Castro Sarmiento jamais conseguiu apoio para traduzir, em vernáculo, a obra de Bacon. Contentou-se em divulgar, em 1737 o seu livro "Teórica Verdadeira das Marés conforme a filosofia do incomparável Cavalheiro Isaac Newton".

Em 1725, Luiz Baden escreveu numa apostila ampla e metódica todos os fundamentos e experiências dos Filósofos Modernos e especialmente dos famosos Robert Boyle e Isaac Newton, os mais ilustres naturalistas deste último século". (8)

Mas, somente com a ascensão de Pombal puderam os oratorianos, largamente, manipular o sistema newtoniano.

Como explicar, por exemplo, um núcleo de estudos matemáticos com a participação de Caneca e outros, nos princípios do século XIX, senão com o possível acesso às obras de Newton, Wolff e outros, na biblioteca do Convento da Madre de Deus? Tudo leva a crer que Caneca e seus contemporâneos tiveram acesso aos livros dos neris.

Wolff se faz presente com "Elementos de Mathematica", conforme registro no Catálogo de Madre de Deus. Esses "Elementos de Mathematica" devem ser tradução dos "Elementa Matheseos Universae", edição de 1715. Segundo o Catálogo, a edição se desdobraria em cinco volumes.

Também, registra o Catálogo uma "Phizica Experimental" que não conseguimos localizar na obra Wolffiana, talvez, uma versão resumida da "Cosmologia Generalis", de 1731.



Os chamados compêndios de Wolff sempre foram estimados na península Ibérica. Em Salamanca, a lógica de Wolff era recomendada. No "plano de Estudos" assinalava-se que Wolff aponta "até sete vícios ao doutismo Antonio Genuense".

Na Universidade de Alcalá de Henares igualmente recomenda-se aos professores a adoção dos livros de Wolff "o qual não deverá ser pretexto para que os professores não utilizem pessoalmente Descartes, Newton e o pe. Tosca".

Em 1750, Wolff era estudado no Imperial Colégio de Calatrava; todavia, os mestres deveriam advertir os alunos "para os erros e os vícios que se conhecem em sua doutrina... em alguns pontos pouco conforme a nossa crença e a moral cristã". Revelação de que a ortodoxia começava a apresentar fissuras, ao impacto do racionalismo iluminista e principalmente, se considerarmos que Wolff é um filósofo típico da "Aufklaerung".

O pe Tosca, Vicente Tosca surge no Catálogo da Madre de Deus com uma "Filosofia" em cinco volumes e uma "Matemática" em nove volumes. No catálogo de Umbelino está registrado corretamente "Compedium Philosophium", 5 volumes e Compedium Mathematicum, em 9 volumes.

O pe. Tosca, matemático oratoriano, ganhou voga na primeira metade do séc. XVIII e foi mestre de grande influência sobre Frei Manuel do Cenáculo. (9)

Aparece no Catálogo da Madre de Deus o carteseano Pourchot, Edmundo Pourchot ou, na forma latina, Purcócio, grafado como "Furchoti". O livro de Pourchot seria uma "Instituição de Fiscica" em dois volumes. Afora as "Institutiones Philosophicae", de 1695 ignoramos outras obras. No Catálogo Umbelino, desta última obra estão registrados os volumes 1º, 2º, 4º e 5º.

Não poderia faltar o Genuense, apresentado numa "Filosofia" em quatro tomos.

Aparece um Teles, autor da "Filosofia" que, outro não será, senão, o pe. Baltasar Teles. E a "Filosophia" deve ser tradução de sua obra principal, "Summa Universae Philosophiae". Aliás, no Catálogo registra-se uma edição do "Universo Filosófico", em dois volumes.

Rodrigo de Arriaga arregimenta-se no Catálogo da Madre de Deus com seu "Cursus Philosophicus", é um dos autores sempre invocado por Frei Manuel do Cenáculo.

Há o registro de Spanner, autor de "Sacra Escripura" em dois volumes. Seria João Diogo Spener ou Jacob Philipp Spener (1635-1705) fundador do pietismo? Não sabemos.

Ao lado de Wolff e Genovesi vamos encontrar no Catálogo Musschenbroek com o seu compêndio de Física. Há um texto de "Física" de Musschenbroek com anotações do Genovesi, texto que jamais compulsamos.

Musschenbroek inventou o pirometro dentro de sua linha da Física experimental. Aliás, o título da obra básica do grande físico holandês é "Physicae experimentales", editada em 1734 com o título de "Elemente Physica".

Em 1730, Musschenbroek (10) publicará "De methodo instituendi experimente Physica". Mas, os neris tinham as duas edições — as "Physicae" e os "Elementa", pois, refere-se a ambas o Catálogo. O Catálogo Umbelino registra: Pedro Van Muschenbroek — Disputationes Physica experimentalis, 1 vol.

Para completar a ótima relação de física e matemática, o Catálogo menciona Keill e sua obra básica, "Introductio ad veram Physicam", editada em 1720. (11)

A obra do dominicano Alexandre Natal (1639-1674) em 21 volumes aparece no Catálogo, tão só, com nove ditos.

Baronio, que era oratoriano, comparece às estantes do Convento da Madre de Deus com os "Annales Ecclesiástico", em 20 volumes.

"A defesa do Novo Methodo", como surge grafado no Catálogo e sem mencionar o Autor, é a "Defensa do Novo Método da Gramática Latina contra o Anti Prólogo Crítico", editado em 1754, autoria de Francisco Sanches, pseudônimo que esconde o verdadeiro autor, pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Do pe. Antônio Pereira possuía a Biblioteca da Faculdade, os "Exercícios de Língua Latina e Portuguêsa". Neste exercício, seguia Antônio Pereira a técnica de Verney de fa-

zer o estudo do latim por intermédio da língua portuguesa, isto é, "ensinar uma língua desconhecida por intermédio de uma língua conhecida".

Como se sabe, o livro do pe. Antônio Pereira de Figueiredo surge como um dos artefatos básicos na violenta polémica suscitada pelas idéias de Verney, em particular, diante à crítica do barbadinho à gramática Latina do pe. Álvares, adaptada pelo pe. Antônio Vellez.

Esta, editada no século XVI, tornou-se o livro de texto básico para o estudo do latim. Durante mais de 150 anos a gramática do pe. Álvares campeou nos estudos. E a crítica de Verney forneceu pólvora para uma polémica transatlântica, pois, envolveram-se nessa disputa professores régios de Pernambuco.

Pelo Alvará de 28 de junho de 1759, Pombal houve "por proibida para o ensino das Escolas a "Arte" de Manuel Álvares, como aquela, que contribuiu mais para fazer dificultoso o estudo de Latinidade nestes Reinos".

Não havia proibição, unicamente: quem persistisse em adotar a gramática do pe. Álvares "será logo preso para ser castigado ao meu Real Arbítrio e não poderá mais abrir classes nestes reinos e seus Domínios".

Uma inócua gramática latina, aparentemente, gerava luta tão feroz (13); na verdade, a gramática Latina do pe. Álvares representava a pedagogia jesuítica, simbolizava o espírito dos inicianos.

Em contrapartida, deveriam ser adotados ou o compêndio do pe. Antônio Pereira ou a Arte da Gramática Latina.

O pe. Antônio Pereira de Figueiredo que se inclinava para uma maior autonomia de Igreja Portuguesa, frente ao Papado, fazendo coro com a posição política pombalina, tinha na sua gramática um "a propósito" para estigmatizar os jesuítas. (14)

O Alvará, também, vedou o uso nas classes de Latim "dos comentadores de Manuel Álvares, como Antônio Franco, João Nunes Freire, José Soares e em especial de Madureira,



mais extenso e mais inútil; e de todos e cada um dos cartapacios, de que até agora se usou para o ensino da gramática”.

Diga-se, de passagem, que por vezes várias, a Ordem Jesuítica propusera correções à gramática do pe. Álvares; convenhamos, comenta Laerte Ramos de Carvalho, não seria fácil tarefa a defesa de um livro criticado, dentro da própria Companhia de Jesus.

A polêmica generalizou-se e, como dissemos, transatlânticamente alcançou Pernambuco.

A carta régia de 21 de novembro de 1755 recomendou ao Governador da Capitania os dois professores de Latim Manuel de Melo e Castro e, Manuel da Silva Coelho. (15)

Ambos participariam da polêmica em torno do uso da Gramática do pe. Álvares.

Não podia rapidamente ser substituído o método jesuítico pelo novo método dos oratorianos. Segundo uma autoridade reinol, referindo-se a Pernambuco, “é tal impressão que deixaram os jesuítas em todo o povo, que o seu método de ensinar era o melhor de todos e tal as saudades que os naturais têm dele que por esse respeito têm todos ódio aos novos métodos que S. M. mandou estabelecer para a reforma dos estudos”.

Uma campanha de ridículo desfechou-se contra os “novos” — o método e os professores — “pelos jesuítas e seus simpatizantes e, assim fazem zombarias e escárneo dos ditos novos métodos”.

O pe. Joseph Leandro, oratoriano e encarregado da supervisão do “novo método” informaria ao Reino, em Agosto de 1762, que “não há dúvida que não teve o novo método... a aceitação que merece”. Mas, advertia que “todas as novidades, enquanto não mostram os efeitos, que se prometem, não são tão bem aceitas logo como depois que levam os efeitos prometidos”.

Segundo o pe. Leandro, não se deve impedir os efeitos do novo método “porque não é defeito do método senão culpa dos impedientes”.

Mas, o Dr. Bernardo Coelho da Gama Casco, Ouvidor Geral e Diretor dos Estudos, em Pernambuco e, portanto, responsável pela implantação do "novo método", não dava crédito aos oratorianos.

Segundo a denúncia dos dois professores régios, "debaixo do juramento dos Santos Evangelhos", o Ouvidor confessara que "tinha comprado uma Arte Gramática do Pe. Manoel Álvares". Serviria a gramática condenada por Pombal, segundo teria dito o Ouvidor, "para frazeiar e compor o latim necessário, quando fosse para a Relação". "Andassem por onde andassem sempre haviam de vir a parar em Manoel Álvares", debicava o Ouvidor, pouco convicto de suas funções de supervisor de inovações pedagógicas.

Outro ponto delicado, destacado por Luiz Lobo da Silva, era a natural reação dos brasileiros, pois, "tinham por ofensa meterem-se-lhes mestres europeus, quando se julgam pelo amor próprio distintos na inteligência de que se desvanecem". (16)

Muito papel e muita tinta correram em Pernambuco sobre as gramáticas do Pe. Álvares e a do "novo método", reflexo da pugna na Europa.

Todavia, a polémica revela que as elites intelectuais, em Pernambuco, estavam ao nível da questão, tanto quanto em Portugal.

O Convento da Madre de Deus não poderia deixar, nesse momento, de absorver todas essas disputas. E a presença nas estantes de sua livraria da "Defesa do Novo Método" documenta o alto nível intelectual dos neris do Recife.

O Cardeal Tamburini, solapado pela Inquisição, encontra-se no Catálogo da Madre de Deus.

Vários manuais de filosofia vamos defrontar nas prateleiras da Madre de Deus.

Kisper, livro de texto sobre filosofia escolástica e o inevitável "Manual" do pe. Tosca. O pe. Vicente Tosca era um oratoriano dos mais divulgados, cujos compêndios dominaram o ensino dos neris, em todo o século 18. Frei Manuel do Cenáculo teria sofrido sua influência, segundo seus biógrafos. To-

davia, salvo nos claustros oratorianos, Tosca, Pourchot e o pe. João Batista ficavam ignorados, especialmente, no campo da Física. E isto, posteriormente deplorava Cenáculo, na sua obra "Cuidados Literários".

A obra de Tosca referida é o "Compedium Philosophicum", em 5 volumes.

Também, a Madre de Deus possuía de Tosca o Compendium Mathematicum, em 9 volumes.

Jacob Zallinger com sua "Philosophia" é outro manual existente na Madre de Deus.

Adam com a "Philosophia" em 14 volumes, outro autor consultado.

Há um "Curso Filosófico" de Lemonnier que bem pode ser Pierre Charles Lemonnier (1715-1799), o astrônomo ou o seu pai que portava o mesmo nome e fora, especificamente, professor de Filosofia.

Posteriormente, no primeiro Catálogo da Faculdade de Direito esta obra aparece registrada: Pedro Lemonnier — Curso Philosophico Moral.

Uma "Philosophia" de Almeida deve ser, sem dúvida, a "Recreação Filosófica" do ilustre oratoriano Theodoro de Almeida (1722/1804).

A "Recreação Filosófica" alongava-se em vários volumes; mas, a "Filosofia" era abordada nos vols. 7, 8 e 9. No 4º volume, ocupa-se Almeida da "Lógica", no 8º da "Ontologia" e no 9º da "Teodicéia". (17)

Duns Scotus, na sua obra fundamental, abreviadamente, In Sententiam, num único volume — comentários ao livro de Pedro Lombardo — encontra-se no Catálogo.

Registra o Catálogo, aos costumes, sumariamente João Baptista — Philosophia Aristotélica. Tudo indica tratar-se do oratoriano João Batista de Castro, que vestiu a roupeta de S. Filipe de Neri em 1724. É o autor da "Philosophia Aristotélica Restituta et Illustrata" que no Catálogo Umbelino foi gra-



fada, como vimos, "Philosophia Aristotélica". Segundo Lopes Praça, baseado no pe. Teodoro Almeida, João de Castro "deu um grande passo para se admitir nas nossas escolas a Filosofia Moderna. Diminuiu, tirou mesmo o prestígio à Filosofia sutil e estéril das Escolas, reconhecendo a necessidade de sua reforma e abrindo o caminho para novos cometimentos".

O pe. João Baptista de Castro teria influenciado Cenáculo e Francisco da Gama Caieiro observa: "Bastará aqui lembrar a atenção que os oratorianos — e em especial o pe. João Baptista — dedicavam às ciências experimentais, a par das obras de autores que sabemos serem conhecidos nesta época pelos franciscanos e que propunham a nova orientação nos estudos de Física, tais como Tosca, Boyle e Purchot".

Laconicamente, fala-se no Catálogo da Madre de Deus de "Duhamel-Philosophia". Sem dúvida, trata-se de J. B. Duhamel (1624-1706) e a obra em referência é "Philosophia vetus et Nova". Desta obra disse Fontenelle que era "assemblage aussi judicieux qu'il puisse être des idées anciennes et des nouvelles, de la philosophie des mots et de celle des choses, de l'école et de l'academie. Pour en parler encore plus juste l'école y est ménagée, mais l'academie y domine... Les nouveaux systemes, déguisés en quelque sorte ou alliés avec les anciens, se sont introduits plus facilement chez leurs ennemis..."

"Teles — Philosophia" esconde o binômio pe. Baltazar Teles (1595-1675), autor de uma "Summa Universae Philosophiae", autor citado por Cenáculo. Divulgou-se, posteriormente, uma tradução "Suma de toda a Filosofia", versão que obteve várias edições.

Jacquier — "Philosophia" reporta-se a François Jacquier (1711-1788) conhecido matemático francês e autor de "Instituta philosophica ad studia theologica potissimum accommodata", editada em 1757.

"Losada — Curso Philosophico" é o registro do famoso jesuíta Luís Losada, autor também de uma "Física". Losada não aderiu à nova filosofia, mantendo-se aristotélico e repeliu as idéias dos oratorianos como incompatíveis com a teologia e afirmou que a doutrina peripatética é a única conveniente para o estudo da ciência sagrada. À sua época, muito embora

fosse reconhecido como bom teólogo, apodavam-no de péssimo matemático e pior físico. (19)

Pelo levantamento, patenteia-se o vanguardismo dos oratorianos nos livros de texto, nas matemáticas e na Física. Quem tivesse acesso ao Convento estaria atualizado com o pensamento europeu mais antiaristotélico e baconiano.

Ombreavam estes textos modernos ao lado dos ortodoxos. Por exemplo, o hoje raríssimo exemplar do "Cursus Philosophicus Conimbricensis" de autoria de Antonio Cordeiro encaixava-se nas estantes da Madre de Deus. Antônio Cordeiro (1641/1772) lecionou por trinta anos em Coimbra, nas pegadas aristotélicas. (20)

Outro ortodoxo famoso, Pedro da Fonseca com "In Livros Metaphysicorum Aristoteles" foi lido na Madre de Deus, Jesuíta notável (1548/1597) sem favor, o melhor comentarista de Aristóteles, ainda hoje, em Portugal. (21)

Genovesi aparece com "Elementos de Metafísica" em cinco volumes e "Elementos de Física Experimental", em um volume, bem como noutra obra pouco conhecida: "osia della Filosofia del Giusto e del Onesto".

A obra fundamental do gramático Gaspar Scioppio existia no Catálogo. A seu lado o Systema Natural, editado em 1735, em nove volumes, de Linneu, edição ilustrada.

De Cenáculo encontramos uma Instrução Pastoral e que identificamos como a "Instrução Pastoral do Exmo. e Revdm. Sr. Bispo de Beja ao Clero e Ordenandos de sua Diocese, Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica, Ano MDCCLXXXIV, com licença de Mesa Censoria".

O Catálogo Umbelino classificou um "Esprit des Lois" em cinco volumes o que nos parece manifesto engano. A edição de novembro de 1748 contém dois volumes divididos em trinta e um livros e aproximadamente 1.086 páginas. Mesmo que nessa edição se tenha acrescidos "Defense de L'Esprit des Lois", não atingiria cinco volumes. Os indícios seriam de que se trata de uma edição das obras completas de Montesquieu. O Catálogo acusa uma edição, em único volume da "Grandeur et Decadence des Romains".

Na mesma estante onde encontramos Montesquieu, acomodava-se Bossuet, "Discours sur l'Histoire Universelle", edição em dois volumes que não conseguimos identificar e a "Exposição da Doutrina da Igreja Católica" e a "Defensio Declarationis".

Rousseau aparece numa seleta "Principes Politiques" edição não identificável e que deve ser posterior a 1827, data da ed. Werdet et Lequien, pois, não consta do levantamento bibliográfico de Mussay Pathay. Paralelamente, Darethé na sua exaustiva monografia sobre Rousseau não menciona essa edição.

A Biblioteca da Faculdade tinha uma edição de Condillac, Oeuvres Philosophiques, apenas com o 1º, 5º e 6º volumes, tudo indicando tratar-se da edição de 1821, em 21 volumes, desfalcada.

Preciosidades eram as Obras completas de Prospero Lambertini, o Papa Bento XIV, o Papa Iluminista amigo de Voltaire, de Cenáculo e tantos outros. O Catálogo Umbelino informa que se trata de uma edição de doze volumes; mas, a biblioteca estava desfalcada do 9º e do 12º volumes.

A "Defensio Declarationis", na verdade, deve ser a "Defense de la Tradition des Saints Pères", obra póstuma, aparecida em Amsterdam em 1763 que reúne os argumentos de Bossuet contra Richard Simon, da Congregação de S. Filipe Nery.

O neri havia publicado uma História Crítica do Antigo Testamento em 1678. Foi livro polêmico, nacionalista, tendo Bossuet providenciado para destruir completamente a edição.

Gerbert, "Teologia Moral" é o beneditino alemão Martin Gerbert cujo livro fundamental foi "Principii Theologici Sacramentum", editado em 1759. Gerbert, também, editara alguns livros de cunho didático. A Teologia Moral referida, no Catálogo, seria um deles.

No "Catálogo dos Livros que da Biblioteca Nacional e Pública da Corte" foram enviados a Pernambuco em 1832 para a Faculdade de Direito consta um Gerbert "Principia Theologia Canonica" Coimbra 1790, em três volumes.



Tournalley aparece como autor de uma "Sacra Teologia". Mas, parece-nos que se trata das "Prelectiones Theologicae de Sacramentum Matrimonium" de 1730, citada por Joaquim Vilella de Castro Tavares, nas Instituições de Direito Público Eclesiástico (22). Vilella deve ter consultado a obra na Biblioteca da Faculdade.

(\*) — *Cap. da História das Idéias da Faculdade de Direito do Recife.*

#### NOTAS

- (1) — Pereira da Costa — Anais, vol. IX, p. 373: "Mas, segundo uma justificação judicial prestada em 1826 pelos padres da Congregação, cujo documento tivemos presente, orçava de quatro a cinco mil volumes".
- (2) — Ao que parece, não havia uma vedação total à Enciclopédia; segundo Afonso Arinos importava-se "a própria Enciclopédia que era utilizada até pela Administração" — Afonso Arinos — História do Banco do Brasil, I, p. 23, ed. de 1973.
- (3) — O MS, em nosso poder, foi por nós adquirido a um alfarrabista conhecido, no Recife, por alguns tostões: "Relação dos livros que em virtude da Lei que extinguiu a Congregação de S. Felipe Neri se mandou pela Junta da Fazenda desta Província entregar para a Biblioteca do Curso Jurídico d'Olinda ao Diretor L. J. Ribeiro". O MS parece redigido por um funcionário, pois é bastante sumário no título das obras.
- (4) — Segundo Pereira da Costa, os jesuítas quando foram expulsos de Pernambuco, em 1874, teriam carreado para a Europa "todo aquele inestimável tesouro". Na verdade, os livros ficaram no Brasil e se encontram atualmente no Colégio São Luiz, em S. Paulo. Bevilacqua não faz referência a essa alienação.
- (5) — Sobre os livros do convento da Penha, a única fonte de referência é um relatório de Suassuna, quando presidente da província, em 1835. Cfr. Bevilacqua, op. cit. vol. II, p. 225. O Catálogo "ou antes arrolamento" como disse Bevilacqua de Umbelino Ferreira Catão é o MS do Bispo Tomás de Noronha. O Catálogo dos livros do Rio de Janeiro, em MS, encontra-se em nosso poder.
- (6) — Tudo leva a crer que a edição do Catálogo da Madre de Deus "Philosophiae Naturalis Principia Mathematica", seria a 3a, "editio tertia aucta & emendata, apud Guil & Joh. Inny, Regiae Societatis Typographos, edição que possuímos em nossa biblioteca. A "Ótica" original foi redigida, em inglês, por Newton. A tradução latina — "Optice, sive de Reflexionibus, Refractionibus, Inflectionibus et Coloribus lucis libre tres" — foi realizada por Samuel Clark, sob a orientação do próprio Newton. A "Arithmética Universalis sive de Compositione et Revolutione Arithmetica", ao

que parece, foi publicada por um discípulo de Newton em 1707. Resume as aulas de Newton sobre álgebra na Universidade de Cambridge. Alguns dos textos seriam apócrifos. Esta obra, às vezes, aparece editada como "Curso de Matemática". Mas, se a "Arithimética" existisse no Catálogo da Madre de Deus teria sido registrada por Umbelino Ferreira Catão.

- (7) — Laerte Ramos de Carvalho — op. cit. p. 24/25.
- (8) — **Laerte Ramos de Carvalho** — op. cit. p. 35. Cenáculo adita que Fr. José Esteves "aproveitou das Memórias que ficaram do Inglês Luiz Baden, o qual havia dado em Lisboa lições de Física experimental, sem consequência, alguns anos antes" — Francisco da Gama Caieiro — Frei Manuel do Cenáculo, Lisboa, 1959, p. 181.
- (9) — Francisco da Gama Caieiro — Frei Manuel do Cenáculo, Lisboa, 1959, págs. 7 e 99.
- (10) — Pierre Brunet — Les phisiciens hollandais et la méthode experimentale en France, an XVIII siècle, Blanchard, 1926.
- (11) — J. Keil (1671-1721) médico inglês de nomeada, apoiado em sua formação matemática pretendeu que um homem de 160 libras teria 100 libras de sangue, 10 libras de ossos e 17 libras de gordura.
- (12) — Alguns dos inadvertidos têm confundido o pseudônimo do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo com o imortal Francisco Sanches, nascido em 1551. Cfr. **Joaquim de Carvalho** — Francisco Sanches, filósofo, Braga, 1952; **Lopes Praça** — História da Filosofia em Portugal nas suas relações com o Movimento Geral da Filosofia, Coimbra, 1868.
- (13) — Embora meramente gramatical no seu aspecto extrínseco, a polêmica em torno da Gramática, organizada pelos padres da Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades, mal disfarçava a preocupação de conduzir o exame das questões, em discussão, para a erudita esfera em que se debatem os problemas relacionados com o humanismo — Laerte Ramos de Carvalho — op. — cit. — p. 57.
- (14) — A Menendez Pelayo não escapou as sutilezas do pe. Antônio Pereira de Figueiredo que foi qualificado de jansenista cfr. História de los Heterodoxos Espanoles, Stander, 2a. ed. 1947, vol. V. p. 135-136.
- (15) — Pereira da Corte — Anais, vol. V, p. 61, Segundo o historiador pernambucano, esses professores ensinariam por muito tempo.
- (16) — "Os professores regios, da terra ou do Reino, que aqui exerciam o seu magistério, foram, sem dúvida, propulsores dos sentimentos liberais e incentivadores das idéias filosóficas que tão significativamente se fizeram atuantes nos últimos trinta anos que antecederam a Independência do País" — Laerte Ramos de Carvalho — op. — cit. — p. 109.

- (17) — Sobre Teodoro de Almeida, consultar — **J. M. Dantas Pereira** — Elogio do Pe. Teodoro de Almeida, 1831, Lisboa. H. Cidade — Lições de Cultura e Literatura Portuguesas, págs. 281/284.
- (18) — **Serraillh** — op. cit. p. 159. Outra obra de Duhamel bastante divulgada nos currículos dos seminários eram as "Institutiones Biblicae seu Scripturae Sacrae Prolegomena".
- (19) — **Serraillh** — op. cit. p. 433 e 439, em particular, sobre Losada, consulta-se **Antônio G. Boiza** — Datos para el estudio de la personalidad literaria del P. Luiz Losada, Salamanca 1915.
- (20) — "Chamo a esta obra Curso Filosófico Conimbriense, não só pelo lugar em que foi ensinado, mas em reverencia aos antigos padres conimbriensis, aos quais sigo quanto me é possível; todavia, com maior razão chamaria a este curso Aristotélico, pois, que, perseverantemente, apresente o texto de Aristóteles e me esforço por descobrir e abraçar o verdadeiro sentido do Filósofo" explica **Antônio Cordeiro**. Representante da velha filosofia Coninbricense, tachou-o **Lopes Praça** in "Historia da Filosofia em Portugal", ed. Pinharanda Gomes, p. 223/224). Sobre Antônio Cordeiro consulte-se **M. P. Ferreira de Souza** — Retratação de Antônio Cordeiro, Paredes, 1967; **Manuel Moraes** — Cartesianismo em Portugal, Antônio Cordeiro, 1966.
- (21) — Imensa a bibliografia moderna sobre Pedro Fonseca. Destacamos **C. A. Ferreira da Silva** — Teses fundamentais de Gnoseologia de Pedro da Fonseca, 1959, Lisboa.





# Canoas do Recife: Um Estudo de Microhistória Urbana

*EVALDO CABRAL DE MELLO*

Escrevendo no "Diário de Pernambuco" em 1830, alguém que se escondia sob o pseudônimo de "O Pacato" notava nestes termos o grande desenvolvimento urbano por que passava o Recife:

"Os habitantes desta cidade têm, como os romanos, adotado os banhos e escolhido, para os tomarem, o rio Capibaribe. Para se conseguir este fim, se desenvolveu um extraordinário luxo na construção de casas na proximidade do rio: elas sucederam ao luxo dos banhos dos ricos dominadores do antigo mundo; desde os limites desta cidade até o Monteiro, de uma e outra banda do rio, se têm construído nobres, magníficos e riquíssimos prédios urbanos: em todo este espaço, apenas aparecerão hoje 10 ou 12 rústicos. O mesmo senhor do engenho da Torre, abandonando a sua antiga casa de campo, construiu um pomposo edifício urbano, sem outro fim e utilidade mais que da sua habitação nobre"<sup>1/</sup>.

Entre 1782 e 1850, a população recifense passou de 18.000 a 70.000 habitantes <sup>2/</sup>. É no decorrer deste período, que vai do fim do regime colonial à consolidação da ordem imperial na província, que a cidade extravasa os limites herdados do período nassoviano, os quais haviam sido mais ou menos os mesmos da segunda metade do século XVII e de quase todo o século XVIII. Nos fins de setecentos e na primeira metade de

oitocentos, o Recife incorpora a chamada "várzea do Capibaribe", isto é, toda a extensão que vai da Boa Vista e da Madalena até Caxangá e a Várzea propriamente dita, subindo o rio e retalhando os antigos engenhos de uma e outra margem em sítios e chácaras, que, por sua vez, sobretudo a partir da década de 1840, serão objeto de loteamento <sup>3/</sup>. O movimento pelo qual o velho burgo, espremido no istmo e na ilha de Antônio Vaz, expande-se pelo continente e cria os seus arrabaldes, tem inicialmente um caráter sazonal: trata-se de abandonar a vila nos meses de verão para fugir às doenças ou para beneficiar-se das virtudes curativas e dos deleites edênicos dos banhos de rio. É a mesma motivação higiênica que Lewis Mumford encontrou quase sempre associada ao aparecimento do subúrbio. Este tinha com a cidade medieval ou com a moderna uma relação funcional: o fato de que surja quase tão cedo quanto a própria cidade explicaria, segundo o sociólogo americano, "a capacidade dos velhos burgos de sobreviverem às condições antihigiênicas que predominavam dentro dos seus muros" <sup>4/</sup>.

No século XVII e durante grande parte do XVIII, a própria ilha de Antônio Vaz havia funcionado como um subúrbio do Recife<sup>5/</sup>. A sua urbanização, bem como a da franja continental que lhe é fronteira, retira-lhe essa função sanitária para atribuí-la a sítios mais afastados e de ar mais puro. Daí a fundação do arraial do Poço da Panela em 1758 e a ereção da capela dedicada a Nossa Senhora da Saúde, depois de 1772, com os seus "romeiros da saúde", gente que ia anualmente buscar ali a salubridade que a vila lhe negava. Arraial e capela constituem assim o marco inicial da história suburbana do Recife. Já em 1778, o autor da "Idéia da População da Capitania de Pernambuco" faz o elogio do então nascente arrabalde: "Neste lugar do Poço da Panela são os banhos mais saudáveis neste país: as quintas (ou sítios, no idioma da terra) que ficam neste meio são apazíveis, com muitas frutas, pomares de espinho, muita melancia, melão e hortaliça"<sup>6/</sup>. Quase um anúncio de jornal, de sítio para vender ou arrendar.

O aparecimento dos subúrbios ao longo do Capibaribe não se faz de maneira geograficamente contínua mas ganglionar. Basta dizer que a povoação do Caxangá, que constituirá com a Várzea a extrema ocidental da expansão suburbana, já data de fins do século XVIII, ao adquirir o cônego Francisco Pereira Lopes a propriedade de um sítio de terras no engenho



Brum, localizado à margem direita do rio, onde, diz o cronista, "construiu uma boa casa para a sua residência na estação calma, e depois erigiu uma capela dedicada a São Francisco de Paula, nas suas imediações"<sup>7/</sup>. A dispersão com que surgem os subúrbios parece estar ligada à disposição dos proprietários dos antigos engenhos de se desfazerem de suas terras. Esta inclinação teria aumentando, segundo comentava Maria Graham em 1821, em vista da péssima conjuntura que pesava sobre o açúcar. Em vez de cultivar suas grandes propriedades das cercanias do Recife, estes senhores preferiam "alugar uma pequena porção delas por uma ínfima anuidade"<sup>8/</sup>.

Aos poucos, enchem-se os vazios que, da Madalena a Caxangá, separam uma povoação da outra. Ao regressar a Pernambuco em 1812, Koster observaria que, "ademais de outros trechos, a área situada entre o Poço da Panela e Monteiro, na extensão de uma milha, que em 1810 estava coberta de mato, tinha sido limpa; construíam-se casas e plantavam-se jardins"<sup>9/</sup>. Contudo, durante todo o século XIX, além do Monteiro, ainda predominava o ganglionismo original da expansão suburbana do Recife, apesar da democratização do arrabalde e de todo o progresso verificado nas técnicas de transporte. Procurando em 1874 um local apropriado à construção do Asilo de Alienados, o engenheiro Fournié notaria que "quando se passa de Apipucos, encontra-se no trecho entre Apipucos e Caxangá, uma série de colinas completamente cobertas de matas, as quais pertencem a vastos engenhos, ainda não loteados para casas de campo"<sup>10/</sup>. Apipucos e, principalmente, Caxangá, ainda eram, nos começos deste século, arrabaldes separados por extensões consideráveis de mato e campo<sup>11/</sup>. Quanto à Várzea, o afluxo de veranistas só se inicia em finais da primeira metade do século XIX, como indica o exame dos anúncios de aluguel de casas: só alguns anos antes, havia chegado a Caxangá a seção da estrada de Paudalho que começava na Madalena.

Waterton, que esteve em Pernambuco em fins de 1816, observou que do gosto pelo banho de rio participava toda a população da cidade, "ricos e pobres, jovens e velhos, estrangeiros e nativos"<sup>12/</sup>. Algumas semanas depois, Tollenare registrava nas suas notas de domingo: "O prazer de que se parece desfrutar com mais sensualidade é o dos banhos"<sup>13/</sup>. Isto não só nos subúrbios como dentro da própria cidade, nas praias

de rio ou em canoas que levavam o banhista aos pontos mais profundos, como experimentou Vauthier. A água era "deliciosamente tépida", registra o engenheiro francês, mas havia o sobressalto de que algum tubarão entrasse pelo porto: "o diabo do temor dos tubarões, que perturba muito o encanto da natação" <sup>14/</sup>.

Quando Gardner visitou o Recife (1837-1838), o deslocamento para os subúrbios era ainda sazonal: passavam-se aí os três meses de festa e de calor mais intenso, retornando-se à cidade com as primeiras chuvas. Assim fazia também o anfitrião de Gardner, o médico escocês John Loudon <sup>15/</sup>. O hábito da residência permanente nos subúrbios se deve no Brasil, segundo Gilberto Freyre, ao exemplo dos ingleses. Sobre estes, atuaria também o ideal propriamente estético ou romântico da vida suburbana, também assinalado por Lewis Mumford <sup>16/</sup>. Já então o arrabalde se democratizava, graças à facilidade de comunicações e os aluguéis mais baratos, embora Tollenare tivesse observado em 1817 que "a classe média dos habitantes começa também a edificar aí (isto é, às margens do Capibaribe) pequenas casas de campo bem alegres" <sup>17/</sup>. Na década de 1850, se estabeleceria mesmo um serviço de diligências até Apipucos, para "quem quiser gozar dos excelentes banhos do ameno Capibaribe". Na sua esteira, vieram os hotéis, como o de Apipucos e o "União", também naquele arrabalde, e as casas de pasto, como o "Restaurante Campestre" no Poço da Panela <sup>18/</sup>.

Era a democratização do subúrbio. Escrevendo em 1858, Antônio Pedro de Figueiredo não só notaria ser "já bastante considerável o número de pessoas que residem nas margens do Capibaribe" durante todo o ano, como também o fato de que, "por falta de um passeio público aqui, muita gente deseja sair para o campo nos domingos e dias santos, quer seja no tempo de festa, quer seja em outra qualquer estação", satisfação, aliás, de que muita gente ficava privada, devido à carência do transporte <sup>19/</sup>. Outra forma, mais antiga, que tomou essa democratização, consistiu no recurso pela gente menos endinheirada, ao veraneio em casas e sítios de Beberibe. À correspondência amorosa de um frade do Convento de Santo Antônio do Recife e revolucionário de 1817, não faltam as referências às vilegiaturas em Beberibe: "estive em Beberibe pela Festa"; "tenho andado com a minha pequena família em Beberibe" <sup>20/</sup>.



Segundo George Gardner, a preferência pelos banhos de rio se prendia à grande irritação epidérmica que o banho de mar produzia nos climas tropicais, "devido ao sal que aí [na pele] se cristaliza, a menos que seja lavado com água doce"<sup>21/</sup>. A preferência, entretanto, não chegou nunca ao exclusivismo. Koster notara que os habitantes do Recife também procuravam durante o verão "as pequenas casas de campo de Olinda"<sup>22/</sup>. Tollenare, talvez insuficientemente inteirado dos hábitos tropicais, parece ter preferido o banho de mar, indo tomá-lo à noite<sup>23/</sup>. Em 1847, aparecia no "Diário de Pernambuco" o anúncio de uma casa para alugar em Olinda, "a melhor casa da rua da Praia de São Francisco", cuja grande vantagem era a "proximidade do mar para uso dos banhos salgados"<sup>24/</sup>. Quando, na segunda metade do século, o banho de mar tornou-se crescentemente popular, os anúncios de casas de arrabaldes mais próximos, como os Coelhos, o Cajueiro ou a Madalena, passaram a incluir a menção, até então silenciada, à conveniência dos "banhos salgados" que a preamar tornava possível. Assim, as duas casas na ilha do Benfica, a que alude o "Diário" de 20.X.1868, e o sobrado fronteiro ao Hospital de D. Pedro II, "à margem do rio Capibaribe, havendo os recomendáveis banhos salgados", anunciados no mesmo jornal de 7.XI.1871.

## II

Do crescimento suburbano do Recife decorrera o uso intenso do cavalo fino, de sela, como reparava o anônimo colaborador do "Diário de Pernambuco":

"O luxo dos banhos [de rio] arrastou outro, o de não merecer o nome de gente de tom e digno de entrar na roda das companhias o que não tem um cavalo para todas as tardes e dias-de-guarda ir tomar banho a aquele rio e juntar-se nas sociedades. Daqui resulta que, desde outubro até fevereiro, se cobre esta cidade de cavalos, que não fazem pouco dano às calçadas assim como às ruas calçadas"<sup>25/</sup>.

Tanto quanto do cavalo, a expansão do Recife dependeu do transporte fluvial e, especialmente, da canoa indígena. Desde o século XVI, ela assegurara as comunicações entre o Recife e Olinda, de um lado, e entre o Recife e os engenhos da Várzea do Capibaribe, de outro. Frans Post as desenhou, na-



vegando entre o Recife e Mauritsstad, diante de Vryburg e da Boa Vista. Em fins do século XVII, a planta de um cais que a Câmara de Olinda quer construir no Varadouro da vila representa a várias dessas embarcações<sup>26/</sup>, subindo e baixando o Beberibe, nas tarefas prosaicas de transportar gente, água de beber, material de construção, a exercer um monopólio de fato das comunicações entre Olinda e o Recife. Mas é o aparecimento dos arrabaldes que vai dar-lhes um realce inusitado, tanto mais que as condições ecológicas ainda estorvavam, pela presença a várias dessas embarcações<sup>26/</sup>, subindo e baixando rio, a concorrência, que só se tornou invencível em meados de oitocentos, do transporte terrestre. O isolamento dos subúrbios, sua localização ribeirinha e a falta de caminhos fizeram da canoa durante muito tempo o recurso que, sem ser o único, era o mais cômodo ou o mais fácil. O cronista que narrou a fundação do Poço da Panela informa que um dos motivos para a escolha do sítio onde se levantaram o arraial e a capela de Nossa Senhora da Saúde consistiu em que oferecia condições apropriadas ao tráfego fluvial<sup>27/</sup>. O período que vai do último quartel do século XVIII ao fim da primeira metade do XIX constitui assim a idade de ouro da canoa recifense.

A canoa constituiu um dos elementos da civilização material dos indígenas mais amplamente utilizados pelos colonizadores europeus do novo continente. Sob essa designação, se escondia uma razoável diversidade de características, atinentes à navegação de rio e mar, desde as grandes canoas de três velas, ou mesmo de duas, até às simples canoas de remo ou vara, no extremo norte chamadas expressivamente "montarias"<sup>28/</sup>. A canoa de rio em Pernambuco, utilizada nas necessidades de transporte no Recife e nos engenhos da mata, correspondeu a esta segunda categoria. Eram canoas próprias para usos modestos não só do ponto-de-vista da mediocridade dos percursos a vencer, dada a reduzida navegabilidade dos cursos d'água da mata pernambucana, como também do ponto-de-vista da rotina monótona de pequenos rios quase domésticos, sem perigos nem aventuras a oferecer, salvo nas raras ocasiões de enchentes. No caso do Recife, não havia sequer o obstáculo dos saltos ou das corredeiras, pois o Beberibe e o Capibaribe, este no seu trecho final, são rios deltaicos, indecisos, a se espraíarem em inúmeros braços, num horizonte sempre plano. Nada pois do interesse das canoas de alto mar ou das que faziam, no século XVIII, a navegação entre São Paulo e Cuiabá, ou das canoas do baixo São Francisco, que se aparentavam às de alto

mar, como a de três velas em que o engenheiro Dombre fez o trajeto de Propriá a Piranhas<sup>29/</sup>

O Beberibe era navegável por canoas desde quase a sua nascente, algumas léguas acima da povoação do mesmo nome. Contudo, logo a montante do Varadouro de Olinda, a navegação tornava-se quase impraticável, devido à grande extensão de plantas aquáticas que cobria o extenso lago que aí se formara. Não tendo o rio um canal bem definido, as canoas se viam na contingência de fazer "imensas voltas, gastando imenso tempo que costuma ser de quatro horas para subir e duas ao menos para descer", segundo dizia a Câmara de Olinda. Do Varadouro ao Recife, só se podia navegar durante a preamar, pois o rio inundava as camboas e mangues circunvizinhos pela inexistência de um canal onde se acumulassem as águas nas vazantes <sup>30/</sup>. Koster, atrasando-se em Olinda em visita a uns amigos, teve de regressar ao Recife a pé, pelo istmo, pois, com a maré baixa, fora impossível servir-se da canoa que o trouxera <sup>31/</sup>. É que, no seu trecho final, "o que se chama impropriamente o rio Beberibe... é apenas uma inundação do mar sobre uma praia plana coberta de mangues", como observava Tollenare <sup>32/</sup>. Quanto ao Capibaribe, as informações durante o século XIX coincidem em que era navegável até Apipucos, por canoas e botes, durante todo o ano, graças ao influxo da maré <sup>33/</sup>.

Kidder observou serem as canoas do Capibaribe e do Beberibe "de formato diverso das construídas para águas profundas" <sup>34/</sup>. Um exame dos anúncios do "Diário de Pernambuco" relativos à venda ou aluguel de canoas no período 1825-1850 indica que seu comprimento variava dentro de uma faixa que podia ir de 5,00 a 11,00 metros; e sua largura situava-se entre 0,60m. e 1,80. Tais variações tinham também a ver com as diferenças entre canoas destinadas ao transporte de pessoas, freqüentemente chamadas, por serem mais rápidas, "canoas de carreira", e as destinadas ao transporte de água ("canoas d'água"), ou de trastes e de materiais ("canoas de condução"). A canoa de carreira media mais freqüentemente entre 6,50 a 8,00m. de comprimento por 0,60 a 0,90 de largura; a canoa de transporte chegava geralmente a 9,00 ou mesmo a 10,00m. por quase 1,00 de largura. A canoa de 11,00m. com seis cavernas, que anunciava o "Diário" de 2.III.1829 já constituía um caso-limite. A diferença é antes entre a canoa de carreira de um lado, e a de condução e do alto, de outro, do



que entre a embarcação de rio e a de mar. O mesmo Kidder deixou a descrição pormenorizada de uma dessas canoas de alto, que faziam uma pobre navegação de cabotagem entre o Recife e os pequenos portos da marinha pernambucana. O barco em que atravessou o canal de Santa Cruz, rumo a Itamaracá, era uma canoa monóxila, com 7,50m. de comprimento por 2 de largura; um arremedo de cabine na proa e na popa, o meio permanecendo aberto para a carga. No mastro, vela triangular e bujarrona. Por fim, os "embonos", isto é, paus de jangada atados longitudinalmente ao bordo superior da embarcação para impedi-la de adernar <sup>35/</sup>. Dois ou três anos antes, Gardner viajara do Recife a Maceió em canoa idêntica à de Kidder, embora maior: cerca de 13,00m. de comprimento por 1 de largura, a proa e a popa cobertas <sup>36/</sup>. Vauthier fizera o mesmo percurso de Kidder numa canoa empregada no transporte de cal, cujas dimensões eram idênticas às da de Gardner <sup>37/</sup>.

Não se tome tampouco demasiado à risca a distinção entre canoa de carreira e de condução, apesar de que as diferencie, juntamente com a canoa de vela, a classificação da capitania dos portos <sup>38/</sup>. As canoas de condução podiam servir também ao transporte de gente, sobretudo se se tratava de canoas de aluguel, com as que anunciava o "Diário de Pernambuco" de 2.XII.1829: "canoas grandes abertas, com canoeiros ou sem eles, para condução de famílias, trastes ou outra qualquer coisa". A própria canoa de carreira sempre tinha capacidade para transportar, como a que vem referida no "Diário" de 14.I.1829, "alguma carga". Quanto à diferença entre a canoa d'água e a de condução, residia apenas no fato de ser aquela coberta de madeira para proteção das pipas e tonéis.

Kidder observou também que as canoas de rio "impulsionavam-se quase que exclusivamente com o auxílio de varejões" <sup>39/</sup>. A canoa de alto era, como se viu, movida à vela: a diferença de técnica de locomoção era realmente o que distinguia uma da outra, não a diferença de tamanho. Sendo o Capibaribe e o Beberibe rios deltaicos, de águas rasas, o uso da vara generalizou-se desde cedo, como indica a planta de 1690 ou 1691 para a construção do cais do Varadouro. A canoa à vela, mesmo a de uma única vela, não é freqüente na navegação dos rios recifenses. Uma gravura de Hagedorn inclui canoas à vela, mas trata-se de uma vista do cais do Colégio, onde ancoravam embarcações de alto mar. Só numa ou noutra gravura, é que surgem canoas à vela <sup>40/</sup>. A iconografia re-



cifense confirma a impressão de relativa infreqüência dessas embarcações, que se colhe da leitura dos anúncios de jornal. O "Diário de Pernambuco" de 7.V.1835 aludia a uma "canoa nova, vela nova", mas trata-se certamente de uma canoa do alto, pois o anunciante logo se apressa em esclarecer que ela se encontra "com todos os seus pertences para poder fazer viagem". Constitui uma exceção o oferecimento, no mesmo jornal de 9.III.1831, de "uma canoinha de voga [isto é, de remar], com pau de três velas e um remo" <sup>41/</sup>. A regra é, portanto, a canoa movida à vara, não a canoa à vela ou a canoa de remo, apropriada a águas profundas. Uma postura da Câmara de Olinda ordenava, em 1837, que as canoas de carreira trouxessem sempre "uma vara de reserva, além da que faz tanger a canoa" <sup>42/</sup>. Em 1815, a Câmara do Recife exigira que as canoas dispusessem de remos, ademais das varas habituais <sup>43/</sup>, mas o que se tem em vista é apenas a maior segurança da embarcação naqueles raros trechos, de grande profundidade, que o varejão não pudesse alcançar.

As canoas eram, via de regra, construídas de pau-amarelo, conforme informava Koster <sup>44/</sup> e indicavam os anúncios de jornal. Mas as havia também de oiticica, de pau-carga e de louro. Na comarca, e depois província, das Alagoas, terras de madeiras ótimas e abundantes, eram muito comuns as canoas de vinhático <sup>45/</sup>. A palavra "canoa" já perdia, aliás, o sentido original de embarcação monóxila, cavada a fogo num único tronco, passando a designar também a construída com madeira de mais de uma árvore e até de mais de uma espécie vegetal. Assim é que o "Diário" de 3.I.1860 refere uma canoa de carreira, "construída de sucupira, amarelo e louro, encavilhada e pregada de cobre". A qualificação de "encavilhada", usada em anúncios de venda ou aluguel de canoas, serve para indicar a embarcação feita com mais de um tronco, pois "cavilha", ensina Antônio Morais Silva, significa "peça de pau com prego para suster... ou para pregar navios" <sup>46/</sup>. Evolução semântica idêntica se havia verificado no baixo São Francisco. Ali também se designava por canoa a embarcação construída de acordo com a técnica descrita por Gardner: uma vez escavado, o tronco era serrado em sentido longitudinal, inserindo-se, entre as metades, duas ou mais pranchas <sup>47/</sup>. A mesma técnica usada na construção da barcaça. A escassez de troncos de dimensões suficientes tornava especialmente valiosas as canoas monóxilas e, no Recife, os anúncios de jornal têm a preocupação de chamar a atenção do comprador potencial para as

vantagens das "canoas de um só pau, de diversos tamanhos", como as que vendia José Higino de Miranda, ou da "canoa de carreira de um só pau, muito boa de vara e leve de coroa", que estava à venda no tanque d'água da rua do Apolo n.º 30 <sup>48/</sup>.

A canoa de condução era geralmente aberta no meio. Para transporte de tijolos, o "Diário" anunciava "uma canoa aberta"; outra "aberta, nova"; ainda outra, "grande aberta" <sup>49/</sup>. O tijolo foi, com a areia e a lenha, o material mais frequentemente transportado pelas canoas de condução na fase de crescimento suburbano do Recife que aqui nos ocupa, a ponto de a sua capacidade de carga ser constantemente descrita em termos de tijolos. Canoas que carregavam desde 800 até 1.200 e 1.300 tijolos <sup>50/</sup>. A dependência em que se estava do transporte fluvial é indicada pelo fato de anúncios de venda ou aluguel de olarias mencionarem a conveniência de os tijolos saírem diretamente do forno para as canoas.

A canoa d'água é, em geral, fechada. Uma litografia de W. Bassler, da década de 1840, mostra uma dessas embarcações: duas escravas recebem a água que o canoeiro tira através de escotilhão junto à proa. Mas ainda em 1829 se anunciavam canoas d'água abertas, como no "Diário", de 26.III.1829. Elas não foram assim completamente eliminadas pela concorrência das fechadas, tidas por mais limpas. A prática de cobrir a canoa d'água devia ser então relativamente recente. Em fins do século XVII, as pipas e tonéis ainda eram transportadas sem qualquer proteção, como se vê na planta do projetado cais do Varadouro, o que permitia também o transporte de gente ou material. Mesmo quando a canoa era fechada, a água continuava a ser transportada nessas barricas, como se vê no "Diário Íntimo" de Vauthier <sup>51/</sup>. A capacidade média da canoa d'água fechada era avaliada em 100 barris <sup>52/</sup>, ou descrita em preços: uma canoa que carregava de 7 a 8 patacas d'água e outra que transportava 4.000 réis eram anunciadas pelo "Diário" de 7.II e 4.VIII.1829 respectivamente.

A canoa de condução era aberta, dispondo de uma bancada onde, bem ou mal, se acomodavam os passageiros. As vezes, em lugar da bancada, dispunha de "cadeira de assento", como a que vem anunciada no "Diário" de 31.I.1829. Pode ser coberta na popa, onde se colocam os dois canoeiros, e aberta na proa, onde se sentam os viajantes, como a canoa da gra-



vura de James Henderson <sup>53/</sup>. Em geral, não há proteção contra o sol ou contra a chuva; o passageiro que levasse sua sombrinha. Algumas, porém, dispunham de toldo, como as referidas pelo "Diário" de 7.V.1835 e 31.I.1860. O mesmo jornal, de 30.I.1860, alude a uma canoa "com paus de toldo, toldo e guarda-patrão, bancada e xadrez, do melhor gosto que pode aparecer". Os anúncios sugerem que a capacidade máxima da canoa de carreira não devia passar de seis ou sete pessoas, inclusive o canoeiro ou canoieiros. A canoa em que passeia a família recifense retratada na gravura, já mencionada, do livro de Henderson, conduz ao todo oito pessoas, inclusive os dois canoieiros, mas três são crianças.

Os anúncios incluem às vezes os apetrechos: argolas, correntes, cadeados; as canoas d'água, com bomba e tanque. Referem-se também detalhes de construção e acabamento: uma canoa "corrida de alcatrão, com chapa de ferro na proa"; outra, "fornada com zinco". Ainda outra, com "uma chapa de ferro para atracar, a madeira calafetada de novo, uma argola fina no paneiro de ré", sem falar num "camarote fechado de corrediça na popa". Muitas eram pintadas: uma, "de encarnado com um friso na borda" <sup>54/</sup>. Frequentemente vinha também pintado o nome, que registra o anúncio de uma delas: "Triunfante". Infelizmente, faltou às canoas recifenses do século XIX que, à maneira de Joaquim Cardozo com as alvarengas de mil novecentos e vinte e tantos, recordasse seus nomes mais usuais, num duplo serviço à história e à poesia.

A utilização da vara como meio de locomoção exige do canoeiro que vá sempre em pé. Kidder observou que "os canoieiros são, em geral, negros possantes que manobram sozinhos as suas próprias embarcações" <sup>55/</sup>. A maioria eram "negros de ganho", segundo Koster <sup>56/</sup>. Um dos desenhos recifenses de Tollenare representa um "canotier du Capeberibi", negro enorme e espadaúdo, vestido sumariamente com uma tanga que lhe deixa livre os movimentos <sup>57/</sup>. O trabalho, além de penoso, exigia certo grau de especialização, como indicam os anúncios de venda ou fuga de escravos. Em muitos, o ofício deixara marca ou característica física, como em certo Antônio, "congo, alcunhado Pinta-Ratos, 16 anos, canoeiro", que, conforme o "Diário de Pernambuco" de 18.VI.1834, tinha "fistulas de feridas nas canelas" e era "muito dançador", isto é, caminhava gíngando; a todos, dava uma mobilidade espantosa, mesmo para os escravos de ganho; de um canoeiro fugido, di-



zia um anúncio do "Diário" de 13.I.1836, que "não se sai do Recife, Santo Antônio, Boa Vista, Olinda, Poço, Casa Forte, Monteiro e Apipucos", todos eles lugares ribeirinhos, fácil e rapidamente acessíveis por canoa.

Freqüentíssima era a associação entre a condição de canoeiro e a de camaroeiro, em particular, ou pescador, em geral. Assim, "um moleque de nação rebolo, de 18 anos, bom canoeiro e camaroeiro, e bonito, sem achaque algum", que se vendia na rua da Praia em 1836; assim, "um negro canoeiro, pescador de rede tanto pequena como tresmalho"; assim, "um escravo com ofício de pescador de rede, canoeiro e hábil para todo o serviço" <sup>58/</sup>. Outras especializações, sem vinculação com a de canoeiro, também podiam vir associadas a ela no mesmo indivíduo. Assim, "um negro, bom canoeiro e ótimo cozinheiro à exceção de massas" que se queria vender ou trocar por "uma negra, também moça, que saiba vender na rua"; ou "um preto moço canoeiro e que sabe cair, e próprio para todo serviço e até de enxada"; ou ainda Francisco, angola, que "entende de padeiro, serrador e canoeiro, em que se ocupava ultimamente". Acentuando a identificação entre a canoa e o escravo que a manejava, encontram-se anúncios de venda conjunta. Assim, vendiam-se "um negro e uma canoa d'água"; "uma canoa aberta... e um negro canoeiro da nação costa"; "um escravo canoeiro com a sua competente canoa" <sup>59/</sup>.

Entre esses canoeiros recifenses, desenvolveram-se até certas formas de organização profissional. Pereira da Costa recorda a existência de uma irmandade de canoeiros, com sua capela de Nossa Senhora da Conceição dos Canoeiros, situada junto ao porto das Canoas, no bairro de São Frei Pedro Gonçalves, e com suas festividades religiosas anuais, a da Conceição no Recife e a de Nossa Senhora do Rosário em Olinda <sup>60/</sup>. Kidder, por outro lado, deixou a descrição da hierarquia, copiada da militar, que prevalecia entre os canoeiros recifenses, e de todo um ritual náutico a que ela dava lugar:

"Existe entre eles uma espécie de hierarquia semelhante à militar. Alguns são eleitos, por sufrágio dos demais, para os postos de sargento, alferes, tenente, capitão, major e coronel. Não são, porém, meramente nominais as suas honras. Quando inferiores ou particulares encontram oficiais superiores, são obrigados a sau-

dá-los com uma, duas, três ou quatro varadas n'água, com o varejão. O número de varadas obedece à hierarquia do indivíduo saudado, o qual sempre retribui o cumprimento com uma única varada. A falta de continência é considerada, nessa comunidade aquática, indisciplina sujeita a certas penalidades. Entretanto, caso um canoero consiga passar à frente de um superior, por habilidade ou sorte, está isento da continência" <sup>61/</sup>.

### III

A tendência das casas a se erguerem de frente e não de costas para o Capibaribe, como a partir de meados do século XIX, não se prendia apenas a considerações de ordem estética, mas evidencia também a dependência em que se achavam do transporte fluvial, numa época em que os arrabaldes ainda não dispunham de estradas para carros, que só começam a ser abertas no segundo quartel de oitocentos. Aí estão os anúncios de imóveis por alugar ou vender, que chamam a atenção para a comodidade de um "porto para o rio Capibaribe", ou de um "cais para o rio Capibaribe", prolongado por escadarias, algumas monumentais, como se vê na iconografia décimo-nona. Muitos sobrados urbanos, como aquele "grande sobrado" da rua da Glória, também ofereciam, entre outros atrativos, "um bom porto de embarque" <sup>62/</sup>. Também às olarias era indispensável porto ou cais. De um sítio na Madalena, dão a impressão de construções ambidestras, igualmente porto que a toda hora tem embarque e desembarque" <sup>63/</sup>. Em Apípicos, o "Diário de Pernambuco" de 11.I.1845 anunciava uma propriedade, o Zonguê, que era "própria para qualquer ramo da indústria agrícola pela sua situação à margem de um rio navegável em todas as marés, com porto de embarque e trapiche, etc".

Quando, já entrado o século XIX, as estradas suburbanas, com a comodidade dos seus carros e coches, vieram acarretar a construção de casas voltadas para elas, estradas, não foram abandonadas as eventuais vantagens oferecidas pelo rio, quer do ponto-de-vista de transporte, ou de higiene, ou ainda de lazer. Tanto assim que os anúncios referem com frequência a "saída para o rio" ou o "fundo para o rio" ou o "portão para o rio". Certos anúncios apregoavam mesmo a conveniê-



cia do "banho no fundo do quintal". Ainda hoje, algumas casas mais antigas do Benfica, do lado direito da ponte da Madalena, dão a impressão de construções ambidestras, igualmente hábeis para se utilizarem do rio, ou da rua, aos quais abrem indiferentemente suas varandas. A rotina do habitante de casa de chácara ou de sítio ficou assim proustianamente dividida entre os "lados": o lado da estrada, que era agora o lado nobre; e o lado do rio, que era o dos fundos. O proprietário do "bem conhecido sítio na estrada do Monteiro, o qual foi ocupado algum tempo pelo Senhor Cônsul espanhol", aludia, entre outras vantagens da sua chácara, o de ter "dois portões, um na frente da estrada, outro no fundo, que tem saída para a margem do rio para o belo banho", conforme publica o "Diário" de 15.IX.1863.

Em vista da dependência do transporte fluvial, o acesso ao Capibaribe tornava-se um problema agudo, ali onde a febre imobiliária começava a retalhar os velhos sítios afastados do rio ou a vender terrenos à ilharga das chácaras fronteiras ao curso d'água. Um exemplo das disputas que podiam surgir neste particular: em 1850, os habitantes do Monteiro recorriam à Câmara do Recife para que fosse desembaraçada "a passagem da povoação do Monteiro para o rio Capibaribe, visto que os proprietários do lado do rio vedaram o trânsito com sítios e muros, a ponto de não serem mais procuradas as casas do lado oposto para o passamento de festa, e isto em grande detrimento dos mesmos proprietários", <sup>64/</sup> isto é, dos proprietários das "casas do lado oposto". Contudo, em outros subúrbios ribeirinhos, as novas urbanizações já se faziam com a consideração devida ao interesse público. Quando o proprietário do sítio da Capunga resolveu loteá-lo em 1835, projetou "pelo meio do dito sítio uma estrada de 40 palmos de largura e dois mil de comprimento, com saída para o rio Capibaribe, com 580 palmos em frente do mesmo rio" <sup>65/</sup>. Outro loteamento, este na Madalena, prometia "porto de embarque" ou "porto de mar para o rio Capibaribe", segundo anunciava o "Diário" de 16.III.1840 e 15.IX.1841. Os portos fluviais constituíram assim uma faceta particularmente recifense daquela vitória da rua sobre a casa, que analisou Gilberto Freyre, <sup>66/</sup> a primeira contestação do morador de subúrbio à privatização a que os usos do rio vinha sendo submetido pela burguesia endinheirada das chácaras e sítios das margens. Muitas das velhas ruas de arrabalde, perpendiculares ao rio, nasceram precisamente



para proporcionar o acesso dos portos fluviais à crescente população suburbana.

Contudo, não se entenda aqui a palavra "porto" em sentido demasiado estrito. As canoas varavam onde bem queriam, ali onde não houvesse o obstáculo físico de um muro de casa rica ou de uma cerca de sítio a impedir o acesso do passageiro. Isto mesmo constataram Koster e dois compatriotas seus:

"Cerca de 10 horas da manhã, embarcamos numa canoa que, a vara e a remo, cruzou o lagamar na direção continental da cidade. Ao chegarmos à margem oposta, a maré baixara e a lama era profunda; temendo estragar nossos trajas de seda, dois de nós nos agarramos às costas dos canoeiros que, com alguma dificuldade, nos colocaram seguros em terra seca; mas o terceiro, que era mais pesado, hesitou por alguns minutos, pensando se não seria melhor regressar à casa; mas finalmente tomou coragem e foi também transportado com segurança através desta zona de perigos" <sup>67/</sup>.

Com o abandono do transporte fluvial no Recife, os portos de rio desapareceram quase de todo da geografia urbana, sobrevivendo apenas como "passagens", isto é, para a travessia dos trechos mais suburbanos do rio, onde não se dispõe de pontes. Ao pesquisador de hoje, é possível, contudo, localizar vários dos antigos portos. O centro deste sistema de comunicações fluviais entre o Recife e Olinda, ou Beberibe, de um lado, e o Recife e os subúrbios do Capibaribe, de outro, era o chamado "porto das Canoas", situado à margem esquerda do rio, na extrema da atual travessa do Apólo. Pereira da Costa assinala que um documento de 1787 já alude à "rua nova do porto das canoas" <sup>68/</sup>, mas a expressão revela apenas a novidade da rua, não a do porto, que, este, deve datar dos começos do Recife. Sua localização parece natural a quem tem em mente as conveniências do transporte fluvial entre Olinda e a freguesia de São Frei Pedro Gonçalves. Ademais, o intenso tráfego marítimo que invadia o rio até à altura da antiga ponte do Recife, no local onde atualmente se ergue a ponte Maurício de Nassau, aconselhava segregar naquele espaço mais tranqüilo uma navegação cujo escopo era modesto e que não exigia águas profundas.

O crescimento de Santo Antônio, sobretudo no século XVIII, iria encontrar ali, do outro lado do rio, as facilidades proporcionadas pelas canoas que demandavam Olinda. Onde se ter tornado a então praia de São Francisco, atual cais Martins de Barros, entre as pontes Maurício de Nassau e Buarque de Macedo, e fronteira ao porto das canoas, o local onde encontraria transporte mais facilmente quem quisesse ou tivesse de ir de Santo Antonio a Olinda. Quando os vereadores e o ouvidor do Recife resolveram comparecer incorporados à cerimônia de inauguração do curso jurídico, dirigiram-se logo à praia de São Francisco, onde, para sua surpresa, mas como seria de esperar em dia de tanto movimento, não encontraram “condução que chegasse para o seu transporte, não havendo, aliás, tempo para se conseguir uma suficiente, pois ali só se achava um pequeno bote”, como escreveram logo ao Presidente da província, desculpando-se pela ausência <sup>69/</sup>. O porto das canoas compreendia um extenso telheiro, sob o qual se acomodavam as embarcações; e a capela de Nossa Senhora da Conceição dos Canoeiros, em cuja sacristia devia seguramente funcionar a irmandade, — sendo assim o centro social e religioso da “comunidade aquática” da frase de Kidder.

Não se deve confundí-lo, porém, com outro “porto das canoas da rua Nova” (onde, segundo o “Diário” de 16.XI.1836, se vendia café de Apipucos), que deve ter sido o mesmo “porto do Carmo Velho”, então existente nos extremos das ruas da Paz, Concórdia e da Palma. Em 1839, a Câmara do Recife solicitava ao Presidente da província que mandasse reservar, medir e demarcar, para que servisse a uma praça, “todo o terreno conhecido por porto das canoas, da parte esquerda da ponte da Boa Vista até o destorcimento da rua da Paz, por ser esse terreno o mais próprio para embarque e desembarque deste bairro de Santo Antônio, tanto assim que já parte dele se acha servindo de porto de canoas” <sup>70/</sup>. Uma fotografia feita por Stahl, em 1855, da recém-construída Casa de Detenção, mostra em primeiro plano este porto de canoas, agasalhado numa reentrância do Capibaribe, no mesmo local que, aterrado, serve hoje à praça Joaquim Nabuco <sup>71/</sup>. A Câmara também solicitava a reserva do “terreno denominado ponte velha em toda a sua extensão, que atualmente serve de porto de canoas” <sup>72/</sup>, o qual ficava fronteiro ao porto do Carmo Velho e que é o atual cais José Mariano, prolongamento, para o sul, da rua da Aurora.



Subindo o Beberibe, as canoas podiam tocar pelo menos em três portos antes de chegar ao Varadouro de Olinda: o porto do Veiga, na altura da rua do Lima, o porto das Lavadeiras, na altura da Tacaruna, e o porto dos Frades, na altura dos Arrombados. Destes, a designação de porto do Veiga data de começos do século XIX, época em que o português Manoel Luís da Veiga adquiriu o sítio do Araçá. Porto das Lavadeiras e porto dos Frades são designações provavelmente mais antigas e a segunda tem a ver com o Convento de religiosos terésios instalado nas proximidades desde os fins do século XVII, visitado e descrito por Tollenare. A "Planta hidrográfica do porto de Pernambuco" (1816), do capitão Diogo Jorge de Brito indica, além do porto do Veiga, os portos de Santo Amaro e do Lazareto. Subindo o Capibaribe, as canoas podiam varar no porto do Serpa, na altura da atual rua do Sol, no já mencionado "porto das canoas da rua Nova", no porto das Barreiras, nos Coelhos, no Cajueiro, na passagem da Madalena, no porto do Lasserre e no porto do Jacobina, no porto da Torre, no porto da Jaqueira, nos portos de Santa Ana de Dentro e de Santa Ana de Fora, no porto do Paula, no Poço da Panela, e no porto do Tirso no Monteiro <sup>73/</sup>. A relação está longe de ser completa; a tarefa de identificação é também dificultada pela atribuição de duas ou mais designações a um mesmo porto ou pelas mudanças de nome ao longo do tempo. De qualquer maneira, os portos mais frequentados correspondiam aos mais próximos das povoações de beira-rio. Quando em 1858, Antônio Pedro de Figueiredo propôs a criação de um serviço de navegação fluvial para os arrabaldes recifenses, "saído do porto das canoas no Recife", os "trapiches de escala" deviam corresponder aos portos mais utilizados: ponte da Boa Vista, cais da Aurora, Coelhos, Cajueiro, Madalena, Capunga, Torre, Ponte d'Uchoa, Santa Ana, Poço da Panela, Monteiro <sup>74/</sup>.

Na área propriamente urbana do Recife, de Santo Antônio e da Boa Vista, as canoas podiam varar nas praias de rio, mas, quando no segundo quartel do século XIX, a cidade ganha seus primeiros cais, há que dotá-los de rampas para acostagem. Em 1853, na Boa Vista, ainda se dependia do transporte fluvial; e os moradores da rua do Seve reclamavam contra o fato de que só existisse uma única rampa de acesso em toda a extensão do cais da Aurora, prontificando-se a contribuir com metade das despesas de construção de uma segunda rampa <sup>75/</sup>. Uma descrição dessas rampas encontra-se, por exem-



plo, no projeto de construção do cais hoje denominado José Mariano: construídas reentrantes ao cais, dispunham de dois planos inclinados, que formavam, na parte inferior, um patamar comum, ao nível da tapada do cais. Patamar e planos tinham guarnição de pedra de cantaria e calçamento de pedras brutas <sup>76/</sup>.

Alguns portos conseguiram sobreviver até hoje como "passagens", isto é, pontos ao longo do rio onde há serviço de travessia de uma margem a outra. Muito tempo depois de ganhar uma ponte e de dispensar o seu serviço de barcos, a Madalena continuou a ser designada por "Passagem da Madalena", seu primitivo nome, ou simplesmente por "Passagem". O "Diário de Pernambuco" de 28.IV.1829, anunciava para vender a canoa aberta "que passava gente na Passagem da Madalena, muito própria para conduções de lenha, tijolos e também para engenhos que façam as conduções das canas embarcadas". Desde o século XVII, as avenças das passagens constituíam uma renda importante das Câmaras municipais da capitania, e depois província, de Pernambuco, e ainda em 1837 as Câmaras de Olinda e do Recife se desentendiam em torno da competência para pôr em arrematação as passagens do Caldeireiro e do Cordeiro <sup>77/</sup>. Kidder se surpreende, aliás, de que, apesar do nome de Ponte d'Uchoa, não houvesse ali ponte nenhuma: apenas uma passagem "por meio de canoas". Quem viesse a cavalo, teria de puxá-lo pelas rédeas, obrigando-o "a vadear a corrente ou nadar, conforme a profundidade" <sup>78/</sup>. Contudo, a canoa não era sempre a embarcação utilizada nas passagens do rio: uma aquarela anônima de 1840, que retrata o Capibaribe frente à casa do Dr. John Loudon, inclui uma balsa, mais apropriada que as canoas para as tarefas prosaicas de atravessar pessoas, coisas e animais <sup>79/</sup>. Apesar da concorrência que lhes fazem as pontes, as passagens não desapareceram de todo: apenas refugiaram-se nos bairros ribeirinhos mais afastados, no trecho entre a Torre e Caxangá. Ali Tadeu Rocha encontrou em 1959 nada menos de seis passagens ainda em uso: de Ponte d'Uchoa, Jaqueira e Santa Ana a três diferentes portos da Torre; do Poço da Panela ao Cordeiro; do Caldeireiro e do Monteiro a dois portos de Iputinga <sup>80/</sup>.

Observou Vauthier ser particularmente intensa a navegação do Capibaribe no trecho compreendido entre a Madalena e Caxangá, isto é, ao longo de toda a área suburbana do rio. Tratava-se, aliás, segundo pensava, do único percurso flu-

vial, em toda a província, de tráfego suficientemente intenso como para justificar as despesas de obras de engenharia <sup>81/</sup>. Mas eram os mesmos proprietários das margens que descuidavam o patrimônio comum, fazendo aterros como os da Capunga, que denunciava em 1840 o engenheiro Moraes Âncora. Esses aterros avançavam “de tal modo sobre o leito do rio, que aumenta [sic] sobremaneira a volta saliente que este ali forma, causando infelizmente um desvio considerável da sua corrente”, e causando “incômodo e transtorno à navegação do mesmo rio, grande dano às propriedades da margem oposta, algumas das quais correm risco de ser demolidas por alguma cheia-mar que sobrevenha” <sup>82/</sup>. Foi o que se viu quando da grande cheia de 1854: houve tal grita dos moradores da margem da Torre que o Presidente da província nomeou uma comissão para examinar as reclamações, a qual concluiu, pelo que tocava à navegação daquele trecho, que ela se tornara “mais longa e difícil” à proporção que aumentava a curvatura do leito do rio <sup>83/</sup>.

Mas não eram só os aterros que estorvavam a navegação. Também os cais e escadarias construídas por particulares diante de suas casas de vivenda. Em 1840, o engenheiro Moraes Âncora alertaria as autoridades para o fato de que, no cais que se fazia na margem esquerda do Capibaribe na Madalena, “se constróem escadas sobressaindo à face exterior do mesmo cais”, o que não se devia permitir “por alterar a direção das correntes” <sup>84/</sup>. A mentalidade privatista chegou ao ponto de levar aos abusos que Vauthier e a Câmara de Olinda denunciavam em 1843: por duas vezes, certo Joaquim José de Santana, proprietário às margens do Beberibe, havia bloqueado, com troncos, o curso do rio abaixo da povoação, impedindo toda navegação <sup>85/</sup>. Ou de provocar o protesto de um anônimo que, em 1836, vinha pedir pelas colunas do “Diário” que os “senhores donos dos sítios que extremam com a camboa, chamada do Nicolau, na Madalena”, mandassem aparar “os galhos, tanto de mangue como de espinheiros, que embaraçam o trânsito público na mesma camboa para as canoas que vão ter à Pontezinha” <sup>86/</sup>. Outro abuso, este mais antigo, consistia na colocação de currais de pesca ao longo dos rios, os quais, segundo denúncia da Câmara e do Juiz-de-Fora do Recife em 1781, prejudicavam seriamente o porto, atulhando a barra e os canais fluviais de que se utilizavam as canoas e barcos que conduziam água, lenha e outro gênero, assim como as caixas de açúcar dos passos de Jiquiá, Ibura e outros lugares <sup>87/</sup>.



A muitos desses e de outros abusos, nunca se tratou seriamente de pôr um termo; nem o Governo provincial cogitou, a não ser de maneira esporádica, de adotar as medidas que preservassem as condições de navegabilidade do curso suburbano do Capibaribe e do Beberibe, só tendo olhos para os melhoramentos estritamente urbanos. Nada resultou, por exemplo, da idéia aventada por Vauthier, de regularizar o curso suburbano mediante a construção, na altura da ponte da Madalena, de um dique com comporta para passagem das embarcações, o qual manteria o rio no nível das marés mais altas. A obra seria financiada pela cobrança de um pedágio que, graças à intensidade do tráfego naquela parte do Capibaribe, daria um rendimento suficiente para cobrir as despesas calculadas entre 150 e 200 contos <sup>88/</sup>. Tampouco vingou o projeto de Antônio Pedro de Figueiredo no sentido da criação de um serviço de navegação fluvial a vapor, que atendesse, a um preço inferior aos dos transportes terrestres, as necessidades de locomoção dos moradores de subúrbio <sup>89/</sup>.

#### IV

Ao encerrar-se o segundo quartel do século XIX, a canoa já é uma espécie em extinção na paisagem recifense. Nas páginas do "Diário de Pernambuco" rareiam os oferecimentos de venda ou aluguel, e nos anúncios de escravos fugidos quase já não se encontram canoieiros. A primeira a desaparecer é a canoa d'água. É que, em 1846, os canos da Companhia do Beberibe atingem a Boa Vista, trazendo a água pura do riacho da Prata para a caixa d'água e os três primeiros charizes do bairro. No ano seguinte, os canos chegam a Santo Antônio e a São Frei Pedro Gonçalves. Desde então, a Companhia entra no exercício exclusivo do privilégio de distribuir água à população, de acordo com o contrato feito com o Governo da província <sup>90/</sup>. Realizava-se assim a aspiração urbana d'água pura ou limpa que as canoas não haviam podido jamais atender, apesar das tentativas das Câmaras de Olinda e do Recife no sentido de coibir os abusos de ordem sanitária. Basta dizer que, em 1837, quando as canoas d'água já tinham uma história quase tricentenária, a Câmara de Olinda ainda se via na obrigação de aprovar posturas que coagissem os canoieiros a trazerem suas embarcações, caixões e tonéis "bem limpos por dentro", sendo que caixões e tonéis deviam ser escrupulosamente tampados. Também se previa a punição dos canoieiros que vendessem água salobra <sup>91/</sup>.



O Recife sempre dependera do Beberibe para seu fornecimento de água potável, e isto desde o primeiro século de colonização, pois a água das suas cacimbas era toda ela salobra: a melhor provinha de uma fonte no jardim do convento de Jerusalém, na rua do Hospício <sup>92/</sup>. No Recife, a água trazida de Olinda era vendida diretamente ao consumidor e às pretas de ganho, ou passada a tanques particulares, que a revendiam ao povo <sup>93/</sup>. A própria Câmara de Olinda, interessada, por motivos fiscais, na venda do produto, era, aliás, a primeira a reconhecer serem aquelas águas "muito impuras" devido a "plantas aquáticas, bichos e mil outras imundícies que ali [isto é, na represa do Varadouro] se corrompem" <sup>94/</sup>. Com efeito, o represamento do Beberibe, feito em fins do século XVII, provocara, mediante o alagamento dos mangues circunvizinhos, um vasto processo de decomposição orgânica incompatível com a desejada pureza da água <sup>95/</sup>. Mas não se tratava apenas de causas naturais. Era fato notório que as canoas d'água de Olinda, além de "imundas" e "encharcadas", serviam até de "banheiro àqueles que por um vintém o desejavam". Ademais, a água salgada do curso inferior do Beberibe misturava-se, por falta de cuidados, à água doce de tonéis mal fechados <sup>96/</sup>.

Supunha Pereira da Costa que, com a utilização da água do Monteiro, o habitante do Recife deixara de consumir a de Olinda desde 1833 <sup>97/</sup>. Na verdade, a água do Monteiro, apesar de mais limpa, nunca eliminou inteiramente sua concorrente. Naquele ano, a Câmara do Recife propusera a proibição da venda de água de Olinda, em benefício da do Monteiro <sup>98/</sup>. Na verdade, sob pretexto de saúde pública, ela agia sob a pressão dos aguadeiros do Monteiro, cuja truculência era bem conhecida, pois chegaram mesmo a ameaçar de morte o engenheiro Boyer, a serviço do Governo provincial, caso insistisse no seu projeto de aqueduto para abastecimento do Recife <sup>99/</sup>. O Governo, porém, não cedeu diante da manobra, pois o imposto sobre as canoas d'água constituíam uma importante fonte de receita da Câmara de Olinda, cronicamente deficitária. O fato é que a venda d'água de Olinda, embora suplantada pela concorrente, só desapareceria completamente com o funcionamento da Companhia do Beberibe. Em 1843, a Câmara de Olinda cobrava regularmente o imposto sobre as canoas; e em 1844 o contrato era arrematado por dois companheiros de Vauthier, Boulitreau e Buessard, engenheiros franceses da Repartição de Obras Públicas <sup>100/</sup>.

Ademais da concorrência da água do Monteiro, a água de Olinda teve de enfrentar o estorvo freqüente dos arrombamentos do Beberibe. Em 1838, o rio rompera o aterro contíguo a Duarte Coelho, povoado que, devido à freqüência do fenômeno, ficou finalmente conhecido por Arrombados. A cidade de Olinda ficou ela própria sem água durante pelo menos seis meses <sup>101/</sup>. A cheia de junho de 1842 causou novo arrombo entre a povoação e o Convento de Santa Teresa: um furo de 15 braças por 2 de fundo. E informava o engenheiro Milet que “despejam-se por ele as águas todas do rio, ficando seca a maior parte do pântano de Olinda. Resulta deste acontecimento que os canoeiros, que andavam a buscar água ao Varadouro para uma grande parte do consumo desta cidade [do Recife], são agora obrigados a demorar-se na camboa dita dos arrombados e de encher as suas canoas naquele lugar por meio de canecas. Para conseguirem este resultado, eles têm de escolher o momento em que a maré é bastante cheia para as canoas poderem subir as águas, não sendo ainda salobras, o que é quase impossível alcançar, de modo que as águas que eles trazem agora para o Recife, além de ser muito suja, é alguma coisa salobra. Os referidos inconvenientes — concluía o técnico francês — hão-de ser maiores ainda no momento das marés grandes, quando as águas salgadas subirem muito por dentro do pântano” <sup>102/</sup>.

A substituição, que não foi nunca completa, da água de Olinda pela água do Monteiro, esteve ligada à expansão suburbana do Recife. É de supor que os primeiros subúrbios, como o Poço da Panela, terão descoberto, em finais do século XVIII, a superioridade da água do Monteiro sobre o líquido que se obtinha nos poços dos sítios e, inclusive, no próprio poço da panela, que deu o nome ao arrabalde. Já no tempo de Koster, o Recife se abastecia no rio Capibaribe, “acima da influência da maré” <sup>103/</sup>. Até 1830, as canoas recolhiam livremente a água do riacho ou levada do Monteiro, mas naquele ano, certo Emídio de Souza Lobo Brandão, de acordo com o administrador do vínculo do engenho Monteiro, fez construir um paredão que represou a levada e sobre o qual, à maneira do Varadouro, colocaram-se bicas de metal onde as canoas vinham recolher a água. O conseqüente aumento do preço d'água, repercutindo na taxa cobrada pelos aguadeiros, deu azo a uma acerba disputa municipal. Os aguadeiros foram acusados de se mancomunarem para impor o novo preço aos consumidores e de ameaçarem os fornecedores que não se haviam solidarizado



com o aumento, mandando espancar canoeiros, "como é voz pública que sucedeu com o escravo de uma viúva moradora na rua do Rangel desta cidade, por ter essa viúva anunciado pelo Diário a venda do balde d'água a 10 réis, em sua canoa que costuma ancorar na rua da Praia" <sup>104/</sup>.

Tampouco a água do Monteiro, mesmo depois da comercialização promovida por Lobo Brandão, tinha a pureza que se queria inculcar. É certo que as bicas eram limpas e a levada, embora servisse também à moenda do engenho Monteiro, fora "encanada por um cano de pedra e cal que se acha no melhor estado de limpeza". À sua beira, porém, via-se roupa estendida a secar ou em cestos à espera de lavagem. Quanto ao açude de Apipucos, donde o riacho procedia, suas margens estavam permanentemente "coalhadas de lavadeiras, fazendo barrela, cuja imundície se comunica ao cabocó e às bicas pela dita levada", segundo se constatara durante a vistoria feita de ordem da Câmara do Recife <sup>105/</sup>. Ademais, as canoas d'água do Monteiro eram comumente utilizadas para o transporte de roupa suja e lavada. De modo que, embora superior à de Olinda do ponto-de-vista da pureza, a água do Monteiro não escapava aos abusos sanitários de que sua concorrente era acusada. Segundo Niemeyer, ela "passa por boa; porém, quer seja pelo seu depósito em açude de considerável área, quer por outro qualquer motivo, é menos pura do que a da Prata; além dessas razões, a diferença de nível é tão pouco considerável que as grandes cheias do Capibaribe assaltam o açude" <sup>106/</sup>. O fato é que em 1837 a Câmara do Recife cogitava de solicitar a médicos da cidade que examinassem as causas das erisipelas e das hidroceles, por serem poucas "as famílias que se não queixam destes flagelos, que outrora pareciam privativos do Rio de Janeiro". Havia quem as atribuísse à água do Monteiro e às torneiras de bronze por onde escorria, embora outros jogassem a culpa no "uso da potassa nos engenhos de fabricar açúcar", e ainda outros "às fábricas de refinações do mesmo açúcar, feitas nesta cidade em vasos de cobre" <sup>107/</sup>.

No Recife, parte da água trazida de Olinda ou do Monteiro era guardada em depósitos, de onde se revendia ao consumidor. Um destes "tanques" se localizava na rua do Apolo nº 30, esquina do porto das canoas, segundo o "Diário" de 21.V.1845. Outro, junto à ponte da Boa Vista, segundo se lê no "Diário" de 28.V.1831. Ainda outro, situado por detrás da ribeira do Peixe, anunciava no "Diário" de 1.III.1845, "água



da bica do Monteiro, coada em dois panos antes de entrar para o tanque, a 20 réis cada caneco, os quais são pintados de encarnado e marcados (os pertencentes ao tanque) e com a marca seguinte — Silva Cardial”. Não apenas a cidade mas também os subúrbios se haviam tornado dependentes do fornecimento de água do Monteiro. Em 21.V.1831, o “Diário” anunciava a venda de “um estabelecimento de vender água no alinhamento da rua do Caldeireiro”, o qual dispunha de “3 boas canoas e 5 escravos, situado em 100 palmos de terra”. Isto a despeito de os sítios e chácaras de arrabalde terem suas próprias cacimbas, de cuja água muitos vendiam o excedente para os moradores de casas. O sobrado grande da Madalena, que ainda hoje está de pé, podia gabar-se de um “poço de excelente água”, conforme o “Diário” de 13.VII.1830. Outro sítio da Madalena mencionava seu “muito bom poço de água de beber” no mesmo jornal de 21.X.1836. E até simples casas de subúrbio contavam com poços de “excelente água de beber”, como as casas da rua da Mangueira no Poço da Panela, que o “Diário” anunciava em 3.XII.1836.

## V

As canoas de carreira, estas tiveram sempre a concorrência do transporte terrestre nas comunicações entre o Recife e Olinda e entre o Recife e os seus subúrbios. Primeiro, a concorrência do cavalo de sela. As chácaras contavam invariavelmente com sua estrebaria, onde se podiam acomodar até seis, sete ou oito animais, como a do sítio do Poço da Panela, pertencente a um inglês, Thomas Stewart, ou a de um sobrado do Monteiro, ou a de um sítio de São José do Mangueirão, que aparecem no “Diário” de 27.V.1835, 29.X.1838 e 21.III.1840 respectivamente <sup>108/</sup>. Mesmo as simples casas de subúrbio não dispensam às vezes o “arranjo para cavalo”, de que dispunham as que o “Diário” de 20.XI.1839 anunciava no Poço da Panela; ou a pequena estrebaria, para um ou dois animais, das “moradas de casas térreas” da rua da Mangueira, também no Poço, a que o mesmo jornal se refere a 21.IX.1836, ou a das “bem conhecidas e aprazíveis casas da Capunga, à margem do Capibaribe, de propriedade do major José Carlos Teixeira”, de que se fala no número de 5.X.1840. As necessidades de espaço aumentarão consideravelmente com a generalização do uso dos coches e outros carros de tração animal. Além delas, havia o problema de higiene. A Câmara do Recife teve de proibir a presença de cavalos no centro da cida-

de, a menos que tivessem “um alojamento claro, espaçoso e ventilado para sua habitação diária e noturna”, ademais de interditar estrebarias para mais de dez cavalos, podendo este número elevar-se a cinqüenta nos subúrbios e nos lugares à beira do mar ou de rio. Por fim, se impedia cavalgar pelo centro em “animais manhosos, como os couceiros, mordedores, acuadores, desembestadores, etc” <sup>109/</sup>.

As chácaras e casas de sítio também dispõem invariavelmente de baixas de capim, como os dois sítios de São José do Manguinho, “com grandes baixas plantadas de capim”, ou o sítio na Capunga, “com uma grande planta de capim, que sustenta anual quatro cavalos e quatro vacas” e ainda dava um excedente para venda <sup>110/</sup>. Baixas de capim que podiam sustentar até 8 e 10 cavalos, como a do sítio do Monteiro, de que falava o “Diário” de 7.I.1839. Quem não morasse em chácara ou sítio tinha de contar com o fornecimento dos vendedores de capim, como o “armazém onde se vende capim na rua da Aurora, do tenente-coronel Francisco de Holanda Cavalcanti”, que anunciava no “Diário” de 20.III.1837, ou com a forragem trazida pelas canoas, muitas das quais iam buscá-la no porto do capim, a que alude o mesmo jornal, de ..... 21.X.1870. Nesta primeira metade do século XIX, o “Diário” está cheio de anúncios de venda ou roubo de animais de sela, inclusive de cavalos mansos próprios para senhoras e crianças; de venda de selins franceses e ingleses; e até da perda de esporas em estradas de subúrbio — todos a denotarem a dependência, em que se achava a população urbana e suburbana, do cavalo de sela.

Concorrendo com ele, a canoa teve mais sucesso ao longo do Beberibe, nas comunicações com Olinda, do que ao longo do Capibaribe, no tráfego dos subúrbios. Ali, até completar-se a abertura do caminho de Santo Amaro das Salinas, a canoa de carreira gozou de um quase monopólio. É que as alternativas terrestres eram particularmente incômodas. A primeira, a imediata, era o caminho pelo istmo, mas este, informava Gardner, “é raramente utilizado devido à natureza do solo, que é de areia frouxa, e à completa exposição do viajante ao sol”. A gente pobre, que ia a pé, tinha o hábito de caminhar sobre a “camada um pouco mais sólida, marchando n’água ou bem perto dela”, preferindo o lado ocidental do istmo, por não ser atingido pelas ondas <sup>111/</sup>. A outra alternativa era o caminho interior, por Belém, o qual obrigava o viajante a uma longa



volta. De modo que, no percurso do Beberibe, a canoa proporcionava sem dúvida o meio mais cômodo e mais rápido de transporte, a despeito de inconvenientes eventuais como o que sofreu Koster e um amigo, que ficaram "completamente molhados durante a viagem", e, chegando a Olinda, tiveram de caminhar à toa pelas ruas até secarem as roupas à brisa marítima <sup>112/</sup>. Deviam-se a esta posição, quase monopolística, os altos preços cobrados pelos canoeiros. Já em 1719, tendo El-Rei ordenado ao juiz-de-fora de Olinda que assistisse ali mas comparecesse também às audiências e vereações na vila do Recife, o magistrado viera representar "a despesa que faz no decurso do ano para ir em canoa ao Recife, fazer cada mês 4 audiências e 4 vereações, além de outras funções do real serviço... cuja despesa importara em mais de 50\$000 réis no dito ano". Que lhe reembolsassem as despesas ou que a Câmara do Recife pagasse os gastos de canoa <sup>113/</sup>. Em 1756, era a própria Câmara de Olinda quem vinha queixar-se ao Rei contra "o abuso dos pretos canoeiros que cobram preços exorbitantes para ir e voltar da cidade até o Recife" <sup>114/</sup>.

São as estradas de subúrbios que desferem um duro golpe no tráfego das Canoas de Carreira, especialmente ao longo do Capibaribe, ao possibilitar o uso mais intenso de carros e coches. No seu relatório de 1846, Vauthier comparava "as dificuldades que ofereciam todas as comunicações em redor desta cidade, antes de 1836 ou 37, e as facilidades que agora apresentam" <sup>115/</sup>. É em 1844 que a nova estrada entre o Recife e Olinda através de Santo Amaro das Salinas, iniciada em 1817 pelo capitão-general Luís Rego Barreto, chega finalmente a Santa Teresa, à margem direita do Beberibe em Olinda <sup>116/</sup>. A estrada de Apipucos, que serve os bairros da margem esquerda do Capibaribe, é iniciada em 1802 em São José do Manguinho mas não se adianta muito: o trecho de Ponte d'Uchoa a Paranamirim só se completa por volta de 1843 <sup>117/</sup>. Entretanto, com anterioridade a 1839, já circulavam, entre Santo Antônio e o Monteiro, as diligências do serviço de transportes suburbanos do inglês Thomas Sayle <sup>118/</sup>. A estrada de Paudalho, no seu trecho recifense ao longo da margem direita do Capibaribe, parte do largo da Madalena em 1833 mas só alcança Caxangá dez anos depois. "Foi então somente — comenta Vauthier — que pela primeira vez apareceu nesta província uma estrada regularmente construída" <sup>119/</sup>. Isto para nos atermos às estradas que acompanham de perto o curso do Beberibe, como é o caso da estrada nova de Olinda, ou do Capibaribe, como é



o caso da estrada de Apipucos e de Caxangá. Esta, por exemplo, reduziu a menos de uma hora a viagem do Recife àquele subúrbio, a qual, a cavalo, demandava quase o duplo deste tempo. A de Santo Amaro permitiu que se chegasse a Olinda “em menos de meia hora, por uma estrada firme, completamente retilínea e horizontal, quando o caminho atual [isto é, o de Belém], mais longo da metade e cheio de areia, não pode ser transitado por carros, senão com grandes dificuldades” <sup>120/</sup>.

Graças a estas estradas de subúrbio, generaliza-se, ao terminar o segundo quartel do século XIX, o uso de coches, traquitanas, seges, cabriolés e carrinhos. Em 1317, só havia 6 carruagens no Recife <sup>121/</sup>. A década de 1830 assiste, porém, à difusão desses novos veículos por uma sociedade que se queria europeizar rapidamente e para quem o recurso à rede, ao cavalo, à canoa e ao palanquim representava um arcaísmo mais penoso que os meros incômodos de viagem. É então que começam a surgir nas páginas do “Diário de Pernambuco” os anúncios de chácara ou de sítio que dispõem, não apenas de estrebaria, mas também de cocheiras, como a propriedade de Cruz das Almas, com “cocheira, e mais arranjos” e um “carro de 4 rodas com parelha”; ou o sobrado do Monteiro cuja cocheira “admite dois carros”; ou ainda o sítio de São José do Manguinho, com “boa cocheira para mais de um carro” <sup>122/</sup>. A canoa de carreira, expulsada dos percursos mais trafegados, não desapareceu completamente da paisagem recifense, refugiando-se nas “passagens” de rio e nas áreas suburbanas pior servidas de transportes terrestres ou menos acessíveis a estes. Ainda em 1855, a capitania dos portos de Pernambuco registava nada menos de 195 canoas de carreira, das quais a grande maioria navegava pelos rios da capital; em 1857, esse número havia declinado para 180 <sup>123/</sup>.

A canoa de condução é a que resiste melhor às transformações por que passa a civilização material do Recife; é, assim, a última a desaparecer dos seus percursos fluviais. Em 1858, 392 dessas canoas ainda navegavam pelos rios da marinha pernambucana <sup>124/</sup>. Dava-lhes esta espécie de sobrevida a barateza dos custos do transporte fluvial, especialmente de material pesado, como é o de construção. A esta vantagem natural, vinha-se juntar o péssimo estado de muitos caminhos suburbanos. Ainda em 1855, o engenheiro José Mamede Alves Ferreira descrevia a estrada de Apipucos, “uma estrada que

passa pelos mais formosos arrabaldes desta capital, que é freqüentada de dia e de noite por uma imensidade de carros e cavalos, que é aquela que primeiro se oferece aos olhos do estrangeiro que aqui chega e quer percorrer os risonhos sítios que bordam as margens do Capibaribe" — como "um caminho tortuoso, irregular, erizado de barrancos e cheio de areias atoladiças que tornam o seu trâmite difícil, aborrecido e até danoso ao público" <sup>125/</sup>. Mas a canoa de condução sofre a concorrência da barcaça, de maior capacidade de carga. É certo que a barcaça se tinha de limitar aos rios, não podendo, muitas vezes, como a canoa, penetrar as camboas e canais. Sobre estas, caí, porém, o golpe fatal dos fechamentos e tapagens. A cidade havia crescido em grande parte através dos rios, por onde as Canoas transportavam a areia do istmo ou das coroas fluviais, a pedra roubada ao arrecife ou trazida de Fernando de Noronha, o tijolo e a telha cozinhados nas olarias ribeirinhas. Foi em função das facilidades que proporcionava o transporte fluvial, que a cidade se espalhou por toda a várzea do Capibaribe; e ao fazê-lo, modificou radicalmente a distribuição espacial da terra e da água. A canoa trouxe o entulho com que fazer o aterro; e este a expulsou da paisagem urbana e suburbana.

Em 1849, o engenheiro Lieutier clamava contra o fechamento das camboas e braços de rio. Não era apenas a questão estética de se destruir "uma das grandes belezas de Pernambuco". Era, sobretudo, o inconveniente prático de se entorpecer "o engrandecimento desta bela cidade, aumentando o custo das obras". E exemplificava com a camboa de Santo Amaro, cuja tapagem tirava "aos proprietários dos terrenos do lado oeste da estrada as regalias que oferece o braço de um rio para a condução dos materiais para os aterros e edificações". Segundo Lieutier, era substancial a diferença de custos entre o transporte fluvial e o terrestre: "uma braça cúbica de aterro conduzida por canoas somente importa ao mais cinco mil réis; se for, porém, [o interessado] obrigado a empregar carros, a braça importará em oito ou dez mil réis, e mais ainda, conforme a distância ao ponto de embarque, e assim na mesma proporção para os outros materiais" <sup>126/</sup>. Seus argumentos, contudo, não conseguiram aparentemente convencer a administração provincial, impotente talvez para salvar as camboas, mesmo se estivesse de acordo com Lieutier. Que se registre o gesto isolado e inútil: em 1875, o presidente da província, Henrique Pereira de Lucena, opôs-se ao fechamento do canal



do Riachuelo, que desembocava no Capibaribe através da rua do mesmo nome, por ser de "alguma utilidade, dando lugar ao transporte por água para toda a rua" <sup>127</sup>.

## NOTAS

- 1/ Diário de Pernambuco, 4.I.1839.
- 2/ Bainbridge Cowell Jr., "Cityward Migration in the Nineteenth Century: the case of Recife, Brazil", *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, XVII (1975), p. 47. Para o crescimento demográfico do Recife na primeira metade do século XIX em suas conexões com o desenvolvimento econômico da província, vd. Paul Singer, *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*, S. Paulo 1974, pp. 290-1.
- 3/ Para a história da arrabaldização dos antigos engenhos vd. F. A. Pereira da Costa, "Os Arredores do Recife", *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, doravante citada como RIAP, XXV (1923), pp. 10-150; e também *Anais Pernambucanos*, 10 vols. Recife 1951-1966, passim. Para o loteamento dos sítios, vd. J. A. Gonsalves de Mello, *Capela de Nossa Senhora da Conceição da Jaqueira*, Recife 1959, pp. 5-9.
- 4/ Lewis Mumford, *The City in History*, New York 1961, p. 483.
- 5/ Para o processo de urbanização da ilha de Antônio Vaz durante o período holandês, vd. J. A. Gonsalves de Mello, *Tempo dos Flamengos*, Rio 1947, pp. 54 e segs.
- 6/ "Idéia da População da Capitania de Pernambuco e das suas anexas", *Anais da Biblioteca Nacional XI* (1923), p. 33. Para as origens do Poço da Panela, vd. Salvador Henrique de Albuquerque, "Memória sobre a fundação do Poço da Panela e da igreja que lhe serve de matriz". RIAP III (1869-1870), n.º 26, pp. 121-37. Para resumo, Sebastião de Vasconcelos Galvão, *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, P, Rio 1910, pp. 392-4.
- 7/ Pereira da Costa, *Anais Pernambucanos*, cit., IX, p. 507.
- 8/ Maria Graham, *Diário de uma Viagem ao Brasil*, trad., S. Paulo 1956, p. 141.
- 9/ Henry Koster, *Travels in Brazil*, Londres 1816, p. 189.
- 10/ Victor Fournié a Henrique Pereira de Lucena, 17.IV.1874, *Obras Públicas*, 1874, Arquivo Público de Pernambuco, doravante citado como APP. A impressão de longa distância, que dava a quem o percorria o trecho entre Apipucos e Caxangá, ficou gravada na expressão Volta do Mundo, com que ainda hoje é designado.
- 11/ Para a situação completamente rural de Apipucos, vd. a bela fotografia de Stahl, de 1858, reproduzida por Gilberto Ferrez, *Velhas Fo-*



- tografias Pernambucanas, 1841-1900, Recife s/d. Para Caxangá, vd. o capítulo que um padre italiano, Donato Barruco, dedicou-lhe, sob o título "Rimembranze di Calxangá" no seu livro *Dodici Anni di Residenza nel Brasile*, Bolonha 1903.
- 12/ Charles Waterton, *Wanderings in South America*, Londres 1973, p. 57.
  - 13/ L.-F. de Tollenare, *Notes Dominicales*, Paris 1971-1973, II, pp. 467-8.
  - 14/ "Diário íntimo do Engenheiro Vauthier" in Gilberto Freyre, *Um Engenheiro Francês no Brasil*, 2a. ed., Rio 1959, II, pp. 562 e 563.
  - 15/ Georges Gardner, *Travels in the Interior of Brazil*, Londres 1846, p. 90.
  - 16/ Gilberto Freyre, *Ingleses no Brasil*, Rio 1948, passim; Lewis Mumford, op. cit., p. 489.
  - 17/ Tollenare, op. cit., II, p. 467.
  - 18/ Diário de Pernambuco, 26.I.1854, 5.I.1856, 30.I.1858 e 4.III.1859.
  - 19/ "A Carteira", Diário de Pernambuco, 8.II.1858.
  - 20/ *Documentos do Arquivo*, I, Recife 1941, pp. 76 e 78.
  - 21/ Gardner, op. cit., p. 90.
  - 22/ Koster, op. cit., p. 12. No mesmo sentido, Tollenare, op. cit., II, p. 522.
  - 23/ *Ibid.*, p. 468.
  - 24/ Diário de Pernambuco, 20.II.1847.
  - 25/ *Ibid.*, 4.I.1830.
  - 26/ Vd. a reprodução da planta em RIAP, XIII (1908), nº 74. Para os desenhos de Post, vd. Joaquim de Sousa-Leão filho, *Frans Post, 1612-1680*, Amsterdam-Rio 1973, desenhos nº 35, 42, 43 e 63.
  - 27/ Salvador Henrique de Albuquerque, op. cit.
  - 28/ Vd. a respeito Antônio Alves Câmara, *Ensaio sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil*, 2ª ed., São Paulo 1937, pp. 54-144, cuja primeira edição é de 1888.
  - 29/ *Viagens do Engenheiro Dombre ao interior da provincia de Pernambuco em 1874 e 1875*, Recife 1893, p. 57.
  - 30/ Câmara de Olinda ao Conselho do Governo de Pernambuco, 4.II.1824, Câmaras Municipais, 1825, APP; Conrado Jacob de Niemeyer, *Memória hidrográfica sobre a represa do rio Beberibe para servir aos projetos de encanamento e navegação do dito rio*, Recife, 1823, p. 6.

- 31/ Koster, op. cit., p. 27.
- 32/ Tollenare, op. cit., II, p. 331. Tollenare registrou ainda a respeito do Beberibe: "este canal ou rio não admite qualquer embarcação com mais de 6 a 7 polegadas de calado, e na baixamar é impraticável", p. 332. Mas logo se retifica em nota de pé-de-página: "As chalupas dos navios podem subir até Olinda para obter água quando as marés são altas. Creio que as marés atingem aí a 3 pés. Assim me enganava ao dizer que o Beberibe só admite embarcações de 6 a 7 polegadas", p. 332, nota a. A retificação deve ser tomada com cautela: Luiz dos Santos Vilhena nos últimos anos do século XVIII informa que a água dos navios surtos no porto era trazida também pelas canoas. Em 1708, Sebastião de Castro Caldas também só se refere à navegação do rio por canoas e assim mesmo "com marés". Vd. a respeito Gilberto Osório Andrade, **Montebelo, os Males e os Mascates**, Recife 1969, pp. 134-5 e 138.
- 33/ Koster, op. cit., p. 14; J. M. Figueira de Melo, **Ensaio sobre a Estatística Civil e Política da Província de Pernambuco**, Recife 1852, p. 9.
- 34/ Daniel P. Kidder, **Reminiscências de Viagem e Permanência no Brasil (provincias do Norte)**, trad., S. Paulo 1972, p. 96.
- 35/ *Ibid.*, p. 100.
- 36/ Gardner, op. cit., p. 102.
- 37/ "Diário íntimo do Engenheiro Vauthier", cit., p. 639. As dimensões médias das canoas usadas nas monções do Cuiabá eram de 12,00 às vezes 13,00 m. de comprimento por 1,50 m. de boca: Sérgio Buarque de Holanda, **Monções**, Rio 1945, p. 39.
- 38/ **Relatório apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo ministro e secretário de Estado dos Negócios da Marinha, José Maria da Silva Paranhos**, Rio 1855, quadro I.
- 39/ Kidder, op. cit., p. 96.
- 40/ Assim na "Vista da rua da Aurora tomada da praça do Teatro", litografia de A. Besson in Gilberto Ferrez, **Iconografia do Recife, século XIX**, Recife 1954, nº 110.
- 41/ Canoa de voga ou bordada, esclarece Alves Câmara, é a que dispõe de "um suplemento de madeira em toda a borda de ré avante para torná-la mais alta e poder ser movida a remos", op. cit., p. 247.
- 42/ Câmara de Olinda a Figueiredo Camargo, 26.VIII.1837, Câmaras Municipais, 1837, APP.
- 43/ Vereação de 9.IX.1815, Livro das Vereações da Câmara do Recife, 1806-1817, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

- 44/ Koster, op. cit., p. 300. O pau-amarelo e o oiti eram reputadas "as duas melhores madeiras de construção naval no norte do Brasil", segundo Gardner, op. cit., p. 137.
- 45/ "Idéia da População da Capitania de Pernambuco e de suas anexas", cit., p. 55.
- 46/ Antônio Morais Silva, **Dicionário da Língua Portuguesa**, 2 vols., Lisboa 1789, voz *cavilha*.
- 47/ Gardner, op. cit., p. 118
- 48/ Diário de Pernambuco, 8.XI.1837 e 21.V.1848.
- 49/ Ibid., 8.IV. e 11.VI.1829; e 20.V.1835.
- 50/ Ibid.
- 51/ "Diário Intimo do Engenheiro Vauthier", cit., p. 603.
- 52/ Conrado Jacob de Niemeyer e Pedro d'Alcântara Belegarde, **Encanamento de Águas Potáveis para a Cidade do Recife de Pernambuco**, Rio, 1841, p. 3. Barril significava aqui "vaso de barro de grande bojo e gargalo pequeno, em que se leva água de beber" (Morais Silva).
- 53/ Gilberto Ferrez, **Iconografia do Recife, século XIX**, cit. nº 17.
- 54/ Diário de Pernambuco, 3.X.1829, 20.V.1835. 29.X.1838, 21.III.1840 e 3.I.1860.
- 55/ Kidder, op. cit., p. 96.
- 56/ Koster, op. cit., p. 423.
- 57/ Tollenare, op. cit., III, pl. XIV.
- 58/ Diário de Pernambuco, 28.I e 25.VIII.1829; e 19.IV.1836.
- 59/ Ibid., 8.IV. e 24.VI.1829.
- 60/ F. A. Pereira da Costa, "Vocabulário Pernambucano", RIAP, XXXIV (1936), p. 182.
- 61/ Kidder, op. cit., pp. 96-7.
- 62/ Vd., por exemplo, Diário de Pernambuco, 21.IV.1831, 19.II.1834, 22.I.1835, 3.XII.1838 e 18.VIII.1842.
- 63/ Ibid., 8.I.1840.
- 64/ Ibid., 5.VI.1850.
- 65/ Ibid., 17.XI.1835.



- 66/ Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos*, 3ª ed., Rio 1961, I, p. 30 e segs.
- 67/ Koster, op. cit., pp. 25-6.
- 68/ Pereira da Costa, *Anais Pernambucanos*, cit., II, p. 172. O desaparecimento do primitivo porto das canoas acompanhou de perto o declínio do transporte fluvial no Recife. Em 1853, cogitou-se, ao que parece pela primeira vez, da remoção da capela e do telheiro, que se erguiam numa primeira praça contígua ao porto. Alegava a Câmara ser necessário "dar saída" à rua do Apolo e "maior facilidade" ao trânsito das "novas ruas que se estão edificando". Ao Presidente da província, que era então Francisco do Rego Barros, o assunto não pareceu particularmente urgente: Câmara do Recife a Francisco do Rego Barros, 6.XII.1838, Câmaras Municipais, 1838, APP; e vereações de 19.XI.1838 e 24.I.1839, Livro das Vereações da Câmara do Recife, 1838-1844, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Em 1843, o assunto volta à tona e em conexão não apenas com a remoção da capela e do telheiro mas também com a transferência do porto das canoas. São os próprios representantes da confraria de canoeiros que sugerem "ser mais conveniente e cômodo que aquele porto fosse transferido do lugar em que se acha", por se ter reduzido o espaço de que as canoas dispunham para varar, devido às edificações que surgiam na área. Propunham que a transferência fosse feita para local a montante do rio Beberibe, isto é, para as extremas da travessa do Arsenal da Marinha, atual rua do Observatório, onde "podem as ditas canoas transitar livremente". A Câmara também tinha interesse na remoção, com vistas ao "aperfeiçoamento da rua da Senzala Nova e aformoseamento da praça contígua ao porto de embarque". Segundo dizia, os proprietários estavam dispostos a ceder "o direito de posse em favor da Municipalidade, exigindo unicamente que a transferência seja à custa de seus cofres". O Presidente da província autorizou a remoção: vereação de 17.III.1843, Livro das Vereações, cit.; Câmara do Recife a Francisco do Rego Barros, 31.V.1843, Câmaras Municipais, 1844, APP. A despeito da autorização, nada se havia feito em junho de 1844, quando a Câmara insiste sobre o assunto: Câmara do Recife a Marcelino de Brito, 26.VI.1844, Câmaras Municipais, 1844, APP. A Câmara, a pedido do Presidente da província, designava um dos vereadores para proceder, com o engenheiro da municipalidade, à escolha do "lugar mais apropriado para onde ia ser removido o referido telheiro e capela": vereação 8.VIII.1844, "Atas da Câmara Municipal do Recife", Arquivos, (1942), p. 18. O Presidente Garcia de Almeida deu ordens ao Inspetor do Arsenal da Marinha para que se efetuasse a transferência: Garcia de Almeida à Câmara do Recife, 17.II.1845, *Ofícios da Presidência da Província, 1843-1845*, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Por motivos que os documentos não revelam, tampouco desta vez realizou-se a remoção, o que só ocorreria em 1851, devido ao início das obras do cais do Apolo. O novo porto das canoas foi efetivamente transferido para a altura da travessa do Arsenal da Marinha, mas a velha capela não o acompanhou, sendo reconstruída nas proximidades do seu primitivo sítio, segundo indica um documento que me comunicou amavelmente o historiador J.A. Gonsalves de Mello. O capataz do porto das canoas havia originalmente sugerido fosse ela edificada

"no terreno existente no fundo de sua propriedade, que faz frente para a rua do Apolo"; mas mudou de idéia, solicitando fosse reconstruída "no terreno que fica no fundo de outra sua propriedade, com frente para a travessa do mesmo antigo porto das canoas": Câmara do Recife a Souza Ramos, 25.XI.1850, Câmaras Municipais, 1850, APP. É esta a capela demolida em 1912, quando das obras de melhoramento do porto do Recife: Pereira da Costa, "Vocabulário Pernambucano", cit., p. 182, e que se encontra representada numa pintura sobre folha de flandres, existente no Museu do Estado, e reproduzida neste artigo. A capela, com a data de sua construção (1851), era conhecida por Santa Cruz dos Canoeiros, ao passo que sua antecessora tivera por orago Nossa Senhora da Conceição. Em 1852, estava em execução a obra de construção do cais e rampa do novo porto das canoas, como também a do cais do Apolo: **Relatório com que fez entrega da administração provincial o Exmo. Sr. Vitor de Oliveira ao Exmo. Sr. Francisco Antônio Ribeiro, Recife 1852**, pp. 18-9. Posteriormente, a ampliação do cais, originalmente limitado ao trecho entre a atual Avenida Rio Branco e a travessa do Bom Jesus, engoliria também o novo porto das canoas, ao estender-se à área que vai até à travessa dos Guararapes.

- 69/ Câmara do Recife a Silva Ferrão, 15.V.1828, Câmaras Municipais, 1825-1828, APP.
- 70/ Câmara do Recife a Francisco do Rego Barros, 3.VI.1839, Câmaras Municipais, 1839, APP. A expressão "Carmo Velho" denota o local em que Nassau erguera o paço da Boa Vista, que, cedido à Ordem do Carmo após a expulsão dos holandeses, foi demolido quando da construção do Convento em fins do século XVII. Este foi edificado mais a leste do antigo paço nassoviano. Vd. a respeito J. A. Gonsalves de Mello, **Antônio Fernandes de Matos, 1671-1701, Recife 1957**, p. 27.
- 71/ Para a litografia em apreço, Gilberto Ferrez, **Velhas Fotografias Pernambucanas (1841-1900)**, cit.
- 72/ Vd. nota 70. A ribeira do Capibaribe no trecho atualmente compreendido pela rua do Sol também foi utilizado como porto de canoas: aí localizava-se o porto do Serpa. Segundo Pereira da Costa, existia aí em 1828 um estaleiro de canoas "por detrás das casas da rua Nova, da banda do norte": **Anais Pernambucanos, IX**, p. 497.
- 73/ As referências aos portos e à sua localização em Pereira da Costa, **Anais Pernambucanos, III**, p. 513; **V**, p. 219; **IX**, pp. 439 e 497; e no "Diário de Pernambuco" da primeira metade do século XIX.
- 74/ Diário de Pernambuco, 8.II.1858.
- 75/ José Mamede Alves Ferreira a José Bento da Cunha e Figueiredo, 29.XI.1853, Obras Públicas, 1853, APP.
- 76/ "Orçamento de um lanço de cais... na rua do Capibaribe por detrás do aterro da Boa Vista", 20.VIII.1853, Obras Públicas, 1853, APP.





Pintura representando a Capela dos Canoeiros, 1851-1912. Museu do Estado de Pernambuco.



- 77/ Câmara de Olinda a Figueiredo Camargo, 25.III e 16.IV.1837; João Gonçalves da Silva a Figueiredo Camargo, 14.III.1837, Câmaras Municipais, 1837, APP.
- 78/ Kidder, cit., p. 80.
- 79/ Gilberto Perrez, *Iconografia do Recife, século XIX*, cit., nº 51. Para John Loudon, vd. J. A. Gonsalves de Mello, *Ingleses em Pernambuco*, Recife 1972, pp. 46-7. Nessa casa de subúrbio, veraneou Georges Gardner em 1837-1838.
- 80/ Tadeu Rocha, *Roteiros do Recife*, 2ª ed., s/d., p. 32.
- 81/ L.L. Vauthier, *Relatório do engenheiro em chefe da província de Pernambuco*, Recife 1849, pp. 33.
- 82/ Vereação de 30.V.1840, Livro das Vereações da Câmara do Recife, 1838-1844, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.
- 83/ José Mamede Alves Ferreira a José Bento da Cunha e Figueiredo, 27.IX.1854, Registro da correspondência para a Presidência, 1854, APP.
- 84/ Vereação de 9.III.1840, Livro das Vereações da Câmara do Recife, 1838-1844, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.
- 85/ L.L. Vauthier a Francisco do Rego Barros, 9.V.1843, Obras Públicas, 1843, APP; e Câmara de Olinda a Rego Barros, 24.V.1843, Câmaras Municipais, 1842-1843, APP.
- 86/ Diário de Pernambuco, 31.VII.1836.
- 87/ Vereação de 19.V.1781, Livro das Vereações da Câmara do Recife, 1761-1784, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.
- 88/ Vauthier, cit., p. 33.
- 89/ Diário de Pernambuco, 8.II.1858.
- 90/ *O Progresso* (ed. Amaro Quintas), Recife 1950, p. 75; *Relatório que à Assembléia Legislativa Provincial apresentou na sessão ordinária de 1848 o Excmo. Presidente da mesma província, Vicente Pires da Mota*, Recife 1848, p. 7.
- 91/ Câmara de Olinda a Figueiredo Camargo, 26.VIII.1837, Câmaras Municipais, 1837, APP.
- 92/ Maria Graham, cit., p. 139.
- 93/ Niemeyer e Bellegarde, cit., p. 3.
- 94/ Câmara de Olinda ao Conselho do Governo de Pernambuco, ..... 4.II.1824, Câmaras Municipais, 1824-1825, APP.

- 95/ Gilberto Osório de Andrade, cit., p. 146.
- 96/ Representação dos aguadeiros do Monteiro à Câmara do Recife, 18.VIII.1830, Câmaras Municipais, 1830, APP; Niemeyer e Bellegarde, cit., p. 4.
- 97/ Pereira da Costa, *Anais Pernambucanos*, VIII, p. 496.
- 98/ Câmara do Recife a Manoel Zeferino dos Santos, 17.IX.1833, Câmaras Municipais, 1833, I, APP.
- 99/ "Diário Intimo do Engenheiro Vauthier", cit., p. 567.
- 100/ Câmara de Olinda a Francisco do Rego Barros, 17.XI.1843, Câmaras Municipais, 1842-1843, APP; e Câmara de Olinda a Garcia de Almeida, 31.X.1844, Câmaras Municipais, 1844, APP. A represa do Varadouro e as bicas só foram demolidas em 1856, Pereira da Costa, *Anais Pernambucanos*, IV, p. 373.
- 101/ Câmara de Olinda a Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, 26.VI. e 30.VIII.1838; e Câmara de Olinda a Francisco do Rego Barros, 17.XII.1838, todos em Câmaras Municipais, 1838, APP.
- 102/ "Tapamento do arrombado de Santa Teresa", 27.VI.1842, Obras Públicas, 1842, APP.
- 103/ Koster, cit., p. 8.
- 104/ Para a disputa em torno do aumento do preço da água, vd. Câmara do Recife a Pinheiro de Vasconcelos, 11.IX.1830, Câmaras Municipais, 1830, APP. Vd. também o anúncio publicado por Emídio de Souza Lobo Brandão no "Diário de Pernambuco" de 6.III.1830.
- 105/ Auto de vistoria anexo à Câmara do Recife a Pinheiro de Vasconcelos, 11.IX.1830, Câmaras Municipais, 1830, APP.
- 106/ Niemeyer e Bellegarde, cit., p. 11.
- 107/ Vereação de 25.VIII.1837, Livro das Vereações da Câmara do Recife, 1833-1838, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.
- 108/ Para Thomas Stewart, vd. J. A. Gonsalves de Mello, *Inglezes em Pernambuco*, cit., pp. 17.
- 109/ Diário de Pernambuco, 8.I.1855.
- 110/ *Ibid.*, 4.V.1829, 13.II.1835 e 27.VI.1854.
- 111/ Gardner, cit., p. 84.
- 112/ Koster, cit., p. 27. Não se queixaram, porém, da viagem em canoa até Olinda outros viajantes, como Kidder e, sobretudo, como o ilustre Charles Darwin, que não achou nada de bom que dizer de Pernambuco: vd. *The Voyage of the "Beagle"*, Londres 1959, p. 478.

- 113/ **Documentos Históricos**, XCIX, Rio 1953, p. 77.
- 114/ Flávio Guerra, **Alguns Documentos de Arquivos Portugueses de Interesse para a História de Pernambuco**, Recife 1969, p. 140.
- 115/ **Relatório do Engenheiro em Chefe da província de Pernambuco em setembro de 1846**, Recife 1846.
- 116/ Pereira da Costa, **Anais Pernambucanos**, VII, p. 561. Mas o trecho final, de Santa Teresa ao Varadouro, só se completa em 1854.
- 117/ *Ibid.*, VI, p. 237; VII, p. 104.
- 118/ Gonsalves de Mello, **Inglezes em Pernambuco**, cit., p. 47. Segundo Pereira da Costa, Sayle teria estabelecido linhas para Olinda, Apipucos, Caxangá e Jaboatão, **Anais Pernambucanos**, VI, p. 454.
- 119/ **Relatório do Engenheiro em Chefe da província de Pernambuco**, Recife, 1843.
- 120/ **Relatório do Engenheiro em Chefe da província de Pernambuco em Setembro de 1846**, cit.
- 121/ Pereira da Costa, **Anais Pernambucanos**, VI, p. 452.
- 122/ **Diário de Pernambuco**, 19.X.1837, 11.IX.1839 e 27.I.1840.
- 123/ **Relatório apresentado à Assembléia Geral Legislativa pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha**, Rio 1855 e 1857.
- 124/ *Ibid.*, Rio 1858.
- 125/ **Relatório apresentado ao Exmo. Presidente da província de Pernambuco pelo Engenheiro Diretor das Obras Públicas**, Recife 1855.
- 126/ J.L. Victor Lieutier ao Administrador Geral das Obras Públicas, 29.VII.1849, **Obras Públicas**, 1849, APP.
- 127/ **Fala com que o Exmo. Sr. Desembargador Henrique Pereira de Lucena abriu a Assembléia Legislativa Provincial de Pernambuco**, Recife 1875, p. 83.





## O Noviciado Franciscano de Igarauçu

*FREI VENANCIO WILLEKE, OFM*

Entre os conventos franciscanos de Pernambuco, figura o de Igarauçu como um dos que menos se projetaram. Justamente por isso serviu de noviciado, durante quase dois séculos, representando para a Província de Santo Antônio uma das casas de formação mais importantes. Pois, em Igarauçu, centenas de jovens brasileiros e portugueses eram introduzidos na vida monástica, alicerçando a sua carreira eclesiástica, seja como futuros missionários dos índios, seja como esteios da disciplina regular.

O primeiro cronista a tratar do convento de Igarauçu foi Frei Manuel da Ilha que em 1621 resumiu, em poucas frases, o histórico desta fundação. Em 1588, tendo voltado da Bahia o custódio Frei Melchior de Santa Catarina (1): "os vereadores e habitantes de Igarauçu, que dista cinco léguas de Pernambuco, pediram-lhe religiosos e ofereceram-lhe lugar para a construção do convento. Foi pessoalmente examinar a vila na qual deixou imediatamente religiosos para cuidarem da construção, que foi levantada, graças às esmolas oferecidas pelos moradores com generosidade e amor".

Segundo Jaboatão (2) foi este o terceiro convento franciscano do Brasil tendo como superior fundador Frei Antônio do Campo Maior o qual tratou logo de juntar o material necessário para a construção. Em poucos anos, se concluíram as obras da nova casa conforme a pobreza seráfica, visto que não passava de moradia provisória feita de taipa.

Durante a sua segunda gestão de 1592 a 1594, Frei Antônio reuniu o material para construir o convento definitivo,

também de dimensões modestas conforme provam os painéis que dele pintou Frans Post. Daqui em diante, diz Jaboatão (3) "não achamos coisa digna de memória". Nem os nomes dos superiores desta época até 1632 constam, no cartório do convento.

Os franciscanos de Igarauçu não se limitaram às obras de construção, mas ao mesmo tempo cuidaram da catequese entre os índios de Itapissuma, Itamaracá e Pontas de Pedra, prosseguindo na evangelização até 1619, quando o prelado Antônio Teixeira Cabral entregou todas as missões ao clero secular (4).

Quando da tomada de Igarauçu pelos holandeses a 1º de maio de 1632, os franciscanos tiveram toda a facilidade de fugir pela porta do carro de baixo, que no tempo de Jaboatão ainda existia à margem do rio, onde o convento sempre tinha mais de uma canoa. Em 1639, foram presos os ex-missionários do Maranhão Frei Junípero de São Paulo e seu superior Frei João da Cruz, o primeiro por ter levado correspondência para o custódio então residente na Bahia e por ter trazido cartas de lá, o segundo por ter mandado o irmão sem passaportes. Condenados a forca, embora provassem que não se tratava de espionagem ou traição; pois a correspondência levada e trazida destinava-se unicamente a religiosos, o conde de Nassau, João Maurício comutou-lhes a pena em degredo (5).

#### NOVICIADO FRANCISCANO

Em 1585, ano da chegada dos primeiros franciscanos a Pernambuco, abriu-se o noviciado no convento de N. Sra. das Neves de Olinda, figurando como primogênito da custódia o irmão Frei Gaspar de Santo Antônio, ex-militar português, que em 1635 faleceu no convento de Sto. Antônio de Ipojuca. Frei Bernardino das Neves e seu irmão Frei Manuel da Piedade estrearam como noviços pernambucanos e candidatos ao sacerdotício.

Em 1596, no mesmo convento olindense, começou o curso de filosofia e teologia. Foi quando surgiram dúvidas sobre a conveniência de prosseguir também o noviciado na mesma casa, visto que este reclamava todo o rigor e disciplina. Mas afinal optou-se pela reunião de ambos (6).



Parece que após a expulsão dos batavos, os noviços passaram para o convento de Sto. Antônio em Igarauçu, afirmando Jaboatão que isso se deu em 1661 (7). Não constam porém os mestres de noviços, senão somente Frei José de Sto. Antônio, em 1700, quando também os conventos de Olinda, Ipojuca, Sergipe do Conde e Paraguassu foram provisoriamente destinados a noviciados.

A partir de 1709, figuram apenas os conventos de Igarauçu e Paraguassu-BA, como casas de noviciados, insistindo o capítulo provincial de 1723 que os noviços baianos tomem o hábito seráfico em Igarauçu e os pernambucanos em Paraguassu, segundo mandavam os estatutos da Província de Sto. Antônio (8). Assim se explica por que Frei Jaboatão passou o noviciado em Paraguassu e fez os estudos superiores em Salvador; pois o rigor daqueles idos visava à completa separação dos jovens religiosos dos seus parentes.

O noviciado prescrito para todas Ordens religiosas dura um ano e um dia, prazo destinado para introdução dos jovens na vida claustral. Entre as condições para a admissão de candidatos à Ordem figuravam os devidos conhecimentos do latim e a limpeza de sangue, sendo recusados os descendentes de judeus, os de cor e até os mestiços. Outrossim na admissão de noviços não se podia superar o número dos frades que faltavam para completar o *numerus clausus* permitido pelo governo colonial.

Durante todo o ano de provação, os noviços não podiam sair do convento. Os estatutos da província prescreviam que neste convento que também se chamava noviciado fossem destacados tão somente frades exemplares, tanto superiores como súditos que servissem de modelo aos jovens. Para mestres de noviços deviam escolher-se de preferência religiosos que já haviam sido guardiães. A vestição, instrução e profissão realizavam-se na sala do capítulo.

Para poder professar, o noviço devia ser aprovado pela comunidade monástica. Em vésperas da profissão, prestava o exame de doutrina cristão e dos preceitos da regra seráfica e em caso de aprovação, renunciava aos bens terrestres (9).

Ao ensejo da profissão, o jovem religioso substituiu o nome de família por algum mistério do calendário litúrgico.

por exemplo Ressurreição, Ascensão, Purificação etc. ou pelo nome de algum santo.

#### MESTRES DE NOVIÇOS EM IGARAÇU

Durante o primeiro século de noviciado em Igarauçu, constam apenas dois mestres de noviços a saber Frei José de Santo Antônio, em 1700, e Frei Antônio de Santa Maria Jaboa-tão, de 1727 a 1730 (10). Uma lista mais completa aparece a partir de 1777, reaberto o noviciado após a interdição de 15 anos (11).

1777 Frei Manuel de S. Teresa Miranda

1780 Frei João da Vitória

1783 Frei Felix da Assunção

1787 Frei José de Jesus Maria Monteiro

1789 Frei Félix da Assunção

1795 Frei Antônio de S. Isabel Campos

1796 Frei João do Espírito Santo, Presidente (12)

1801 Frei João de S. Rosa Maria, pernambucano (13)

1805 Frei Francisco de S. José Sales, baiano

1808 Frei Manuel de S. José Leonissa, Presidente, por-  
tuguês

1810 Frei Custódio de S. Rosa, Presidente, português

1811 Frei Joaquim de S. Escolástica, pernambucano

1814 Frei José Maria da Conceição, Presidente, pernambucano

1817 Frei Manuel da Ascensão, Presidente

1819 Frei Manuel da Conceição de Maria, Presidente

1820 Frei Antônio da Sacra Família, Presidente, pernambucano

1824 Não houve noviços

1841 Frei João Batista do Espírito Santo, Presidente (14)

1844 Frei João de Santa Delfina, Presidente (15)

O mestre que desempenhasse bem o cargo, facilmente podia obter promoções, como de fato vários figuraram em seguida como guardiães, definidores, procuradores gerais e custódios. Frei Jaboatão ocupou as guardianias da Paraíba e do Recife, sendo em seguida eleito definidor provincial e cronista (16).

#### NOVICIADOS AMEAÇADOS

As Ordens religiosas do Brasil colonial nunca tiveram plena liberdade de expansão. A Província de Santo Antônio ficou limitada a treze conventos, no vasto território entre a Bahia e a Paraíba, enquanto o número dos religiosos foi restringido a 230 professos, quando da ereção da província, em 1657 (17).

Como porém aumentassem os compromissões na catequese dos índios, nas missões volantes e em toda a pastoral, os provinciais aceitaram aos poucos cada vez mais noviços, chegando em 1739 a 419 professos. Denunciado de haver 700 religiosos na província, o provincial Frei Manuel da Ressurreição, além de refutar a acusação exagerada, justifica o acréscimo de professos com o acúmulo de serviço religioso, lamentando que na elaboração dos estatutos em 1705, não se tenha contemplado as necessidades da província.

Em 2 de julho de 1739, Frei Manuel expõe que ao lado de 249 frades brasileiros contam-se 170 lusitanos, sendo os cargos superiores distribuídos, segundo pede a justiça; pois, entre os cinco últimos provinciais houve três portugueses e dois brasileiros.

Visto que o governo insistisse em limitar o número dos religiosos a 200, o provincial demonstra minuciosamente que destarte não se podem cumprir os múltiplos compromissos da



província; pois, cada um dos conventos menores reclama ao menos 25 professores, ao passo que as casas maiores precisam de 50 religiosos (18).

D. João V que assumira o protectorado sobre a Província de Santo Antônio concedeu a esta 400 professores, aos 25 de maio de 1740. Prestando a província assistência a treze aldeias de índios, cujos missionários não entravam na conta legal, a soma elevou-se a 470 professores. Parecia pois que o noviciado de Igarauçu podia contar com o futuro tranqüilo. Mas em 1763, o marquês de Pombal suspendeu todos os noviciados do Brasil baixando o número dos professores a 305, até o ano de 1777.

Em 1778, houve permissão para a admissão de 50 noviços (19). Mas aos 22 de abril de 1779, o governo revogou para o futuro a licença dada em 1778. O visitador geral Frei Domingos da Purificação estava em Olinda quando a 31 de outubro de 1779 recebeu o decreto proibitivo. Como em Igarauçu ainda não constasse a nova suspensão do noviciado, três candidatos já aprovados seguiram para lá. O visitador porém cancelou a admissão, comunicando ao governo que em Paraguassu havia 12 noviços e em Igarauçu 14 legalmente admitidos.

As informações do visitador são completadas pelo franciscano baiano Frei Manuel do Monte do Carmo Lobato, pois, este protestou contra a desproporção entre noviços portugueses a saber 24 e os dois brasileiros (20). Mas com o total de 50 admissões concedidas em 1778, os 24 noviços portugueses não chegavam a formar 50%, enquanto os jovens brasileiros geralmente achavam dificuldades com a limpeza de sangue (21).

A exemplo de Frei Manuel da Ressurreição, passa Frei Domingos a explicar as várias atividades desenvolvidas pelos frades da província e a disciplina regular observada em todos os conventos, concluindo que o número atual de 305 professores é insuficiente e solicitando a licença de aceitar anualmente 50 noviços. O despacho saiu negativo. Mas, não terão faltado outros requerimentos no intuito de normalizar a situação da província franciscana. Consta por exemplo a permissão de aceitar 30 noviços em 1792 (22) e ainda existe o requerimento que o procurador geral da província, com sede em Lisboa, dirigiu à rainha, o qual reza assim (23):

"S e n h o r a .

Humildemente se prostra aos reais pé de V. M. o procurador geral da Província de Santo Antônio do Brasil, instado de seus prelados a suplicar se digne V. M. pôr os olhos de sua inata piedade na extrema indigência em que se acha a dita província, por falta de religiosos para as funções do culto divino, necessidade dos povos, utilidade do Estado, catecismo e educação dos índios de sete aldeias que a seu cargo tem para que atenda a falta que alega possa aceitar alguns indivíduos para irem suprindo as funções do seu ministério a fim de se não extinguir a província cuja corporação é de 400 religiosos, por concessão do Sr. Rei D. João V de saudosa memória, e 13 conventos no dilatado espaço de 260 léguas, e como de presente só se acha a dita província com o diminuto número de 200 e entre estes muitos já impossibilitados.

Pede a V. M. se digne atender à referida súplica, sendo pareça justa.

E. R. M.

Frei Antônio de S. José Lemos, Proeurador Geral".

Desta vez, o despacho favorável concedeu a admissão de 60 noviços, aos 15 de fevereiro de 1794.

Aos muitos embaraços acrescentou-se em 1796 a lei da alternativa que dispunha a distribuição dos cargos na província, visto que havia sérias desinteligências entre franciscanos brasileiros e lusos. Segundo a lei aprovada pela Santa Sé, os cargos principais inclusive o do mestre de noviços deviam ser confiados ora a portugueses, ora a brasileiros, assim como também o número dos noviços nativos devia ser igual ao dos lusos. Vigorou esta lei até a Independência do Brasil, sendo então abolida pelo governo imperial (24).

É óbvio que numa província mais que centenária devia reinar bastante amor fraternal para superar certas rivalidades. A criação da lei da alternativa representou um recurso duvidoso que provavelmente aumentou a desconfiança entre os dois grupos.

O avento do império brasileiro não melhorou a situação dos noviçados; pois, as restrições prosseguiram. Com a de-

cadência cada vez mais patente, os noviços passaram para o convento do Recife, em 1825. Reconhecendo porém as inconveniências, o governo da província restituiu o noviciado ao convento de Igarauçu, em 1841 (25). As licenças de aceitar noviços eram escassas e irregulares, prejudicando a vida regular. Em 1846, extinguiu-se o noviciado de Igarauçu.

### *C o n c l u s ã o*

A falta de dados sobre esta casa de formação franciscana não se pode atribuir ao desleixo dos frades. Pois, o governo da província recomendara a escrituração do registro dos noviços e dos néo-professos de Igarauçu (26), visto que os respectivos relatórios eram reclamados periodicamente pelas autoridades civis. Como o convento passasse muito tempo sem franciscanos, durante a segunda metade do século XIX, perdeu-se quase todo o arquivo. (27)

Lançando um olhar retrospectivo sobre o noviciado de Igarauçu, verificamos que, durante os primeiros cem anos, teve a existência normal com os cursos anuais ininterruptos de 1661 a 1763, de modo que preencheu as lacunas abertas pela morte nas fileiras dos franciscanos. Ademais o florescimento da vida religiosa, até meados do século XVIII deve-se em particular à disciplina observada nas casas de formação de Igarauçu e Paraguassu.

### **Apêndice I**

I. **Relação dos moços que tomaram o hábito** no convento da Vila de Igarauçu de Pernambuco e ficam continuando:

1. Joaquim de Carvalho natural do Peso da Régua, bispado do Porto.
2. João Francisco de Melo natural da Ilha de S. Miguel — Angra.
3. Caetano Antônio natural do Cons<sup>o</sup>. de Coura — Arcebispaço de Braga.
4. Antônio de Sousa Silva natural do bispado do Porto.
5. José Carneiro Brandão natural do bispado de Lamego.
6. Joaquim Duarte da Silva natural do arcebispaço da Bahia.
7. José de Almeida natural do bispado de Coimbra.
8. Paulo de Pinho natural do bispado do Porto.



9. José Evangelista natural do bispado do Porto.
10. José do Rosário Graça natural do bispado do Porto.
11. Antônio Pinto da Fonseca natural do bispado de Lamego.
12. Antônio da Graça natural do bispado do Porto.

**Moços do convento de S. Antônio de Paraguassu**

1. Bernardino José de Sousa natural do bispado de Penafiel.
2. Antônio de Santana natural do bispado de Penafiel.
3. Antônio José Pereira Alves natural do bispado do Porto.
4. Manuel Antônio de Castro natural da Comarca do Tomar.
5. João Francisco de Lacerda natural do bispado de Angra.
6. Francisco Xavier de Almeida natural do bispado de Coimbra.
7. José Leite natural do bispado do Porto [1820-1835 bispo de Mariana].
8. Baltasar de Cerqueira natural de São Cristovão, de Espadanedo.
9. Lourenço da Costa natural do arcebispado de Braga.
10. Inácio Salvador Pereira natural do Recife-Pernambuco.
11. João Lopes Botelho natural do arcebispado de Braga.
12. Bruno Manuel de Carvalhar natural do bispado de Angra.
13. José de Sousa natural do arcebispado de Braga.
14. José Correa de Carvalho natural do bispado do Porto.

Eu, Frei Luis de S. Antônio, atual definidor de secretário da Província o fiz escrever e o subscrevi em o convento de S. Antônio do Recife, aos 11 de novembro de 1779, por mandado do Pe. Provincial (selado com o selo) — Frei Domingos da Purificação.

(Fonte: AHU — Avulsos de Pernambuco — cx. 68).

**Apêndice II Carta do Presidente da Província de Pernambuco**

“Recife, 31 de agosto de 1841

Ao Provincial dos Franciscanos

Queira Vmçê enviar-me a informação que lhe foi exigida por esta Presidência em ofício de 18 de maio do corrente ano, sobre o ofício da

Câmara Municipal de Igarapé, em que se queixa do guardião do convento de S. Francisco daquela vila, por querer obstar que a dita câmara faça as suas sessões em uma das salas do mencionado convento, que há mais de dez anos lhe fora para este fim franqueada pelo Revdo. Frei Francisco de S. José Magalhães quando guardião. — Deus guarde a Vmcê (28)".

## II. Resposta do Secretário provincial ad hoc.

"Acabo de receber o officio de V. Excia. de 31 de agosto de 1841 em que me pede uma informação exigida por esta Presidência em o officio de 31 de maio do corrente anno sobre o officio da Câmara Municipal da vila de Igarapé, em que se queixa do guardião daquele convento por querer obstar a que a dita câmara faça as suas sessões em u'a das salas do sobredito convento, que há mais de dez anos lhe fora para este fim franqueada, por Fr. Francisco de S. José Magalhães quando guardião e certamente lhe causou expectação esta exigência de V. Excia. porque já há muito informei a V. Excia. a respeito em o officio de julho pp; isto, depois de mandar o guardião daquele convento tratar com V. Excia. sobre este negócio. V. Excia. dignou-se responder-lhe que medisse se lhe desse por escrita a dita informação, porque podia esquecer-se do que então passava com o sobredito guardião; mas como V. Excia. de novo exige a dita informação, talvez por [não] estar lembrado de a ter recebido, passo a informar a V. Excia. como então e segundo a lembrança que tenho. O Pe. Guardião referido admirou-se deste procedimento da câmara porque diz que nunca com ela tratara de semelhante negócio e que não pode deixar de attribuir a mesma o querer-se negar a dar um despacho e há muito tempo exige por pagar-lhe uma pequena quantia que deve ao dito convento; e nada mais tenho a informar a V. Excia. a respeito, e se V. Excia. se recordar, disto mesmo se lembrará que o dito Pe. Guardião representou a V. Excia. — Deus guarde a V. Excia. muitos anos.

Convento de Sto. Antônio do Recife, 2 de setembro de 1841. Ilmo. e Exmo. Sr. Presidente da Província — Manuel de Souza Teixeira. — Frei Joaquim de Sta. Luzia" (29).

## NOTAS

1. Frei Manuel da Ilha Narrativa da Custódia de Sto. Antônio do Brasil, Petrópolis 1975 (ms de 1621) p. 46.
2. Frei Antônio de Sta. Maria Jaboatão *Novo Orbe Seráfico Brasilico* II Rio de Janeiro 1858-1862 II p. 323s. (citado *Jaboatão*).
3. *Jaboatão* II p. 326.
4. Fr. Venâncio Willeke, *OFM Missões Franciscanas no Brasil*, Petrópolis 1974 p. 39s.
5. *Jaboatão* II p. 330s.
6. *Jaboatão* I, 2 p. 134. *Ibidem* I, 2 p. 415s.
7. *Jaboatão* II p. 336.

8. **Estatutos da Província de Sto. Antônio do Brasil** Lisboa 1709 p. 13.
9. *Ibidem* p. 13-19.
10. **Jaboatão I**, 1 p. 347. — Fr. Venâncio Willeke, **OFM Franciscanos na História do Brasil**, Petrópolis 1977 p. 92. — **Arquivo Provincial Franciscano do Recife** 1 p. 145. Frei José de Sto. Antônio foi nomeado mestre, aos 22.V.1700 (cit. **APR**).
11. **APR** 1 p. 175.
12. Dada a falta de religiosos, o presidente (vice-superior) cumulava o cargo de mestre de noviços.
13. A procedência dos mestres é mencionada para demonstrar a observância da lei da alternativa.
14. **APR** 2 p. 103. O noviciado passa para o convento do Recife.
15. **APR** 2 p. 151. O noviciado volta a Igarauçu em 1841.
16. Fr. Venâncio Willeke **Franciscanos** o cit. p. 92s.
17. **Arquivo Histórico Ultramarino — Avulsos de Pernambuco** caixa 68.
18. *Ibidem*.
19. **APR** 128 p. 120 & 1 p. 175.
20. **Arquivo Histórico Ultramarino — Bahia — Documentos catalogados** caixa 36, nº 12.506.
21. Parece que nas queixas de Frei Manuel Lobato influenciaram motivos não declarados, provavelmente o nativismo exagerado.
22. **APR** 128 p. 125.
23. **APR** 123 p. 7.
24. A lei da alternativa vigorou também na província da Imaculada Conceição do Brasil e na Índia. Cf. a lista dos mestres a partir de 1801.
25. **APR** 2 p. 103 & 2 p. 151.
26. **APR** 1 p. 62.
27. Em 1869, o capítulo provincial da Bahia deliberou sobre a entrega do convento de Igarauçu à mitra de Olinda. Cf. **APR** 12 fl. 62.
28. **Arquivo do Palácio do Governo de Pernambuco — Registro de Miscelânea** 1838-1849. Fr. Francisco foi guardião de 1827 a 1829.
29. *Ibidem* — **Eclesiásticos** 1834-1843. Fr. Joaquim foi comissário da Ven-Ordem III de S. Francisco do Recife.





# Igreja de N. Sra. da Conceição dos Militares

*Considerações sobre a sua Arquitetura*

JOSÉ LUIZ MOTA MENEZES

## 1. INTRODUÇÃO

Em admirável trabalho, intitulado "Crônica da Igreja da Conceição dos Militares" (1), o historiador José Antônio Gonçalves de Mello, lamenta o extravio da parte mais antiga do arquivo da Irmandade de N. S. da Conceição. Esse arquivo dirimiria inúmeras dúvidas, não apenas com respeito a confirmação de certas assertivas, mas essencialmente, declararia quantos participaram, como artistas, na execução desse notável monumento pernambucano.

A simples tentativa de tecer considerações sobre a arquitetura daquela Igreja sem esses documentos essenciais destrói, logo de saída, as minhas motivações. Entretanto, embora não se me afigure o melhor caminho, preferi não deixar de lado o que, modestamente, penso sobre certos aspectos relevantes em matéria de arte, contidos no monumento considerado.

## 2. ARQUITETURA

Início meu caminhar analisando a obra de arquitetura, apoio incontestemente da ornamentação existente no interior, ressaltando as características dos elementos da composição e os valores espaciais que formalizam naquele templo a singular natureza de nosso barroco.

Sendo meu propósito não analisar a obra isolada e sim considerando-a pertencente a um complexo sob o ponto de vista

da sua relação com o construído e em construção no campo da arquitetura religiosa no princípio do século XVIII, terei que apreciar o contexto arquitetônico atual, e, principalmente, o seu possível projeto, levando em conta deste modo, as novas igrejas do Recife e, de modo especial, as do bairro de Santo Antônio, na primeira metade daquele século.

Em trabalho que escrevi sobre S. Pedro dos Clérigos (2) confrontei esta obra arquitetural com as outras, construídas e em construção no século XVIII no Recife e em Olinda. Quando assim fiz, partí do pressuposto que a arquitetura não é senão parte de um todo do pensamento artístico e como tal refletindo nos edifícios o pensar e agir dos artistas, enfeixando na obra realizada as suas maneiras de encarar as necessidades estéticas de sua civilização. Em cada obra executada, no correr do tempo, melhor se vão configurando, diria mesmo corporizando as idéias estéticas do período em que elas foram criadas e, diante duma inovação surgida, sentimos as modificações do pulsar artístico de um determinado grupo social, materializado em País, Região, Estado ou mesmo cidade. As relações existentes entre esses grupos dão resultados interessantes e de tal natureza valiosos, se frutos de uma cuidada e demorada análise, que constituem uma das metas do historiador de Arte nos dias atuais.

### 3. CONSTRUÇÃO

A Igreja dos Militares foi, segundo aquela crônica referida (1), iniciada como construção, depois de 1720, estando seus alicerces já concluídos em 1725 pelo que se depreende de um atestado do Sargento-Mor Engenheiro de Pernambuco, Diogo da Silveira Velozo — singularmente o mesmo que aprovaria os planos de Manoel Ferreira Jácome para a Igreja de São Pedro dos Clérigos, cerca de três anos depois. Assim, seu projeto arquitetônico deve ter sido traçado entre 1722 e 1725.

### 4. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Na análise que procederei a seguir, quero destacar a necessidade de cada um dos que me lêem de retirar do corpo da igreja atual, embora mentalmente, a vestidura ornamental de madeira entalhada e dourada que se aplicou por sobre os forros e paredes, na intenção plástica de abarrocar o interior da mesma. Se bem que essa talha importe na leitura do espaço



interno do monumento, a abstração tornar-se importante no estudo da composição da arquitetura, permitindo-me uma melhor colocação da mesma com relação às outras que lhe foram contemporâneas. Porque solicito isso explico melhor: a obra de arquitetura durante o correr dos séculos XVI e XVII contava mais sob o ponto de vista da sua tectônica. Nela se define, segundo os elementos de modulação e modenatura empregados, uma atitude mais arquitetural que decorativa. Nas igrejas, os altares com seus retábulos se inseriam nos vãos que com o propósito de envolvê-los, deixava-os presos à sintaxe arquitetônica; eles mesmos, compostos em harmonia criadora com o restante da edificação. Os dois retábulos em pedra, da Igreja de N. S. da Graça do Colégio Jesuíta de Olinda, estão delineados em a mesma linguagem da arquitetura maneirista do templo e com ele se identificam notadamente. Com o andar do século XVII, em Portugal e no Brasil, acentuadamente na arquitetura religiosa, a talha vai se desenvolvendo de maneira extraordinária até se salientar, no barroco, como uma característica tipicamente portuguesa, talvez numa decorrência daquele gosto, já experimentado no Manuelino, pelas superfícies cheias de uma decoração rica e variada. Seria o "horror do vazio", legado mouro e caráter de sua decorativa, que teria marcado sensivelmente a nação lusa? Verdade é que, essa talha, vem se constituir na mais notável expressão do barroco português, como de fato assinalou o estudioso Robert Smith (3).

Deste modo, a proporção que esse novo elemento, a talha, vem se inscrever na linguagem arquitetural maneirista dos interiores portugueses, se vai deslocando lentamente o interesse da simplicidade quinhentista aos excessos decorativos do século XVIII. Entretanto, desejo ressaltar um aspecto singular desse desenvolvimento: a manutenção de um gosto maneirista que secundarizou a utilização de superfícies curvas, típicas do barroco italiano, na limitação espacial da arquitetura. É em interiores, especialmente estáticos, que se aplicam as talhas movimentadas, nos pormenores dinâmicos, que irão mascarar de barroco por um largo período os templos portugueses e brasileiros. Não apenas na metrópole mas, sensivelmente na colônia, serão raras as igrejas que vibram uníssonas a forma construtiva e a decoração (4). No final se verá até como ocorreu com N. S. do Pilar, em Ouro Preto, a tentativa do mestre entalhador de criar uma dinâmica espacial a partir da estrutura de suporte da talha, que abandona a forma construída dos

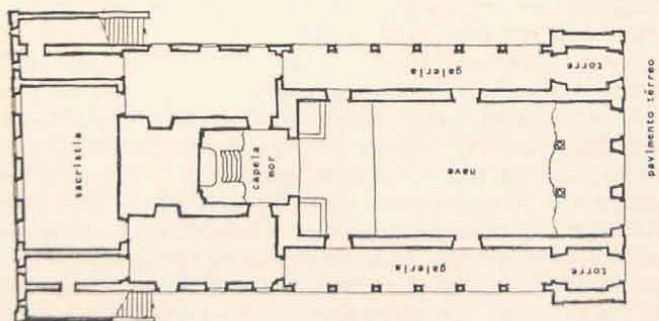
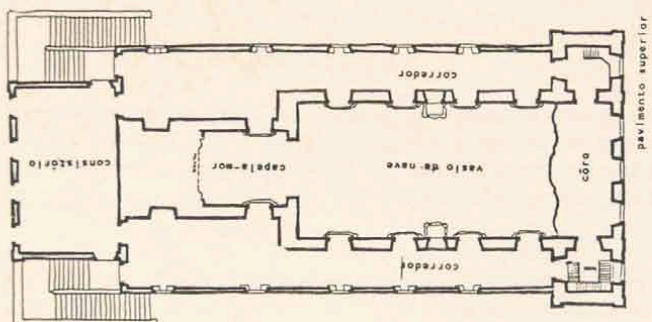
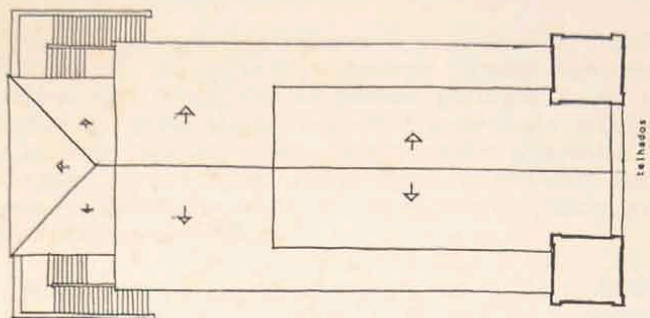
muros e, se tornando decagonal na planta baixa, se inscreve na planta retangular já existente gizando um espaço geométrico tipicamente barroco, dentro doutro ainda fiel a uma fase inicial do estilo no Brasil (5).

Com essas observações, me parece, fiz sentir o valor daquela abstração necessária para compreender não apenas a arquitetura da Igreja dos Militares, mas também, da maioria das igrejas que se construíram desde o século XVI no Brasil.

## 5. PARTIDO DE PLANTA

Do construído na Igreja de N. S. da Conceição dos Militares pode-se fazer idéia do seu partido de planta que conduziu a definição do seu corpo em: nave única com capela-mor; atrás da capela-mor uma grande sacristia, com seus dois acessos que se ligam à fachada principal, simetricamente, através de duas ante-salas e dois corredores; em cima da sacristia e em iguais dimensões, situou-se o consistório; chega-se ao mesmo por meio de duas escadas simétricas, primitivamente ao ar livre, hoje fechadas em uma caixa que se originou do prolongamento para ambas as laterais da parede de traz da sacristia e consistório, até os extremos daqueles acessos verticais; os corredores e salas que ladeiam a nave e capela-mor se repetem no segundo pavimento, onde se rasgam as tribunas, e, ao se ligarem ao coro, através de duas portas, estabelecem a continuidade da circulação nesse nível. Os corredores no térreo se abrem para o exterior, até o limite das ante-salas da sacristia, em uma série de arcadas, espécies de "loggias" que, primitivamente, dariam talvez para jardins hoje desaparecidos. As arcadas de um dos lados inclusive se encontram, no momento, entaipadas com paredes de alvenaria de tijolo que, as vedando, deixaram lugar para inúmeros ossuários.

Essa adoção de arcadas, me faz lembrar aquela utilizada, com igual objetivo, na Igreja de N. S. do Ó, do Colégio dos Jesuítas do Recife, hoje do Espírito Santo, no corredor esquerdo, do lado que limitava com o claustro pequeno, fechado da congregação de N. S. da Conceição (6). Nessas igrejas, esses corredores, quer abertos para o exterior por janelas ou arcadas, filtram o excesso de luz dos trópicos e funcionam perfeitamente bem quanto a renovação necessária do ar interior, além de serem excelentes câmaras térmicas, evitando a incidência direta do sol nas laterais da nave e capela-mor. O partido de



Plantas baixas e coberta-restauradas



planta que faz uso desses corredores, onde se inserem janelas, é freqüentemente utilizado em inúmeras igrejas da colônia, sendo talvez uma adaptação de plantas portuguesas ao ambiente tropical; fruto dessa capacidade notável do arquiteto lusitano em criar soluções novas para situações diferentes daquelas de seu país de origem. Provavelmente, a mesma necessidade que conduziu às plantas bem ecológicas das casas grandes dos engenhos nordestinos.

A solução, em escada ao ar livre, na forma primitiva, dos acessos ao consistório e corredores do pavimento superior é similar àquelas já em uso, nas casas de câmara e cadeia e outras construções civis e religiosas da época. Veja-se por exemplo, a Cadeia Eclesiástica de Olinda, a Câmara e Cadeia do Recife entre outras (7).

## 6. VAZIO DA ARQUITETURA

Considerando a seguir os vazios, que resultaram quando se construiu, segundo o partido de planta descrito, as paredes que os limitam, sente-se, sem dúvida, o encadeamento feliz das partes no todo da composição da arquitetura da Igreja dos Militares.

Nos espaços, em dois pisos, dos corredores, ante-salas da sacristia e consistório se inscrevem os da nave e capela-mor. Estes envolvidos por aqueles e dando, voluntariamente, um caráter fechado à arquitetura. Dos corredores se passa à nave por meio de duas aberturas em cada lado que, num jogo bem feliz vêm corresponder a duas das tribunas do pavimento superior; sendo estas, entretanto, em maior número. À nave se tem entrada, na fachada principal, por meio de três portas. Um grande arco cruzeiro estabelece a ligação entre o vazio da nave e o da capela-mor. Espaços estes contidos em outros e interligados; caracterizando na leitura conjunta do monumento que a continuidade espacial se dá apenas, praticamente, entre a nave e capela-mor desde que as paredes estruturais que limitam esses dois ambientes, ao se abrirem através das portas e tribunas, para os corredores e ante-salas, deixam que estas aberturas, ao funcionarem como diafrágmata, cortem toda a ligação entre aqueles e os demais ambientes. A luz, penetrando pelos corredores e ante-salas, rasga violentamente esses locais, mas é filtrada suavemente pelas portas e tribunas, modelando com suavidade os ornatos da talha, sem sombras bruscas e dramá-

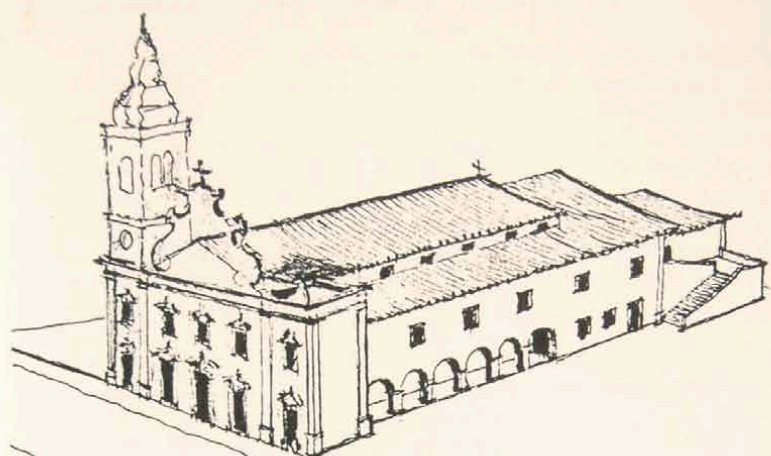
ticas. Uma luz que, concorrendo a aumentar o sublime do interior, atinge, sob medida, esses ambientes de culto, me permitindo a comparação, creio oportuna, dessas aberturas com aquela da lente de uma máquina fotográfica. O arquiteto da Igreja dos Militares domina a luz tropical e somente envia aos interiores da nave e capela-mor aquela luminosidade necessária a vida das formas. Não é da mesma maneira que ele age nos espaços envolventes. Estes se ligam, na medida que permite o gosto pelos cheios e vazios da época, com o exterior e, sacristia e consistório, se oferecem à luz que penetra tais interiores com mais intensidade. Por outro lado uma continuidade é estabelecida entre a natureza, o jardim, e o espaço tomado a ela nos corredores, onde as arcadas eliminam a cortina da parede e a luz dos trópicos incide sem obstáculos nas laterais, no térreo, muito fechadas, da nave. E, como no claustro, a galeria em arcos protege mas não confina (8).

## 7. PLÁSTICA ARQUITETURAL

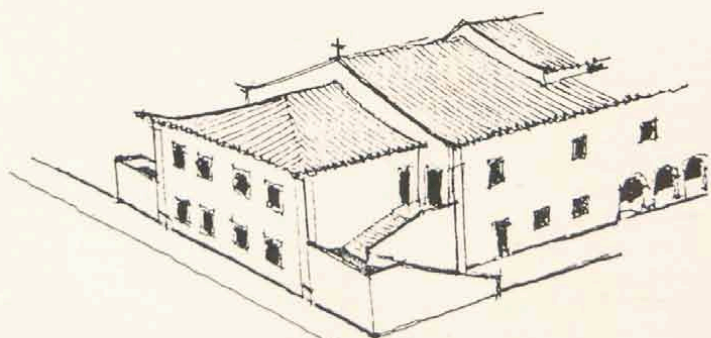
Continuando a análise da obra de arquitetura deixarei de lado a problemática espacial e me voltando para a plástica dos muros, limites desses vazios interiores, procurarei estabelecer considerações sobre seus elementos componentes.

Na definição dos perfís das cercaduras, confeccionadas em pedras, dos vãos de portas, tribunas e janelas, o arquiteto faz uso de uma linguagem que se identifica com a freqüente em casos iguais em outros edifícios religiosos e civis da época. Confrontando essas perfilaturas e aquelas das igrejas da Madre de Deus, no Recife, da Congregação, anexa a de N. S. do Ó, na Praça Dezessete, da Igreja de N. S. do Rosário dos Homens Pretos, na Estreita do Rosário, ambas no bairro de Santo Antônio e tantas outras, pode-se verificar a fidelidade dos artistas aos tratados de arquitetura. Por sua vez, na composição desses vãos da Igreja dos Militares, ao se aplicar por sobre as portas e janelas da fachada principal, frontões abertos e fechados, em alternâncias rítmicas bem sugestivas, não se fez senão eco dos mesmos monumentos considerados acima como exemplos.

Esses elementos arquiteturais ao se apresentarem no edifício em tela com perfilaturas similares, foram-me a considerar a Igreja de N. S. da Conceição dos Militares, pelo menos até a altura de nascimento da torre sineira e do frontão,



FACHADA PRINCIPAL E LATERAL



FACHADA POSTERIOR E LATERAL



sob o aspecto arquitetônico, possuidora de uma sugestiva unidade. Haja vista, a uniformidade de tratamento dado às cercaduras nos vãos internos e externos do edifício.

Infelizmente, o recobrimento com talha, do arco cruzeiro, me impede de maiores comentários sobre sua perfilatura, que deixam ver apenas no pedestal, tratado com sobriedade, almofadas ditas em "ponta de diamante", numa analogia muito singular com a pedra preciosa. Almofadas muito salientes se repetem, em madeira, nas folhas das portas internas e externas que não têm as dimensões das confeccionadas para a fachada principal. Uma modernatura bem fiel à sintaxe dos inícios do barroco no Brasil que domina todo o risco da Igreja dos Militares.

Acentuo aqui, dadas as circunstâncias da composição, pela sua qualidade, a modulação das aberturas das paredes laterais da nave, onde o ritmo marcado destaca o risco desses alçados dos demais freqüentes em igrejas de nave única sem altares laterais. A locação das envazaduras de portas e tribunas é realizada tendo em conta o púlpito que, rompendo o ritmo assinalado, dá a conotação necessária, evitando a monotonia dos panos de paredes, onde os cheios são dosados pelos vazios.

## 8. FACHADA PRINCIPAL

Com respeito a fachada principal, aliás como bem destacou Germain Bazin (9), não se deve esquecer de salientar sua similitude com a de mesmo teor da Igreja da Madre de Deus, do Recife, pertencente ao antigo conjunto conventual dos padres Congregados; igreja hoje isolada pela passagem de uma rua, do antigo convento. Desejo ressaltar, entretanto, que essa semelhança pode decorrer exclusivamente da sintaxe que em ambos os monumentos é a mesma. Os dois exteriores evoluíram daqueles que, em longo caminho, desde as primeiras manifestações do renascimento, vieram de modo geral, da Itália para terras portuguesas.

No Brasil se pode acompanhar esse desenvolvimento, a partir das construções religiosas que em nosso país, em caráter mais duradouro, erigiram as ordens religiosas e o próprio governo constituído, religioso ou civil, nas igrejas conventuais matrizes e de paróquias.

Assim é que mesmo antes, no frontispício da Igreja dos Jesuítas de Olinda, como exemplo maior, se torna patente a preocupação de vincar a frontaria principal com o uso de pilastras monumentais. Cunhais demarcam os limites laterais da fachada e definem o estilo do exterior. Um frontão triangular freqüentemente vem dar a conotação clássica ao conjunto e caracterizar mais ainda na colônia, a influência direta da Igreja de S. Roque de Lisboa de igual princípio compositivo. Influência que se nota também na fachada com ligeiras variantes, de outra igreja jesuíta de Portugal situada em Braga e dedicada a S. Paulo. Não poderia afirmar seguramente ter sido esta ou aquela igreja a que modelou o gosto pela arquitetura italiana em terras portuguesas. Entretanto, posso afirmar sem sombra de dúvidas que as citadas pertencem a um ciclo importante do desenvolvimento da arte portuguesa e que seus valores se destacam no "corpus" da história da arquitetura em Portugal.

Singularmente será com essa mesma linguagem eivada de sobriedade que serão erigidas em Portugal e no Brasil, as fachadas principais das igrejas matrizes e de paróquias. Frontispícios onde a nota maior é dada pelos pórticos, todos tratados sob o rigor dos modelos encontrados nos tratados de arquitetura. Uma composição cuja sintaxe é pós-renascentista e cuja morfologia deriva diretamente daquela orientada pelos diversos livros dos tratadistas.

Por todo século XVI dominam os cheios sobre os vazios e estes dispostos em simetria segundo um eixo que passa desde a metade da entrada principal até a cruz situada no alto do triangular frontão.

No século XVII se continuará dentro da mesma sintomática linguagem, a marcação reticulada do frontispício. Variantes se oferecerão ao se introduzirem linhas horizontais, molduras que, de pilastra a pilastra separam verticalmente os painéis onde se vêm incluir portas e janelas. De modificações também é alvo o frontão que abrigando um nicho se transforma em "a tabernáculo" o qual, arrematado lateralmente por quartelas, vem acompanhar as novidades introduzidas nos exteriores que, desde "II Gesù", vincularão as fachadas seiscentistas. Partido que é o da frontaria da igreja jesuítica de Santarém, em Portugal e que se repetirá freqüentemente em muitas outras daquele país. No Brasil se pode constatar tais caracterís-



ticas na igreja, também dos inacianos, em Salvador. O largo emprego desse nicho no coroaamento chega a ser tão constante que mesmo quando se perde a preocupação por essa retícula nos frontispícios, e a liberdade barroca se introduz com o andar do século XVIII nas fachadas, se bem que as vezes apenas nos frontões, vem se continuar em Pernambuco a utilização de tal elemento arquitetural. E, é no centro dos tímpanos, de ricos e variados frontões que nichos são incluídos. Ao findar o século XVII, as fachadas estão filiadas, em Pernambuco, a essas duas correntes assinaladas e raras são as que não se situam segundo sua composição, dentro de um ou doutro sistema.

A Igreja de N. S. da Conceição dos Militares tem a fachada principal enquadrada, face sua composição, no grupo daquelas que, eliminando o reticulado horizontal, prefere a simplicidade da marcação vertical estabelecida pelas grandes pilastras que desde o térreo até a altura de nascimento da torre sineira, abarcam toda a altura da nave e conseqüentemente vencendo os dois pisos dos corredores laterais. Nesse grupo posso separar ainda as que preferem uma mais simplificada demarcação do todo do frontispício daquelas que, em excesso, isola por meio de pilastras monumentais simples ou geminadas, cada vão de porta e janela. No primeiro tipo, o mais simples situo a Igreja dos Militares onde as pilastras, em número de quatro, estão distribuídas ao longo da fachada; as duas extremas como cunhais e as duas restantes separando o corpo central do das bases das torres sineiras e correspondendo aos limites da nave com as galerias, espelhando, verticalmente, no exterior a disposição interior dos espaços. De outros tipos anotaria, segundo a sua maior complexidade, respectivamente como exemplos, as igrejas da Madre de Deus e N. S. do Rosário dos Homens Pretos, ambas na cidade do Recife.

Logicamente, o raciocínio estabelecido não se constitui em norma para todos os frontispícios, os quais requerem maiores estudos, mas expressamente, me orientam na análise do que se traçou para o corpo da Igreja dos Militares.

Conclui-se do parêntese realizado mais uma vez, em favor daquela unidade já assinalada, ao que se construiu ao que presumo, sem se alterar o plano original do projeto da Igreja de N. S. da Conceição da Irmandade dos Militares. Percebe-se também, o teor ainda racional de tal concepção arquitetônica



natural, em face de a igreja se colocar entre aquelas que bem expressam esse caráter da arquitetura portuguesa no Brasil.

#### 9. TORRE E FRONTÃO

Por um certo período de tempo ficou o monumento sem torre sineira e frontão. A torre assente em um dos lados deve, segundo documentos referidos na "Crônica" do historiador José Antônio Gonçalves de Melo (1), datar realmente dos anos finais do século XVIII. Seu estilo comprova esse período e a dissociação do gosto do restante do frontispício. Mais feliz foi sua co-irmã, a Madre de Deus, cuja torre está em comum acordo com o restante da fachada. Nesta igreja apenas uma torre existia até o princípio do século atual, a do lado da antiga Epístola. O frontão da Igreja dos Militares é pobre de linhas e necessariamente obra do século XIX. A outra torre sineira não foi construída.

#### 10. FACHADAS LATERAIS E POSTERIOR

Diferentemente de algumas igrejas do Recife, a de N. S. da Conceição tem excelentes fachadas laterais. Infelizmente, construções novas, que quase se colaram a essas laterais, não deixam ver a riqueza da composição dessas fachadas, onde se equilibram os vazios das arcadas e o cheio do restante da massa construtiva vazado espaçadamente pelas janelas e portas. Quanto a atual fachada posterior, ela em nada, salvo na disposição das aberturas da sacristia e consistório, lembra a primitiva que, salvo melhor juízo, seria bastante original quando o corpo, em dois pavimentos do centro, era ladeado pelas duas escadas, ambas ao ar livre (7). O jogo de volumes que resultava dessa disposição, era bem significativo para a arquitetura religiosa de Pernambuco.

Lamentavelmente, as construções anexas impedem qualquer restauração desses trechos do edifício. Assim, fica anotado no exposto, seu interesse.

#### 11. TALHAS

Quando se conclui, no Recife, em 1697 a obra de construção da Capela dos Terceiros franciscanos (10), o seu aspecto interior era bem diferente do atual. Arco cruzeiro em pedra; arcos também de pedra, demarcando os locais reservados para

os altares laterais os quais ficariam como na Igreja de N. S. da Graça do Colégio Jesuíta de Olinda, guardados em profundidade, dentro das arcadas; ombreiras e vergas do mesmo material guarneciam as portas e janelas. O restante seria deixado em brancos, caiados, panos de reboco. Entretanto, em Portugal, naquela altura, o gosto pelo interior da igreja totalmente revestido de talhas, inteiramente douradas e pinturas, se constituía no que havia de mais moderno. Assim, nesse templo pernambucano, mal concluída a obra de cantaria, se iniciou a dos revestimentos entalhados. Revestimentos contemporâneos praticamente da obra de pedra e que a respeitou singularmente, condicionando o entalhador ao entalhe, externo e internamente, para acomodar a madeira aos perfís da pedra, de todos os revestimentos que se assentassem sobre as cantarias.

Ao se aplicar sobre as peças de pedra os revestimentos de talha, se destruía na obra arquitetural a demarcação lógica das envazaduras e a reticulação racional dos elementos da composição. Se introduzia no interior uma nova linguagem que alterava toda a métrica do século dezessete. Aquele respeito que assinalamos como curiosidade na capela dos terceiros franciscanos do Recife, não irá existir mais e as cantarias, mesmo as de igrejas anteriores e que se revestem de talhas, daí em diante por sua inutilidade plástica, quando revestidas, serão cortadas em seus perfís para facilitar a aplicação das vestiduras de madeira.

A Igreja de N. S. da Conceição dos Militares é hoje conhecida primordialmente, pela extraordinária obra entalhada que veste seu interior. Talha que, aplicando-se sobre as paredes, ascende aos tetos em rico e pujante revestimento. À primeira vista aos mais desavisados, tudo parece ser de uma mesma fase de trabalhos e que a obra foi levada a termo de uma só vez. Entretanto, após análise mais cuidadosa verifica-se a inverdade da primeira impressão: as talhas são distintamente de épocas diversas.

Germain Bazin (11), apesar de considerar de feitura grosseira a talha do retábulo-mor o faz recuar aos anos em torno de 1740. De fato, comparando esse retábulo com os congêneres portugueses, se verifica real identidade no tratamento dos elementos fitomórficos e na ordem desses no todo da composição. O retábulo, pretendendo uma classificação tipológica, se enquadraria mais no chamado de 3º tipo, segundo o que informa em



extraordinário estudo, o arquiteto Lúcio Costa (12). Há no retábulo de N. S. da Conceição dos Militares, trechos modificados por introdução de elementos posteriores, mas o conjunto é bem do gênero apontado pelo estudioso referido.

De época bem pouco posterior é o revestimento do arco cruzeiro, onde uma mesma maneira de tratar as folhas de acanto, estabelece a correlação com o retábulo acima considerado. No revestimento se deixaram livres os pedestais do arco. Logo a seguir, se revestem as capelas colaterais ao arco cruzeiro e que mantém certa semelhança com o mesmo.

Vem a seguir a obra mais interessante do interior da igreja: a excelente varanda entalhada que substitui a cimalha real e abre a cena ao forro da nave.

Para se compreender essa introdução tão verdadeiramente inusitada dessa varanda em talha, é preciso se considerar a sua possível origem.

Na pintura ilusionista uma das soluções mais comuns era a criação de uma varanda que contornava, acima da cimalha real, toda a nave e ensejava o interesse do pintor em abrir a cena para um espaço celestial onde santos e anjos, em apoteose, conduziam à ampliação do espaço real em busca de um de ilusão. Grandes artistas do barroco desse artifício fizeram uso, quer na arquitetura religiosa, quanto na civil. Entre eles citaríamos Tiepolo como um dos mais felizes na integração difícil do real e irreal. Entretanto, no Brasil e ocorrendo também em terras portuguesas, se desenvolve um modelo de teto pintado que faz talvez a fusão entre o gosto do século XVII, dos tetos apainelados com pinturas, e o referido acima. Esse tipo utiliza as balaustradas corridas, dispondo-as pintadas por sobre a cimalha, mas ela é apenas um pretexto para deixar o teto destinado a que se pintem cenas similares àquelas dos painéis agora moldurados, em forma de medalhões com ricas e variadas envoltentes fitomórficas. As vezes, somente o central, por ser geralmente o maior, abre o interior ao espaço fingido do ar livre. Arrisco-me a dizer que esse modelo foi o preferido na colônia, ao ilusionista, "à romana", pois desse tipo vários são os forros existentes em todo litoral e em menor número no interior, nas Minas Gerais. Na Conceição dos Militares, nisto residindo a sua notável qualidade, o mestre da talha substitui o pintor, deixando a este apenas a tarefa da pintura das cenas e realizando em talha, balaustradas e molduras. Infeliz-



mente se desconhece o autor do risco deste conjunto entalhado, tampouco se sabe quais os entalhadores que o executaram; entretanto, posso assegurar, eram todos excepcionais mestres da sua profissão, haja vista o resultado obtido, talvez único no gênero. Pois bem, em uma talha, de traçado bem singular, movimentada, fugindo mesmo à superfície plana da parede, tornando-se ondulada, em vibração, conseguindo o entalhador caracterizar o dinamismo próprio do barroco, se realiza a balaustrada que envolve a nave.

Essa balaustrada deixa o forro livre para os medalhões entalhados, na melhor feitura, do forro de madeira. Composição formidável com uma força magnífica em que se unem conchas e elementos fitomórficos. Um medalhão central e outros no entorno em arranjo simétrico com relação aos dois eixos octogonais da nave; forma de compor ainda barroca, com talha, em princípio, já rococó. No entanto, deço salientar, o entalhe ainda se mantém fiel à fase anterior e o corte se dá em profundidade, em atitude dramática, típica do barroco. Essa talha é, segundo o historiador francês Germain Bazin de cerca de 1780 aproximadamente. É notável como nessa fase ainda permanecia forte o gosto pelas talhas robustas e vibrantes da primeira metade do século, mais fiéis ao gosto D. João V (13) (14).

A talha mais recente, ainda "rocaille", delicado, é a dos revestimentos parietais da capela-mor. Confrontadas com as descritas, se percebe bem a diferença dos estilos.

Se houvesse a necessidade de destacar, em termos de Escolas, os mestres que participaram da obra entalhada da igreja, se teria de distinguir os artistas que executaram o retábulo-mor, arco cruzeiro e retábulos colaterais daqueles outros que executaram respectivamente a balaustrada, o forro e os revestimentos das paredes da capela-mor. Os púlpitos, cuja linguagem é mais filiada ao gosto de D. João V pelo seu entalhe forte e robusto, aos mestres da capela-mor poderiam estar ligados.

Nesse conjunto entalhado, verdadeira sinfonia de Mozart, como foi comparado pelo estudioso R. Smith (15), se deve reconhecer que a forma humana, nos atlantes e anjos de corpo inteiro, não é satisfatoriamente esculturada. Certos erros de anatomia e mesmo deformações exageradas dão a esses elementos um aspecto um tanto ou quanto grotesco; como exem-

plo, os anjos que assentam na parte superior do arco cruzeiro, simetricamente dispostos arrematam os triângulos aí existentes. Entretanto, esse defeito se bem que tornem a talha de má feitura, aos olhos de alguns, é, ao meu ver, uma das suas singulares características, pois regionalizam o barroco dando-lhe mais uma conotação local e típica.

## 12. PINTURAS

Sobre as pinturas existentes na Igreja dos Militares, por ainda não terem sido devidamente restauradas, torna-se impossível uma maior e melhor análise do seu colorido, hoje já necessariamente diferente do original devido a causas lógicas pois decorrentes dos estragos naturais do tempo. Apesar disso, diante das pinturas não me posso furtar de dizer algumas palavras a seu respeito, evidentemente levando em conta as ressalvas já feitas.

Em épocas distintas e cronologicamente, agruparia a produção pictórica existente na Igreja. Creio as mais antigas pinturas as do forro da nave, envolvidas pelas molduras entalhadas; a seguir relacionaria as duas existentes acima dos altares colaterais ao arco cruzeiro; depois, a do sob coro, datada de 1781; finalmente, anotaria as duas que foram pintadas nos revestimentos, em madeira, das ilhargas da capela-mor.

As pinturas do forro da nave que adotam como temas cenas alegóricas da concepção de Maria, foram levando em conta vários fatores, pintadas tendo como fonte inspiradora da composição, gravuras anteriores à execução das mesmas. Sentiu-se até nos panejamentos a predominância de um modo de tratar que somente poderia ser encontrado em pinturas anteriores ao século XVIII. As cenas são extraordinárias e denotam um pintor de alto nível com domínio da palheta e excelente no desenho. São pinturas cujas qualidades fazem lembrar as existentes na Igreja do Recolhimento de N. S. da Conceição, em Olinda; no sobcoro da Igreja do Convento franciscano de Igarassu e em outros templos de Pernambuco. É difícil de aceitar terem sido pinturas sem modelo europeu, o que não se constituiria novidade, sem querer desmerecer o valor dos artistas locais, dada a categoria intrínseca dos temas que obrigam a um conhecimento profundo da hagiografia Marial. Há, por exemplo, uma das cenas em que se aborda um motivo, também pintado no Rio de Janeiro, em que a Virgem com o



menino, tem este em atitude agressiva contra o dragão-serpente, símbolo da heresia que devora o homem, "um dos assuntos mais caros à arte da contra-reforma e tema da Virgem chamada dos Franciscanos: a heresia simbolizada pela serpente, é vencida pela Virgem com o auxílio do seu filho" (o painel que, na Santa Casa do Rio de Janeiro fixa tema semelhante, embora com composição diversa, data de 1664) (16). Outra pintura do mesmo forro mostra-nos a Virgem, que, de pé, vê seu filho que vai nascer, crucificado, definindo assim a preciência da Imaculada; a composição é magistral e o encadeamento estabelecido entre a Virgem, Cristo e o Pai Eterno é de tal sorte que faz inveja aos melhores surrealistas. Ainda uma outra pintura apresenta a Virgem com o Menino Jesus em uma espécie de nicho, no seio; representação que tem como fonte as imagens antigas da espectação e vai até a mulher apocalíptica. A cena central, apresenta a Imaculada Conceição, que, longe de tomar como modelo as obras de Murilo, precisamente no movimento suave e doce do panejamento, fixa no painel, rigidamente, uma das mais circunspectas das virgens de igrejas pernambucanas; solenemente, envolvida por anjos, a figura magistral esmaga a serpente e, diferentemente das Conceições modelares, não assenta sobre o crescente, este é seguro por um dos anjos. A Virgem tem presa em uma das mãos, a pomba do Espírito Santo. Nessa representação, extremamente simbólica, tem-se presente as palavras apocalípticas: "Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça, que achando-se grávida, grita com as dores do parto, sofrendo tormentos para dar à luz. Viu-se também outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas..." (Apocalipse — Cap. 12, Versículos 1, 2 e 3).

Todas as pinturas em volta da central no forro da nave tem, com esta, considerando os assuntos, correlação e, foram executadas provavelmente pelo mesmo artista e extraídas possivelmente de uma única fonte (Desenho ou gravura européia) (17).

Na parte superior dos altares colaterais ao arco cruzeiro se encontram as duas pinturas que agrupei em segundo lugar. Trata-se de duas cenas da vida de Cristo: o Batismo e a Ressurreição. São pinturas de feitura bem inferiores, se comparadas com as do forro e pobres de modelado, sendo filiadas a muitas outras existentes, coetâneas, em outros templos do Recife.



Não há novidades nas composições que tiveram, provavelmente também como modelos, gravuras européias. O Cristo da Ressurreição lembra inclusive, apenas porque envolvido em luz, o mesmo motivo, abordado por Matias Grunewald, do Retábulo de Issenhain, naturalmente guardando as devidas distâncias — o pintor pernambucano é parco de desenho e de cor. O tema do batismo, por outro lado, é comum a tantos outros, na forma de compor, existentes na pintura pernambucana. A figura de Cristo, como se tornou freqüente depois do século XVII é representada se curvando ao Batista, diferentemente das representações anteriores a esse século em que Cristo se encontra de pé, em sinal de divindade; no entanto, ainda se mantém na pintura referida, um pouco da solenidade da Idade Média. Cristo não se torna totalmente humilde, como seria comum nas cenas do correr do século XVIII, onde o caráter divino, cede à afirmação de humildade profunda fruto da iconografia nova. As cores, apesar da ressalva a respeito, em ambos os painéis e o modelado das figuras, é bem de acordo, como disse, com a pintura pernambucana dos últimos anos do século XVIII (18).

No sobcoro, utilizando toda a superfície do forro de madeira, se pinta uma descrição da Batalha dos Guararapes. O feito pernambucano, que tanto dignificou nossa gente, foi motivo de outras pinturas conhecidas: os dois painéis que foram da Igreja Votiva de Nossa Senhora dos Prazeres, hoje no Instituto Arqueológico e os três grandes, pintados para a Câmara do Senado de Olinda.

F. A. Pereira da Costa (19) data os dois primeiros de 1801 e os três da Câmara do Senado de 1709; o da Igreja dos Militares traz a data de 1781 e foi mandado fazer pelo Governador José César de Menezes.

Em todos os painéis citados é patente o caráter de ingenuidade que o interesse descritivo talvez tenha forçado um pouco. Por outro lado, curiosamente, mantem-se o mesmo tratamento em todos os painéis referidos. Os modelos foram naturalmente os da Câmara do Senado. A composição se faz separando a cena em registros narrativos e onde os principais participantes são numerados e anotados em legendas. Esses registros partiram a composição e destruíram, salvo não fosse a habilidade dos artistas em estabelecer um fundo comum que se interliga irrealmente, a unidade dos painéis. Em um século que

separa os painéis de Olinda, da Câmara do Senado, e àqueles de N. S. dos Prazeres, praticamente as mudanças foram de pouca monta, existindo em todos um primitivismo comum. É interessante anotar no painel dos Militares, certos recursos do artista que, preso a um modelo anterior e naturalmente aceito pelos que encomendaram a cena, consegue encadear os registros habilmente. O tratamento dado à vegetação é quase a dos tapeceiros e o conjunto é realmente como informa Muniz Tavares, bem de "um artista pernambucano, patrioticamente inspirado" (17).

A obra se inscreve no "corpus" das que, além dos painéis citados, reuniria as quatro grandes pinturas votivas, hoje na Pinacoteca do Convento de Santo Antônio de Igarassu, todos sintomaticamente ex-votos e coerentes, na linguagem, com tais tipos de pintura.

Nas duas paredes laterais que formam a capela-mor, forradas de talha, de gosto "rocaille" final, duas pinturas foram inseridas em graciosas molduras, ocupando grande parte do espaço entre as portas de acesso às ante-salas da sacristia e o altar-mor. São pinturas que, pelo estilo, denotam ser de um mesmo artista. Os assuntos tratados ligam-se à vida da Virgem: a apresentação do Templo e a Anunciação. Sobre o colorido me recuso tecer qualquer comentário de vez que se encontram, as pinturas, embora sem terem sofrido qualquer restauração, bem conservadas. O mesmo não direi dos temas e da composição. As fontes principais da vida da Virgem, são além dos Evangelhos, a rica literatura apócrifa, bastante utilizada. Entre as obras que pode-se relacionar, destacarei o Proto-Evangelho de Tiago e o Evangelho da Natividade de Maria. A apresentação ao Templo, em composição, é tratada da forma tradicional onde, Maria, levada por jovens mulheres e sua mãe, sobe os degraus que têm no alto, a clássica figura do Sacerdote que a recebe de braços abertos, acolitados por dois outros elementos; em primeiro plano S. Joaquim. A composição dispõe as massas em diagonais e marca o equilíbrio através do jogo de luz e sombra. Como sói ser a pintura, ainda rococó, é delicada, embora sóbria. O panejamento é natural, sem as linhas movimentadas, da figura barroca. As fisionomias estão tratadas em perfil ou três quartos; não há figuras de frente, e a que assim se apresenta, em corpo, volta ligeiramente a cabeça para Santana. A pintura não é forte no desenho, sendo o pintor pouco feliz no domínio das sombras. A luz parece in-



cidir do altar, para onde, em forma comum se dirige a Virgem. Todas as personagens estão mergulhadas em um fundo escuro, pouco alegre, mais coerente com a pintura de uma fase anterior. Os corpos são alongados e tanto ou quanto amaneirados. Na execução do painel o artista deve ter recorrido a outras pinturas ou gravuras conhecidas, onde se aborda igual tema, face não acreditar, diante dos conjuntos e de certas incorreções de desenho, ser o mesmo capaz de composição própria. Quanto ao segundo painel, A Anunciação, ele é tratado de forma bem singular, considerando a disposição da Virgem e do Anjo: não desejoso talvez de deixar a Virgem, que na forma tradicional, situa-se do lado esquerdo da composição, inverte esta posição e a coloca voltada também para o altar-mor. Adota assim a disposição que pode-se ver na Anunciação de autoria de Philippe de Champaigne (1602-1671) hoje na Collection Wallace, Londres (20), embora nesta, as figuras estejam de pé. Quanto à forma de Anunciar, a pintura se encontra filiada à iconografia nova, que desde os inícios do século XVI., altera a maneira antiga de se pintar tal tema. Na forma nova, envolto em nuvens, o anjo invade a cela da Virgem que, pouco a pouco, com o desenvolver do tema, vai perdendo sua forma arquitetural e todo o espaço é tomado por querubins, nuvens e apenas um altar; sobre ele um livro aberto e diante desse, de joelhos, Maria. A composição é similar, ressaltada a mudança de posição, referida àquela existente, em pintura sobre tábuas, na sede do 1º Distrito do IPHAN, no Recife. Entretanto, a em tela, com as características de desenho e modelado já assinaladas no comentário do painel anterior. Ambas as pinturas teriam talvez derivado do modelo francês existente no Museu de Orleans, a chamada Anunciação de Restout e similar, segundo Emile Mâle (21), na forma de compor, ao desenho reproduzido pelo autor, de Louis de Bullongne, para a Capela da Virgem Versailles. A semelhança entre este desenho e a Anunciação da Sede do IPHAN no Recife, é extraordinária. A pintura da capela-mor da Igreja da Conceição dos Militares, posterior, pelas evidências de estilo, àquela citada, altera ligeiramente a primeira, mantendo entretanto a idéia geral na forma de compor. Os querubins são substituídos, talvez por conveniências da composição, por cabeças aladas de anjos e em menor número.

### 13. A SACRISTIA

Contrastando com o interior da nave e capela-mor, ricas em obras entalhadas, a sacristia da Igreja dos Militares é po-



bre de talha. Entretanto, se bem que não possua tais elementos decorativos, a duas peças devo me referir como de grande valor, merecendo ser ressaltados no conjunto, o lavabo e o móvel que, isolado, substitui o repositório, encaixado na parede, de modo geral em outras sacristias.

O lavabo, de mármore, com embutidos, é provavelmente de origem portuguesa. Pelo estilo é uma peça do segundo quartel do século XVIII, embora guardando o sabor das linhas seiscentistas. O desenho é magistral e lembra uma fonte, executada no Brasil para o convento de S. Francisco na Paraíba, necessariamente guardando as devidas proporções, desde que essa similitude se deve à mesma linguagem empregada. Digo sabor seiscentista porque tal tratamento guarda ainda a modenatura e a modulação comum aos tratados de arquitetura desse século XVII. Há que registrar a curiosa identidade entre o coroamento do lavabo e as portas de acesso da igreja e tal ocorre pelo uso em ambos elementos dos frontões abertos, em volutas. A conotação setecentista é fornecida somando a utilização de elementos fitomórficos, que envolvendo os dois golfinhos dão ao lavabo tratamento igual ao dos retábulos, aos pés em garra que ladeiam a parte inferior da peça. Excelente, a feliz colocação da concha servindo de fundo ao suporte da pia e ladeada por arremates em volutas. Lavabo onde o desenho chega a me sugerir apenas sua execução em Portugal, dada a semelhança com a sintaxe arquitetural do monumento. Uma sobriedade dizendo mais do seiscentos que do século seguinte. É no armário, excelente e raro exemplar, onde se sente melhor a sobriedade das peças, que no Brasil guardam as linhas do mobiliário do século dezessete, este caracterizava-se todo ele com efeito, pela sua estrutura de aparência rígida, fortemente travejada e de composição nitidamente retangular. As pernas torneadas ou torcidas, as almofadas formando desenhos geométricos, os tremidos, a ornamentação corrida ao longo das alvas ou de florões, marcando a amarração das Trempes, tudo concorre para acentuar o aspecto construído, tectônico (22).

A ter sido executado para a sacristia do monumento em tela, esse armário guarda no seu aspecto as características, curiosamente as mesmas, das partes inferiores do arco cruzeiro da igreja e comuns às folhas de portas e janelas das construções do primeiro terço do século XVIII, num conservadorismo bem típico e talvez regional.

Os arcazes, ou "caixões" da sacristia, são separados por um altar no centro. Seu estilo é ainda do rococó franco-português popular, conforme assinala, não para esse móvel, mas para outros similares executados no Recife, no final do século XVIII, Robert Smith (23). Os arcazes da sacristia da Igreja de N. Sra. da Conceição dos Militares têm inclusive, nas gavetas, entalhes bem simples, que os existentes em seus contemporâneos referidos no trabalho do historiador americano.

O altar da Sacristia, entre os dois arcazes, é de gosto rococó e de talha semelhante nos pormenores, ao das molduras dos quadros das ilhargas da capela-mor da igreja. Entretanto, a estrutura do conjunto denota uma sintaxe já mais fiel ao século XIX. Sabe-se que, no Brasil, o rococó permaneceu, a despeito da missão francesa, em uso, mais tempo que em qualquer país da América, e, paralelamente à construção de monumentos neo-clássicos, ainda se executavam obras ricas de sabor do final daquele estilo (23).

#### 14. IMAGENS

Para a Igreja de N. Sra. da Conceição dos Militares, foram adquiridas ou confeccionadas excelentes imagens, algumas tre as melhores: A Padroeira, entronizada em nicho, este do século XIX, no centro do altar-mor, ladeada dos seus pais Sanainda na primeira metade do século XVIII, salientando-se entana e S. Joaquim, também em nichos, mal engastados, entre as colunas torsas; S. João Batista, grande imagem no altar colateral do antigo lado da Epístola e um crucificado no do Evangelho, colaterais, ambos retábulos ao arco cruzeiro. Outras peças de imaginárias que não enumerarei, fazem parte do futuro museu a ser montado nesse monumento (24).

Na Sacristia, na capela-mor, nave e corredores, inúmeras sanefas, executadas em épocas distintas, merecem ser destacadas por se constituírem, no conjunto, em notável aula da evolução da talha desde meados do século XVIII até o século XIX.

#### 15. NOTAS DO TEXTO

- 1) GONÇALVES DE MELLO, J.A. — Crônica da Igreja da Conceição dos Militares, in Diário de Pernambuco, Suplemento do dia 19 de julho de 1970 — Recife.



- 2) MOTA MENEZES, José Luiz — Igreja de São Pedro dos Clérigos. Edição limitada do autor. Recife, 1970.
- 3) SMITH, Robert C. — A Talha em Portugal — Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1963. Também em: A Talha em Portugal — Livros Horizonte — Lisboa, 1962.
- 4) Em Portugal destaca as obras no género dos Arquitectos Nicolau Nasoni e Friedrich Ludwig (Ludovise) estudadas pelos senhores: SMITH, Robert — Nicolau Nasoni — Livros Horizonte, Lisboa, 1966; LAVAGNINO, Emilio — L'Arte Baroque au Portugal, in Rapports e Communications — XVI Congrès International d'Historie de L'Art-Lisbonne — Porto, 1949; SANTOS, Reynaldo — Oito séculos de Arte Portuguesa — Vol. 1 — Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa.
- 5) BAZIN, Germain — L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil — Museu de Arte de São Paulo — Editions d'Historie et d'Art — Librairie Plon — Paris, p. 175/76 — Tomo I — "Telle qu'elle apparaît extérieurement, la Matriz do Pilar se compose de deux corps de bâtiments quadrangulaires, un très allongé qui groupe la capela-mor et la sacristie à laquelle on accède par deux corridors surmontés de tribunes et le corpo da Igreja. Avant l'intervention de Pombal en 1736, je pense que ce corpo da igreja était une simple nef quadrangulaire sans corridors. Sans toucher à l'architecture extérieure, Antonio Francisco Pombal transforma complement la nef en emboitant à l'intérieur du quadrangle un décagone de forme ellipsoïdale dont deux côtés sont fournis par l'arco cruzeiro et l'arco do coro, et les huit autres par de grands arcs en anse de panier; ceux-ci sont inclus entre des doubles pilastres cannelés d'ordre composite, qui supportent une puissante corniche ou prend appui le somptueux décor du plafond à compartiments, dans lesquels sont enchâssées des peintures (la surface peinte étant très inférieure à celle de la mouluration)".
- 6) GONÇALVES DE MELLO, José Antônio — Antônio Fernandes de Matos — Edição dos Amigos da DPHAN — Pág. 37 — Recife, 1957.
- 7) Hoje essas escadas se encontram confinadas e seus ambientes protegidos por um telhado comum às mesmas e ao consistório, modificando assim a disposição original.
- 8) Os jardins que provavelmente ladeavam a igreja, desapareceram com as novas construções dos dias atuais que confinaram o templo. A situação presente do monumento com uma das galerias em arcos entaipada e a outra com um edifício de mais de dez pavimentos a cerca de 1.50 m de distância da lateral, não é a mesma de origem e assim, devo salientar ser imprescindível que se analise o interior levando em conta tais agravantes que prejudicaram sensivelmente a aeração e a luz natural do mesmo.
- 9) BAZIN, Germain — Obra citada, Tomo I, págs. 150/151 — Ressalta o Sr. Bazin a possibilidade de ambos os exteriores terem sido riscados pelo mesmo arquiteto.



- 10) GONÇALVES DE MELLO, José Antônio — Antônio Fernandes Matos — 1671-1701 — Edição dos Amigos da DPHAN — Pág. 52 e seg. Recife, 1957.
- 11) BAZIN, Germain — Obra citada — Tomo II — Pág. 144.
- 12) COSTA Lúcio — A Arquitetura Jesuítica no Brasil — in Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — nº 5 — Págs. 9 a 104 — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro, 1941. Também se pode relacionar o retábulo considerado com os congêneres portugueses, analisados pelos senhores R. Smith, ob. citada em (3); Germain Bazin, obra citada em (5); também Reynaldo Santos ob. citada (4). Sendo, entretanto, o arquiteto Lúcio Costa quem pioneiramente estudou tal classificação que não se altera senão com a inclusão de outros tipos secundários, nos outros trabalhos posteriores, referidos.
- 13) Tandis que se développait entre 1770 et 1790 ce style gracieux et manieré, Recife connaissait la brusque intrusion de la rocaille boursoufflée du Minho-Douro. Deux ensemble, les plus beaux, de Pernambuco avec la capela dourada, denotent incontestablement cette influence: le plafond de la Conceição dos Militares, la capela-mor de São Bento de Olinda.

Le plafond de la Conceição dos Militares est une pièce unique, et le Portugal n'offre rien d'approchant. C'est une des oeuvres les plus lyrique qu'ait produits l'art baroque. Sur un fond blanc uni, onze motifs rocaille, peints de couleur brune et relevés de blanc et or, contiennent des peintures allegoriques de la Conception Immaculée de Marie. Chacun de ces motifs se découpe en formes extraordinairement chantournées; enroulées en conques et en rocailles d'un puissant relief; le vocabulaire manque de termes pour décrire les elements de cette composition, qui n'en d'équivalent que dans les sculptures sur pierre de la Madaleine de Falperra (près Braga) et du Bom Jesus de Braga. L'effet de puissance de ce rocher incrusté de coquillages, suspendu au-dessus de la tête du spectateur, est indescriptible; le plafond de la Conceição dos Militares est la Chapelle Sixtine de la rocaille. Tout à l'analyse paroit superfluité et redondance, et pourtant il n'est pas un element, une jetée de volute ou une conque de rocaille qui ne soit nécessaire au rythme de l'ensemble; c'est ici qu'on saisit l'absurdité de ce propos de Charles Coypel définissant le baroque comme un choix "de formes piquantes et extraordinaires dont souvent aucune partie ne répond à l'autre". Certes ici tout est asymétrique, mais tout appelle sa réponse et tout effet son écho; ces ornements multiples se symphonisent dans un chant grandiose comme une partition d'orgue. Ce plafond est l'apothéose de la talha. L'expression suprême de cet étrange génie lusitanien qui volontiers se laisse poster aux paroxysmes de l'expression mais qui découvre l'art de les résoudre en harmonie. Trois siècles d'évolution, ou tant de formes diverses ont été essayées, ont abouti à ce chef-d'oeuvre, qu'il faut subir sans pouvoir le traduire.

Il est décevant de penser que nous ne connaissons pas l'auteur du risco de ce plafond est plus encore de nous dire que, se nous le savions, ce ne serait pour nous qu'un nom, vide de tout contenu humain. Comme les oeuvres du Moyen Age, tous ces monuments de la civili-



Forro da nave, pintura nº 1 — Imaculada Conceição — Foto Benício W.



zations luso-brasilienne se présentent à nous avec leur seule qualité d'oeuvre d'art. Un artiste a échappé à ce naufrage de l'oubli: l'Aleijadinho. Ce que nous pouvons dire avec certitude, c'est que l'auteur de ce dessin est un Portugais de Braga. Quant au moment où ce plafond a été exécuté, il nous est donné approximativement par une peinture enchâssé dans le coro et qui représente la bataille de Guararapes; elle porte la date de 1781. Les sculpteurs furent ici à la hauteur de la pensée du créateur; la facture est excellent, même dans les anges qui jaillissent de la rocaille, brandissant des couronnes laurées ou tenant des guirlandes; cette qualité d'exécution contraste avec la grossièreté des figures dans la talha D. João V de l'église. Págs. 287 e 288 de Bazin, *Germain-L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil*, etc. Tomo I.

- 14) Compare-se esse conjunto entalhado com o forro em pintura, da nave da Igreja do Convento de Santo Antônio de Igarapé, Pernambuco, pintado e assinado por Rebelo em 1749. A data, bastante recuada da, quella que Bazin atribui a execução do forro da Conceição dos Militares, sabendo-se da semelhança entre os forros, conduziria provavelmente a se afirmar ser o de Igarapé, fonte do executado em talha no Recife; a hipótese contrária levaria o forro da Conceição a primeira metade do século XVIII dando-lhe o caráter inovador da talha barroco-rococó em Pernambuco.
- 15) Em visita que procedeu ao monumento.
- 16) LEVY, Hannah — A Pintura Colonial no Rio de Janeiro, in *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 6 — Ministério da Educação e Saúde, pág. 42 — Rio de Janeiro, 1942.
- 17) Descrição e comentários sobre as pinturas do Forro da nave da Igreja de N. S. da Conceição dos Militares.

(Os comentários não pretendem esgotar o assunto, nem tampouco o autor, em face da não existência de bibliografia específica nas bibliotecas de seu Estado, é um especialista na matéria. Trata-se na verdade de uma maneira de, pela vez primeira, se tentar uma explicação, à luz dos modelos conhecidos, dos extraordinários temas pintados, e que, por sua natureza, despertam o interesse de quantos visitam a igreja, estudiosos ou simples leigos. O material, rico e variado, sob o ponto de vista iconográfico, é passível, talvez de outras anotações e as que fez o autor de inúmeros reparos).

#### **Pintura nº 1 — Central — N. S. da Conceição.**

**Descrição** — Figura da Virgem de pé, panejamento que lembra a gravura, e semelhante à imaginária; predominância da linha, do desenho, sobre a cor. Se apresenta a Virgem com estrelas em torno da cabeça e coroada com rosas. Atrás da cabeça um resplendor que recorda o sol; na mão esquerda segura sobre o peito o Espírito Santo, representado como uma pomba; na mão direita um ramo com lírios; assenta sobre a serpente. Tem, na altura das pernas, de cada lado, dois anjos; o do lado direito da Virgem segura o crescente; o outro,



no lado contrário, sustenta um coração; os demais são serafins. Sobre a Virgem, e no plano de nuvens que envolve o centro iluminado, a figura em meio corpo do Pai Eterno, na fisionomia de um velho, como sói ser nas gravuras e iluminura medievais.

Há um modelado com predomínio da luz onde o volume é marcado com as sombras apenas nos contornos.

**Comentário:** Louis Reau, quando trata da iconografia Marial, inclui a representação da Imaculada Conceição no primeiro de quatro grandes tipos a saber:

- "1) La Vierge avant la naissance de l'Enfant: Immaculée conception et Maternité virginale.
- 2) La Vierge avec l'Enfant: Types de Magesté et de Tendresse.
- 3) La Vierge de Douleur: Vierge de Pitié et des Sept Douleurs.
- 4) La Vierge tutélaire: Vierge de Misericorde, du Rosaire". — Tome Seconde, pág. 74.

Ao estudar o primeiro dos tipos, esclarece da necessidade de se analisar em conjunto, não se podendo assim separar a Imaculada Conceição e a Maternidade Virginal, desde que ambas derivam da mesma fonte.

O tipo iconográfico somente aparece, embora colocado logicamente como primeiro na ordem natural, muito tempo depois, das virgens em majestade e da piedade. O problema esteve sempre condicionado ao dógma da Imaculada concepção.

Esclarece ainda o autor citado que: "L'Immaculée conception n'est pas la conception du Christ dans le sein de la Vierge, mais la conception de la Vierge elle-même dans le sein de Saint Anne ou plutôt dans la pensée de Dieu qui, par une grâce unique, l'exempte du péché original. Pour employer les expressions des théologiens du Moyen-âge, il s'agit d'une conceptio passiva non d'une conceptio activa".

L'Immaculée est la Vierge élue avant sa naissance celle qui fut choisie avant d'être née, conçue avant Ève, de toute éternité "Ab aeterno ordinata sum. Nodum erant abyssi et ego jam concepta eram (Prov. 8,22). C'est pourquoi elle est représentée toute jeune. Elle descend du ciel sur la terre, pour racheter la faute d'Ève. Par là elle s'oppose à la Vierge de l'Assomption qui, animée d'un mouvement inverse, monte après sa mort de la terre vers le ciel".

Ao relacionar as fontes da representação de tal tema, o mesmo autor indica o Antigo e Novo Testamento e o Apocalipse.

A Virgem Imaculada é deste modo assimilada à noiva do Cântico dos Cânticos. É a Sulamita do Pseudo-Salomão, como provam as palavras

inscritas nos filatérios: "Tota pulchra es, mea, et macula non est in te", e "as metáforas bíblicas semeadas em torno dela como as pérolas de um colar".

Outros atributos da Imaculada foram tomados do Apocalipse 12, já citado no texto: A mulher vestida de sol e coroada com doze estrelas (*amica sole, luna sub pedibus, in capite corona stellarum duodecim*). Com referência à lua, é interessante ressaltar que sempre é crescente, nunca cheia, evocando a castidade de Diana.

Na pintura da Igreja de N. S. da Conceição dos Militares, entretanto, outros atributos aparecem um tanto ou quanto estranhos ao tema focalizado. São eles: o coração, seguro por um dos anjos, o ramo de lírio e a pomba, segura por uma das mãos da Virgem sobre o peito.

A pomba é o terceiro ator, segundo Louis Reau, da Anunciação, o Espírito Santo, que ao se realizar o anúncio do anjo, desce em meio de um feixe de luz para a orelha ou o seio da Virgem eleita. De várias maneiras a vemos se apresentar em cenas da Anunciação. Entre elas, ressalta o mesmo autor, o grupo da Anunciação esculpido sob a Galilé da Catedral de Friburgo, onde a pomba assenta no punho da Virgem como um falcão pronto para a caça. Não se pode entretanto, por essa única via explicar o aparecimento de tal atributo nas pinturas da Imaculada. Um caminho melhor nos leva talvez a explicação do atributo, este nos é sugerido pelo padre B. Xavier Coutinho, no livro N. Sra. na Arte, pág. 163, no seguinte texto:

#### "2.º Pássaro e Pomba"

"A existência destes símbolos, nas mãos de Jesus ou de Maria, explica-se da forma seguinte: desde longa data, nas árvores de Jessé, começou a aparecer a pomba, símbolo do divino Espírito Santo, que, sucessivamente, é colocada cada vez mais sobre Nossa Senhora, à medida que sua figura sobressai ou é mais destacada. Foi por isso sem dificuldade, que a pomba começou a sugerir, paralelamente, nas mãos de Jesus ou de Maria, a origem divina do verbo Incarnado".

Quanto ao coração, seguro por um dos anjos, não é atributo encontrado em nenhuma Imaculada que o autor conheça. Seria uma relação com a devoção do coração de Jesus? O coração humano sempre foi considerado símbolo do amor carnal e místico. Não seria uma alusão simbólica a seu filho Cristo, cuja devoção ligada ao Sagrado Coração, teve enorme incremento desde sua aprovação em 1765, pelo Papa Clemente XIII?

A existência de, na parte alta do painel, da figura do Pai Eterno, não se constitui, embora de certa forma inusitada, novidade, vez que pinturas anteriores a esta, a exemplo as de François Brèa (Séc. XVI), da Igreja de Sospel (Alpes Marítimo), de Juan de Juanes (1523-70), na Sacristia de Sot de Ferrer (Castellon de La Plana), Espanha, e a gravura a traço, século XVIII, onde se vê figurada a mulher apocalíptica e de autoria de Juan de Jánegul. Nesta é que se vê melhor, através da semelhança de tratamento da forma do Pai Eterno com aquela

da Igreja da Conceição dos Militares, que a fonte da pintura Pernambucana foi a gravura.

O ramo de lírio, símbolo da pureza, guarda relação com o tema e se justificaria sua presença na pintura. O seu uso fundamenta-se nas expressões do Cântico dos Cânticos: Campo e lírio dos Vales; Lírio entre espinhos, etc. (*Sicut cylum inter spinas sic amica mea inter filias*): Apesar disso não é dos símbolos mais freqüentes.

**Pintura nº 2** — Primeiro das quatro que envolvem a pintura central.

**Descrição** — A Virgem, de pé, está em primeiro plano; acima da Virgem o Pai Eterno; entre a Virgem e o Pai Eterno e com linhas que sugerem que a cena não é real, mas uma visão, se encontra a figura de Cristo crucificado; abaixo da cruz a serpente que se dirige para os pés da Virgem. Ao pé da cruz uma mulher chora a morte do crucificado.

Em último plano a visão de uma cidade — Jerusalém. Um facho de luz se dirige do peito do crucificado para o da Virgem. Esta traz seguro na mão esquerda um ramo com lírios. Outro jato de luz se dirige para a mulher que chora aos pés da cruz. A luz desce do Pai Eterno para o filho; se dirige deste para a mãe e dela para a mulher que chora a morte do crucificado, seu filho.

**Comentário:** Já ressaltai no texto o caráter extraordinário do tema. Acredito que o assunto se refere ao tipo iconográfico, em sua origem bizantino-russo a Panagia Strastnaia, da Mater Dolorosa, triste, a prever o futuro sofrimento do seu filho. Segundo B. Xavier Coutinho, obra citada, "há mesmo quem lhe atribua a origem remota numa capela que se chamava "Statio Mariae", existente em Jerusalém, frente ao Calvário, onde, segundo a tradição, Nossa Senhora teria morado desde a Paixão até a Ressurreição. Durante este tempo ela teria vivido apenas da recordação das suas dores, pois até as suas alegrias, em confronto com estas, se lhe transformavam em dores". Pelo visto, duas explicações se pode dar ao tema: a primeira filia-se à preciência do drama da paixão, a segunda funda-se na memória do mesmo. Creio entretanto que, da forma como o motivo se apresenta na Igreja dos Militares, a primeira das soluções melhor se me afigura, em face da maneira de conduzir a composição e as atitudes dos figurantes.

**Pintura nº 3** — Segunda das quatro que envolvem a pintura central.

**Descrição** — A Virgem de pé, sobre o crescente, tem nos braços o seu filho, criança. Este, em atitude agressiva, com um dardo atinge o dragão-serpente que, com a cauda, varre no firmamento, as estrelas e é arrojado para baixo. Na altura da criança vêem-se serafins. A Virgem tem na cabeça, como resplendor, o sol.

**Comentário:** O tema, muito caro à Contra-reforma, como afirmei no texto, tem como fonte sem dúvida, o apocalipse. Entretanto, trata-se na verdade da Imaculada dos Franciscanos ou o triunfo de Maria so-



bre as heresias. Além da pintura citada no texto, chamo atenção para outra, onde a dramaticidade não é tão acentuada, existente na Catedral de Toledo, Espanha, e executada em mosaico, tendo como origem a Itália, datada do século XVII.

No século XVII, se estendendo até o seguinte, foi popular a representação de uma espécie de nova Eva triunfante, com o filho nos braços, a rechaçar, com a lança, o monstro infernal. A propagação de tal tipo iconográfico foi acentuada pela colocação nos inícios do século XVII, diante da Santa Maria Maior, em Roma, de uma coluna com uma imagem da Virgem assim representada.

Ao tempo de Gregório XIII e Alexandre VII, já a meados do mesmo século, a expansão do tema foi grande. Denomina-se Imaculada franciscana, por ser propagada pela Ordem que mais acirradamente defendeu o privilégio da Imaculada.

Com o desaparecimento do espírito polémico as representações deste género perderam o interesse. É de forma singular que tal assunto aparece na Igreja dos Militares. Teriam as gravuras fontes prováveis das pinturas do Recife uma origem franciscana? Ou teria sido o pintor mesmo um artista frade desta Ordem? A orientação iconográfica teria sido de um religioso franciscano? Seria o painel em causa uma pista para sua autoria e dos demais?

**Pintura nº 4** — Terceira das quatro que envolvem a pintura central.

**Descrição** — Sentada em um trono, a Virgem coroada tem seu filho, menino nos braços. No mesmo nível, na composição e plano da Virgem, um arcanjo arroja uma figura demoníaca, que em sentido contrário, pernas para o alto e cabeça sob os pés da mulher, é lançada assim num abismo.

**Comentário:** A cena evoca ainda a visão apocalíptica, onde, de forma incomum, o dragão é substituído pelo demônio que o arcanjo ataca e defende deste modo a Virgem e a criança. A posição da figura demoníaca sugere o simbolismo medieval, da forma negativa do homem, o mal que se opõe à posição ereta o bem. A Virgem em majestade, está filiada quanto à representação ao tipo bizantino a Panagia Hodigitria, fonte das virgens deste género para o Ocidente.

**Pintura nº 5** — Quarta e última a envolver a pintura central.

**Descrição** — A Virgem de pé, iluminada por luz que emana do Espírito Santo, que tem sobre ele o Pai Eterno, guarda em seu corpo a figura de Jesus recém-nascido. A um lado, um anjo sustenta uma redoma com as letras IHS.

**Comentário:** O tema é do final da Idade Média. Trata-se da Anunciação associada à Encarnação.

Louis Reau de duas maneiras nos diz que se apresentou o assunto: A descida de Jesus criança no seio de Maria e a caça ao licorne que se refugia no seio de uma Virgem.

E da primeira forma que se encontra tratado o tema na Igreja dos Militares. O texto de L. Reau, bastante elucidativo diz melhor: (pág. 190 ob. cit.):

"1 — La Plongée de L'Enfant Jesus dans le sein de la Vierge.

Lat. *Parvulus puer missus in uterum Virginis*. Si l'on regarde avec quelque attention les Annonciations du XVe. Siècle, on y observe fréquemment un détail qui au premier abord paraît surprenant.

Au dessus de la tête de la Vierge apparaît Dieu le Père faisant un geste de bénédiction. De sa bouche part un faisceau de rayon lumineux le long desquels descend la colombe du Saint-Esprit. Elle n'est pas seule, elle projette dans cette trajectoire un enfant: non point un embryon, mais un "homunculus" entièrement formé: c'est l'Enfant Jésus, comme le montre la croix qu'il port souvent sur l'épaule. Cet enfant conçu par le Saint Esprit plonge vers le sein de la Vierge, com pollen fécondant aspiré para le calice d'une fleur.

Ce n'est pas là, comme on pourrait le croire, un réplique chrétienne du mythe du cygne de Leda, mais la traduction d'une doctrine théologique on croyait que Jesus, au lieu de se former "in utero" comme le font les enfants des hommes, avait été parachuté par Dieu du haut du ciel (*emissus caelitus*) et était entré **tout formé** dans le sein inviolé de la Vierge.

Par quelle voie s'était opéré l'Incarnation? Les theologiens se partageaient sur ce point en deux écoles. Les uns soutenaient que le Christ, qui est le **Logos, le Verbe**, était entré par l'oreille de la Vierge en même temps que le message de l'ange annonciateur: *Virgo per aurem impregnatur*. C'est le theme de la **Conceptio per aurem**. Dans une prose du XIIIe. Siècle on chantait:

Gaude, Virgo, Mater Christi  
Quae per aurem conceptisti

Mais a plupart croyaient que la conception s'était fait plus normalement par le canal utérin (*conceptio per uterum*).

Ce thème est sans doute d'origine byzantine car on voit dans des icônes russes de l'Annonciation l'Enfant Jésus déjà dans le sein de la Vierge (*Mladenets vo Tcherevê Bogo materi*), il apparaît en Italie au début du XIVe. Siècle, plus tardivement en France, en Flandre et en Allemagne".

**XIVe. Siècle:** Pacino da Buonaguida. Medallion d'Arbre de Vie V. 1130. Academie de Florence. Lorenzo Veneziano. 1371. Acad. Venise Maître Bertran. Retable de Grabow — 1379 — Mus. Hambourg.

**XVe. Siècle:** Giovanni Santi, Brera Ottaviano Nelli, Foligno Annonciation d'Aix 1443. Ulrich Mair. 1475. Mus. Zurich. Albâtre anglais. Egl. S. Michel. Bordeaux.



Forro da nave, pintura nº 5 — Foto Benício W. Dias — Arquivo Iphan



Tympan du portail nord de la Marienkirche à Wurzburg. Conception par Poreille.

Des le XVe. Siècle des protestation se font déjà entendre contre ce sujet choquant. Il ne s'agit pas, il est vrai, de défendre le bon goût outragé ou la simple décence, mais l'orthodoxie en péril. L'archevêque de Florence, Saint Antonin, blâme les peintres qui représentent l'Enfant Jésus projeté tout formé dans le sein de la Vierge comme si son corps ne s'était pas nourri de la substance maternelle.

Le concile de Trente s'associe à cette condamnation et le fameux theologien Molanus de Louvain se fait son interprète en proscrivant du répertoire de l'art catholique les Annonciations ou l'on voit "corpuscule quoddam humanum descendens inter radios ad uterum Beatiſsimae Virginis" comme si, ajoute-t-il, le sein de la Vierge n'avait été qu'un simple tuyau ou chalumeau (fistula) par où serait entré et sorti le corps du Christ formé dans le ciel".

Vê-se pelo texto transcrito o interesse iconográfico da pintura. Um tema polémico, já condenado pela Igreja, é pintado, decorrendo isso talvez do uso de uma gravura onde o assunto é tratado e indiscutivelmente de origem medieval.

A simples existência dessa Anunciação já valorizaria extraordinariamente as pinturas de Igreja de N. Sra. da Conceição dos Militares, dando-lhes a primazia de talvez, única a representar no Brasil, tal tema polémico. Ao mesmo tempo poderia demonstrar o cuidado como foi tratado o conjunto de pinturas do forro onde o inusitado domina categoricamente. Na mesma Igreja, forro e capela-mor, duas formas de abordar o grande motivo da Anunciação. Uma condenada, outra aceita pelo Concílio de Trento.

B. Xavier Coutinho, ob. cit., relaciona a figura da Virgem com o menino, numa espécie de nicho no seio, às representações de Nossa Senhora do Ó, ou da expectação. Tipo iconográfico, retirado das igrejas por se considerar indecente.

**Pintura nº 6** — Primeira das três situadas nas proximidades da fachada principal e sobre o coro.

**Descrição** — A Virgem, diante de um altar, envolvidos ambos por nuvens; junto ao altar a figura de um adolescente segura um cordeiro, que em atitude humilde assenta na mesa. Um dístico diz: *APUDDNUM MISERICORDI*, em tarja segura por um anjo. Abaixo da cena um grupo de homens, a meio corpo, a assistem religiosamente. Sobre todo o conjunto o sol.

**Comentário:** O tema está naturalmente relacionado com a Virgem protetora, com sua Misericórdia. A intercessão da mãe de Deus era considerada pelos fiéis como a mais eficaz de todas. Um manuscrito grego, citado por L. Reau, conservou a lenda da Virgem Maria descendo ao inferno para minorar a sorte dos condenados. Tomada de

piedade ela pede a S. Miguel, para com os anjos, implorar a clemência de Deus. Na pintura da Igreja dos Militares, salvo melhor juízo, a cena é bem clara desse propósito, não faltando mesmo a presença dos pecadores e a confirmação do tema pelas palavras do filatério.

Louis Reau sobre o assunto assim se expressa: pág. 73 — Tome II —  
— "Enfin Bysance a crée avant l'occident le type de la Vierge Mediatrice intercédant pour le salut des hommes.

La Panagia figure toujours dans le groupe trinitaire de la Deisis qui signifie en greco la Prière, l'imploration. Elle fait pendant au Prodrome ou Precurseur (Saint Jean-Baptiste) et implore avec lui le Christ Juge.

Devo insistir num aspecto da pintura: a presença do filatério (tarja) em uma pintura do século XVIII indica a possibilidade de uma fonte européia e medieval. Nas pinturas barrocas, realizadas na Europa, de muito se tinha abandonado tal forma de indicar uma atitude ou ação, vez que a ação era sugerida por ela mesmo, com toda dramaticidade do barroco, nas fisionomias e nos gestos.

**Pintura nº 7** — No Extremo, lado da fachada da Igreja e entre as de nº 6 e 8.

**Descrição** — A Virgem tem seu filho no colo; ao lado um velho (S. José?). Sobre o grupo, em corpo inteiro o Pai Eterno se dirige ao mesmo. A figura do Pai Eterno, como sói ser, é a de um velho, tendo sobre a cabeça um triângulo de luz; abaixo de sua mão esquerda o globo do mundo; no seu lado direito o firmamento.

**Comentário:** Em face de não ter encontrado fonte iconográfica, no material que disponho, sobre os temas desta pintura e das que numerei como 8 e 11, não tecerei nenhum comentário a respeito.

Quanto a de nº 9, trata-se provavelmente de uma variante da Anunciação, entretanto, de um tipo anterior aos modelos ocidentais consagrados, pois a pomba pousa no seio da Virgem eleita. Na pintura de nº 10, central no grupo 9, 10, 11, a cena indica claramente se tratar do tema em que a Virgem canta o magnificat.

**Pintura nº 8** — A terceira das que se situam sobre o coro.

**Descrição** — A Virgem no centro da cena, aponta para o alto, onde em menor dimensão se vê o Cristo e o Pai Eterno. Na composição, correspondendo à altura das mãos da Virgem, dois anjos. Ela está de pé sobre o crescente. No lado esquerdo da cena e abaixo das mãos da Virgem, a boca de um dragão-serpente está aberta e dentre dela uma figura estranha, de um homem, se encontra sentada, ou sendo devorada.



Forro da nave, pintura nº 8 — Foto Benício W. Dias — Arquivo Iphan



**Pintura nº 9** — Primeira das três do lado contrário à fachada.

**Descrição** — A Virgem, com os braços abertos, tem sobre o peito o Espírito Santo. Está a Virgem assentada sobre nuvens que a envolvem. Pouco acima a figura do anjo anunciador projeta sobre a pomba um feixe de luz; sobre o anjo o Pai Eterno se resumiu a um triângulo iluminado que envia ao anjo um dos feixes de sua luz; há um encaçamento na cena, que se faz sentir através de um facho luminoso que liga os personagens ao triângulo acima.

**Pintura nº 10** — Central das três situadas no lado contrário à fachada.

**Descrição** — A Virgem, de pé, sustenta em uma das mãos, a esquerda, um livro aberto. No alto a figura, quase de corpo inteiro do Pai Eterno, que reclinado sobre as nuvens que envolvem a cena, dirige seus olhos para a Virgem.

**Pintura nº 11** — Lateral a de nº 10.

**Descrição** — A Virgem, de joelhos, vê sob nuvens, a figura de um menino envolto em luz com uma tarja que sai de suas espaldas.

- 18) As duas pinturas foram, em 1870, restauradas pelo pintor Francisco Dornelas Munduri (Crônica da Igreja da Conceição dos Militares, ob. cit. (1).
- 19) PEREIRA DA COSTA, F. A. — Anais Pernambucanos — Vol. V — págs. 157 e seguintes — Arquivo Público Estadual — Recife, 1953.
- 20) GHEON, Henri — Marie, Mère de Dieu — Editions Pierre Tisné — Paris — 1939 — pág. 19.
- 21) MALE, Emile — L'Art Religieux de la fin de XVIe. siècle au XVIIe. siècle et du XVIIIe. siècle — Libraire Armand Colin — Paris, 1951 — Págs. 240 a 242.
- 22) COSTA, Lúcio — Notas sobre a evolução do Mobiliário Luso-Brasileiro — Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — Ministério da Educação e Saúde — nº 3 — pág. 19.
- 23) SMITH, Robert — Santo Antônio do Recife — in Anuário do Museu Imperial — Ministério da Educação e Saúde — Vol. VII — Petrópolis, 1946 — pág. 146.
- 24) Com a falta de um inventário circunstanciado que revelaria valores da nossa imaginária, é difícil um estudo melhor dos exemplares contidos na Igreja de N. S. da Conceição, analisados em face das imagens de Pernambuco. O próprio monumento em tela não possui inventário de suas peças, a maioria, de grande valor artístico.

## 16. DATAS IMPORTANTES E OBRAS DOCUMENTADAS

Extraídas de: GONÇALVES DE MELLO, J. A.

Crônica da Igreja da Conceição dos Militares —  
in Diário de Pernambuco de 17 de julho de 1970.

- 1722 — “Os sargentos e soldados do Terço da infantaria da guarnição do Recife, do qual era Me. de Campo o pernambucano D. Francisco de Souza, resolveram fundar uma irmandade sua e erigir uma igreja, onde fossem sepultados. Para tal solicitaram permissão ao Governador da Capitania de Pernambuco, que era D. Manuel Rolim de Moura, alegando a decisão que tinham tomado, indicando que Nossa Senhora da Conceição seria sua Padroeira e acrescentando que na Irmandade e nas suas festividades, não se intrometeriam os oficiais maiores do seu Terço, com exceção do seu Mestre de Campo, a quem iriam convidar para ser o primeiro Juiz dela, se assim o quisesse”.
- 23/11/1722 — Permissão do Cabido, por estar vago o Bispado, para fundação da Irmandade e a construção da Igreja.
- Para as despesas da construção: contribuição mensal de 1 tostão do soldo de cada um dos militares, totalizando 250\$ por ano.
- 30/08/1725 — Diogo da Silveira Veloso — Sargento-mor engenheiro de Pernambuco, “a pedido dos interessados, atestava que da Igreja estava feito todo o alicerce, levantadas algumas paredes, mas não o frontispício, estando concluída a capela-mor”. As obras feitas avalladas em 1,455\$; as de pedreiro a realizar 2,200\$ e que as de carpinteiros, a saber: a coberta da nave, capela-mor, coro e sacristia, as portas e as janelas de almofada, o púlpito e os “caixões” da sacristia para os paramentos, avaliava em 1,600\$”.
- 1725 — Solicitam os soldados um auxílio ao Rei D. João V para conclusão da Igreja (não se pôde verificar se conseguiram).
- 1803 — “Referência a ambos os púlpitos da igreja e ao painel do trono” — “obras da Torre ou para a fatura da Torre”. Crispim Paes Varela era o Mestre da obra da Torre. Para ela fundiu sinos o Mestre Manuel Vicente de Siqueira (1804-1805).
- 1807 e 1812 — Manuel Jesus Pinto — prateia e pinta alguns objetos do altar.
- 1809 e 1814 — Os ourives João da Fonseca, Luiz Antônio Peniche e João Gomes Vanderlei, limpam a prata do culto.

- 1812 — "Paga-se \$400 pelo conserto de uma figura que caiu da capela-mor e 23\$ do conserto da capela-mor".
- 1813 — "Adquirem-se oito espelhos para os caixões da sacristia a \$400 cada um".
- 1830/31 — "Assentam-se 72 vidros nos caixilhos da Igreja".
- 1831 — O pintor José de São João de Deus foi encarregado de "retoque da encarnação da Imagem de N. S. da Conceição e anjos que tem a dita imagem".
- 1832 — "Leandro Dias pinta a estante do altar e põe letras nas credências, ao mesmo tempo que José Julião Dias conserta o nicho de São José, que é pintado por José da Fonseca Galvão e Manoel Pereira de Sá faz pequena obra na coroa de ouro da Padroeira".
- 1835 — "Fazem-se os caixilhos de 4 janelas (de guilhotinas) do consistório, assentando-se 160 vidros; João Crisóstomo faz 4 tocheiros e conserta as sanefas da sacristia".
- 1837 — "O marceneiro Joaquim Dias de Sant'Ana Jr. faz gradames para o altar-mor e para os dois altares laterais".
- 1838 — "Domingos Rabelo da Luz faz a grade de ferro que fechava o arco da capela-mor".
- 1850 — "Manda-se fazer uma cruz grande de prata, obra de José Inácio de Assunção, que pesou 12 libras e meia e 46 oitavas".
- 1855 — "José Francisco Bento faz quatro grades de ferro que protegem os vãos das janelas da sacristia; Francisco Martins dos Anjos Paula, mestre carpina, faz obras na cobertura da Igreja e Isidoro Rompecke, mestre pedreiro, diversas obras nas paredes laterais e torre, onde foram colocados dois sinos novos".
- 1856 — "Faz-se "uma grande estante nova, ricamente dourada e dois tocheiros" para o cantochão e Joaquim Hilário de Assunção faz concertos na talha da capela-mor.
- 1857 — "Pagam-se 16\$ ao mesmo marceneiro por duas estantes para os altares; o pintor Caetano da Rocha Pereira faz vários trabalhos de sua arte e douramento e o "envernizamento dos quatro painéis da Igreja".
- 1858 — Foi adquirida por 800\$ "uma custódia de prata dourada, rica", pesando 1.034 oitavas, a qual "foi paga pela entrega de 3.916 oitavas de prata de diversas obras sem uso, velhas".



- 1868 — O pintor Vital apresenta uma proposta para "realizar na capela-mor e nos dois altares laterais, pondo algumas peças que faltam, pintando e dourando pela quantia de 4.000\$, sendo 1.000\$ para o ouro". Achou-se porém, ser de maior urgência a colocação de duas colunas para sustentar o coro, sendo sugeridas colunas de cantaria, colunas de ferro, colunas de arenito dos arrecifes e, finalmente, de alvenaria, que foi o material na verdade utilizado".
- 1869 — Resolveu-se retirar a barra de azulejo na nave, por "se achar muito incompleta".
- 1869/70 — "Fazem-se grandes despesas com o douramento da talha da nave, trabalho de que se encarregou Bernardo Luis Ferreira".
- 1870 — "O pintor Francisco Dornelas Munduri contratou o douramento da capela-mor, dos dois altares laterais, do arco-mor e a restauração dos dois painéis que ficam por cima dos ditos altares laterais".

#### 17. BIBLIOGRAFIA

- 1) BAZIN, Germain — L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil — Tome 1 e 2 — Museu de Arte de S. Paulo — Editions d'Historie et d'Art — Librairie Plon-Paris.
- 2) COSTA, Lúcio — A Arquitetura Jesuítica no Brasil, in Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — nº 5 — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro, 1941.
- 3) COSTA, Lúcio — Notas sobre a Evolução do Mobiliário Luso-Brasileiro, in Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — nº 3 — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro.
- 4) GEO-CHARLES — L'Art Baroque au Brésil — Paris — Les Editions Internationales — 1956.
- 5) GHÉON, Henri — Marie, Mère de Dieu — Editions Pierre Tisné — Paris, 1939.
- 6) GONÇALVES DE MELLO, J. A. — Crônica da Igreja da Conceição dos Militares, in Diário de Pernambuco, Suplemento do dia 19 de julho de 1970 — Recife.
- 7) GONÇALVES DE MELLO, J. A. — Antonio Fernandes de Matos — 1671-1701 — Edição dos amigos da DPHAN — Recife, 1957.
- 8) LAVAGNINO, Emílio — L'Art Baroque au Portugal, in Rapports e Communications XVIIe. Congrès International d'Histoire de L'Art — Lisbonne — Porto, 1949.

- 9) LEVY, Hannah — A Pintura Colonial no Rio de Janeiro, in *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* — nº 6 — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro, 1942.
- 10) LOS EVANGELIOS APÓCRIFOS — Madrid — B.A.C. — nº 148 — 1956.
- 11) MALE, Emile — L'Art Religieuse de la fin du XVIe. Siècle, du XVIIe. Siècle et du XVIIIe. Siècle — Librairie Armand Colin — Paris, 1951.
- 12) MOTA MENEZES, José Luiz — Igreja de São Pedro dos Clérigos — Edição mimeografada — Recife, 1970.
- 13) PACAUT, Marcel — L'Iconographie Chretienne Presses Universitaires de France — 1962 — Coleção Que Sais — Je nº 553.
- 14) PEREIRA DA COSTA, F. A. — Anais Pernambucanos — Vol. V — Arquivo Público Estadual — Recife — Pernambuco.
- 15) PEREIRA DA COSTA, F. A. — Anais Pernambucanos — Vol. V — Arquivo Público Estadual — Recife — Pernambuco.
- 16) RÉAU, Louis — Iconographie de l'Art Chrétien (3 tomos em 6 volumes) — Paris, Presses Universitaires de France.
- 17) SANCHEZ CANTON, F. J. — Cristo en el Evangelio — B.A.C. Madrid — MCML — Espanha.
- 18) SANTOS, Reynaldo dos — Oito Séculos de Arte Portuguesa — Vol. 1 — Empresa Nacional de Publicidade — Lisboa — Portugal.
- 19) SMITH, Robert C. — A Talha em Portugal — Fundação Calouste Gulbenkian — Lisboa, 1963 — Catálogo de Exposição — Portugal.
- 20) SMITH, Robert C. — A Talha em Portugal — Livros Horizonte — Lisboa, 1962 — Portugal.
- 21) SMITH, Robert C. — Nicolau Nasoni — Livros Horizonte — Lisboa, 1966 — Portugal.
- 22) SMITH, Robert C. — Santo Antônio do Recife, in *Anuário do Museu Imperial* — Vol. VII — Petrópolis, 1946 — Ministério da Educação e Saúde.
- 23) XAVIER COUTINHO, B. — Nossa Senhora na Arte — Associação Católica do Porto — Livraria Tavares Martins — Porto — Portugal, 1959.





## O BARÃO DE GOICANA E O SEU DIÁRIO

*Fernando da Cruz Gouvêa*

A venda do engenho Goicana, outrora um dos mais importantes da zona da mata sul de Pernambuco, caído em decadência por força do esgotamento do ciclo do "banguê", e, no caso, até pela falta de herdeiros válidos, deu margem à descoberta de um fragmento do diário — 1886-1890 — que o seu proprietário durante a segunda metade do século passado, Sebastião Antônio de Acioli Lins, Barão de Goicana, escreveu com a regularidade e simplicidade que pareciam marcar a sua personalidade.

O Professor Murilo Guimarães, advogado da usina açucareira que incorporara ao seu patrimônio as terras do velho engenho, levou o documento ao historiador Gil de Metódio Maranhão, e o fundador do Museu do Açúcar percebendo a sua importância, microfilmou o manuscrito antes de devolvê-lo, pensando em publicá-lo através daquele órgão, o que não foi possível. A oportunidade surgiu 20 anos depois, quando o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano acolheu nas páginas de sua Revista estas notas que, mesmo incompletas, são extremamente sugestivas e valiosas pelo que conta o autor acerca do universo açucareiro, das coisas do clã que ele integrava com destaque, dos problemas familiares de saúde sempre precária, dos seus trabalhadores que ele se orgulhava em frisar que eram todos livres, do estado sanitário, como se dizia então, da zona canavieira, da província e do país, oferecendo, neste particular, muitas informações sobre a medicina

e mezinhas da época, que ele, como senhor de engenho, praticava com o Cernovitz à mão.

Além disso, são muito interessantes os comentários sobre as disputas políticas entre conservadores e liberais, bem como acerca de questões sociais que agitavam o país, como foi o caso da campanha abolicionista, idéia que o autor apoiava sem posicionamentos extremados, como fazia o seu irmão Prisciano de Barros Acioli, homem dominado, ao que parece, por um temperamento impetuoso.

São freqüentes as críticas a pessoas e coisas da política pernambucana, e, por vezes, da vida nacional, então com os conservadores no poder, sendo compreensível a insistência com que se referia Goicana, no costumeiro tom pessimista, às crises da economia açucareira. Nas suas notas há muitas informações sobre a agricultura que se praticava então nos engenhos, o fabrico e transporte do açúcar, melação e aguardente para o Recife, todo um sistema de produção e comercialização que o advento das usinas modernizou, com exceção das crises...

Embora não seja livro de memórias de político, ou de um homem de letras, mas de um senhor de engenho que, obtido o título de bacharel, seguiu o caminho dos seus ancestrais, isto é, retornou à sua propriedade e dedicou-se por inteiro à atividade de agricultor e produtor de açúcar, o diário que se vai ler não é banal, antes documenta o estado de espírito de uma época, as ressonâncias de fatos importantes da vida brasileira. No engenho, então distante do Recife, sem transporte rápido e direto, o Barão de Goicana sofreu as conseqüências desse seu isolamento, o bacharel esqueceu progressivamente os ensinamentos transmitidos pelos lentes de Olinda, a sua linguagem reflete o prejuízo do convívio sobretudo com a gente iletrada e simples do interior, enquanto no recesso doméstico o ambiente era dominado pelas doenças, criando no espírito do senhor um estado pessimista e hipocondríaco. Todavia, nota-se que o Barão era um leitor assíduo dos jornais liberais que o seu correspondente no Recife enviava pelo trem da "Great Western", pelas barcas ou pelos vapores da Companhia Pernambucana. Neles inspiravam-se os severos julgamentos externados sobre figuras do governo conservador, na província praticando desmandos e sempre dominados pela rotina, enquanto na corte corria solta uma politicalha que o Barão, liberal independente, responsabilizava pela decadência em que resvalava o país. Era nas fo-

lhas oposicionistas recifenses — A Província e o Jornal do Recife, principalmente —, que Goicana acompanhava o movimento que levaria à substituição do trabalho escravo pelo livre, e os acontecimentos que indicavam de modo bem claro o fim do Império.

Implantadas estas modificações sociais e políticas, a primeira, a abolição, ele comentaria com o júbilo natural de quem há anos se engajara naquela “causa justa e santa”, embora nos seus primeiros tempos de proprietário rural se servisse do braço cativo para aumentar a sua riqueza. A República foi por ele recebida tranqüilamente, e pelos reparos que amiúde fazia ao regime monárquico, repetindo acusações infundadas, sabe-se hoje, sobre gastos e desfrutes da família imperial, o Barão estava, ao que parece, próximo daqueles senhores de engenhos que, depois da vitória do movimento emancipacionista, eram favoráveis a uma nova ordem de coisas que substituisse o sistema político que envelhecera e se esgotara historicamente.

\* \*  
\*

A quase inexistência de memórias ou diários, entre os brasileiros, tem sido lamentada por mais de um estudioso do nosso passado, convencidos todos de que tais escritos permitiriam revelações do maior interesse sobre a formação social do país. Tais papéis, assim como as correspondências privadas, seriam da maior utilidade, como os raros exemplares comprovam, para a reconstituição da época e o comportamento de uma sociedade hoje desaparecida.

A propósito de um trabalho que lhe fora dado ler sobre João Maurício Wanderley, o Barão de Cotegipe, Senador do Império e uma das maiores figuras de estadistas do 2.<sup>o</sup> Reinado, exemplo raríssimo de senhor de engenho e de homem público brasileiro a organizar seus papéis, escrevia Oliveira Lima:

“As cartas privadas dão imenso valor a qualquer estudo histórico, não porque elas revelem tudo, mas porque o deixam perceber, e a verdade nelas transparece mais facilmente do que nos papéis oficiais; são, portanto, indispensáveis para a compreensão exata de uma época, e das suas personagens, contanto, bem entendido, que as utilize o intérprete com o necessário critério”.



Mais adiante, observava o autor de Dom João VI no Brasil:

“Faltam igualmente a quem quer escrever sobre história do Brasil os subsídios representados pelas “memórias” dos contemporâneos, que tão viva podem tornar a evocação de um dado período e dos seus tipos representativos”. (1)

Homem simples, Sebastião Antônio de Acioli Lins, sem ter a dimensão intelectual do político baiano, foi, entretanto, um dos poucos senhores de engenho de Pernambuco a escrever, nos longos vagares passados na bela casa grande de Goicana, um diário contendo revelações sobre o seu mundo íntimo, suas inquietações provocadas pela caprichosa economia açucareira e da sociedade patriarcal que ele, Goicana, pressentia em fase de decadência, o que, de fato, aconteceu a partir de 1880. Quando as circunstâncias da vida, e condições de saúde menos sua do que da família, cada vez mais precárias, aconselharam a mudança para o Recife, o velho senhor de engenho continuou escrevendo o seu “diário”, mas, agora nota-se o homem dominado pela nostalgia do engenho, abafado naquela vidinha de arrabalde, onde nada havia a fazer, apenas algumas ordens para dar no pequeno sítio da Torre que substituíra o universo de Goicana. Sucediã-se as queixas, ora do calor recifense, aos costumes da capital, da saúde de todos, e uma novidade passou a atormentar o Barão no limiar da velhice: o temor provocado para a capital. Este livro do diário pára em fevereiro de 1890, supondo-se que o Barão de Goicana tenha prosseguido suas anotações durante o período que lhe restou de vida, apreciando os primeiros tempos do regime republicano que, ingenuamente, ele acreditava que seria a salvação do Brasil. Sebastião de Acioli Lins, diziam seus desafetos, ostentava vaidosamente o título de Barão, mas a verdade é que nos registros, pelo menos do livro que milagrosamente chegou aos nossos dias, sente-se que ele nutria pelas idéias republicanas uma simpatia tornada mais franca após o 15 de Novembro. Crítico severo dos políticos do Império, inclusive daqueles por algum tempo seus correligionários do Partido Liberal, o Barão de Goicana revelar-se-ia muito compreensivo para com o novo regime, seu moralismo seria tolerante para com os primeiros “desmandos desta dama”, como diria Oliveira Lima sobre a República, e con-

(1) — “Cotegipe”, in *O Estado de São Paulo*, edição de 6 de agosto de 1907 — Reproduzido in *Oliveira Lima — Obra Seleta*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1971, p. 732.



Sebastião Antônio de Azevedo Lins — Barão de Goiana  
Original pertencente ao Museu do Açúcar — Recife

quanto escrevesse a 30 de novembro de 1889, que "Não há alteração, continua a pasmaceira", mais à frente observaria que "os vícios, maus hábitos, purificando os caracteres, é missão espinhosa e difícil", e, por isso mesmo, não poderia ser levada a cabo "sofregamente". Em janeiro de 1890, ele achava que no governo militar predominavam elementos de tendência conservadora, mas, agora pareciam-lhes patriotas. Pelo que deixava ver do seu caráter, Acioli Lins confiando que a República devia proceder profundas reformas sociais, por ele enunciadas naquele começo de ano, se não tivesse desaparecido cedo, possivelmente teria alargado as críticas apenas esboçadas a 31 de janeiro de 1890, sobre o que chamava de "tropeços" e naturais desgostos causados pela ação dos novos donos do poder. Com o seu temperamento inclinado ao pessimismo, os atos do governo provisório e sobretudo daquele que se seguiu, sem dúvida seriam desalentadores para o modesto observador político que em registros íntimos temia as incertezas que cercavam o começo de sua velhice.

O Barão de Goicana foi um perfeito exemplo daqueles senhores de engenho que, na fase final do patriarcalismo rural, abandonaram as propriedades que lhes emprestavam poder e foram com as famílias, viver seus derradeiros dias no cotidiano indistinto da cidade grande.



Filho de Sebastião Antônio de Acioli Lins (Tenente da Guarda Nacional) e de Joana Francisca de Albuquerque, o futuro Barão de Goicana nasceu a 16 de janeiro de 1829, no município de Serinhaém, sul de Pernambuco. Bacharel pelo Curso Jurídico de Olinda, em 1850, casou-se com uma parenta, costume seguido pela sociedade patriarcal, D<sup>a</sup> Feliciania Inácia Acioli Lins, nascida em 1840. Em 1859, já proprietário do engenho Goicana, lá, receberia no dia 11 de novembro daquele ano, o Imperador D. Pedro II que, no seu diário, fez um registro dessa visita, (2). Também dois outros documentos da época falam de Sebastião Antônio de Acioli Lins, senhor de

(2) — "A notinha passei pelo Engenho Goicana com um grande açude, e bom, e elegante casa de vivenda do Dr. Sebastião Lins"; — "Viagem a Pernambuco, em 1859 — Diário do Imperador D. Pedro II", *Revista do Arquivo Público Estadual*, n<sup>os</sup> VII e VIII, Recife, ..... 1950/1951, p. 445 — Republicado na mesma *Revista*, n<sup>o</sup> 31, 1975, p. 52.



engenho empenhado, na mocidade, em aumentar seu patrimônio territorial. (3).

Filiado ao Partido Liberal, o futuro titular não se interessava em obter para si posições políticas, limitando-se a apoiar o seu partido. Nas eleições de 1878, incluído pelo diretório liberal, na lista de candidatos a deputado provincial, Sebastião Antônio de Acioli Lins usou a imprensa para declinar a indicação numa declaração que, em mais de um ponto, revela fidelidade com os comentários que, uma década mais tarde, ele faria na intimidade do seu diário escrito na casa grande do engenho:

*"Sabendo, que devido somente à officiosidade de um amigo, fora meu nome proposto ao diretório liberal do Recife, para que fizesse parte da lista para deputado provincial e que por complacência para com dito amigo, fora aceito e incluído na chapa, que se vê publicada na Província, venho pelo presente declarar formalmente, que recuso o lugar, que me foi designado pelo amigo, ou pelo diretório.*

(3) — Serinhaém — N.º 88

*"Declaramos nós abaixo assinados que somos senhores e possuidores do engenho Goicana, o qual houemos por herança do nosso finado tio João Baptista Accioli Lins e que dito engenho limita-se ao norte com terras do engenho Boa Vista, ao sul com terras de propriedade Tiririca, com terras da propriedade Fofa, com terras do engenho Estrela e da propriedade Destilação e terras do engenho Serra d'Água, a leste com o rio do Passo e ao oeste com terras dos engenhos Gameleira, São José, Floresta, Carrapato e Mariana. Goicana, 25 de dezembro de 1859. Sebastião Antônio Accioli Lins, Feliciano Inácia Accioli Lins".*

"Registro de Terras Públicas, I", — Serinhaém — N.º 88 — Arquivo Público Estadual — Recife — Cópia gentilmente oferecida pelo historiador Evaldo Cabral de Mello.

*"Documento 35 — Cópia da escritura de venda aos irmãos Dr. Sebastião e Capitão Prisciano Accioly Lins, da parte de terras que os Marqueses de Olinda possuem no Engenho Boa Vista (Serinhaém); carta do Marquês a Sebastião de Accioly Lins fornecendo dados sobre a referida porção de terras. Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1864, e Recife, 11 de junho de 1856.*

Arquivo do Marquês de Olinda, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Lata 11 — Estes documentos estão relacionados no trabalho do autor desta Introdução, "O Marquês de Olinda, Senhor de Engenho", in *Brasil Açucareiro*, Rio de Janeiro, Agosto de 1970, p. 79-86.



D. Feliciano Inácia Acioli Lins, Baronesa de Golcana  
Original pertencente ao Museu do Açúcar — Recife

Sempre sectário das idéias liberais, se a elas, ou meus correligionários tenho prestado algum fraco serviço, nunca foi com mira de ser remunerado". Nada para si pedira em tempo algum, dizia, mas garantia que os seus "melhores anhelos" eram pela felicidade da pátria, "que veja ela tirada da abjeção moral e física, a que reduziram-na os que apossando-se das rédeas do governo, em épocas não muito remotas portaram-se como cidadãos vis, salvas honrosas exceções, conculcando sagrados deveres, a fim de promover próprios interesses e de seus asseclas". Acioli Lins referia-se nessa passagem aos governos conservadores chefiados pelo Visconde do Rio Branco e por Carias, este substituído no poder pelo Gabinete de 5 de Janeiro de 1878, formado por Sinimbu, mudança pedida pela opinião geral e prevista desde a chegada do Imperador da Europa, em setembro de 1877.

Com os seus correligionários no poder, o senhor de Goicana julgava que o país breve notaria os efeitos benéficos da mudança. Ele próprio, profundamente moralista, sentia-se animado ao ver os liberais à frente dos negócios públicos: nos "homens robustos de vigor, caráter, patriotismo e amostrada ciência, confio e devem confiar os bons brasileiros, liberais sinceros, que o Brasil, tão bem fadado pela natureza, ocupe o lugar de honra, que lhe compete entre as nações".

Embora confiante no novo governo, este, ao seu ver, deveria agir energicamente, sanear a vida político-administrativa e implantar as reformas que estavam no consenso geral:

"Punam-se os criminosos, onde quer que se encontrem acastelados, reformem-se os costumes, moralize-se teórica e praticamente o sistema eleitoral, de modo que o eleito do povo não seja imposto ou fictício, venham então as sãs reformas; é quanto desejo, na sinceridade de minha crença".

Solidário com o comportamento até então seguido pelos liberais, o senhor de engenho, entretanto, advertia:

"Se no correr dos tempos observar, que continua a velha giria política e que programas e promessas de reformas tudo é vão engodo, para entreter o povo em tais circunstâncias, o homem de bem, que por si somente nada pode, recolhe-se ao seu lar, onde ainda pode continuar a ser bom cidadão, evitando ser um fardo pesado à Sociedade e honrando-a pelo amor



do próximo, e pelos exemplos de probidade, tanto quanto for compatível com suas forças". (4)

Sebastião Antônio de Acioli Lins antes do que um político liberal, deixaria seu nome lembrado como fervoroso adepto do movimento emancipacionista que, a partir de 1880 envolveu o país e foi a causa principal do desgaste e queda do regime monárquico no fim da década. Em meados dos anos 70, tanto ele como o irmão, Prisciano, proprietário do engenho Tinoco, no mesmo município de Serinhaém, começaram a libertar os escravos que possuíam. Sebastião seria, por isso, agraciado pelo Governo Imperial com o título de Barão de Goicana, e o irmão, de gênio muito diferente do seu, recusou o de Barão do Rio Formoso, satisfazendo-se com a sua patente de Guarda Nacional. (5)

O envolvimento dos irmãos Acioli Lins no movimento abolicionista, foi, a partir de certo momento, radical, sobretudo para Prisciano de Barros. "Possuídos de imenso contentamento, vamos registrar um fato notável, que acaba de ter lugar nesta província", dizia uma folha liberal do Recife, noticiando que "o Sr. Major Prisciano de Barros Acioli Lins, senhor do engenho Tinoco, da Comarca de Serinhaém, concedeu liberdade a todos os escravos que ainda possuía em número de trinta". O ato fora presenciado por diversas pessoas reunidas naquele engenho, atestando o jornal ter sido "indizível o contentamento sentido pelos libertados, que pareciam doidos de alegria, e não menos a sensação profunda que todas as pessoas presentes experimentaram, a par da admiração e respeito pelo homem, que por semelhante ato de filantropia, religião e amor pátrio, se elevou altamente no conceito e estima do mundo civilizado". No documento, confessaria Prisciano que se tratava de promessa velha feita aos cativos, datada de 14 de outubro de 1869. (6)

(4) — "Ao eleitorado pernambucano", datado de Serinhaém, engenho Goicana, 22 de agosto de 1878 e publicado n'A Província, edições de 30 e 31 de agosto, 1 e 5 de setembro daquele ano.

(5) — Os títulos de Barão de Goicana e de 2º Barão do Rio Formoso foram concedidos em 18 de janeiro de 1882, referendados pelo Presidente do Conselho, Manoel Pinto de Souza Dantas. — Escragolle Dória, "Relação dos Baronatos", Anuário do Museu Imperial, vol. VI, Petrópolis, 1945, p. 7.

(6) — "Um ato magnânimo", Jornal do Recife, seção "Gazetilha", edição de 16 de outubro de 1878.



Prisciano de Barros Acioli Lins, senhor do engenho Tinóco

Prisciano, entretanto, não se limitaria a libertar os seus escravos, praticando ato que o jornal recifense classificaria como um "monumento glorioso para a família pernambucana". Ele alargaria aos poucos sua ação libertadora aos engenhos vizinhos, de senhores escravocratas, talvez pertencentes às lides conservadoras, e escravos alheios que ansiavam pela liberdade, levava-os ele para o seu próprio engenho, recambiando-os em seguida para outros sítios na barcaça "Libertadora", nome que não traduzia apenas apoio simbólico à causa liderada por José Mariano, Joaquim Nabuco e tantos outros. Em 1884, sob o título de "Festa da Liberdade", outro jornal recifense noticiava que sociedades abolicionistas da capital pernambucana haviam cumprimentado o irmão do Barão de Goicana, "o honrado e magnânimo agricultor que espontaneamente animado pelo sacrossanto amor à liberdade", alforriara seus escravos, "não deixando de assegurar-lhes o futuro, agregando-os às suas terras". (7)

A legenda do emancipacionista que se preocupava, também, com a sobrevivência dos pobres escravos depois de livres, e evitava que eles fossem para o Recife ou qualquer outra cidade, como párias, viver numa miséria pior, talvez, do que a experimentada no regime anterior, começou a crescer e a incomodar seus pares. Impulsivo e empolgado pelo ideal abolicionista, Prisciano usaria, inclusive, a imprensa liberal para denunciar arbítrios e violências perpetradas por irados senhores de engenho contra servos inermes. Em março de 1885, numa "publicação solicitada", ele levava ao conhecimento público que, na praia do Gamela, em Serinhaém, fora preso José Francisco de Almeida, homem livre, de cor preta e com mais de 60 anos, morador no engenho Jacira, pertencente a Francisco Manoel de Souza Oliveira. Motivo: este senhor queria saber onde paravam três escravos desaparecidos do seu engenho. Um dos escravos, aliás, teria sido já recapturado, e tantos açóites levava a mundo do "seu afetuosos senhor", que falecera. "O presidente da província, o chefe de polícia, também a tudo cerrarão olhos e ouvidos?... Os jornalistas que aceitam anúncios de escravos seduzidos, continuarão a reproduzi-los?..." E adiante, ameaçava: "Srs. Escravocratas de Serinhaém e do jornal O Tempo, não brinqueis com o fogo, só vós tendes C... de palha e somente neste Serinhaém estais sujeitos às combustões espontâneas". (8)

(7) — O Rebate, edição de 15 de novembro de 1884.

(8) — "Escândalos", Jornal do Recife, edição de 27 de março de 1885.



A resposta viria sem demora, defendendo-se o coronel Francisco Manoel de Souza Oliveira das acusações sobre espancamento do escravo Honório, apresentado por ele ao juiz interino da Comarca, e quanto ao homem preso na praia do Gamela, tratava-se de um sedutor dos seus cativos, dizia, "dos quais dois ainda se acham com outros muitos de diferentes senhores homiziados em terras dos engenhos Tinoco e Fluminense do senhor major Prisciano de Barros Accioly Lins", um escândalo que ele pedia às autoridades do termo que fizessem cessar. (9)

Irmão no sangue e também nas idéias, o Barão de Goicana foi à imprensa em defesa de Prisciano e para contestar os argumentos do deputado Sigismundo Gonçalves que, em apoio ao colega Gaspar de Drummond, ocupara-se dos fatos de Serinhaém na Câmara. Dizia o Barão que deixava o coronel Francisco em "exaltamento hidrofóbico", tripudiar a seu gosto, sobre o irmão, com a falta de reflexão e de critério dos "que escrevem penas movidas pelo seu dinheiro", mas acreditava na possível influência do remorso numa consciência pesada dos martírios infligidos a escravos, e pedia a Deus que iluminasse o seu desafeto, trazendo-o ao bom caminho. O arrazoado é longo e a certa altura, o Barão de Goicana apelava aos representantes do 7.º e 8.º distritos da província para que melhor empregassem o tempo e recursos "a bem do muito que há a fazer-se em nosso país, a bem da terminação desta malfadada escravidão, que tanto nos degrada e entristece vendo-se quase que diariamente os fatos horrorosos, que sucedem-se, e suceder-se-ão, enquanto durar o fatal legado que nos foi transmitido. Não percam o precioso tempo em meras futilidades e vãs barretadas", dizia o Barão liberal e de atitudes políticas mais saudáveis do que os seus mesquinhos e irados adversários escravocratas, rivais, também, no campo partidário. Não sendo deputado, não precisando dos votos daqueles senhores que militavam noutras hostes, Goicana adotava atitudes independentes, admitia voltar ao assunto, se obrigado, e concluía pedindo aos que lessem sua mensagem, para que desculpassem "a rusticidade de minhas expressões". (10)

(9) — "O coronel Francisco Manoel de Souza Oliveira, e o major Prisciano de Barros Accioly Lins, ao público", *Diário de Pernambuco*, edição de 7 de abril de 1885.

(10) — "Ao público", comunicação datada do engenho Goicana, 13 de julho de 1885 — *Jornal do Recife*, edição de 19 de julho de 1885.

Em seguimento de outro livro  
que fizeu encerrado no  
anno de 1885, com

termino os a

partidas <sup>tr</sup>  
pontam

no presente livro

a contar se do começo do anno  
de 1886 por diante.

Eng. Joacima 1 de Janeiro 1886.

S. A. Accioli *Trin*

Nos primeiros dias de agosto, foi a vez do deputado Gaspar de Drummond dizer de público que o seu engenho Trapiche de Serinhaém vinha sofrendo assaltos e violências da parte dos irmãos Goicana, a ponto de ter pedido para si e para o filho garantias de vida às autoridades provinciais. Supunha não ter dito na Câmara uma palavra de desacato ao Barão, mas, verberara que ele não impedisse uma bastilha nas matas dos seus engenhos, servindo de refúgio a escravos fugidos. Que o Barão contestasse este fato, e que o irmão não mais insinuasse, "apartando-se dos seus colegas agricultores" — um evidente apelo à consciência de classe —, aos escravos que o procuravam, que eles eram livres e defendessem a liberdade. "Conteste-me a existência da barçaça Libertadora — mais de uma vez mencionada no "diário" — e do mister a que se destina!", bradava Drummond querendo ver, dizia, até onde chegava a coragem do Barão, a quem acusava de ingrato para com Sigismundo Gonçalves. Lembrava que em sessão da Assembléia Provincial, defendera Goicana numa questão sobre a nomeação de suplentes de juiz municipal de Serinhaém, e acrescentava: "É verdade que, em compensação o novo fidalgo nem com o chapéu continuou a saudar-me", para o que não ligara importância. (11)

Gaspar de Drummond voltaria no dia seguinte com maior indignação, historiando contatos mantidos com o Barão de Goicana sobre violências praticadas por Prisciano no seu engenho Trapiche, inclusive invasão de terras e destruição de canaviais, sem que o titular que lhe dera antes garantias, contivesse o irmão. (12)

E numa terceira e longa matéria, Drummond investiria forte contra Sebastião Antônio Acioli Lins, dando-lhe o troco de algumas assertivas contidas na carta estampada no Jornal do Recife de 19 de julho. "Tudo quanto em minha defesa publiquei pela imprensa, desde que fui provocado pelo Sr. Prisciano de Barros Acioli Lins, tenho-o feito refletida e criteriosamente, sendo que para defender-me não preciso de penas movidas pelo meu dinheiro", dizia, evidentemente ofendido. Ao Barão devolvia a pecha de "baldo de reflexão e critério": "De penas mercenárias necessita o Sr. Sebastião, para se fazer compreender, pois, apesar de ter um pergaminho de bacharel, não sabe escrever o português!". E mais um detalhe curioso: "Não me apavono com

(11) — "Ao público", *Diário de Pernambuco*, edição de 4 de agosto de 1865.

(12) — "Ao público", *Diário de Pernambuco*, edição de 5 de agosto de 1865.



o posto e cargo, repito: deixo isto para o Sr. Sebastião que, em sua fofa vaidade, depois do baronato, enlva-se e veste-se à corte para falar na própria casa a qualquer campônio que o procure, ou mesmo para receber o cambiteiro que vai dar-lhe a conta das canas, que descarregou no picadeiro do engenho! E, tal é a gravidade e o aplomb, com que se ostenta o apavonado titular, que muito discretamente diz a todos que é assim que um barão deve se apresentar!" Desafiando a Goicana que o contestasse, "se é capaz", inclusive de que "nem sempre escreve ou assina acertadamente o nome", concluía o irado deputado Drummond: "Por esta última consideração, sinto-me impelido, a modo do Sr. Sebastião, a dar-lhe um conselho — e é que seja mais sensato e aprenda um pouquinho o português". (13)

A partir daí o "affaire" entre senhores de engenhos liberais-abolicionistas e conservadores-escravocratas saiu dos jornais, e como se perdeu o diário de 1885, impossível será dizer se o Barão nele teria registrado alguma coisa a respeito. O que se sabe é que a partir de 1886, sua preocupação dominante seria os filhos doentes, muitas vezes faria ele referências pungentes sobre o filho João Batista e a filha Joana, ambos em processo progressivo de alienação. Paradoxalmente, João Batista, doente mental e portador de inúmeros achaques, sobreviveria a todos os membros da família, conservando-se no engenho Goicana até idade avançada. Faleceu no dia 6 de setembro de 1954, espoliado por parentes que forjaram um testamento, saquearam a bela casa grande de outrora — lá, moço e doente, vencida uma crise, vestiu um fato domingueiro e tocou um pouco de piano, cena dramática narrada pelo pai aflito —, o que deu margem a uma rumorosa questão judicial. (14)

No domingo, 3 de maio de 1891, o Jornal do Recife trazia esta notícia fúnebre:

(13) — "Ao público", *Diário de Pernambuco*, edição de 9 de agosto de 1885.

(14) — Sobre esta questão, ver: "Velho senhor de engenho espoliado em Rio Formoso", *Diário de Pernambuco*, edições de 11, 14 de março e 12 de abril de 1951 — Morse Pereira de Lyra — "Exceção de Suspeição" etc. — mesmo jornal, edição de 10 de ago./1951 — "Exceção de suspeição", cartas do Dr. Artur da Santa Cruz Oliveira, Juiz de Direito de Rio Formoso, e do ad. Morse Lyra, *Diário de Pernambuco*, edições de 14 e 15 de agosto de 1951 — "Comarca do Rio Formoso". Laudo médico-psiquiátrico procedido na pessoa do sr. João Batista Acioli Lins, *Diário de Pernambuco*, edição de 5 de setembro de 1951. Morse Pereira Lyra, "Ação declaratória de falsidade do testamento atribuído ao anclão João Batista Acioli Lins" — *Diário de Pernambuco*, edição de 20 out./1951.

"No arrabalde Torre morreu ontem, às 3 horas da tarde, contando 62 anos de idade e vítima de sofrimentos intestinais, (15) o Barão de Goicana, Sebastião Wanderley Acioli Lins, proprietário do engenho Goicana, na Comarca de Rio Formoso.

Homem dotado de caráter distinto por todos os títulos, de maneiras lhanas para quantos o comunicavam, era geralmente respeitado e estimado.

Como político, no antigo regime monárquico, militou com dedicação no partido liberal e no movimento abolicionista deste Estado, foi um dos primeiros que libertou os seus escravos, continuando a prestar os melhores serviços à causa da liberdade.

Era casado.

O seu cadáver acha-se depositado na capela do Cemitério Público, onde será inhumado hoje às 3 horas da tarde, havendo carros à rua do Imperador para conduzir os que tiverem de assistir a esse ato. Damos pêsames à sua Exma. Família".

Quando do 7.<sup>o</sup> dia do passamento do velho senhor de engenho, alguém escreveu nas páginas do antigo órgão liberal, uma sentida memória sobre o extinto. Dizia a certa altura o amigo do Barão:

"Não nos compete traçar sua biografia aliás ilustre, entretanto seja-nos permitido uma face de sua honrosa vida ao menos descobrir. Senhor de numerosos escravos, quando o possui-lo era uma condição necessária do trabalho de então, apenas iniciou-se os debates para a libertação dos nascituros ele foi um dos poucos dessa época, que traçou a mão da pena para fazer a abolição condicional dos seus escravos. Tornou-se então um atleta do abolicionismo, já com a pena escrevendo em defesa da causa; já com a bolsa aberta e os conselhos aos fracos e necessitados de justiça, já sobretudo com a precaução aos seus amigos e numerosos parentes, obtendo de uns e outros muitas libertações.

(15) — No obituário do *Diário de Pernambuco* de 6 de maio lê-se que o Barão morreu de gastroenterite. A Baroneza faleceu a 27 de setembro de 1896.

Com que ardor pugnava! como, com que satisfação recebeu a notícia da áurea lei.

Protótipo de virtudes, era o Barão de Goicana verdadeiramente estimado pelos seus numerosos parentes e amigos, quanto pode ser um homem de bem”.

Certo de que a morte do Barão causara um vácuo no seio da família que o adorava, o amigo de Rio Formoso exortava os parentes a seguir os conselhos da religião, como lenitivo: “Aceitai e abraçai com fé, caros amigos, porque não há outro”. (16)

\* \*  
\*

Nascido a 14 de outubro de 1830, Prisciano de Barros Acioli Lins, ao que parece, com exceção da fisionomia, era em tudo diferente do irmão mais velho, o Barão de Goicana, que lhe votava grande estima, como se vê no diário que se segue. A respeito dele escreve Júlio Bello nas Memórias de um Senhor de Engenho: “Homem também de caráter inflexível, inabalável nas resoluções, conquanto muita vez apaixonado e quase rancoroso, foi o major Prisciano Acioli (Prisciano de Tinôco), aliado dos Wanderley de Serinhaém, e figura de inconfundível prestígio e fama na lavoura pernambucana. Ficaram na tradição as arrancadas de seu gênio, o brio de sua índole indomável e as atitudes soberbas de suas decisões. Progressista e relativamente culto, foi por todos os títulos um grande-homem da classe.

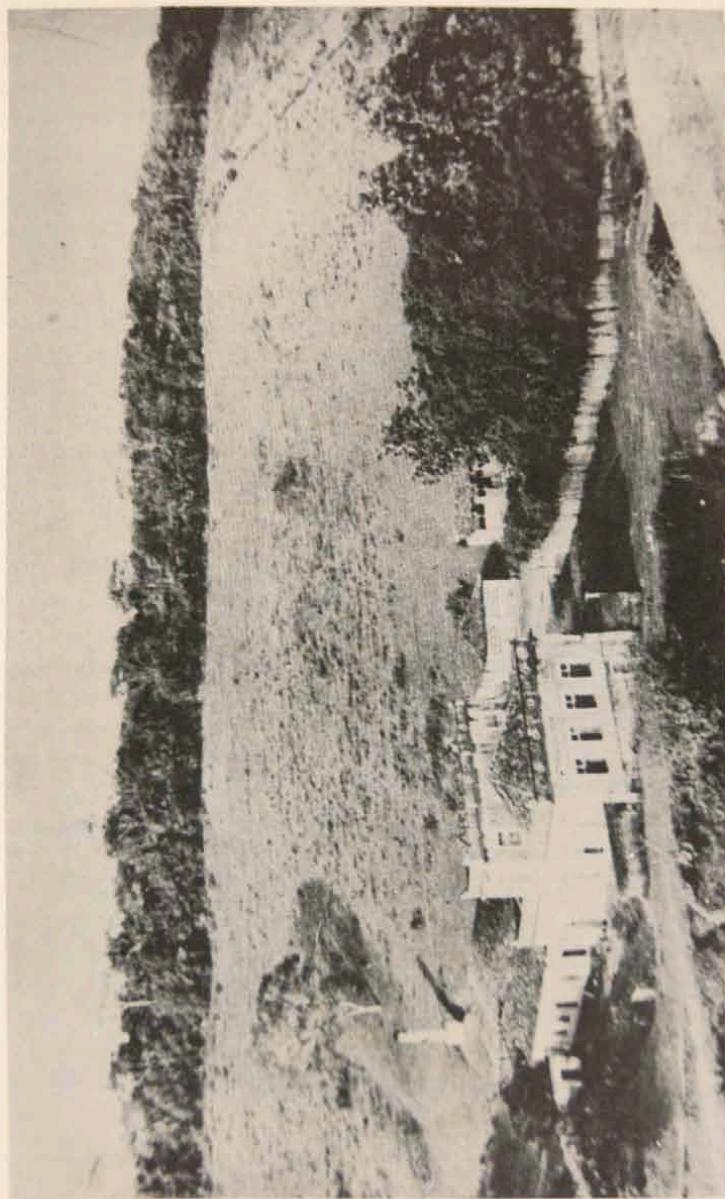
Muito antes da difusão das usinas, teve moendas de repressão no seu banguê de Tinôco, turbinas e cozimento de açúcar a vapor.

Na vida da família, num dia em que iam batizar todos os seus filhos com festa e amigos em casa, brigou por um motivo qualquer com o jovem padre que era até seu cunhado, e decidiu não batizar mais nunca os meninos que, somente depois de sua morte, se fizeram cristãos.

Alforriou de uma vez todos os seus escravos. O governo

(16) — “Barão de Goicana” assinado por I.I.G., de Rio Formoso — *Jornal do Recife* edição de 9 de maio de 1891.





Engenho Goicana — Rio Formoso — Pernambuco  
Foto existente no Museu do Açúcar — Recife

imperial conferiu-lhe por isto o título de barão do Rio Formoso, e ao seu irmão, Dr. Sebastião Acioli, o de barão de Goiçana. O Dr. Sebastião aceitou a honraria. O major Prisciano sem hesitar recusou-a e, imediatamente, pelos jornais, declarou-se republicano". (17)

Notabilizando-se, portanto, pela decidida ação abolicionista, alforriando seus cativos muito anos antes do 13 de Maio — exemplo aos senhores que, após a abolição tornaram-se republicanos por ódio à Monarquia que lhes negara indenização pelos escravos libertados —, Prisciano Acioli era um senhor de engenho um tanto desabusado, mas, ainda ao contrário da maioria da sua classe, que vegetava nos velhos banguês, abandonou os processos arcaicos e rotineiros de fabricação de açúcar e implantou no seu engenho um começo de industrialização, meio caminho para a modernização que somente com as usinas, anos depois, com grande atraso, o Brasil se equipararia a outros centros produtores.

Prisciano, major da Guarda Nacional, repudiou asperamente a honraria que lhe conferira o Governo imperial que tentava dessa forma, estimular os senhores rurais a seguir o exemplo daquele proprietário pernambucano, como outros, conscientemente devotado à causa da abolição. De saúde muito mais precária do que a do seu irmão, Prisciano, sobreviveu-lhe um ano, pois faleceu a 15 de junho de 1892 no seu engenho Tinôco, no então termo de Serinhaém, comarca de Rio Formoso, segundo noticiava o Jornal do Recife, na seção "Necrológio". "Era um cavalheiro distinto e tinha a felicidade de ter um caráter inquebrantável", dizia aquela folha, salientando que ele fora um dos primeiros cidadãos a levantar, em Pernambuco, a bandeira da escravidão, antecipando-se à lei do Ventre Livre, e tendo marcado uma data para alforriar os cativos existentes no engenho Tinôco, "não esperou que o prazo expirasse, proclamou a liberdade dos seus escravos no meio das maiores efusões de contentamento". E completava a antiga folha liberal: "Republicano convicto, patriota sincero, deixa na socie-

(17) — Livraria José Olympio Editora, Coleção "Documentos Brasileiros", Rio de Janeiro, 1948, (2ª edição), p. 299/300.

dade pernambucana o seu nome laureado por bons serviços à causa da justiça e da probidade". (18)

\* \*

\*

O preparo deste diário para publicação, começou com a leitura cuidadosa do texto — 196 páginas manuscritas —, tarefa um pouco dificultada não pela caligrafia do Barão, relativamente nítida, mas porque feita em cópia fotográfica, ampliada, que torna, por vezes, ilegíveis, palavras que aparecem mais claras no original. Houve, portanto, que decifrar ao longo de leituras sucessivas e até mesmo durante a revisão das provas tipográficas, nomes próprios e expressões hoje raras, ou caídas em desuso com o passar do tempo e pelo aparecimento de novas técnicas, como aconteceu com a agricultura canavieira e a fabricação do açúcar, com certas doenças que grassavam na época, hoje praticamente eliminadas, e nomes de remédios, então quase sempre franceses. Na maioria dos casos, as palavras difíceis foram decifradas, preferindo-se considerar ilegíveis aquelas que, sem uma inteira confirmação, poderiam alterar o original quase centenário, agora divulgado na íntegra, depois de ter sido mencionado por Gilberto Freyre no seu livro "Ordem e Progresso". Procedeu-se à atualização ortográfica, e algumas notas de pé-de-página foram elaboradas com a intenção de melhor esclarecer sobre pessoas e fatos mencionados por esse senhor de engenho destituído da arrogância comum a tantos grandes proprietários, e que, sem pretensões literárias, legaria um valioso documento sobre a sua vida familiar e o seu tempo. O comportamento e valores que marcavam a gente da sociedade patriarcal, são algumas das muitas sugestões que a leitura destas notas poderá provocar entre os estudiosos da nossa história social. Melancolicamente, o engenho que em vida de Sebastião de Acioli Lins era uma propriedade de primeira grandeza, que parecia tão sólido, degradou-se, a bela casa grande de outrora, que num fim de tarde de verão chamou a atenção do Imperador, se ainda existe, está por certo, reduzida a um pardieiro perdido nas terras agora incorporadas ao latifúndio de uma empresa açucareira.

(18) — *Jornal do Recife*, edição de 18 de junho de 1892 — Na passagem do 7.º dia do falecimento de Prisciano de Acioli Lins, um seu parente e amigo, Joaquim Elias de A. Rego Barros, publicou no *Diário de Pernambuco*, edição de 21 daquele mês, versos em memória do "bravo campeão do belo e grandioso", que "na liça succumbiu sempre ativo e valoroso!".



## 1886

## JANEIRO — 1

Começa o ano novo do mesmo modo que findou-se seu antecessor: nenhuma chuva, sol desabrido, vento Norte. Não consta ocorrência notável na localidade.

2 — Continua o serviço de 3<sup>a</sup> limpa na planta de Fazenda do partido Fôfa, e tiragem de açúcar.

As novas lavouras ressentem-se da falta de chuva e intensidade do sol, e vento N. E.

A safra velha acha-se quase colhida, restando menos de 100 pães a colher-se; tendo sido bastante prejudicada e diminuída pelo prolongado verão e escasso inverno.

O estado sanitário é sofrível.

O de segurança de vida e propriedade continua a ser péssimo: a política dominante conservadora não dá esperanças de melhorar o mau estado existente.

As eleições provinciais correram quase indiferentemente, o espírito público em estado de marasmo, sentimentos políticos confundidos, amor de pátria bem poucos mostram sentir; os que se dizem políticos só visam seus interesses individuais, sobressaindo em tão considerável vício os que se acham à testa do governo do país.

O desânimo leva os mais bem intencionados a apelar para a Divina Providência. (1)

(1) — Para superar a indiferença popular de que falava o Barão de Goicana, procuraram os partidos facilitar o deslocamento dos eleitores às respectivas seções. Exemplo disso era o anúncio estampado nos jornais pelo Partido Liberal, "TREM ESPECIAL — Hoje às 8 horas da manhã, partirá da estação do Arco, um trem especial, tocando em todas as estações, a fim de conduzir ao Poço e Monteiro os eleitores LIBERAIS que ali têm de votar. Regressará ao meio-dia tocando novamente em todas as estações. As passagens são grátis, mas só terão INGRESSO OS LIBERAIS. José Maria" — *Diário de Pernambuco*, 4a.-feira, 30 de dezembro de 1885

Durante o ano findo 1885 despendeu-se com os serviços de campo, e fabrico de açúcar, 7:925\$740. Com empregados de ordenados fixos 2:000\$000. Com criados de casa 400\$000 e mesa. Não compreende-se o despendido com apontamento de engenho, obras e reparos, e mesmo extraordinários que escápan a assentos. Sendo o sistema de nossos trabalhos ainda quase geralmente muito rotineiros e atrasado, raros são os que vêem suas receitas cobrir as despesas, deixando-lhes pequenos saldos.

O trabalho tornando-se penoso e caro, muitas vezes desanima aos que dele precisam tirar recursos para viver, alimentar e educar família; daí antolha-se a grande necessidade que há, de governantes e governados, curarem dos melhoramentos que tornem a vida menos agra, o que por certo contribuirá para o bem-estar social.

Deus a todos ilumine, seja minha pátria feliz.

5 — Continua a intensidade do sol, e seus maus efeitos sobre as lavouras, e moagem à falta d'água para muitos engenhos que têm grande parte de suas safras por colher.

Há perto de 8 dias conserva-se meu mano Prisciano na praia do Gamela em uso de remédio motivado por dardros secos nas palmas das mãos, que a semelhança do que o povo chama calor de fígado, apareceram-lhe há mais de 6 meses, e têm sido refratários aos medicamentos usados.

Findou-se hoje a 3ª limpa da planta da Fôfa, começando à tardinha a 2ª limpa de socas na palha do mesmo partido Fôfa.

7 — As canas conquanto viçosas, não têm filiação, e portanto pouco açúcar, principalmente se continuar a ausência de chuvas.

Deu-se princípio a cortar, e reunir o restante de canas da Fazenda, e moradores que há a colher-se e pouco há.

Meu filho João Baptista sofre tristemente de acessos nervosos que começando ao escurecer, repetem-se ainda ao amanhecer.

Compunje-me o mais possível... fatalidade reunida ao que já sofrem os outros meus filhos. Deus os ampare e me dê resignação para melhor resistir no ocaso da vida.

10 — Depois de 14 dias chega à casa paterna meu filho Filinto que com Lídia, sua mulher, haviam saído a passeio a Camaçari, Lage, Estrela do Norte, Catuama e Rebingudo, em Água Preta, e Palmares, e de volta ao engenho Paca-viva, em Rio Formoso, visitando assim alguns parentes mais próximos e alguns amigos.

12 — Findou-se a colheita, ou a moagem da safra de 85 a 86 resultando 1700 pães de açúcar de formas de 26 camadas, sendo de Fazenda, 772, e plantadores ou moradores 928, compreendidos 140 pães de Fazenda e 505 de moradores, de canas plantadas no ex-engenho Floresta.

Todas as canas foram moídas em 73 e 1/2 tarefas de 24 horas, gastando-se com a moagem, corte e fabrico de açúcar, inclusive canas de Fazenda, cerca de 3:000\$000, não incluindo a purgação dos açúcares e fabrico dos retames e aguardentes, ensacamento, tiragem etc. Dos açúcares dos plantadores, foram comprados pela Fazenda.

Observo que as safras colhidas foi uma das maiores por mim fundadas, e de muita esperança em face do zelo na plantação e trato, ou mondagem, e não menos ao desenvolvimento em princípio de nascimento, e filiação; porém não puderam as canas reagir contra o constante e crestador sol, auxiliado pelos ventos N. e N.E., isso em longos meses, recebendo apenas algum orvalho, inverno muito escasso e que findou cedo. Diminuiu, obrigada por tais inconvenientes, quase metade a safra colhida, criada para exceder de 3.000 pães de iguais formas.

Em todo caso resignação e coragem para a continuação da luta da vida, enquanto as forças que já cedem aos anos vão permitindo.

Foi o ano agrícola em que mais cedo concluí colheita.

31 — Findou-se o mês tendo sido quase sempre seco, sol ardente, ventos variáveis, apenas quase a findar apareceram



alguns aguaceiros, que pouco alteraram o desenvolvimento das novas plantas de si acanhado em face da escassez do inverno passado, e demora do presente.

Desde o dia 23 passado acho-me com parte de minha família na barra do Rio Formoso, onde em nosso sítio fui procurar os banhos de mar, como recurso a minha saúde enfraquecida não tanto pelos anos, como por aflições. Ali tenho passado sofrivelmente, meus filhos têm sofrido, e minha mulher com saúde.

O engenho ficou entregue ao cuidado de meu filho Filinto.

A salubridade do engenho tem sido alterada por catarrais, que têm atingido aos trabalhadores e empregados, porém sem perigo. Os serviços vão indo, como permite o tempo, e o desânimo que ataca ao agricultor, que pouca compensação encontra no seu pesado labor, lutando com a baixa dos seus produtos, carestia de outros gêneros, e o desgoverno dos que dizem governar, que tudo gravam, oneram e entorpecem.

O processo eleitoral deu em resultado grande número de Deputados opositores do Governo: nem deveria outra coisa succeder, em face da interveniência indébita, porém franca e escandalosa do governo e seus agentes nos pleitos. Podia muito bem dispensar mais esta triste cena; quando vê-se de sul a norte por demais arrefecido e confundido o espírito político, muitos abatidos, e retirados, péssima direção dada no centro e nas províncias ao partido chamado Liberal, constituindo tudo verdadeira Babel. Qual a moralidade do que chamam os conservadores sua esplêndida vitória? O caso é mais para lastimar do que entoar louvaminhas.

31 — Possa o governo tão fortificado pelo grande número de deputados, seus adeptos, compreender e realizar o muito que há a fazer-se a bem do nosso país, cujos interesses gregos e troianos desde muito descuram quase completamente. Deixem de si boa memória, muito desejo. Por ora o estado de segurança de vida e propriedade continua a ser cada vez pior. Até

quando durará tão triste estado de coisas? Até quando querem que se apele para a Divina Providência? (2)

Durante o mês, serviços braçais a 239.200. Criados 25.000, fabrico de açúcar e retame 65.200.

#### FEVEREIRO — 28

Durante o curso do mês alguns aguaceiros, distribuídos por algumas localidades, a chuva não foi geral na Província.

Continuam as lavouras a ressentir-se da escassez das chuvas; contudo o ano mostra-se menos nocivo, do que o seu antecessor. As canas todas tratadas. Conservei-me com a família durante o mês em nossa casa na Barra do Rio Formoso, visitando alguns dias o engenho. A procura de saúde nos banhos de mar, pouco obtive. Minha família conserva-se no mesmo estado. A fazenda em paz, e os serviços correm sofrivelmente, alguns casos de moléstia, porém sem haver morte.

Os negócios do país sob os auspícios dos conservadores ou antes do Imperante, caminham do mesmo modo que antes, mudam-se os atores, a cena é sempre a mesma. Até quando?

Durante o mês as despesas com serviços de campo montaram a 251.900, com a residência na Barra aumentaram-se as com criados, montando a 55\$000.

Acham-se concluídas as tiradas de açúcar e trabalho de destilação e retame.

#### MARÇO — 1

Começa sem que chovesse durante o dia e noite.

2 — Minha irmã Irmina gravemente doente de febre bilhar, entra em estado de causar-nos sério cuidado: submetida ao tratamento médico do Dr. Francisco Romano de Brito Bastos,

(2) — O Barão, de temperamento pessimista, vivendo deprimido pelas doenças de seus familiares inscrevia-se entre os que viam o país à beira do abismo, fruto da incúria dos políticos, em todas as épocas, sempre criticados. O velho titular, nas suas manifestações sobre o assunto, mostrava-se-lhe dominado pelo desânimo, descrendo dos políticos imperiais, inclusive os liberais, seus correligionários.

consegue melhorar. Atendendo ao seu estado de abatimento e à possibilidade de voltar a febre com pior caráter, o médico exigiu a retirada da doente do seu engenho Camaçari, reprovando a vinda para Goicana, Tinoco ou Praia, combinou-se em seguir para o engenho Pacavira, enquanto seu estado se equilibrasse, ou recuperasse robustez. De fato, no dia seguinte a conduzimos bem acondicionada para o engenho Pacavira, propriedade de D. Maria Bemvinda de Gouveia Moura, irmã do meu cunhado, marido da doente.

3 — Aí deixei a doente em convalescença, vindo eu para o engenho Goicana, donde segui apressadamente a ver a doente no dia 28 de fevereiro, quando soube do seu incômodo, que até então parecia simples intermitente.

5 — Recolhi-me com minha família ao engenho, menos meu filho João, que hoje mesmo seguiu embarcado para o Recife.

10 — Filinto e Lídia conservam-se há dias em Camaçari em companhia da doente, sua mãe e sogra.

Deu-se começo à limpa de parte do cercado, e remoção de entulho do assentamento arrancado para se fazer de novo, cuidando-se ao mesmo tempo em outros serviços, como remoção de estrumes, algumas madeiras para cercas, e factura de uma casa para morada na Tiririca.

Chuvvas muito raras e fracas.

Os últimos açúcares destinados à praça do Recife seguiram a 3 do corrente mês.

15 — Continua o mesmo estado de seca e sensível calor, que tem motivado incômodos de saúde variados e sérios.

Minha sobrinha e nora, Lídia, sofre muito da garganta, vindo em resultado um tumor, sendo preciso recorrer a médico, Dr. Brito; procurou abrir o tumor, encontrou dificuldade, pelo que empregou vomitivos. A doente consegue algum alívio, podendo tomar algum alimento, e sossegar ou dormir algum tempo, e falar, coisas estas de que se vira obrigada a privar-se há dois dias, empregando-se não obstante os recursos ao nosso alcance e até que chegasse o médico, que estava fora da cidade.



Minha irmã Irmina seguiu hoje para Água Preta, Engenho Lage, propriedade do seu genro Tenente Coronel Manuel Machado Teixeira Cavalcante, conforme exigia a gravidade do incômodo sofrido, e em convalescença.

Bem contrariada ao deixar doente sua filha Lídia, porém era forçoso partir.

16 — A doente hoje melhora; sendo preciso recorrer a cosméticos para forrar a abertura do tumor, que não era fácil rasgar a bisturi. Hoje pode, ainda que não facilmente, alimentar-se.

18 — Meu filho João Baptista depois de muitos dias, em que nada sofreu, mesmo durante a estada no Recife, sofre em excesso seus acessos nervosos, contristando-nos bastante. Duraram os acessos repetidos durante o dia e parte da noite, deixando-o ao cessar com as idéias um tanto confusas, devendo isso desaparecer com o descanso. Triste condição de meu filho, amargura dolorosa para seus pais.

Deus se amercie de todos.

20 — Agravam-se os sofrimentos de Lídia, parecendo sobrevir ao outro bordo da garganta, acompanhado de dores de ouvido. Priva-se de sono e de alimento em face dos incômodos.

28 — Renda-se, como em tudo e por tudo devemos fazer, graças ao Altíssimo por conceder a tantos sequiosos a chuva que desde 3 horas tem caído mais ou menos, conservando-se o dia nublado, ouvindo-se trovões ao longe, e parecendo ser geral a chuva.

A noite de ontem a hoje conservou-se sempre nublado, para qualquer dos lados, que se observasse, fuzilando relâmpagos em todas as direções, e calor excessivo, termômetro a 25 e 1/2, denotando tudo as suspiradas chuvas que se seguiram. Deus permita que seja para bem de todos.

Lídia vai tendo melhora, ainda que lenta, do grave indo-se em Água Preta, ainda no engenho Lage de Una.

De minha irmã Irmina, sei que vai bem, e restabelecendo-se em Água Preta ainda no engenho Lage de Una.

31 — Finda-se o mês, sendo de chuva, relâmpagos e trovoadas os 3 últimos dias, chuvas em aguaceiros, e brandas, como convinha ao estado de dessequidão da terra.

As lavouras devem animar-se, conquanto para a filiação das canas chegassem um tanto tarde.

Os serviços do engenho, depois de limpas as canas, foram em monda de parte do cercado, derruba de matas para lenha. Começo de fabrico de tijolos, e remonta de assentamento de tachas, sem pressa por não chegarem do Recife os crivos pedidos.

O estado sanitário é sofrível para os da família, e para os que nos prestam serviços no manejo do engenho e casa. Em geral não é bom: em alguns lugares, como seja, Barreiros, e Palmares, têm aparecido febres de mau caráter, tíficas, ceifando várias vidas.

O estado de segurança de vida e propriedade nada tem melhorado com a nova política, e parece que continuará o mau estado de coisas, que não é novo, até que os olhos se abram, e vejam quanto há de bons esforços e patriotismo a empregar-se para elevar-se a Pátria ao ponto que corresponda à prodigalidade com que a natureza dotou-a.

Por ora os partidos conservam-se em cegueira.

Ridicularizam-se os negócios sérios, ou tratam-se com indiferença, ou hipocrisia; é assim que o governo nada há feito para adiantar o término da escravidão, não obstante reconhecer como grande mal. Deixa tudo à ação de cada um: libertem, castiguem, ou matem. Triste coisa!!!

O açúcar animou de preço na praça do Recife, principalmente o purgado: decresceu o brute e retames. As aguardentes subiram igualmente.

As despesas com os serviços de campo durante o mês montaram a 300\$000 e mais 35\$000 com criados, que também percebem alimentação e roupa.

ABRIL — 1

Faz sua entrada com chuva, como findou Março.

5 — Cessam os aguaceiros desde ontem ao amanhecer, reaparecendo o sol com seu vigor, encontrando os terrenos muito pouco umedecidos.

Preparou-se terreno nos Barreiros, e nele plantou-se semente de espécie nova de cana: Luzia e outras, formando viveiros para estender em tempo as sementes nas plantas futuras.

Conhecidas, conquanto lendiosa e de pouca filiação, vão de dia-a-dia sendo a cana caiana e imperial, melhores das sementes conhecidas, e atendendo à dificuldade de obter-se coisa melhor, convém ir propagando as sementes acima, e outras que se obtiver para suprir a deficiência das sementes há muito aqui usadas, que já dão bem pouco e escasso resultado.

Os particulares, a quem toca interessar-se pelo ramo de agricultura de que vivem, e o comércio a quem também alimenta, promovam o melhoramento da gramínea, e seu melhor cultivo e produção.

Dos governos nada há a esperar: todo tempo é pouco para segurar eleições a bem dos filhotes, e emaranhar os mais sérios negócios do país.

Infelizmente é o que se vê: sucedem-se os governos, o procedimento é o mesmo, as esperanças que supõem-se das mudanças, frustram-se. O povo, que não se ilustra, vive cego, e pouco cogita dos males que o cercam e minam o país. Ombros à obra: removam-se as causas, venha o bem da sociedade.

15 — Desde a tardezinha de ontem voltam as chuvas, que tinham cessado desde dias, dando lugar ao sol, que depressa enxugou os terrenos muito pouco umedecidos. Chuvas em aguaceiros durante a noite, e amanhecer de hoje. Indícios de continuar.

Meu filho Filinto seguiu com Lídia, sua mulher, para a barra do Rio Formoso a passar alguns dias no sítio que aí temos, a fim de sua mulher fazer uso dos banhos de mar recomendados pelo médico como úteis aos incômodos de anemia, e seus efeitos, que sofre há dias, sem que tenham cedido aos preparados ferruginosos de que tem feito uso. Deixei de acompanhá-los porque era precisa minha permanência no engenho, e mesmo não havia necessidade, não sendo de perigo o estado da doente.



Acham-se findas as limpas das plantas e socas da Fazenda, e de meus filhos; as canas de ladeiras por ora não apresentam desenvolvimento que possa notar-se, ou de segurança de considerar-se o aumento de colheita vantajoso.

A terra principalmente de altos, estava por demais dessecada, pelo muito sol, calor, ventos rijos e anos anteriores de invernos escassíssimos.

Esperança, e sempre esperança, assim como em tudo. É o alimento da vida.

Segue o preparo de lenha para moagem, havendo já cortadas e juntas no pátio madeiras de cercas e algum cipó; parte do cercado mondado.

O assentamento de tachas feito todo de novo por empreitada com o mestre pedreiro José Nicolau da Rocha, deve ficar findo amanhã. Aumentou-se mais de volume de caldo, pondo-se vasos maiores. Parte da crivação que é toda de ferro, foi posta de crivos novos, sendo também nova a tacha caldeirote. O serviço foi por proposta do mestre pedreiro, contratado por 80\$000 dando eu serventes e todo material. Subirei, se o serviço oferecer bom resultado, ou sair feito a contento.

Ficou concluído o serviço contratado do assentamento de tachas para preparo do açúcar.

O dia, a princípio nublado, tornou-se de belo sol.

16 — Rigoroso dia de inverno, começando a chover antes do amanhecer, e continuando durante o dia, havendo curtos intervalos de estiamento, sem que se visse sol. Serviços interrompidos.

Meu filho João sofre repetidas vezes seu mal velho.

Recebo notícia do engenho São Paulo, de que meu cunhado José Henriques acha-se seriamente doente, mesmo em perigo de vida comprometida por febre palustre complicada com irritações intestinais, de que já sofria. A notícia foi-me participada por Maria Gertrudes, mulher do doente, hoje a uma hora da tarde, por um próprio. Os sofrimentos começaram na sema-

na anterior às de febre. Estas têm grassado, e feito vítimas em várias localidades da Província.

17 — Por um próprio, que mandei saber do doente, recebo novas agradáveis: cedeu a febre, o doente parece melhor.

Foi todo dia chuvoso, não se viu sol: aparecem lamas.

Foi de chuva parte do dia e da noite.

30 — Volto com meu filho Filinto, e sua mulher restabelecida de saúde, da Barra do Rio Formoso para o engenho.

O mês finda tendo sido de sol, ventos variáveis, nublamento, sem chuvas nos últimos dias.

Não tenho alteração notável a descrever.

De saúde vamos eu, e minha família, como dantes, entre bem e mal.

A fazenda conserva-se em paz: serviços pouco ou nada adiantados, devido ao mau empregado, meu sério estado de saúde, e desfaçatez dos que vivem do salário, raro bem ganho. Quanto ao estado social continua péssimo.

Os conservadores tratam de encher-se do melhor modo: sofram os máis, com isso não se importam. Brava gente.

Durante o mês gastou-se com serviços de campo: .....  
361\$020. Com criados de casa, e estribeiro — 25\$000. Fora roça.

Serviços vencidos, limpas de canas, e parte da medida, ou lenhas para moagem.

MAIO — 1

Começa o dia nublado, e chuva fina incessante.

Serviço o mesmo de lenha, e factura de tijolos.

2 — Noite de ontem a hoje, e parte do dia chuva fina, porém constante.

5 — Desaparecem as chuvas, e reaparece o sol intenso: os terrenos enxugam com prontidão, as lavouras dos altos sentem necessidade de chuvas mais constantes.

Observa-se que as canas flecharam neste engenho por demais. Nunca observei o mesmo em anos anteriores.

O mesmo sucede a outros engenhos vizinhos. Deve-se isso à sequidão das canas anteriores, e à escassez ainda de chuvas no corrente ano. Também concorrem as plantações cedo em terrenos muito trabalhados.

#### MAIO — 8

8 — Recebo carta hoje, datada de 4 do corrente, da minha irmã Irmã em que diz haver chegado à sua casa, o engenho Camaçari, no dia 30 do mês de abril próximo passado, vindo do engenho Lage de Água Preta, completamente restabelecida de saúde, desaparecidos os efeitos mórbidos deixados pela febre palustre, de que fora atacada.

10 — Findou-se a 4<sup>a</sup> limpa em socas de várzea dos Barreiros começada no dia 6. Há dias não chove: as lamas secas.

Em seguimento aos serviços continua limpa corrida, 4<sup>a</sup> em plantas de várzeas e ladeira dos Barreiros, serviços que findaram-se.

12 — Alguma chuva e trovões ao amanhecer somente.

15 — Reaparece hoje chuva sem excesso, ou moderadamente e constante.

17 — Dá-se começo à fatura e remonte de cercas, lance do açude. Não se terminou o tombo de lenha devido à falta de perícia do feitor, e sarna proverbial dos nossos jornaleiros.

Alguns aguaceiros nesses últimos dias.

Sabe-se que faleceu na corte do Rio de Janeiro, no dia 14, e sepultou-se no dia 15, vitimado por uma pneumonia terrível, o Dr. Antonio Francisco Correia de Araújo, pernambucano, moço, pois não completou 40 anos. Deputado Geral e Provincial por sua província, subchefe do Partido Conservador da mesma. Em política era intransigente, e pode-se dizer exal-



tado, como particular possuía qualidades muito recomendáveis, que enobreciam ao caráter de pernambucano. Deixa viúva, e 5 filhos de tenra idade. Manifestam-se gerais sentimentos.

21 — Findam-se os lances de cercas do açude e floresta, em que despendeu a Fazenda 102\$900 — Continua o serviço em monda do cercado, enquanto se cortam novas varas e extraem-se cipós; reunindo-se, continuar-se-á com o restante das cercas e monda do cercado.

22 — De ontem a hoje alguns aguaceiros, chuva fina, durando pouco tempo, porém repetindo-se à noite mais grossos.

23 e 24 — Dias chuvosos em aguaceiros pouco volumosos, também à noite. Reapparecem lamas. Nos 2 dias quase constante cerração.

25 — Ainda chuva: os rios maiores e menores avolumados.

26 — Tempo fresco, sol e nublamente sem chuvas durante o dia.

Faz-se na igreja serviço de caiação e pequenos reparos.

Acham-se fendidas paredes, vergas e arco, parte da coberta em máu estado. Devido à falta de freqüência, e as grandes pedras que pesam na construção de suas paredes.

27 — Completa hoje meu filho João 19 anos de existência, os 6 primeiros mostrando um vigor a prometer ser homem forte e de saúde robusta, porém Deus não quis, e daí por diante tem sido seu viver amargurado por sucessivos ataques de nervos, apesar do tratamento constante. Foi passar o dia de hoje com minha irmã em seu engenho Camaçari.

31 — Termina o mês com chuva, como foi na quase metade de seu percurso, sem que fossem chuvas copiosas, contudo suficientes para predispor os terrenos a melhor ceiva. Há bastante lama, os rios grandes e pequenos com suas águas crescidas. Animadas aquelas lavouras que não se achavam demais enfraquecidas pela ação do sol e retardamento das chuvas, oca-

sionando a falta de filiação às canas plantadas nos altos. Os serviços do engenho feitos com morosidade. Durante o mês fez-se parte das cercas, monda de pasto e de canas, restando tudo a findar-se. As limpas de canas têm sido repetidas mais vezes em face de seu pouco desenvolvimento ocasionado pelo sol, e falta de chuva a tempo. O estado sanitário, com relação aos que prestam-se aos serviços de campo e domésticos, tem sido sofrível; felizmente não tem havido ocorrências que tenham perturbado o sossego, nem ceifado vidas. Minha família sem alteração; os padecimentos de meus filhos sendo crônicos, levam-se entre alternativas de melhoras e piores, sem que eu ainda encontrasse remédios que lhes assegure descanso eficaz. Meu mano Prisciano ultimamente sofreu acesso forte de febre, devido a seus sofrimentos hepáticos; melhorou. Meu filho João entra em uso pela 1ª vez da solução Laroyenne. (3)

31 — O estado de segurança de vida, e propriedade, e mais relações sociais, continua a ser, como me tenho enunciado anteriormente. Nada para melhor, entretanto os conservadores que tanto censuravam aos liberais, e tanto prometeram, deixam aos que apreciam o bem da Pátria em expectativa. Tratam somente de seus interesses individuais, ao que parece e pelo que se observa.

Seu cuidado tem sido em descartar-se dos que não são seus opositores ou servis.

Não lhe faltam recursos para beneficiar o País, uma vez que isso desejassem com seriedade.

O estado sanitário se não é bom, é sofrível. Em algumas províncias grassam febres de mau caráter, variolas, catarradas e pneumonias, ceifando vidas importantes, cujas perdas são bem sensíveis. Nota-se a freqüência de alucinações, apoplexias e tuberculoses; causa espécie o seu desenvolvimento. A beri-beri

(3) — Este remédio francês, como a quase totalidade dos medicamentos na época usados no Brasil, era anunciado na imprensa: "**Solução Antinervosa de Laroyenne**, para epilepsia, histeria, convulsões, moléstias nervosas". — Fabricado pela Farmácia Durel, Paris, 7, Boulevard Denain, e, em Pernambuco tinha como depositário **Francisco M. da Silva & Cia.** Anúncios publicados no *Diário de Pernambuco*, julho, 1887.

estende também seu domínio. Pelo pouco cuidado do governo, digo sofrível o estado sanitário. (4)

Na Província do Rio de Janeiro sentiu-se tremor de terra em várias localidades, de pouca duração em suas ondulações; felizmente não ocasionaram desgraças, somente grandes sustos. (5)

Choramingueiras de várias localidades contra os desmandos, e relaxamento das autoridades. Em alguns lugares reproduzem-se assassinatos escandalosamente, roubos e furtos. Durante o mês despendeu-se com serviços de campo a quantia de 403\$600 réis. Criados de casa e estribeiros 30\$000. Não menciona outros empregados e serviços.

#### JUNHO — 1

Dia rigoroso de inverno: chove durante dia e noite com interrupções pouco espaçadas.

Houve missa na capela do engenho dita pelo Pároco do Rio Formoso, Francisco Veríssimo Bandeira, sendo em seguida o batizamento de Idália, filha de Joaquim Carlos Pessoa Marques, e sua mulher D. Maria Viana Marques, sendo padrinhos eu e minha mulher.

Passaram conosco o dia algumas pessoas sem que precedesse convite algum.

Meu filho Filinto completou hoje 24 anos de nascido.

Meu mano ainda sofrendo de febre, tomando quase caráter de intermitente, que podendo tornar-se mais sério, resolveu-se a consultar ao médico Dr. Brito Barros, e submeteu-se

(4) — "De 1886 a 1890 houve uma grande epidemia de variola com 2204 óbitos, uma de febre amarela, uma de sarampo e uma de coqueluche". Octávio de Freitas, "Medicina e Costumes do Recife Antigo", "As Epidemias recifenses", Imprensa Industrial, Recife, 1943, p. 50.

(5) — "O tremor de terra do dia 9 fez-se também sentir em Teresópolis. Uma casa situada no Alto, com 180 palmos de frente e 130 de fundos, oscilou por tal maneira que muito assustou os moradores: "a casa (diz uma carta que temos à vista), parecia tão leve como se fosse uma folha de papel movida pelo vento; mas felizmente não houve vítimas". *Jornal do Recife*, "Revista do Interior", domingo, 30 de maio de 1886.



ao seu tratamento. O incômodo já dura há dez dias, e o tem feito definhar.

3 — Declina e parece que melhora. Passo com ele o dia. O tempo continua chuvoso.

5 — Continua a chuva: serviços suspensos, rios cheios, caminhos de transporte difícil. Continua a chover.

Meu irmão apresenta muita melhora, e parece restabelecer-se; conquanto o médico diagnosticasse de palustre a febre, a mim só parece resultado de resfriamento com caráter de febre intermitente, com algum excesso devido ao sistema nervoso, e muito vigor ou robusteza do doente, que também é sujeito a incômodos hemorroidais.

8 e 9 — Melhora o tempo, aparece sol, ar frio úmido.

12 — Há 3 dias cessou de todo a chuva, reapareceu o sol, como de verão, enxugam as lamas com presteza, noites e manhãs frias.

Limpam-se canas de meus filhos e da Fazenda, onde aparece monda em maior desenvolvimento em plantas e socas do partido da Fôfa.

15 — Há dias cessou a chuva, e sucedem-se dias que se parecem de belo verão: as lamas desapareceram, facilmente a terra absorve as umidades. Está tudo seco. Será por certo, um grande inconveniente, principalmente para os engenhos que não dispõem de terrenos arejados, se o inverno for escasso, como foram os anteriores. A monda que deve cobrir os terrenos de plantações, e assim adubados para receber e desenvolver as lavouras, é ainda fraca e rara.

As canas pendentes precisam ainda muito da ação benéfica das chuvas, e começam a apresentar precoce amadurecimento, por isso mesmo que a seiva que lhes dá a chuva, foi e continua a ser tardia e fraca.

Limpam-se parte das canas, que apresentam mais monda.

O frio à noite, e nas manhãs, nota-se que excede ao comum dos anos anteriores.

Desenvolve-se com excesso a praga de carrapato no gado vacum ou bovino, que definha.

15 — Consta dos jornais, que no dia 12 deu-se na cidade do Recife um fenômeno ainda aí não observado: neblina, ou cerração sem frio ou chuva, a ponto de não poder diferenciar-se os objetos por 3/4 de hora, pela manhã, saído já o sol. Ocasionalmente a quase perda de um vapor (o Espírito Santo) que ao entrar da barra deu sobre pedras, que escaparam pela cerração à vista do práctico: tardia e desconcertada pela velocidade das águas, foi a manobra empregada. (6)

18 — Paguei hoje a renda de parte do sítio de coqueiros, de que é co-senhor o órfão José, filho de José Henriques Carneiro de Almeida, na Barra do Rio Formoso, recebendo o pai e tutor dez mil réis, pela renda a vencer-se em janeiro de 1887.

Finda-se a limpa (6ª) da planta de fazenda na Fofa.

19 — Segue-se fatura de cercas em continuação das que faltavam fazer-se e monda do cercado.

Tendo sido os dias anteriores todos de belo sol, e noites friíssimas, temos hoje alguma chuva e atmosfera nublada. Tem-

(6) — “**Densa neblina**” — Ontem, pela manhã, uma densa neblina envolveu a nossa cidade e suas circunvizinhanças. Duiu cerca de três quartos de hora, e coisa notável, não fazia frio.

Não há lembrança de ter havido aqui tão forte cerração. “**Jornal do Recife**”, “Gazetilha”, edição de domingo, 13 de junho de 1886.

Sobre o acidente do vapor “**Espírito Santo**”, o **Jornal do Recife** daria uma ampla notícia, enquanto o **Diário de Pernambuco**, em boa síntese, dizia:

“**Paquete Espírito Santo** — Ontem, pelas 6 1/2 horas da manhã, caía forte cerração quando demandava a barra o paquete nacional **Espírito Santo**, procedente do norte, e, em consequência disso, e não obstante ser o paquete guiado pelo Sr. práctico-mor da barra, cuja pericia é conhecida e não pode ser posta em dúvida, foi o mesmo paquete de encontro a uma das pedras da dita barra, recebendo avarias no casco, onde foram abertos vários rombos.

O paquete entrou para o ancoradouro interno; mas encostou no cais do Arsenal da Marinha, onde se acha com a popa bastante imersa n'água”.

“**Revista Diária**”, edição de domingo, 13 de junho de 1886.

po frio úmido. Durante o dia bons aguaceiros, não foi visto sol.

25 — Passou-se o dia 24, e graças a Deus, o orbe terraque conservou-se nos eixos, não realizando-se a profecia tão falada de Nostradamus, que a tantos trazia em alvoroço, e sobressalto. É bem provável que um dia termine o mundo, visto que só não tem fim aquilo que não teve princípio; porém, quando e como, entendo que só pelas manifestações da vontade de Deus, poderá chegar ao conhecimento dos míseros mortais, a não ser isso, os dizeres e os cálculos dos que se inculcam de profetas, não passam de divagações, e desejos de fazer espírito.

O São João passou-se pacificamente; é do dever dos cristãos agradecer sempre a Deus a bondade e misericórdia com que nos olha e governa, sentimentos que estão muito aquém dos nossos merecimentos. Muito mal retribuimos o bem que de dia-a-dia Ele nos liberaliza. Bondade inesgotável, amercie-se sempre de nossas fraquezas, esperando de todos a contrição.

Sofri à noite de minha enxaqueca, que há muito não me vexava. Minha filha sofreu acessos fortes de seu mal.

26 — Meu irmão Prisciano sofre de novo o incômodo febril de que fora atacado, não há muito tempo, devido em parte aos sofrimentos do fígado e hemorróidas. Os mais de minha família sem alteração.

Desde a noite de 24, mais ou menos, tem chovido, chuvas pouco copiosas, em aguaceiros; nesses dias, além da falta de comparecimento de trabalhadores aos serviços, as chuvas também os têm interrompido.

Meu mano Prisciano resolveu-se, e seguiu ontem para sua casa na praia do Gamela, em Serinhaém, à procura de melhoras à sua saúde, ainda alterada.

A mudança era conveniente, não achando eu suficiente, o Gamela; ares mais puros que não fossem a beira mar, e motivos de distrações que não fossem aquelas de que se tem ocupado no labor do engenho, seriam mais convenientes.

30 — Finda-se o mês, tendo sido de chuvas em aguaceiros pouco copiosos, ventanias fortes, ar úmido frio, os seus úl-



timos dias. O estado sanitário tanto de minha família, como dos que vivem na dependência do engenho, não tem sido satisfatório. Febres catarrais e outros incômodos mais ou menos acabrunhadores têm atingido a muitos: felizmente conservam-se as existências.

Meu irmão Prisciano continua doente na praia do Gamela, onde se acha sem que obtivesse melhora.

Faleceu no dia 11 do que finda, no engenho Campo Verde, no Termo de Barreiros, meu primo José de Gouveia Acioli.

Os serviços em andamento morosamente, não só devido à estação, que alguma vez os interrompe, também à fraca atividade dos que nos mesmos se empregam. Depois de limpas as canas pendões mais cheios de monda, continuam os serviços de cercas, e mondas do cercado, ainda não terminadas. Serviços atrasados em relação aos dois outros anos.

Meu filho João deu hoje começo à roçagem de terrenos para novas plantas de canas nos partidos Barreiros.

A Fazenda auxiliou-o, e a meu filho Filinto em limpas de canas a suas contas.

Acha-se findo e liquidado o produto da safra colhida, que orçou em 27.109\$440, inclusive o que de açúcares, meles e aguardentes se apurou no engenho 1.080\$000.

Deixa a feitorização do engenho o empregado Venceslau da Hora, que tem de ser substituído pelo Antônio Rodrigues de Gouveia, morador do engenho e que já há muito e por anos exerceu o cargo que ora passa a ocupar, devendo começar no começo do mês que entra.

Venceslau não é um empregado ativo, nem dos mais inteligentes; porém tem bom gênio, bom comportamento, e me parece fiel. Seria muito bom para dirigir serviços dos que infelizmente ainda trabalham com escravos, visto ser homem manso, e não rigorista; porém para o lidar com livres, além de faltar-lhe qualquer noção de escrita, ou leitura, falta-lhe também certa energia, e jeito para dirigi-los: ele reconhece isso, e

assim resolveu-se de acordo comigo o dispensar-se de meus serviços de engenheiro, sem que se dessem outros desgostos. Retira-se pago, de contas saldas, contando 16 meses de exercício na reentrada.

As lavouras pendentes têm tomado algum impulso, porém ressentem-se dos defeitos já notados. Os terrenos por plantar acham-se fracamente cobertos pelas mondas, que os devem adubar, quando decompondo-se em camadas repetidas, como sucede quando os anos correm regularmente em suas estações.

Continua na gerência do governo do país o partido chamado Conservador. As coisas continuam no mesmo estado de desorganização que anteriormente tenho notado.

Escandalosamente, e calcando-se todo direito que as leis e vontade do povo dão na expressão de seus votos, têm sido enxotados das Câmaras Gerais e Provinciais, os eleitos que se dizem Liberais. Confessa-se o escândalo e reincide-se nele. Qual o paradeiro? O elemento servil ou escravo ainda domina, e só para o tempo e vontade dos senhores apelam os que governam. Quando terá fim esse nefando crime que tanto desnatura o Brasil Americano? Só Deus sabe, porque o que se chama espírito público, parece que de dia-a-dia vai se afundando mais em nossa terra.

É notável a desfaçatez com que se encaram os negócios mais sérios, e que interessam ao bem moral e material do país.

Além das demissões por política a muitos funcionários, mesmo aqueles que mais se distinguem no cumprimento de seus deveres e moralidades, acrescem perseguições, até a morte, desenvolvidas em algumas localidades do Império.

É triste mencionar isso; porém, infelizmente os fatos existem.

A intervenção, bem ou mal pensada do Imperador em quase todos os negócios do país, permite pelo costume, esperar-se que dele venha o remédio aos males que os corações sinceramente patrióticos e humanitários tanto deploram. Os po-

líticos no governo visam mais seus interesses individuais e desabafos de paixões, do que aqueles interesses para os quais deveriam convergir seus esforços: o engrandecimento moral e material do País.

Durante o mês despendeu-se com serviços do campo a quantia de 241\$020 — com criados internos e externos, 30\$000 Não menciono o que despende-se com empregados anuais e serviços de artistas, e materiais, vestimenta e alimentação dos que a têm por contrato.

#### JULHO — 1

Começa chuvoso o mês, chuvas moderadas, ar sempre frio e úmido. Aumenta o número dos que sofrem de catarros mais ou menos incomodativos.

2 — Serviços ainda por vencer, monda do cercado, restante de cercas, restante de lenha por tomar, e ainda alguma cana, que, sendo moídas tarde, precisam de limpar suas socas.

Têm corrido meus serviços morosamente, notando-se a diferença para os últimos anos em que com menor numero de trabalhadores, venceu-se mais serviços, e é assim que se sai, quando se dava começo à roçagem para novas, que nos anos anteriores a este tempo estava em andamento, vencidos os demais serviços de que cura-se presentemente.

Antes do amanhecer houveram chuvas copiosas, que avolumaram as águas dos riachos: o dia foi de belo sol, fresco e agradável.

3 — Passo com meu irmão Prisciano parte do dia. Chegado de véspera, à tarde, da praia Gamela, trouxe pouca melhora de saúde, achei-o pálido, abatido, fastiento. A febre que havia desaparecido há 2 dias, reapareceu à tarde e durou quase toda noite.

4 — Recorre hoje ao médico, Dr. Brito, que manda vir para o examinar. O padecimento do fígado é a base do quanto ele sofre.

Continua o estado febril, máu estômago, diarréia: o médico aconselha uso de calomelanos, mudança de ares, se não melhorar.



Deixa a feitorização deste engenho o empregado Veneslau da Rocha, que exerceu o cargo 16 meses e 3 dias, retirando-se por julgar-se inábil para bem desempenhar o lugar, e de fato os serviços não corriam como deviam, se houvesse da parte dele mais atividade e jeito para dirigir o trabalho livre. Nada tenho a notar quanto à sua conduta civil e moral.

Difícil coisa é em nossa terra encontrar-se quem bem desempenhe o cargo de diretor de serviços com homens livres, mal educados, naturalmente preguiçosos, ou vadios, sem termos leis que os contenham, ou tragam à ordem regular, determinando seus direitos e seus deveres.

Vivemos a salgar lagartas a tal respeito. Ontem incomodou-me bastante o procedimento de Antônio Rodrigues de Gouveia, meu compadre, português, morador e plantador de cana deste engenho, onde já em épocas atrasadas exerceu o lugar de feitor em 6 e 1/2 anos. Despedido por ter gênio irascível, além de imprudente ou malcriado, supús que passando depois por lances desagradáveis de sorte, devido a infortúnios e maus negócios que fez, e não achar bom cômodo em outro lugar, acolhido em seguida por mim, como morador e plantador de canas, fornecendo eu meios para isso, supús, digo, que tivesse modificado com os anos o seu gênio, e bem se prestasse ao cargo que já exercera não mal em tempos idos neste engenho; convidei-o a reentrar para o cargo, e de fato aceitando, em véspera de dever assumir deu prova de que nada arrefecera o gênio d'outrora, portando-se sem razão mal, para com meu filho menor, o que me obrigou a cortá-lo, e, em seguida, despedi-lo de meus serviços, e até mesmo do sítio que ocupa, e de continuar a plantar neste engenho, despedindo também seus comparsas João dos Santos e José dos Anjos, também moradores, seu sogro, o 1.<sup>o</sup>, e cunhado o 2.<sup>o</sup>. Não primam por bons de caráter.

Enfim é difícil o proprietário agrícola ter descanso lutando sempre com mil contrariedades: as dificuldades dobram-se quando se chega à idade adiantada, e de saúde fraca, cercado de filhos fanados e de saúdes bastante comprometidas.

Apelo para a bondade Divina, e a Ele peço paciência, resignação e amparo.

Reaparece a chuva depois de dois dias de belo sol. A noite foi de aguaceiros frequentes, mais ou menos copiosos.

A tarde e noite passei em companhia de meu irmão Prisciano, no engenho Tinoco; seu estado de saúde, conquanto pouco modificado, ainda inspira sério cuidado.

Vindo o médico Dr. Brito Bastos, applicou calomelanos que produziram efeito vomítico; depois applicando óleo de ricino, houve grande expulsão de bilis em vômitos, e em dejecção, isso durante dia e noite. Máu estômago, boca amarga, inapetência à comida, e falta de sono.

O estado do figado e baço parece de melhor aspecto. Febre quase nenhuma, tendo tido muita até o amanhecer.

5 — Volto, hoje, às 11 e 1/2 da manhã, deixando-o pouco melhor. Com cuidado e zelo, mudança para melhores ares, pode restabelecer-se em tempo próximo.

Continua sob o tratamento médico.

Chuvas ao amanhecer, em seguida sol, tempo úmido e frio, fortes tormentas com vento sul.

Continuam os serviços os mesmos supra: retirando-se o feitor que se achava ao serviço da fazenda, e não encontrando ainda outro hábil e apto para substituí-lo, acham-se os serviços entregues a José Bosi, um dos trabalhadores de oito, sob minhas vistas, e de meu filho Filinto, que continua doente de bronquite asmática.

6 — Meu mano Prisciano passou sofrivelmente o dia de ontem, e noite; parece continuar em sua melhora

Sua filha Joana sofre ontem um acidente de nervos, quando em lição de piano, melhora com medicamentos.

Sei posteriormente que pelo cuidado e vexame causado pelo sucedido à filhinha, sente o doente alteração em seus sofrimentos de figado e febre, insônia e fastio. Visita-o o médico hoje, e a febre cede.

Desde ontem soffro de cólicas, que persegue-me em algumas ocasiões, sendo preciso usar de laxante, deixando por isso de ver a tempo o doente.

10 — Desde o dia 7 à tarde acho-me no engenho Tinoco, onde encontro minha sobrinha e cunhada Rosa, mulher de meu irmão Prisciano, doente de febre, guardando a cama. Próxima a dar à luz, seu estado aumenta cuidado, sendo chamado o médico. No dia 8, a febre modificada, porém sem cessar, sente-se mais incomodada à noite, manifesta-se o parto, e deu à luz com muita felicidade a uma menina bem conformada, às 8 horas da noite.

Em seguida, sobrevêm calafrios e febre, chamado de novo o médico, chega a 1 e 1/2 da madrugada de 9, diagnostica sintomas de pneumonia, e, de fato, manifesta-se, aparecendo es-carros sangüíneos depois do meio-dia, dores nas costas, vão e peito direito. Trata-se de aplicar-se os remédios que o médico prescreveu. O mal modificou-se muito pouco, a febre continua a 40, porém sem perigo, conforme diz o médico.

Ontem à tarde, chegam do seu engenho Camaçari os pais da doente e manos. Volto à casa, visto não ser minha presença e fracos serviços já mui precisos, não havendo perigo de vida, e deixando meu mano melhorado do grande incômodo que muito sofrera e prostrou-o, felizmente não agravado pelo natural cuidado e vigilância desenvolvida no zelo por sua mui prezada e digna companheira. A recém-nascida conserva-se boazinha. O tempo tem sido de sol, e chuva pouca.

Entra em exercício (7) do lugar de feitor deste engenho José Cupertino Barbosa, que já fora aqui empregado no mesmo cargo por alguns dias, a meu contento, deixando por motivo justo que alegou. Oferecendo-se para reentrar e despedindo-se o que exercia tais funções, sabendo que Barbosa fora acolhido e protegido por meu primo amigo Major Tomás Lins de Barros Wanderley, dirigi-me a este, ouvindo-o, e sabendo se não o contrariava, ou se anuia a saída do seu morador como feitor para este engenho, sendo sua resposta espontânea, sua anuência, mandando porém o Barbosa entender-se comigo, e de fato acha-se empregado desde o dia supra, por ora sem ajuste, deixando à minha deliberação sua remuneração de serviços.

Finda-se o serviço de monda o cercado ontem, continuando-se no que resta a fazer de cercas.



Minha filha começa hoje a usar da solução antinervosa de Laroyenne, tendo sofrido acessos fracos, porém ansiedades nos dias anteriores. O irmão, e meu filho João Batista, em uso, há mais de mês do mesmo medicamento não tem sofrido acessos do mal que seguidamente o aflige, e tanto nos contrista.

12 — Ontem, com minha mulher e filhos, passamos parte do dia no engenho Tinoco com os doentes, onde se achavam alguns amigos e parentes. O estado de meu irmão agravou-se, aumentando a febre, veio alguma alteração cerebral, passando a noite sem conciliar sono.

Sua mulher conserva-se no mesmo estado febril, durante ainda os efeitos da pneumonia. Ontem mesmo, já à tarde, volvemos à casa, visto não precisar-se de nossa assistência, havendo quem zelasse os doentes suficientemente, inclusive o médico. Hoje pela manhã, ao mandar saber, e também para dizer-me pessoalmente o médico quando de volta ao Rio Formoso, os doentes conseguem melhora, baixando a febre, quase a pulsação regular.

Desconfio que volte, considero o estado de meu irmão ainda mais sério do que o de minha sobrinha e cunhada, visto o estado em que já se achava, e preocupar-se muito com o estado da mulher, e outras preocupações com seu tanto ou quanto de nervoso.

Deus se amercie dos doentes, dos tenros filhinhos que tanto deles precisam, como muito estimarão seus verdadeiros amigos, vendo-os restabelecidos de saúde.

Conquanto não guarde a cama, sinto-me doente, sofrendo atordoamento dos ouvidos, peso na cabeça, pulso às vezes febril, e um mal estar. As emoções por ver tantos sofrimentos em pessoas, às quais muito estimo, junto à idade e padecimentos físicos, permitem isso.

Hoje não posso visitar os doentes.

Sei que os doentes passam melhor o resto do dia, e a noite.

13 — O médico confirma a melhora, e não crendo segura, ou antes receando que dificulte-se a convalescença, aconselha muda de local quanto antes; não creio fácil perante a estação presentemente muito úmida, e estado dos doentes. Entretanto estes só por si decidem-se.

Os padecimentos de meu irmão agravam-se à noite, sobretudo atacando bastante o cérebro com prostração; o médico não o deixa, nem os cuidados dos que o cercam, irmãos, cunhados, e sogro, e pessoas do povo que o apreciam.

14 — Conservei-me auxiliando o tratamento vindo a febre a ceder depois de 1 hora, e de todo às 4 da manhã.

A instâncias do médico, e anuência da família e de todos, aceitou meu convite e rogos para transportar-se à nossa vivenda em Goicana, e de fato bem acondicionado em liteira o acompanhamos saindo a 1/2 hora depois do meio-dia, e depois pouco de 1 hora entrava em nossa casa, trazendo em sua companhia sua filha mais velha, Joana. A vinda e chegada correram sem inconveniente, desenvolvendo-se copioso suor, coisa que não pôde antes obter senão raro, a força de medicamentos.

Deu-se a natural emoção, que em tais ocasiões afeta ao pai de família extremoso, e também dos que com ele privam.

Sua mulher, D. Rosa, minha sobrinha e cunhada, achase em princípio de convalescença, muito abatida pelas consequências de um parto, ao que sobrevieram dias de febre, e pneumonia. Seu estado de fraqueza reclama grande cuidado e este não lhe faltará achando-se na casa seus pais e manos ficados por ora no engenho Tinoco, residência dos esposos seriamente doentes.

O médico acompanhou o doente à nossa casa, e deixou-o sem alteração, ficando de voltar. Passa sofrivelmente o doente a tarde; à noite aparece febre fraca sem afecção cerebral; por certo melhorou com a mudança.

15 — O doente um tanto melhorado, mostra-se desejoso de voltar à casa, em face do estado mórbido em que deixou a mu-

lher, e por julgar que o ar daqui não era do seu agrado. Tanto o médico presente, como eu e minha família relutamos fortemente contra tal resolução, temendo reaparecimento da febre no Tinoco com caráter assustador, visto que o médico achou indícios de palustre, a que antes sofrera. Baldados foram todos os nossos esforços, incomodando-se sobremaneira o doente por o contrariarmos no desejo de voltar a seu engenho, seguiu a caminho às 8 e 1/2 da manhã, acompanhado por meu filho Filinto; estava por certo melhorado, chegando à sua casa em paz. De constituição robustíssima, parece-lhe que vence os inconvenientes que as moléstias e certos excessos podem trazer; é engano, a vida só se conserva guardando-se as cautelas devidas, e nem sempre a natureza sem auxílios pode reagir contra os males que afligem aos corpos e ao espírito.

A doente, sua mulher, ou seja efeito das emoções, ou seja pela natureza do mal, que sofre sem que se conheça outra causa, passa pior: atea-se a febre, ansiedades, vômitos de bilis esverdeadas, isso desde ontem à tarde, noite, e hoje. O médico, que seguiu logo após a ida de meu irmão, tendo visto à noite a doente, continua na aplicação dos remédios que julga convenientes; seu estado é assustador.

Devido às noites de insônia, e algum lidar, e não menos à aflição de espírito e contrariedades, sinto-me hoje adoentado; alguma febre, atordoamento de cabeça, e grande zunido de ouvidos; contudo, procuro não guardar o leito.

#### JULHO — 15

A Fazenda dá hoje começo à roçagem para plantações novas de canas para futura safra de 1887 a 1888, sendo principiada em parte dos partidos Fôfa.

Parte dos trabalhadores ocupam-se do tombo de lenha.

Resta ainda cercas por concluir.

16 — Meu irmão melhorou de seus padecimentos; deve crer-se que muito concorreu sua mudança, ainda que por pouco, para este engenho, além do zelo do médico, e seus enfermeiros, parentes amigos. Sua mulher também hoje experimentou algum alívio a seus graves padecimentos; contudo ainda deman-



dam grande cuidado no seu continuado tratamento, achando-se com um pulmão comprometido.

O médico tem sido constante ao lado dos doentes, como exigiam seus graves padecimentos.

Continuo com minha saúde alterada sem que possa sair de casa.

17 — Os doentes do Tinoco sentem melhora animadora.

18 — Continuam em suas melhoras.

No correr do tratamento da doente em parte do dia 14, e noite de 14 a 15, deu-se um incidente, que releva mencionar servindo de aviso aos que lerem.

Não se sabe, se devido à aglomeração, e uso freqüente de remédios diversos aplicados pelo médico, que, pelo desejo talvez de acertar, e melhorar o estado da doente, mudava freqüentemente sem esperar a ação, que muitas vezes não é rápida, ou fosse algum descuido do boticário, ou devido à falta de cuidado, e asseio de algum vaso, onde se fervia a água para os caldos e mingaus gomosos etc., o que é certo que apareceram sintomas de envenenamento da doente, havendo vômitos verdes com sabor metálico, ansiedade, ventre timpânico, boca e garganta feridas, febre muito alterada, excedente a 40 graus.

Causou um grande desasossego a todos, e espanto ao médico, que diz por tal não esperar, nem saber a causa. Suspenso logo o medicamento último dado, tratou de combater os efeitos do novo mal, e ao que parece com algum sucesso, pelo menos, se posteriormente não sobrevier ruínas, que de tal incidente bem sensível possam aparecer. Até o escrever deste, não se manifestava ainda com certeza a causa do envenenamento que a todos surpreendeu. Limita-se a meras conjecturas. É bem provável que ainda possa saber-se.

É de bom aviso que haja todo cuidado da parte do médico, do boticário, e dos que pelos doentes se interessam, para que os qui-pró-quós accidentais não tragam o termo da vida do doente, que pode curar-se e restabelecer-se quando a natureza de todo não o tem abandonado.

Não são poucos os casos em que se escaparia da moléstia, se não houvesse a ingestão de remédios inconvenientes: a morte é irremediável.

Quando se deu o fato a que me refiro, eu achava-me no engenho Goicana para onde trouxe meu irmão; o médico achava-se na ocasião dos vômitos, à tarde de 14, junto à doente, com outras pessoas, que zelosamente serviam de enfermeiras.

Eu não podia abandonar o doente quando soube do fato.

20 — Os doentes vão melhorando de saúde.

Os últimos dias têm sido intercalados por sol e chuva.

21 — Os doentes dizem progredir em suas melhoras.

Dia de hoje bastante chuvoso.

22 — Finda-se a roçagem destinada ao plantio de canas em a nova safra a criar-se, terrenos de ladeira no partido Fofa.

31 — Termina o mês com chuva, como foi em quase seu percurso, raros dias de sol, reinando sempre ventos tormentosos do sul e de leste.

O estado sanitário geralmente não é agradável, tem reinado febre, que a alguns tem custado o fim da existência, e a outros prostrado gravemente, como sucedeu a meu irmão Prisciano, e a sua mulher, hoje felizmente muito melhorados, e em convalescença esperançosa de restabelecimento.

Meus filhos sujeitos a acessos nervosos, por ora parece que têm aproveitado com o uso da solução antinervosa de Laroynne. Eu, e os mais de minha família, sem maior alteração.

Os que vivem em nossa dependência vão indo sofrivelmente.

Quanto ao trabalho corre morosamente, porém vai-se vencendo de acordo com as circunstâncias da estação e (ilegível) dos que a eles se prestam.

Roçado terreno de ladeira para 40 carros de semente, queimou mal, acha-se lavrado a arado, e enxada e plantado

parte dele; o atraso de serviços neste ano aqui é bem estranhável. Só atribuo à minha falta de saúde, e relaxamento de costumes dos que se prestam a perceber salários, que são insensíveis às advertências e conselhos, parecendo desconhecer deveres concernentes aos que se devem prezar; talvez seja efeito de também não saberem quais sejam seus direitos.

Convém ao Rei e a seus asseclas conservar o povo na ignorância, no que coadjuva-os o nosso clero.

Quanto ao estado social caminha de mal a pior. Os conservadores são sempre corajosos na prática de atos exorbitantes das leis, da justiça e até do decoro.

Escandalosamente, contra todos os princípios de justiça, direito e honestidade, foi nulificado o diploma eleitoral, que a espontaneidade dos eleitores, e por seu merecimento, foi concedido ao Dr. José Mariano Carneiro da Cunha, escândalo dado e sancionado pela maioria conservadora da Câmara Geral de Deputados de acordo com o miserável governo que rege os destinos do país, e assim foi expulso da Câmara o Dr. José Mariano para dar-se entrada ao Dr. Teodoro Machado, vil instrumento do governo, e que desde muito tem descido no conceito público. (7)

Este fato execrando foi geralmente estranhado até mesmo por conservadores, dos que ainda não se acham perverti-

(7) — O Barão de Goicana acompanhou a repulsa do povo pernambucano e da parcela mais esclarecida da opinião pública do país, à depuração do mandato de José Mariano pela maioria conservadora na sessão de 14 de julho de 1886. No dia em que se comemorava a passagem da Revolução Francesa, a Câmara, numa inconsciência política que, entre outras, preparava o advento da República, praticou um ato, dizia *A Província* em candente editorial, que não permitia que tardasse o futuro revolucionamento moral e material do Brasil. "A Câmara dos Representantes Brasileiros, contra a expectativa de todo aquele homem que ainda tiver brío político, anulou o diploma de quem no 2º Distrito Eleitoral de Pernambuco venceu duas renhidas batalhas eleitorais. A Câmara, prosseguia o jornal liberal do Recife, tem cometido em poucos meses um milhar de crimes. O maior atentado, porém, contra os direitos de opinião nacional, foi este que ontem acabaram de cometer, perante o centro mais populoso do Brasil, a corte do Império, e perante o Imperador. (...) O atentado, que se perpetuará na história do segundo reinado sob a data de 14 de julho, é um dos pródomos sérios deste desmoraumento que começou há tempo e sobre o qual os homens como José Mariano hão de levantar uma pátria de brasileiros". E adiante: "José Mariano que volte a Pernambuco já e já. Já e já ele venha tomar o posto que lhe compete na vanguarda do partido li-



dos, e assim manifestou-se um pronunciado quase de todas as Províncias contra tão revoltante ato, recebendo o Dr. José Mariano manifestações tão simpáticas, que devem suavizar o ressentimento que ele sofreu, vendo de um modo tão infame calcada a espontânea vontade do povo que lhe conferiu por duas vezes ou em dois escrutínios, o mais brilhante diploma, vencendo ameaças, sugestões, peitas, perseguição, e tudo quanto é capaz de empregar um governo e uma polícia desmoralizados.

Acha-se consumado o sacrifício, nulificado o voto popular, o Governo e a Câmara servil designam os deputados que lhe quadram.

### Até onde mais descerá este nosso Brasil?

beral do Norte. Aqui ao menos, longe da podridão em que a escravidão atolou a Câmara atual até o pescoço, José Mariano só corre o risco de tomar os vícios que a simples vista cola ao indivíduo moral como uma ostra". "O Atentado", edição de 15-7-1886.

Esclarecendo que a verdadeira causa da depuração de José Mariano, — era a permanência da escravidão, que o Barão de Cotegipe queria protelar ao máximo, **A Província**, noutro local, descrevia a reação do homem da rua do Recife, à notícia da decisão da Câmara ao acolher o faccioso parecer do deputado padre João Manuel: "Logo que foi conhecida ontem nesta cidade a notícia de se haver consumado o grande atentado de que foi vítima José Mariano, o povo aglomerou-se em frente a nossa oficina em demonstrações da injustiça provocada pelo procedimento injusto e ditatorial da Câmara dos Deputados". Afixado o telegrama, dizia a nota, "às 7 horas da noite dirigiram-se à multidão diversos oradores, verberando em frases enérgicas o ato da Câmara, e correspondendo ao sentimento público em eloquentes palavras que foram cobertas de aplausos. O povo conservou-se por muito tempo ainda durante a noite em frente ao nosso escritório, dividindo-se em grupo a comentar o fato, em atitude pacífica, que ao mesmo tempo significa um vivo e enérgico protesto contra o ultrage lançado à face do povo da província de Pernambuco e da nação brasileira.

Derrama-se a indignação por todos os ângulos da cidade e onde quer que o telégrafo tenha a esta hora transmitido a notícia do atentado despertou por certo o mesmo sentimento". "Indignação Pública", edição de 15-7-1886.

Seguiram-se editoriais como:

"O nível moral da Câmara", edição de 16 de julho

"José Mariano", edição de 17 e 18 de julho

"O governo e José Mariano", edição de 20 de julho

"O atentado de 14 de julho", edição de 21 de julho

"Um povo degolado" (transcrição) edição de 23 de julho.

Nas edições de 28 e 29 de julho, **A Província** reproduziu o noticiário sobre o "grandioso meeting" realizado a 13 daquele mês, no Teatro Poll-

O estado de segurança de vida e de propriedade é aterrador, mata-se e rouba-se até mesmo nas grandes capitais, inclusive a côrte, onde a capoeiragem tem ostentado o maior cannibalismo, desde que o governo e policia conservadores julgam acertado lançar mão de alguns de seus membros para entregalhes o policiamento da côrte, e Rio de Janeiro.

Assim caminhando para o desespero, já se diz nos parlamentamentos — salve-se quem puder.

É triste verdade...

Entretanto o Governo esbanja o que arrecada, o suor do povo, e não dá quartel aos que contra suas misérias procuram arcar. Os liberais são apeiados dos cargos por mais honestamente que procedam, são processados, perseguidos e até mortos por aqueles mesmos que têm o dever de garanti-los.

Os magistrados liberais em verdadeira contradança de remoções, e outros preteridos em seus direitos, ficando avulsos e sem acesso. O descontentamento começa já a lavrar entre os da própria grei.

Revolta, e faz sangrar o coração dos bons patriotas, o estado de decadência a que tem sido levado o País, a contento, como parece, do Monarca, e seus designados para o poder.

teama, Rio de Janeiro, em defesa do mandato do deputado abolicionista pernambucano. Na ocasião, falaram o próprio José Mariano, Joaquim Nabuco e José do Patrocínio.

José Mariano regressou a Pernambuco a 30 de julho pelo vapor *Neva*, e **A Província**, descreveu em todos os detalhes a triunfal recepção que lhe prestou o povo recifense. Ver edições de 31 de julho, 1, 2, 3 e 6 de agosto de 1886.

---

— Teodoro Machado Freire Pereira da Silva — Nasceu em Pernambuco, a 25 de setembro de 1832, bacharel em 1852, última turma diplomada pelo Curso Jurídico ainda funcionando em Olinda, deputado por Pernambuco em várias legislaturas, Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no Gabinete de 7 de março, chefiado pelo Visconde do Rio Branco, a ele coube apresentar às Câmaras o projeto da Lei do Ventre Livre. Recebeu o título de conselheiro do Império, presidiu as províncias da Bahia, Rio de Janeiro e Paraíba, seguiu a magistratura, e com o advento da República dedicou-se à advocacia no Rio de Janeiro. — Entre outros trabalhos, escreveu: **Discurso proferido na Câmara dos Srs. Deputados em 13 de julho de 1871**, Rio de Janeiro, 1871, 30 págs.;

**Reforma do Estado Servil**: discursos proferidos na Câmara dos Deputados e no Senado. Rio de Janeiro, 1871, 120 págs.

Deve por-se um paradeiro, e cuidar que empregue, como reação a tantos males, a resistência armada. É o cúmulo do desespero”.

Durante o mês despendeu-se com serviços de campo 436\$560, sendo com as novas plantações 162\$940.

Com criados de casa, estribaria etc. 30\$000.

Os doentes do Tinoco melhorados, e em convalescença.

Receberam de seus parentes e amigos, visitas e manifestações de interesse por suas saúde, vindo do Recife a vê-los, o nosso correspondente amigo Trajano da Costa Mello.

#### AGOSTO — 1

Amanhece belo dia, seguindo-se bonito sol; depois do meio-dia nubla-se o horizonte, indícios de continuar ainda o inverno, ou chuvas. O dia e noite enxutos.

2 — Finda-se de arado o primeiro terreno queimado na Fofa, restando pouco para enxada, e ainda cobrir grande parte dos regos com semente. Queima-se sofrivelmente a outra parte roçada para pequena planta na mesma ladeira ou partido Fofa.

Depois do meio-dia reaparecem as chuvas finas, conservando-se céu nublado, forte vento do sul, e ar úmido. Noite chuvosa.

4 — Depois de 3 dias de sol, voltam as chuvas desde a noite de ontem a hoje, continuando a ser o dia chuvoso.

Acha-se quase finda a planta marcada no partido Fofa, faltando tomar sol a alguns regos.

Terminou o oleiro seu trabalho em tijolos, tendo feito e queimado 1.000 de alvenaria grossa e 1.000 de ladrilho, recebendo ao todo 130\$000, amassando ele o barro, e a Fazenda cem dúzias de caixas e lenha na cocheira. Quebramento de pedras a Manoel Torres 50\$000.

Retirou-se ontem para o engenho Serra d'Água, minha prima D. Francisca C. A. Lins, passando conosco alguns dias



ao voltar do engenho Tinoco, para onde foi em visita aos doentes.

Dia todo chuvoso, engrossam as águas dos rios, serviços embaraçados pelas chuvas, que não cessam; noite também chuvosa.

Meu irmão Prisciano de novo sente-se incomodado.

6 — Desde a noite de ontem a hoje, Felicidade, minha mulher, sente-se com calafrios, febre e dores de cabeça; talvez algum resfriamento, donde resulte febre intermitente, ou sezão.

Meu filho João sofreu dois acessos fortes de seu mal velho, desaparecido há 4 meses com uso de Laroyenne, que há muitos dias deixou de usar por não haver na Província. Ignoro a causa do reaparecimento do incômodo se não atribuir ao uso de banha alcanforada, que deitei em um talho no dedo, onde se via pús, e a inflamação que o vexava.

Dei vomitório de Le Roi, e pouco efeito fez.

Assim aumentam-se meus cuidados.

Cessou a pouca chuva de ontem, e veio belo dia de sol. Ar parecendo agradável, e indicando verão.

Recebo de meu irmão, de sua filha Joana, e do correspondente, cartas vindas pelo próprio, que expedi, e aqui chegou de volta às 5 1/2 da tarde. Os doentes continuam no mesmo estado, em que saíram do seu engenho, sem melhora, nem piora.

O Dr. Carneiro da Cunha, médico que os trata, dá esperanças de cura, bem que mais ou menos demorada.

Meu irmão ainda sofrendo do fígado, estômago e asseadeiras na garganta, e com grande fastio; sua mulher com o estômago em carne viva, e quase em estado de não poder suportar os medicamentos que deveriam ser úteis aos seus padecimentos. Diz o médico haver afecção da medula, e os males provi-rem de febre palustre, parto e pneumonia, e tudo agravado pela acumulação de remédios dados pelo Dr. Brito, ainda que

sobre este último inconveniente, se acanhe em ser bastante claro.

10 — Depois de dois dias de algum sol, e fortes ventanias, volvem as chuvas mais ou menos contínuas, com espaços curtos de algum sol.

Termina-se a plantação de canas no partido Fofa, sendo de 4.600 feixes de semente de 10 quilos cada um, compreendido 100 de semente de cana férrea em (ilegível) varge.

Em seguimento de serviços, hoje limpam-se canas pequena planta de (ilegível) nos Barreiros, 5ª limpa.

Resta fazer-se na planta supra, serviços de plantio em algumas coivaras, e alguns regos a receber terras, ou coberta. Despendeu-se com os serviços nela feitos a quantia de 363\$260, menos o salário do feitor.

Desde ontem à tarde, chegou em nossa casa minha irmã Irmina, meu cunhado, seu marido, e alguns dos filhos, vindos do Tinoco a passar alguns dias conosco.

Meu irmão Prisciano e alguns dos filhos sofrem de nova febre, porém não sendo de grande cuidado.

Meu cunhado Francisco Vitor, de novo sofre da febrícula ou sezão, que sofrera no Tinoco.

Toma doses homeopáticas, que aplico a pedido, e depois toma quinino: desaparece a intermitente.

15 — Os últimos dias têm sido intercalados de menos chuva, e mais sol. Limpou-se a última planta pendente nos Barreiros, fez-se cerca de horta, limpando-se e cavando parte.

O estado sanitário de minha família é sofrível, igualmente dos que se prestam aos serviços; o mesmo não sucede no Tinoco.

Meu mano Prisciano ainda não restabelecido de seus incômodos: sua mulher depois de alguma melhora, sofre de nova febre. Repugnando o uso dos remédios alopáticos, que aconselhado pelo médico e usado com excesso, atribui a isso o grande

sofrimento que há sentido, e estrago do estômago que recusa alimentação, recorre à homeopatia; cessou a febre, porém achase em grande abatimento de forças, sentindo fraqueza ou paralisia nas pernas, que a priva de andar; diz mais que a paralisia parece invadir outras partes do corpo. Só habilitações médicas poderão precisar qual a causa de tanto e tão complicado sofrer. Aqui é difícil, se não impossível, conhecer-se o que realmente ocasionou tão triste estado.

O médico diz ter receitado a propósito, o boticário diz ter cumprido o que mandava o médico; os medicamentos acumulavam-se, e as visitas médicas, o que tudo formou um cômputo exigido de valor notável.

O que é certo, porém, é que se os doentes continuam doentes, e a doente quase invalidada, e difícilimo, até quase maravilhoso será o seu restabelecimento, o que muito sensibiliza ao seu marido, e a todos os amigos que os apreciam. É este o estado presente.

16 — Retiram-se daqui hoje para seu engenho Camaçari, meu cunhado Francisco Vitor, minha irmã e filhos. Saem sem alteração em suas saúdes e deixando-nos gratas recordações.

17 — Dá-se princípio à roçagem para 2ª planta em varge da Laranjeira com pés de ladeira.

Começa-se o ajuntamento de lenhas para moagem.

Desde ontem voltam as chuvas, e chove mais ou menos.

18 — Visito meu irmão e sua mulher no Tinçoe, encontro o 1º com febre, abatido, dizendo que nunca de todo o deixara a febrícula e padecimento do fígado; sua mulher ainda bem doente. A paralisia das pernas ainda nada cedeu, tendo bem inflamado e rubro o tendão da coxa direita formando ou estendendo-se como um vergalhão. Queixou-se do estômago, sentindo certa dormência nele e algumas vezes arroxos, ou crispadeiras, a mesma dormência acusa em parte do abdômen.

Pouco apetite, algumas vezes vômitos, forças abatidas, e parece-me haver pequena lesão cerebral.

Meu irmão tudo atribui, talvez com razão, à freqüência de remédios aplicados pelo médico, alguns compostos de subs-



tâncias tóxicas, sobressaindo morfina, quando teve de combater a pneumonia que sobreveio ao parto.

Médico novo e um tanto sôfrego, ainda com pouca experiência, compromete muitas vezes o pobre doente para sempre.

Nada afirmo sobre o que observo na família de meu irmão, e nele; porém só me parece que os incômodos foram agravadíssimos por causas estranhas, e a isso entendo que o médico deveria dar toda atenção, principalmente quando ele foi quem levantou a lebre do envenenamento, que bem pode ter provido dos remédios, ou modo de preparar, dando-se a circunstância de ter meu irmão interrogado o boticário, e este respondeu-lhe que preparara os remédios receitados pelo médico com todo cuidado, e que estranhara que fosse receitada tanta morfina.

O Dr. não voltou mais a ver os doentes em tão crítico estado, deixando também de ser chamado.

Entendo que era de seu dever esclarecer bem tão triste ocorrência, justificando-se, ou esclarecendo a causa de tão grande e quase irreparável dano à saúde de pais de família, cheios de filhos.

Triste sorte a da humanidade sujeita a inúmeros contrariedades e desgostos, e por fim vítima da inexperiência de esculápios novos, que pouco prezam a existência alheia. O que fazer-se? Quando faltam os dados, e não se conta com recursos autoritários?

22 — Reaparece a meu irmão Prisciano o incômodo de febre, depois de poucos dias de melhora pelo menos aparente. Causa para mim desconhecida, a não atribuir a vícios atmosféricos ou do sólo da localidade de sua residência, ou ao velho padecimento do fígado, nunca desaparecido de todo.

O estado de sua mulher, a meu ver, é já desesperador; continua parálitica, pernas entorpecidas, tumor no tendão da perna direita, que, estendido em linha, tem descido à proximidade da curva, deixando roxo escuro o lugar donde vai descendo, e nota-se que, pouco dorido, vai formando bolso também roxo próximo à curva.

Sente ainda náuseas, às vezes vômitos, constantes contrações, ou apertos no estômago, embaraço de vista, pouco apetite à comida, magrém extrema.

Ontem à noite alguma febre, que já há dias não sentia, havendo suor quase constante.

É gravíssimo tal estado.

Desde ontem à noite fui avisado haver sido esbordado na entrada do engenho São José, o indivíduo estranho a mim de nome José Vicente, digo, José Nicolau dos Santos, por Manoel, filho de João Luis, morador em o sítio Carrapatinho de Floresta, de minha propriedade. Manoel, a quem não conheço, há muito abandonara a companhia do pai, e este dizia não saber dele, há pouco procura o pai, vindo de Palmares, e é acolhido com os filhos que tem. Parece ser homem raivoso e muito dado ao vício da embriaguês. O espancado também achava-se muito embriagado, e para sofrer o atentado parece-me, não houve motivo a não ser frívolo.

João Luis, que com o filho Manoel, o espancado, todos bastante alcoolizados durante o tempo que se conservaram na feira da cidade do Rio Formoso, durante o dia de ontem, no meio de muitos que se dão ao mesmo vício, devem ter tido contestações, continuando-as pelas estradas, e dando maior força à noite ao chegar às suas casas. O resultado foi além do espancamento de José Nicolau, ferimentos mortais em Jacinto, genro de João, causados pelo sogro e pelo cunhado Laurentino, menor de 21 anos, evadindo-se este, e seu irmão Manoel, antes de chegar a polícia, que prendeu João Luis e outros não comparitantes, levando Jacinto agonizante.

João Luis ferido levemente.

Jacinto não me consta seja máu homem, nem dado à embriaguês, parece que degostou sogro e cunhado, reprovando o espancamento de José Nicolau.

Eis aí cenas tristes, que a polícia poderia ter prevenido.

Onofre, pardo sem educação alguma, eivado de maus costumes, e de completa falta de religião, precisa muito de ser

educado, e da benéfica ação da polícia, que por via de regra entre nós é inativa e imprevidente. Muito mal atendida, e pessimamente ou nada remunerada, pouco se pode esperar de sua ação, movida por governos que de tudo se descuidam.

Triste terra onde tudo é politicagem, e só trata-se do abdômen. Tudo corre à Divina Providência. Os homens que refletem sobre os males do país, sentem um quase nada poderem fazer em remédio aos males.

O Imperador entretido em suas observações astronômicas, (8) parece alimentar as intrigas de corte, e de dia-a-dia concorre para o aniquilamento dos bons caracteres, ficando relapsos, que não têm coragem para se oporem à onda que ameaça tudo submergir.

Faço quanto posso por conservar certa ordem na Fazenda, e entre os que se acham na minha dependência; nem tudo porém posso conseguir.

Muitos são surdos aos bons exemplos, aos prudentes conselhos, de modo a viver em boa ordem.

Da aberração dos deveres, e direitos, que os bem intencionados procuram inocular-lhes, são infelizes frutos os últimos descritos nesses traços.

A polícia aceite a parte que lhe pertence, certa de que nunca procurarei embaraçá-la no cumprimento dos deveres que devem observar, antes procuro auxiliá-la, como posso, quando precise.

Possam governantes e governados cooperarem para o bem do país, tão mal curado, ou desprezado.

24 — Meu irmão, de ontem passou à noite mal, sofrendo dor terrível no estômago, ou gastralgia aguda, conservando-se toda noite sem dormir, nem ter descanso.

Depois do emprego de remédios apropriados debalde usados, cede o incômodo à nós vômica em tintura homeopática.

(8) — O Barão de Golcana repetia aqui as críticas e ironias lançadas por alguns círculos e pelos republicanos, ao gosto do Imperador pelos estudos astronômicos, que, como outros, jamais perturbaram, como se sabe hoje, a atenção de D. Pedro II pelos negócios públicos.



Depois do nascer do sol sente frio e febre, repetição de intermitentes.

Deixo de vê-lo por sentir-me incomodado tendo vindo ontem à tarde, deixando-o sem alteração.

Sua mulher continua gravemente enferma, sem que a paralisia tenha cedido, nem mesmo depois da supuração do tumor, que se tornou volumoso, e arrebentou à noite de ontem, dando saída a muito pús.

É grande seu abatimento.

Observo aqui que a doente desde o último acesso de febre que sofreu, deixando-lhe a paralisia, recusou completamente tomar mais remédios alopáticos, e pede-me que lhe dê doses homeopáticas, não podia deixar de atender a seu pedido, uma vez que seu marido concordava, e assim há dias aplico, seguindo o que diz o livro Tesouro Homeopático, do Dr. Sabino, os remédios apropriados de que disponho.

Algumas vezes dão à doente algum laxante de óleo de rícino, ou pilulas de Ayer, e simples fricção que em coisa alguma a podem prejudicar. Depois continua a usar das doses homeopáticas, as quais em algumas ocasiões tem aproveitado e nenhum mal lhe tem trazido, quando benefício não cause.

Não me julgo habilitado para encarregar-me de curar principalmente em casos de moléstia grave; e somente para satisfazer a doente, e a seu marido, presto-me de boa vontade a fazer o que está a meu alcance, fazendo ao mesmo tempo sentir minha deficiência por faltar-me habilitações médicas.

25 — Morte do Dr. Sérgio de Barros Wanderley, Juiz Municipal de Serinhaém, 25 anos.

27 — Há 3 dias acho-me no engenho Tinoco, voltando hoje à casa.

O estado de meu irmão melhora, porque a febre cessou; resta grande inflamação e estômago bastante dorido. Deitados cáusticos vindos do Recife, quase nada queimaram. Se

a febre não reaparecer, creio que melhorarão os órgãos doentes, ou intestinos. É preciso grande cuidado, zelo e dieta para evitar-se o caso fatal a ambos. O estado da mulher é desanimador, visto que a paralisia não cede, nem os sintomas de amolecimento cerebral. O tumor da perna depois de muito evacuar, acha-se quase são: nenhum bem trouxe aos outros sofrimentos.

Ambos querem que sejam medicados homeopaticamente; só para contentá-los vou me prestando a dar os remédios, seguindo os formulários que tenho.

Confio pouco em mim, porém pode ser que a natureza, e sobretudo Deus os proteja, e salvem-os.

Volto à tarde a ver os doentes.

28 — Volto à casa um tanto adoentado: meu irmão não sofreu mais de febre, seu fígado e estômago melhoram. Não reaparecendo febre, é de crer que progrida a melhora.

Sua mulher não apresenta melhora alguma: ambos continuam a usar de medicamentos homeopáticos.

31 — Finda-se agosto, tendo sido de raras chuvas e sol intenso, com fortes ventanias nos últimos dias. Os caminhos ou estradas acham-se quase enxutos. Nota-se a facilidade com que a terra embebe as umidades. Não parece ter havido inverno, tal foi sua escassez.

A salubridade continua sofrível para uns, e péssima para outros, em geral reproduzem-se as queixas.

Meu irmão e sua mulher continuam a sofrer, a mulher, sobretudo, gravemente enferma com a paralisia, afecção cerebral, com momentos de completa alucinação mansa.

Resolve-se a seguir para o Recife com a senhora, à procura de melhores recursos médicos e higiênicos, e ver se conseguem saúde.

A instância deles continuo a empregar homeopatia; a meu irmão tem aproveitado, à mulher, apenas ligeiras modificações sem melhora segura.

Seus filhos não têm sofrido incômodos ultimamente.

Os de minha família, de saúde fraca, vão caminhando sem grande vexame. Os que vivem a serviço da Fazenda sofrivelmente.

Os serviços têm sido de limpas de canas, e preparos ou arrumação para deitar a moer.

Com os incômodos de meu irmão e de sua mulher, tenho tido pouco tempo para entreter-me de serviços e outros atropelos ocorridos, como fossem as zoadas praticadas por moradores deste engenho entregues à ação da Justiça, que deve saber cumprir as leis, visto que para isso foi instituída.

O estado de segurança de vida e propriedade continua a ser o mesmo, ou pior; abundam roubos, furtos, mortes e prevaricações, e de mais a mais acha-se em circulação uma enorme quantidade de notas falsas, espalhadas por todas as Províncias; alguns introdutores e fabricantes acham-se presos e em processos, outros mais felizes vão sendo protegidos pelas autoridades conservadoras, que com tudo jogam. (9)

O esbulho do Dr. José Mariano, ou antes o roubo político do Dr. Teodoro, a mandado do Governo, tem causado escândalo em todo o Império, e até ecoado pela Europa; entretanto nem o Governo, nem seus adeptos, nem Teodoro coram.

Tal é o triste estado de coisas presentemente.

Os serviços do engenho sob as vistas do novo feitor correm morosamente como dantes. A 1ª limpa da 1ª planta achase quase finda, e queimada a terra roçada para a 2ª.

Os incômodos de saúde me têm privado de visitar meus serviços.

Despendeu-se durante o mês com serviços de campo, 448\$600, e com criados de casa, e estribaria, 30\$000.

(9) — Leitor assíduo d'A *Província*, como se depreende das opiniões levadas ao diário sob a inspiração das opiniões emitidas pela folha liberal, o Barão de Goicana leu, por certo, o editorial daquela data, "A policia e o crime".



Não está incluído o serviço de artistas e empregados de ordenado fixo.

Com roçagem, plantação e 1ª limpa da primeira planta deste ano, despendeu-se 513\$120 rs.!

Poderia ser menos dispendiosa, se os trabalhadores quisessem.

#### SETEMBRO — 1

Hoje pelas 9 horas da manhã sigo com o meu irmão Prisciano, sua mulher e filhos a embarcar para o vapor Jiquiá, com destino ao Recife, em procura de recursos para melhora de suas saúdes tão gravemente alteradas, e a da senhora gravemente comprometida e de cuja melhora desconfio. Dizem alguns ser o mal beri-beri. Meu irmão penso que se restabelecerá em tempos mais curtos, conquanto seja sua melhora muito perturbada pelos sofrimentos sérios e compulsivos de sua cara mulher.

Os filhos saem com saúde, opondo-se a mãe fortemente a que ficasse ainda a menor de dois meses.

Acompanhei-os até a bordo, e não indo até o Recife por não ser-me possível, havendo grande necessidade de aqui ficar, indo, porém, com os doentes e sua família, o nosso correspondente Sr. Trajano da Costa Mello, meu sobrinho Francisco Victor de Gouveia Acioli, irmão da doente, e outras pessoas do povo, que muito bem os pensavam com cuidado e zelo.

Separei-me para voltar à casa às 4 horas da tarde, devendo o vapor partir às 5 horas da mesma tarde.

Deixaram-nos bastantes sensibilizados, e a todos quanto mais de perto tocam.

Meu irmão saindo um tanto atropeladamente em virtude da agravação dos incômodos da senhora, e receio de que também se agravassem os dele, deixa a meu cuidado seus negócios e serviços do seu engenho Tinoco.

Não sei se minha saúde consentirá bem cumprir semelhante missão.

No atropelo em que saiu, e por seu estado morboso nada podia deliberar, e nem dispor quanto a sua casa, seus serviços de engenho etc., pedindo-me que providenciasse e tudo zelasse.

2 — Entra setembro com sol intenso.

Finda a 1ª limpa da 1ª planta hoje ao meio-dia, e dá-se começo à cavagem com enxada, de rego para o plantio da 2ª em o partido Laranjeira, cujo terreno roçado acha-se há dias queimado.

Há falta de trabalhadores.

Ao escurecer recebo telegrama de meu irmão Prisciano, diz ter chegado ao Recife em paz com sua família. Como passassem de saúde, comunicaria.

4 — Recebo carta de minha irmã Irmina, dizendo haver chegado hoje do Recife seu filho Manoel, e deixara os doentes no mesmo estado, ou antes piores. Reapareceu no Recife a febre, que no engenho já meu irmão não sentia, e aumentaram-se os incômodos da senhora.

Ouvidos os Drs. Carneiro da Cunha, e Sampaio, foram de parecer que os doentes estavam gravemente doentes, porém que tinham esperança de salvá-los. O primeiro disse não haver beri-beri, e sim sofrimentos do fígado em ambos, e extremo abatimento da senhora; nem havia amolecimento cerebral; o segundo vacila, pretendendo que haja sofrimentos beribéricos.

Submetidos os doentes a seus tratamentos, sei apenas o que dito fica, aguardando novas informações.

Ansioso e comovido por tão triste estado de coisas, e pelo muito que prezo os doentes, expedi à pressa um próprio para o Recife, e aguardo novas, que regularão minha ida pessoal apesar de já tudo custar-me por falta de saúde. O portador, Joaquim Rodrigues, seguiu pelas 6 horas da manhã a tomar o trem mais vizinho, em Gameleira, indo a cavalo.

5 — Desde ontem reaparecem as chuvas fracamente.

Quanto ao tratamento pelo Dr. Brito, da pneumonia, acha o Dr. Carneiro da Cunha que foi regular.

Censurou-o, entretanto, por haver suscitado a idéa de envenenamento, sem que procedesse a minucioso exame e verificação, devendo saber que o Hermes metálico por ele empregado, junto à bilis contida no estômago, podia muito bem produzir os vômitos verdes, com o que tanto se impressionou o médico Dr. Brito, a quem o Dr. Carneiro da Cunha, seu colega, considerou leviano. São questões médicas, sobre que não sei, nem posso emitir juízo.

Creio que o Dr. Brito applicasse seus remédios aos doentes na melhor boa fé, não desconfio, nem de leve, que alguém no lugar fosse capaz de propiciar veneno a uma senhora inofensiva, e muito caridosa; nada direi a respeito dos efeitos tóxicos dos remédios receitados e nem do modo de seus preparos, tudo correu ao cuidado do médico Dr. Brito, e do boticário Ferreira Lagos, de Rio Formoso, em os quais os doentes confiavam até então, e dos quais, com ou sem razão muito desconfiaram quando o médico imprudentemente lhes disse haverem ingerido veneno metálico.

Pobre humanidade, vítima de mil accidentes, e dos qui-pró-quós dos médicos e boticários e de suas inexperiências. Entretanto, seja efeito da moléstia, seja dos remédios precipitados, o certo é que acha-se à morte um casal que tem 5 filhinhos alguns ou quase todos em idade tenra, até a menor, que não conta meses.

Só a Divina Providência pode velar sobre nós, dos poderes do país, e da consciência de quem os exerce pouco há esperar-se em nossa terra: é certo.

6 — O menino Sebastião sofreu sezão, os outros bonzinhos. Conservam-se ainda em casa do nosso bom amigo Trajano Mello, donde com pouco sairão para lugar aconselhado pelo médico, que os trata.

Meu mano diz ter esperança de com sua mulher restabelecer-se. Não se crêem em perigo de vida.

7 — Minha mulher melhora da febre, calafrios e estômago; tem feito uso de doses homeopáticas em tintura, hoje poude deixar o leito. Talvez declare-se a febre em sezão.

O meu filho em uso de purgante de Le Roi hoje, tomando ontem com pouco efeito o vomitório do mesmo.



Dia e noite de aguaceiros amiudados e fortes, serviços de campo interrompidos pelo alagamento da varge (10) e não poder-se continuar com a meia coberta de canas nos regos, nem estrumação, e nem limpa.

9 — Novo telegrama de meu prezado irmão, expedido ontem à tarde, seu incômodo persiste, o de sua mulher agravou-se, aumentada a loucura.

Há transtorno no vácuo de seu engenho Tinoco ao ponto de não formar açúcar, baldo de conhecimentos sobre tais maquinismos, e sem recursos locais, mando vir do engenho Conceição o maquinista do mesmo Manoel José de Souza, que chega à noite, e em seguida examinando, nada encontra que motivasse a falta, em que caiu o maquinista. Manoel Paz, que por meu irmão achava-se na gerência, da direção do seu vácuo, e dependências. Tudo foi devido a seu açodamento, ou imperícia para tal trabalho, ou atordoamento a ponto de lançar-se no campo dos feitiços, credence de nosso povo, ainda muito longe do pensar são. Finalmente sob a direção de Souza, continuou o trabalho regularmente, e formando-se bom açúcar, e bons cristais.

10 — Devo observar que os senhores Dr. Montenegro, e Fontes, donos do engenho Conceição, de boa mente consentiram na saída do seu maquinista, e ofereceram mais outro, se fosse preciso.

Suspensos os serviços de campo desta Fazenda por haver abundância de águas no terreno em plantação, varge, vão os trabalhadores e feitor limpar canas de meu filho João, que se acha ainda doente.

Recebo telegrama do Recife, de meu irmão, em que diz achar-se sua mulher em perigo de vida.

Sentimentos para todos de casa, e eu sem poder ir em auxílio de tão caros doentes; porque minha família também aparece sofrendo em sua saúde, não posso, nem devo abandoná-los em lugar onde os recursos são difíceis, e meus cuidados são mui preciosos. Paciência.

(10) — O Barão usava sempre essa forma popular, em lugar de "várzea".

Desde o dia 8 acham-se, ou ocupam nosso sítio no arrabalde do Recife, Torre, meu irmão, e toda família. O lugar é muito saudável; porém não modificou-se o estado da doente; melhora o filhinho Sebastião, os outros bem.

12 — À noite recebo de Camaçari novas bem tristes: ficava a concluir sua vida, minha sobrinha, cunhada amiga D. Rosa, que nem no centro da Cidade do Recife, nem no saudável arrabalde Torre encontrou alívio a seus gravíssimos sofrimentos. A fatal notícia foi transmitida em telegrama passado a seus pais por meu sobrinho Manoel, irmão da doente, que tinha ido vê-la.

Não devendo deixar os meus doentes daqui, resolvi mandar meu filho Filinto, que se acha melhorado, até o Recife ver os doentes, e auxiliar, como pudesse meu irmão, seu Padrinho e Tio, e à família.

Também recebo notícia que meu cunhado Francisco Victor acha-se bastante incomodado, pelo que minha irmã resolveu mandar chamar sua filha Joana, que estava conosco, seguindo em companhia de seus irmãos mesmo à noite, sendo de belo luar, e enxuto o tempo.

Minha sobrinha Joana ao retirar-se, deixou-nos saudosos; é digna de toda amizade, estima e respeito, dotada de gênio verdadeiramente caridoso e desinteressado, e apreciável pelas suas qualidades raras, como filha, como parenta e como amiga.

13 — Meu filho acompanhou-os devendo tomar o trem de hoje em Gameleira para o Recife. 6 1/2 minutos.

Dá-se começo hoje ao corte de canas da Fazenda para a nova moagem, e reunião das de moradores que plantam. Tem cessado as chuvas, os caminhos enxugam.

A tarde falece no Recife, em meu sítio na Torre, minha muito prezada sobrinha e cunhada D. Rosa de Barros Acioli Lins, casada com meu irmão Prisciano de Barros Acioli Lins, e na idade de 34 anos e seis meses e poucos dias, deixando de seu consórcio cinco filhinhos, quase todos de tenra idade, não lhe sobrevivendo quatro, que acham-se enterrados na Capela deste engenho, sendo um nascido morto, no exterior da capela. Foi casada quinze anos, um mês e 14 dias. Em todo

o percurso de sua vida foi sempre possuída por virtudes raras e muito apreciáveis, já como filha, já como esposa, já como mãe, e já como amiga e parenta.

Para com os pobres foi sempre compassiva e caridosa. É justo que todos lastimem e sintam perda tão irreparável; sobretudo seu esposo e seus tenros filhinhos, que por experiência tão infeliz, conhecem hoje, e conhecerão em seguida, quanto perderam, perdendo aquela cuja memória se eterniza em seus corações, deixando também saudosas recordações a seus carinhos pais, afetuosos irmãos, a seus parentes mais próximos, e a quantos se vêem hoje privados de sua sincera amizade e de sua ação caridosa. Deus, que dispõe sempre com justiça seus decretos, acolha benigna nossa sentida amiga; tanto digna quanto respeitável, passou entre nós prazo de vida tão curta. Faculte resignação precisa ao seu desolado marido, meu caro irmão, e as disposições para bem criar e dirigir a educação dos tenros órfãos, alguns dos quais tão tenros que só por instinto poderão sentir a irreparável perda de sua desvelada mãesinha.

Respeitemos a memória dos mortos, como um incentivo e guia aos que lhe sobrevivem.

Oremos por ela ao Senhor de Justiça e de Bondade.

14 — A triste nova chegou-nos hoje por telegrama do Recife, mandado passar por meu irmão sem outro acréscimo. Faleceu às 6 horas e 1/2 da tarde, e enterrou-se em catacumba no cemitério católico do Recife, em Santo Amaro, às 4 e 1/2 horas da tarde. Assistiram aos últimos momentos, e ao enterro, meu filho Filinto, três irmãos da finada, alguns parentes e amigos. (11)

15 — Começa hoje a colheita da presente safra de 1886 a 1887. O dia começou invernososo, e parece continuar.

As canas reunidas no engenho constam de socas e resocas de Fazenda e moradores.

(11) — Segundo os "obtuários" dos jornais, a cunhada e sobrinha do Barão de Goicana faleceu aos 38 anos de idade, em consequência de "febre paludosa".



Os serviços continuam sob a feitorização de José Cupertino Barbosa, e são mestres de açúcar, 1º, Francelino José de Almeida, e 2º, Eduardo Teixeira.

Correu a moagem regularmente durante dia e noite.

17 — Recebo cartas de meu irmão, continua doente e amargurado. Com seus filhinhos ainda no sitio da Torre.

Findou-se o serviço de planta nova, e coberta na varge Laranjeira, sendo de 2.400 feixes de semente quase toda de cana Luzier, Salangor e Dr. Caetano, roças e pães, 183\$080.

Celebrou missa de 7º dia por intenção da finada Rosa, o Reverendíssimo Vigário de Rio Formoso, Francisco Verciniano Bandeira, com assistência de minha família, poucos parentes, e amigos, na capela deste engenho, rezado um memento.

20 — Recebo carta de meu irmão datada de 18; diz melhorar alguma coisa sua saúde, porém eu não o julgo ainda em estado lisonjeiro em face mesmo de sua exposição, tendo muito afastado à comida, restos de febre etc.

Deseja voltar ao engenho. Observei-lhe a grande inconveniência que havia nisso, enquanto ele não se robustecesse de todo, e visto os ares por ora não serem cá propícios a eles, quando deles recebem o germen dos males, que a tantos tem afligido.

Verei se acolhe meus conselhos, que sempre pede, e muitas vezes os põe de lado, e observando sua força de vontade.

24 — Telegrama e carta postal confirmam a vontade do meu irmão, que me diz o espere no vapor de mar de 29 com seus filhinhos. Considera-se ainda com a saúde fraca; porém apesar de eu não aprovar sua vinda, nem se achar robusta sua saúde, insiste em vir, e é provável que assim o faça, porque é de vontade resoluto, no que entende fazer.

Cumpram-se os destinos: Deus vele sobre todos.

Considero nocivo à saúde dele, ainda não lisonjeira, o ar do seu engenho Tinoco, onde recebeu os germens dos males que o atacaram, e a sua mulher, que terminou a vida. Temo as

recaídas e seus maus efeitos; daí meu parecer pela demora por mais tempos no Recife, ou em viagens de climas melhores.

Dei providências para preparo de sua casa no Gamela (praia) onde estacionará por algum tempo, conforme avisa.

Compro e entrego a Amaro, meu afilhado, um cavalo russo pombo, novo, inteiro, tamanho regular sem achaque algum, bom de carga, custando cento e cinco mil réis, que foi resultado de economias, que reuni em meu poder durante o tempo que estive como criado a meu serviço, de uns ganhos, ficando assim saldas nossas contas.

O cavalo foi comprado a Zacarias Ferreira de Lima, residente do povoado de Canhotinho, a pouca distância, e termo de São Bento, recebendo um burro, e dez mil réis em dinheiro.

Na mesma ocasião, comprei para serviço do engenho a Ziano Ferreira de Lima, irmão de Zacarias, residente no mesmo lugar, um cavalo alazão, grande, novo, com defeito em o joelho da mão esquerda, de carga, dando um burro cego, e voltando 60\$000.

Ambos foram imediatamente pagos.

30 — A 28 pela manhã sigo com meu filho João Batista para o Gamela, e depois para o nosso sítio na barra do Rio Formoso, a fim de ver o preparo da casa de meu irmão no Gamela, e a esperar pelo mesmo, que me avisou por telegrama a vir com seus filhinhos no vapor costeiro de 29, como de fato chegaram às 5 e 1/2 da tarde no ancoradouro da barra do Rio Formoso, vindos no vapor "Mundaú", bem incomodados pela pes-simidade de marcha do tal vapor, falta de cômodos, e até de asseio.

Recebidos por mim e meu filho, achei meu irmão ainda bastante abatido e pálido, e os filhinhos alguns bons, e outros doentes. Acompanhei-os em a sua barcaça "Libertadora", para onde se passaram do vapor, e seguimos para sua residência no Gamela, onde me conservei até o dia 1 de outubro, em que vim à casa. Deixei a filha mais velha de meu irmão, Joana, gravemente doente de febre, que já trouxe do Recife, devido em

parte do grande e justo sentimento ao ver-se para sempre privada do amparo e amplexos de sua carinhosa mãe. A febre é renitente, cedendo pouco a certas horas para voltar com força; apliquei doses homeopáticas, também sinapismos, e por haver prisão de ventre, tomou óleo de rícino. Seu estado é grave, porém não desanimador. Os outros meninos conservam-se sem alteração ao deixá-los.

Meus filhos Filinto e Joana não passaram bem na minha ausência, o que me obrigou a voltar com mais presteza.

O estado sanitário do local é sofrível, meu estado habitual de saúde não é bom; porém vai-se vivendo.

Os serviços correm sofrivelmente ou como dantes.

Existem moídos quase 300 pães de açúcar, as canas novas tratadas, e com algum desenvolvimento. As despesas do mês orçam — campo, 276\$870, engenho, moagem, 360\$880. Criados 25\$000.

O estado de segurança de vida e propriedade vai de mal a pior, e em sustentá-lo tão tristemente capricham os senhores conservadores quando governam, como presentemente.

Os cofres públicos de diversas tesourarias e de casas bancárias etc. têm sofrido grandes roubos e desfalques, tornando-se saliente a Tesouraria de Pernambuco, conhecendo-se ser de 793:000\$000 de réis a quantia roubada; a polícia ignora, ainda depois de longos dias, quem, ou quais sejam os ladrões, e é bem provável que finja nunca saber, como tem tido por praxe em relação a outros criminosos extravios. (12)

Há no país todo, grande inundação de cédulas falsas de valores diversos, e moedas de níquel; os fabricantes e passadores são conhecidos, ou denunciados, quem tem poderosos protetores, a polícia cega-se completamente. Infeliz terra, a quantas sujeiras te querem reduzir degenerados filhos!!!...

Na cidade do Rio Formoso, antes de outros males, houve casos fatais de febres tíficas e palustres.

(12) — O episódio envolvendo o Dr. Eduardo de Barros Falcão de Lacerda, tesoureiro, foi ruidosamente noticiado pelos jornais do Recife, repercutindo também no Rio de Janeiro.



Durante quase todo mês o tempo foi de sol intenso, raros aguaceiros, ventos mui variáveis; as chuvas desaparecem, e os terrenos dessecam.

Os preços de açúcares são desanimadores para os que os fabricam, principalmente os brutos acham-se depreciadíssimos na praça do Recife.

Enfim os males se amontoam; Deus nos acuda. Dos nossos políticos nada há a esperar: só cuidam de si e dos seus interesses.

#### OUTUBRO — 1

Começa o mês por sol intenso, como findou o de setembro. Os caminhos em geral enxutos, os terrenos dessecam. Em face do fraco inverno é isso um mal sensível.

2 — Minha sobrinha Joana melhorou, seu pai e irmãos no Gamela não têm tido alteração. Eu passo adoentado e com febre, porém de pé, e em lida da vida.

Deixa o cargo de feitor, o que servia, José Cupertino Barbosa. Sai sem motivo e estoporadamente. Parece homem de juízo pouco seguro, e inconstante.

José Evaristo da Costa Zumba o substituiu no mesmo cargo, em iguais condições contratado, e começa a exercer o emprego no dia 1º de outubro, 1886, percebendo 40\$000 mensais, e mesa, sem mais outra regalia. Veremos o que provará ser.

Há 3 ou 4 dias sinto-me doente, defluxo forte, febrículas, fastio, dores no crânio ao espirrar, tossir, ao abaixar-me, ou falando mais alto, mal este que soffro há muitos meses, sem saber a causa, e de que me não tem curado os remédios de que hei feito uso.

Morte de Jacinto Soares de Souza, morador deste engenho, homem casado, pacato, laborioso, sem ser dado a vícios; morre vítima dos excessos de embriaguez de seu sogro João Luís, e de Manoel, filho deste. Jacinto provocado a lutar, foi vítima de outro cunhado, Laurentino, que, inexperiente e sofregamente atirou-se a Jacinto e fere-o mortalmente, julgando

do ter Jacinto ferido o pai. Laurentino é menor de 17 anos, e com seu irmão Manoel puseram-se em fuga, antes que chegasse a polícia, que indolente nada prende, e é sempre tardia em chegar para prender delinquentes.

Jacinto deixa viúva e um filhinho recém-nascido.

João Luís, único preso, acha-se pronunciado, e tem de responder a Júri; os mais criminosos continuam foragidos, e sem que a polícia saiba onde os deva encontrar e prender.

Tem-me contrariado bastante, tão triste cena, sem que houvesse razão justa, que a provocasse; pois entre membros da mesma família não haviam desavenças.

Embriaguez e falta de polícia...

16 — Recolhe-se meu irmão Prisciano com seus filhos ao seu engenho Tinoco depois de demorar-se na sua casa da praia do Gamela em convalescença, e uso de banhos salgados durante 18 dias. Voltam todos muito melhores de saúde do que vieram do Recife, e saíram do engenho, conquanto ainda muito sensibilizados pela irreparável perda sofrida pela morte da boa esposa, boa mãe, e boa amiga Rosa.

Passei dois dias, 14 e 15, com eles em Gamela, e no dia 13 nos Carneiros da Barra do Rio Formoso, onde fui a fim de mandar iniciar reparos de que precisava nossa casa no sítio que aí temos. Contratei com o pedreiro Manoel José Nicolau, o acréscimo de dois quartos externos, e um interno, ladrilho de cimento interna e externamente em toda casa, mudança e assentamento de portas e janelas, fatura de um novo fogão e forno, caiação, retelhamento por 80\$000, inclusive serventes.

O trabalho de carpina a jornal é feito por Sebastião Pirajá e outro oficial. No reparo do telheiro deu-se um incidente que poderia ser fatal, devido ao desleixo do carpina e pedreiro.

17 — Passo o dia com meu irmão e seus filhos, indo comigo meu filho Filinto.

18 — De saúde não vamos bem; há muitos dias sinto rouco, e alguma vez febrículas, ainda dor no cérebro ao fazer qualquer esforço, tossindo, ou gritando, ou espirrando. Minha filha tem sofrido acessos nervosos; meu filho Filinto uma ou outra vez sofrendo de bronquite.

Hoje extraem-se das formas os primeiros açúcares purgados da presente safra, suas qualidades são entre sofrível e má, como há anos sucede, sem que encontre mestres de açúcar que melhorem tão grande inconveniente, e apesar de meus esforços. (13)

A moagem tem corrido regular, moídos 550 pães. As lavouras novas com sofrível desenvolvimento, e em trato ou limpa.

Luta-se com falta de braços, e os que aparecem pedem elevação de salários, quando os açúcares baixam de preço nos mercados; além disso, temos tido começo de verão com sol muito intenso, e raríssimos aguaceiros. Acham-se secos os terrenos, desaparecidas as lamas criadas pelo escasso inverno.

- (13) — O mestre de açúcar era uma figura da maior importância nos engenhos banguê, pois dependia de sua habilidade profissional, a qualidade do açúcar. Em todas as regiões canavieiras, e em todas as épocas, como se vê no livro de Antonil, ter a seu serviço um mestre de açúcar competente, preocupava os antigos senhores de engenho. Na Bahia, em 1820, Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena, confessava a um Sr. Bransford que era má a qualidade do açúcar produzido no seu engenho, pela ignorância em que estavam sobre fornalhas, cozimento e purgação. Pedia, então, a aquisição, no estrangeiro, "de algum mestre que nos ensine a fazer açúcar tal qual o da Jamaica, e de Havana". Vieram da Jamaica, com grandes despesas, dois mestres, "mas um saiu perfeitíssimo charlatão", e quanto ao 2º, "que entendia morreu ao 3º mês depois de beber pipa e tanto de cachaça". "Economia Açucareira do Brasil no Séc. XIX", Instituto do Açúcar e do Alcool, "Coleção Canavieira", nº 21, Rio de Janeiro, 1976, págs. 107/108.

Os bons mestres de açúcar eram, portanto, disputados pelos senhores de engenho, e sendo Pernambuco a terra do açúcar, aqueles profissionais chegavam a ser procurados até para trabalhar fora do país. — "Anúncio — O Cônsul de Portugal, avisa às pessoas que trataram quererem ajuntar-se para irem para Angola na qualidade de aguardenteiros, e Mestres de Açúcar, hão de comparecer na Chancelaria do Consulado para tratar-se do definitivo ajuste, e dos arranjos necessários". — *Diário de Pernambuco*, "Diversas Repartições", edição de 5 de fevereiro de 1839.



A agricultura luta contra tudo, sem a menor proteção do governo, e representantes da Nação, é bem provável que chegue ao estado de perigosa crise.

Sou forçado a suspender por alguns dias a moagem das canas, apesar do bom tempo; o assentamento de tachas broma completamente, tornando-se incapaz de limpar na caldeira, e de descachapar na tacha de receber caldo frio. Tal inconveniente só posso atribuir a defeito do mestre pedreiro José Pedreiro, que esmera-se muito pouco em cálculo e perfeição de qualquer serviço de que se incumba, sendo muito sôfrego em querer acabar tudo apressadamente, e em pouco tempo, esquecendo o adágio velho, de ser a pressa inimiga da perfeição.

A maior parte de nossos artistas, mal preparados, e sem regras d'arte, não tem estímulos e só visam o miserável ganho, pouco se importando com o amor de sua arte e com interesses alheios.

Sofram as vítimas com paciência os prejuízos ocasionados por seus descuidos, ou então procurem ser artistas antes de ser proprietários de engenho.

19 — Suspendem-se os cortes de canas de Fazenda, e dos plantadores moradores; trata-se de a trancos e barrancos da moagem das canas cortadas no engenho, e por chegar dos partidos.

Recebo carta do meu primo e amigo Dr. Francisco Manoel Wanderley Lins, participando o falecimento de seu prezado pai, o Coronel Francisco Manoel Wanderley Lins, no dia 16 do corrente, senhor e consenhor dos engenhos Bom Sucesso, Bastião etc. Sucumbiu a excessos de incômodos hemorroidais, de que há muito sofria, e tratavam os médicos sem resultado seguro.

Era homem delicado em seus modos, bem comportado, bom pai de família, e bom cidadão: não era velho; habituado à vida agrícola desde moço, casara-se pela quarta vez, deixando somente prole da 1ª mulher, toda já constituindo novas famílias. Terra levis sunt.

20 — Ligeiros aguaceiros antes de ontem e ontem, hoje sol forte. Os meninos de meu irmão pioram com a estada no Tinoco: diarréia, vômitos e febre, tudo sem intensidade.

21 — Bons aguaceiros ao amanhecer de hoje.

Finda-se a 1ª limpã da planta de varge no partido das Laranjeiras, despendendo-se com tal serviço e plantação de coivaras, 85\$880, e com a roçagem e plantação, 183\$080.

22 e 23 — Repara-se a estrada do porto de embarques, e embarcam-se os primeiros açúcares da safra corrente.

Conservo-me por três dias na barra do Rio Formoso, vendo os consertos da casa de vivenda que aí tenho. Em minha ausência, meu filho João sofre bastante de seus males velhos, contra o que a medicina, assim como a respeito de outros muitos males, se tem mostrado improficua; resta-me esperar remédio somente da bondade da Providência Divina.

25 — Reparos do assentamento das tachas, que apresentou-se ronçeiro na limpeza da caldeira, e queimando o caldeirote, trata-se de suspender este, e remediar o inconveniente sendo o consertante o mesmo que o construiu, que hoje mesmo conclui. Os açúcares aventados têm sido de qualidade sofrível, porém de peso fraco; não sei a que deva atribuir isso, visto que nada se poupa para o bom fabrico

26 — Péssimas notícias com relação a preços de açúcares na praça do Recife, e mesmo em outros mercados; a não melhorar semelhante estado, melhor será abandonar-se a cultura da cana e fabrico dos açúcares entre nós, por demais dispendioso e imperfeito.

Com isso pouco se importam Governo e políticos, que de dia-a-dia mais nos gravam de impostos, ao passo que guardam deferências para com os ladrões dos cofres públicos e particulares, e mais ainda da vida dos próximos. (14)

(14) — Aquela época, era realmente séria a situação da agroindústria açucareira pernambucana, e as lamentações do Earão de Goicana a esse respeito, refletiam o estado de espírito dos senhores de engenho, conforme se lê na imprensa diária. "Sobre o infimo preço do açúcar", era o título dado pelo Diário de Pernambuco à divulgação de uma petição remetida no paquete inglês Neva ao governo imperial pelas diretorias das Associações Comercial Beneficente e Comercial Agrícola e Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Per-

31 — Finda-se o mês, tendo sido de sol intenso e em quase todo percurso, raros aguaceiros. Tudo dessecado, começando a esmorecer alguma parte de plantas novas, e o pasto do cercado. A moagem tem corrido regularmente, achando-se moídos 686 pães de formas de 24 camadas, sendo 330 de Fazenda e 356 de plantadores. Açúcares sofríveis.

As canas novas acham-se tratadas e com algum desenvolvimento. Os preços de açúcares nos mercados continuam desanimados e sem esperanças que estimulem aos agricultores.

O estado sanitário é sofrível geralmente nas localidades e circunvizinhanças. Meus filhos continuam a padecer de seus males velhos, contra a cura dos quais debalde me tenho esforçado, e isso muito me aflige e desalenta.

31 — O estado de segurança de vida e propriedade é péssimo, os cofres públicos roubados por aqueles mesmos que melhor os deveriam guardar. O governo se não é conivente, é in-

---

nambuco. Queriam "uma redução razoável das tarifas de estradas de ferro desta província", e a suspensão dos impostos sobre a exportação do açúcar. Garantiam ao Imperador que não tinham necessidade de demonstrar largamente, "que se a produção do açúcar não for quanto antes eficazmente protegida ela desaparecerá, uma vez que os preços atuais de venda, que têm causas permanentes, não cobrem as despesas de produção". A crise era aterradora, diziam, e lembravam que, enquanto na Europa, aperfeiçoavam o cultivo da beterraba com o produto de imposto sobre essa planta, e a ciência melhorava os processos de fabrico, havia ali uma união da indústria com os governos para "a exuberância dos mercados". O mesmo acontecia em Cuba, "entretanto, diante dessa transformação geral, nós mantemos, com poucas exceções, os antigos e rotineiros processos de cultura e de fabrico do açúcar o qual, além de ser gravado de pesados impostos de exportação, suporta elevados fretes nas estradas de ferro construídas pelo Estado, ou que tem juros por ele garantidos". Depois de longa argumentação reforçada com dados numéricos, diziam os produtores pernambucanos numa linguagem que se repete ainda hoje: "A lavoura do açúcar, Senhor! agoniza e o governo de V.M. Imperial não pode consentir que ela perca os últimos alentos. Se perdê-las, não é somente o presente que fica comprometido; é o futuro, porque não terá forças para atravessar o período de transição e de transformação, que fatalmente se há de operar na fabricação do açúcar em nosso país". *Diário de Pernambuco*, "Revista Diária", edição de domingo, 28 de setembro de 1886.



diferente aos males sociais do país, os licurgos e o rei divertem-se enquanto os males crescem. Debalde esperam-se providências sérias. (15)

Mandei proceder a reparos na casa de vivenda do sítio que tenho na praia dos Carneiros, ou Barra do Rio Formoso, e pelo estado em que se acha, exigiram tempo e despesas com que não contava. Há mais de 20 dias com 2 pedreiros e 2 carpinteiros, não se terminou ainda o serviço.

Com os serviços do engenho compreendido campo e moagem, despendeu-se 1:384\$040, e com criados de casa e estribeiros, 25\$000. Não menciono os empregados que vencem honorários fixos, como sejam, feitor, carreiro, purgador, destilador, e meu filho Filinto que me auxilia.

#### NOVEMBRO — 1

O mês começa oferecendo-nos no seu alvorecer algumas gotas d'água, que são recebidas com especial agrado; desejamos em seguimento mais favor da Providência, não nos negando sua proteção Divina.

15 — Tem-se conservado tempo seco, sol constante, apenas escassos e raros aguaceiros. Tudo desseca. As plantações sequiosas por alimentadoras chuvas, conservam-se estacionadas, e por certo definharão, se não chover.

Temendo o excesso de verão, deliberei-me a roçar agora e plantar com varge fresca (Perto) e está esse serviço quase a concluir-se, sendo toda semente Solangor, a longos espaços, plantada a enxada.

A não ser alguns inconvenientes no assentamento, que obrigam a interrupção de moagem, seria a moagem a mais regular possível, mesmo assim acham-se moídos 938 pães de formas de 24 camadas, sendo 330 de Fazenda. Açúcares de qualidade sofrível; exportado para o Recife 330 caixas inclusive

(15) — O Barão de Goicana cometeu uma injustiça ao considerar D. Pedro II um governante de vida divertida e indiferente à coisa pública. Esse argumento, entretanto, tornar-se-ia corrente entre os panfletários republicanos que se valem da plena liberdade de opinião, assegurada pelo regime monárquico, para lançar suas diatribes contra D. Pedro II e a Família Imperial.

85 de retame. Os preços continuam baixos e desanimadores para os produtores.

O gado mostra-se sentido, principalmente o de criar, devido também à praga de carrapato, que com excesso, há 2 anos empesta o cercado de engenho.

O estado sanitário tanto de minha família, como dos que me auxiliam nos trabalhos é sofrível.

Meu irmão Prisciano com seus filhinhos melhoram de saúde; porém sempre lamentando a sensível da boa esposa e mãe, e amiga D. Rosa.

Os inconvenientes sociais perduram; descalabro em tudo. Sentem os verdadeiros patriotas, lucram os espertos, e indifferente, compreendido nos últimos, o atual governo, que antes desgoverna.

A 8 do corrente, digo a 26 do passado, succumbe repentinamente, vítima da ruptura de aneurisma do coração, o grande homem José Bonifácio, senador por sua Província, São Paulo. O brasileiro sem defeitos, como disse alguém, illustrou sua pátria, grande como orador, como poeta, como estadista e político sincero, e foi mais que tudo por suas virtudes em qualquer sentido, em que seja estudado. Respeitado sempre em vida, teve em sua morte uma homenagem de que bem poucos devem ter gozado, luto, sentimento geral, e em todas as classes, sinais de condolências em todos os lugares, flores em montes no catafalco, nas ruas por onde transitou o féretro, no túmulo pirâmides de capelas, acompanhamento calculado por uns em 7.000, por outros em 10.000, e por outros em 20.000 pessoas. Consternação geral.

Vê-se quanto perdeu a Pátria, perdendo tão excelso patriota.

Quão sensível se torna irreparável perda, hoje principalmente, quando raríssimos caracteres se encontram que se amolguem perante conveniências e atenções individuais em detrimento dos interesses reais do País, e da humanidade.

Deus acolha benigno a alma do justo.

Saiba a Pátria ser reconhecida: possa haver quem seguindo-lhe as pegadas e exemplos, enobrecer-se, enobrecendo nosso caro Brasil. (16)

30 — Encerra o mês seus dias, tendo-nos oferecido constante sol, e ultimamente tormentoso, e dessecante vento Nordeste; vê-se tudo seco, as lavouras em definhamento; junte-se isso ao açúcar inteiramente desapreciado, a ponto de oferecer-se 2.000 réis por pão de açúcar branco, algodão com igual custo; quando os gêneros importados sobem todos de preço, temos um quadro bem triste, e sem esperança próxima de ver mudadas as cores. A agricultura de Pernambuco passa por uma crise terrível, e não temos governo, nem estudos suficientemente dispostos, que modifiquem o flagelo, que encontra a todos desapercibidos. Dificílimo será cumprir tantos ônus, que sobrepesa aos que vivem da lavoura, e dela extrai o recurso para custeio das fábricas, e sustento alimentício e vestimenta. Demais antolha-se o espectro pavoroso do cólera, que invadindo Buenos Ayres, obrigue o governo que temos a fechar os portos aos navios de tal procedência, e outras medidas de rigor, impedindo o comércio franco, o que fez irremediavelmente subir a preços altos a carne de xarque, bacalháu, e outros gêneros de importação, o que torna penoso o viver das classes pobres consumidoras de tais gêneros. (17)

Desgraça ou fraqueza, não falta quem trafique com os males, subindo com antecedência os gêneros de que haviam feito provisão, quando ainda a baixos preços. Deus se amercie

(16) — Sobrinho e neto do Patriarca da Independência, o Senador José Bonifácio, abolicionista, exerceu longa e eficiente participação na vida política brasileira. Segundo Sacramento Blake, no seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, Rio, 1898, vol. 4º, p. 351, José Bonifácio, "de uma eloquência torrencial e luminosa, foi um dos mais distintos oradores do parlamento brasileiro". Além dos jornais da época, ver *José Bonifácio, o Moço*, por Júlio César de Faria, Cia. Editora Nacional, "Coleção Brasileira", vol. 233, São Paulo, 1944, 410 p.

(17) — "Cólera na República Argentina — Por telegrama de Buenos Aires que publicamos na respectiva seção, consta naquela cidade o aparecimento do cólera na provincia de Jujuy, vizinha na República do Chile. Bem sabemos quanto as apreensões da terrível epidemia geram boatos aterradores, que, muitas vezes, felizmente, não se justificam. Entretanto, é nosso dever chamar para a noticia a atenção do governo imperial, lembrando-lhe que, assim como na Itália, o cólera pode reaparecer este ano na República Argentina". **O PAIZ**, (Rio), edição de 24-9-1887.



da humanidade aflita: dos poderes da terra nada há a esperar de bom.

O estado sanitário por ora, se não é bom, é sofrível, apesar do excessivo calor.

A segurança de vida continua péssima, a polícia longe de cumprir seus deveres, torna-se até suspeita: o governo indiferente, pelo menos assim parece.

O estado de saúde meu, de minha mulher, e filhos, assim como dos que vivem na minha dependência, é menos mau, sem que tenham desaparecido os males crônicos de alguns, já antes descritos.

Meu irmão Prisciano curtindo mágoas que somente o tempo curará, melhorando com seus filhinhos de saúde, sofre ultimamente de um antraz junto do pescoço, que muito o tem vexado e feito curtir dores e insônias: pouco alívio tem. São males sobre males, só a paciência e confiança em Deus, dão coragem a suportar-se. A vida é a luta: saber encarar os males, e procurar vencê-los, é das almas fortes.

Quanto ao lado econômico, a não ser o abaixamento dos preços dos açúcares nos mercados, seria bem sofrível.

Existem moidos 1.100 pães de açúcar, formas de 24 camadas, açúcares sofríveis. 430 pães de Fazenda e mais de moradores, e outros que não são moradores, e plantam. Seguidos para o Recife 465 sacos, sendo retame 105 caixas. Aguardentes 5 pipas. Não menciono o que se há vendido no local, que a pouco monta por ora.

As lavouras novas ressentem-se do rigor da estação seca e Nordeste, que mais que tudo as danificam.

A safra julgo no meio do que poderá resultar, quando colhida, excedendo do que havia calculado, sem dúvida devido ao ano criador de 1885.

Despesas durante o mês com serviços de campo 257\$740 — moagem 720\$400. Com fatura do retame 77\$000. Com criados 25\$000.

Com carpinas, pedreiros, pintor, material, ferragem etc. despendi a 700\$000, pouco mais, com os reparos da casa de venda do sítio que possuo na praia dos Carneiros. Nada me rende.

Não menciono os empregados de ordenado certo, e outras despesas havidas de custeio etc.

#### DEZEMBRO — 1

Começa o mês com sol rigoroso, vento Nordeste, apenas pela manhã ligeiro orvalho. Chegam do Recife novas de completo desapreciamento de açúcares, quase que não há preço para tal gênero, que só difficilmente encontra saída.

Alta dos gêneros importados ainda mais, do que a que já tinha atingido. Deus queira que maiores flagelos não sobrevenham aos males existentes.

Meu irmão melhora do antraz.

4 — Minha filha completa hoje 26 anos de vida, se não de tristes e terríveis padecimentos: ontem à noite sofreu bastantes acessos nervosos, e ainda mais seu irmão João, que ainda hoje sofre. Deus me dê paciência.

6 — Meu irmão Prisciano restabelecido do antraz, segue hoje com seus filhinhos para a praia do Gamela, visto os incômodos dele, e dos meninos, que julga minorá-los com o uso dos banhos de mar. A filha mais velha, Joana, sofre contrações nos músculos, que causa-lhe movimentos involuntários, semelhantes aos de Coréa, ou mal de São Vitor.

Continua desabrido sol, e calor sensível. Há notícias de que se manifestava o cólera morbus na Capital da Bahia. Deus se amercie de todos.

7 — Minha filha Joana segue em uma liteira, acompanhada por seu irmão Filinto, para o engenho Camaçari a passar dois ou 3 dias com sua tia, minha irmã Irmina.

A noite tornou-se nublada, chuvosa.

8 — Antes do amanhecer aparecem as suspiradas chuvas, que continuam em aguaceiros grossos durante o dia e noite.

15 — Depois de poucas e fracas chuvinhas, sucede o sol dessecante, que enfraquece a fraca seiva, de que começam a nutrir-se as lavouras; continua o desânimo de preços dos açúcares nos mercados do mundo. Os nossos agricultores quase em estado de marasmo, não sabem a que se atirem para dar boa conta de si e de seus empenhos.

O Governo e seus sequazes, são indiferentes a tão terrível crise, providência alguma aparece, o imposto sobre o açúcar, e gêneros do país, cobra-se do mesmo modo, como em tempo de bonança.

O estado social continua péssimo, o roubo, o furto, os assassinatos, ferimentos, continuam desassombrados; da própria polícia (salvo rara exceção) desconfia-se.

Da safra precedente existem moídos 15.000 e mais pães, devendo exceder de 1.400 em o fim da semana em que deve parar a moagem, para recommear em Janeiro de 1887.

Embarcadas para o Recife 200 caixas, compreendidos purgados, brutos e retame, cujo líquido a preços tão baixos não animam o continuar na cultura e fabrico da cana e do açúcar, principalmente quando os gêneros importados, dos quais precisamos, conservam-se a altos preços. (18)

O estado sanitário nas localidades, por ora é sofrível, apesar do intenso sol e grande calor.

Notícias com relação ao Cólera no Rio da Prata são bem tristes; grande calamidade para o Brasil se a Divina Providência não nos preservar.

A incúria proverbial dos governos e governados presta-se a que o Cólera faça grande colheita; mais uma vez digo, só Deus nos poderá valer, usando para todos de sua misericórdia infinita. (19)

(18) — Note-se a atualidade, passados 90 anos, das referências do Barão de Goicana à situação do açúcar no Nordeste, atividade econômica que ele, mais de uma vez, julgou em vias de paralisação devido a causas ainda hoje não equacionadas.

(19) — O Brasil não foi atingido pela epidemia.



Meu irmão e seus filhinhos ainda em a praia do Gamela, e passam com saúde melhor.

31 — Finda-se o mês e ano. O mês dando no seu termo alguns aguaceiros de curta duração. O tempo festivo na localidade, foi ao correr pouco animado. A grande baixa de açúcar, e conservação de altos preços de outros gêneros precisos à vida, devido a um mal estar quase geral, que sente-se a observar-se o descalabro, ou desorganização das molas sociais, devido ao péssimo governo, que nos dirige com indiferentismo, sucessão de fatos tristes, como sejam morticínios, roubos, espancamentos, em que a própria polícia muitas vezes é autora, ou co-participante; tudo concorre para que nada tenha de agradável o atual estado de coisas.

Deus queira que o novo ano nos traga dias mais prósperos e aprazíveis.

O estado de salubridade por ora é sofrível.

O Cólera morbus, que tanto tem flagelado as repúblicas platinas, não consta com certeza que tenha invadido território brasileiro.

A segurança de vida e propriedade continua desanimador; no alto sertão Tacaratú, e províncias vizinhas deu-se uma série de fatos, donde tem resultado não pequeno número de mortes e feridos. O Governo só tarde tomou meias medidas com o fim de poupar maior número de mortes. Todos desanimados imploram o auxílio da Providência Divina. (20)

O estado financeiro não é menos triste, roubos nas tesourarias e casas de arrecadação, dificuldades de o Governo pagar, falta de dinheiro devida ao mau cálculo do Ministro da Fazenda, (21) e outras imprevidências, criaram dificuldades sérias, que com grande custo serão sanadas.

(20) — Tratava-se da chamada hecatombe de Jatobá, hoje Petrolândia.

(21) — No Gabinete de 20 de agosto de 1885, presidido pelo Barão de Cotegipe, foi Ministro da Fazenda o Senador do Império, Francisco Belisário Soares de Sousa, "revelando-se grande estadista e financeiro", diz Sacramento Blake.

Acresce descontentamento no Exército, desobediência, e luta entre a tropa de linha e guardas cívicas, não só na Província, como nas Províncias, donde resultaram mortes e ferimentos.

Entre os conservadores, políticos que mais dominam do que governam, há sérios desgostos, devido antes à distribuição do bolo do que ao esfacelamento a que têm levado o país. Completa Saturnal reina nos negócios, que reclamam a maior seriedade e patriotismo. A política continua a ser uma babel, e, não raro, ramo de vida.

Desde o dia 21 de dezembro resido com toda minha família na casa e sítio que temos na praia dos Carneiros. Conservamo-nos sem alteração; meus filhos João e Joana em seus padecimentos crônicos, e que a medicina não sabe curar. Filinto por ora parece robusto.

Eu como velho, de saúde fraca, procuro conservar-me como Deus consente para velar por minha família, que de mim tanto precisa. Minha mulher auxilia-me quanto pode, como boa companheira na lida que a ambos nos tocou sustentar no peregrinar da vida.

Os que vivem na nossa dependência, e a nossos serviços, passam sem maior vexame.

A Fazenda corre regularmente. Não oferece lucros de vantagem em face do desapreciamento do açúcar, única indústria a que tem sido aplicada; resta a esperança de melhores dias.

Existem moídos 1.448 pães de açúcar de formas de 24 camadas, restando pendentes mais de 800 pães. Exportaram-se para a praça do Recife 1.007 caixas de 75 quilos, e 12 pipas com aguardentes, sendo 219 caixas de açúcar retame, tudo vendido pelo baixo preço dos mascavados, deu o conjunto de 7:712\$020, bem insuficiente para o pesado custeio de nossas fábricas de açúcar.

A safra nova promete melhorar, se tivermos estações regulares; por ora, devido à escassez de chuva, tem pouco desenvolvimento, atendendo a ser os terrenos do engenho montanhosos, e de córregos, não obstante férteis.

As canas novas de Fazenda acham-se tratadas.

Durante o mês despendeu-se com serviços de campo e moagem, 681\$000, e com criados 35\$000, não mencionando sustento destes, e nem os empregados de honorário fixo, como sejam, feitor, carreiros, destilador, purgador, mestre de açúcar, banqueiro, tacheiro e caldeireiro, com os quais despende-se próximo a 2:000\$ anualmente, não incluindo a comida a alguns.

Publicam os jornais da Província, que fora chicoteado o Juiz de Direito da Comarca de Palmares, fato virgem em nossa Província. Atribui-se a autoria de tal atentado ao Delegado de Polícia da mesma Comarca.

Todos da mesma política dominante. Nota-se que muitos fatos iguais se hão reproduzido em outras Províncias.

Que triste exemplo oferecem os conservadores ao povo tão preciso de educação e moralidade.!!!

---

## 1887

### JANEIRO — 1

Começa o novo ano. Todos quanto são possuídos de boas intenções esperam e desejam que seja mais propício, do que não foi o seu antecessor, que passou na ampulheta do tempo aos fatos consumados. Deus se compadeça de toda humanidade, dando melhoramento físico, moral e civil, de modo que a humanidade possa chegar à perfeição, fim por certo a que a Divina Providência a deve ter destinado em sua sábia obra da criação do mundo e dos seres.

14 — Recolho-me apressadamente com toda minha família à nossa vivenda do engenho, quando descansados, contávamos para distração e robustecimento de saúde conservarmo-nos por mais alguns dias em nosso sítio na praia dos Carneiros.

Motivou nossa inesperada volta o mau estado de meu filho João Batista, acometido de repetidos acessos nervosos congestivos, nos dias 7 e 10, perde o sono e socego nos dias 11 — 12 e 13, sentindo grande falta de ar, ansiedades em certas ho-



ras, notando todos que nos dias 11 — 12 e 13, o calor na praia fora excessivo e a muitos incomodativo. O incômodo de meu filho trouxe-nos grande cuidado, principalmente havendo insônia e alteração cerebral. Empregados os recursos de que na localidade pude dispor, consegui dar algum alívio ao paciente, empregando em a noite de 13 um pé de louro, seguindo-se então um sono reparador. Temendo volta de novo acesso, minha mulher, como mãe desvelada, acordou em voltarmos ao engenho, cujos ares, entendeu, convirem melhor ao nosso filhinho, digno de nosso amor e desvelo.

Efetivamente, à noite tudo preparou-se, embarcou-se em a barçaça "Libertadora", (22) e em canoas de remo saímos pela manhã (6 horas e 10 minutos) recebendo em a viagem alguma chuva, que nada alterou, chegamos a menos de 8 horas da mesma manhã ao porto do engenho e em paz à casa. Meu filho melhorou, porém não deixa de sentir restos do grave incômodo, que eu penso ser conseqüências do mal antigo, que sofre, e do qual debalde tenho procurado meios de livrá-lo, confessando-se os médicos incapazes de promover, e assegurar sua cura.

14 — Deus se amercie de meus caros filhinhos, dê resignação e vida a seus pais, que somente têm o dever de zelá-los com amor e paciência em seus transes aflitivos, e dos quais muitos procuram furtar-se, ou porque impensadamente temam o contato, ou porque se incomodem pela sensibilidade que oferece o incômodo.

15 — O calor excessivo, e peso do ar, ou falta, naturalmente foram sintomas dos bons e duradores aguaceiros que desde ontem a hoje nos ofereceu consecutivamente a Divina Providência em sua bondade. Com as chuvas não vem somente a animação da vegetação, vem também o melhoramento atmosférico, e salubridade, tanto mais apeteçido, quanto se fala em peste de tão triste resultado, que tem invadido as repúblicas do Rio da Prata, tão nossas vizinhas pela parte sul do Império.

(22) — Joaquim Nabuco escreveu certa vez que poderia ser escrita uma história da "barçaça" de Pernambuco, como da "jangada" no Ceará, no transporte de escravos para a liberdade. A barçaça "Libertadora", como indica seu nome, foi utilizada para a fuga de cativos da região, o que por mais de uma vez provocou conflitos entre os irmãos Acioli Lins e senhores-de-engenhos indignados com a ação daqueles ardorosos abolicionistas.

A Fazenda continua em paz, as lavouras zeladas e a moagem regular. A salubridade local sofrível.

Os açúcares no mercado continuam a baixos preços.

15 — Meu prezado filhinho João Batista mais animado, procura entreter-se, e distrair-se ao seu piano, e em conversação com seus pais e pessoas do engenho. Isso nos dá descanso, pudessem meus votos, e dos que nos cercam serem ouvidos, e a misericórdia Divina implorada por seus pais, recorrendo à intercessão do varão santo que a Igreja hoje comemora, Santo Amaro, derramando suas graças operar a cura radical dos meus filhos, que tanto têm sofrido há longos anos, tornando-se marguerosos os dias de seus pais, que muito sofrem, vendo-os sofrer.

16 — Completo hoje 58 anos de nascido; tenho tido poucos momentos de prazer, e muitos de amarguras, em todo caso reconheço quanto é magnânima a clemência e bondade Divina, sempre benigna para com aqueles, que como eu, não correspondem aos seus preceitos, apesar de tão suaves.

Conheço minha fraqueza; porém em momento algum se arrefece minha fé na misericórdia Divina, e espero que não desamparar-me-á e à minha família nos lances da vida, e benigno perdoando-me na hora extrema me acolherá na morada eterna, onde existe a verdadeira felicidade, que no mundo de balde se procura.

Meu filho parece mais animado, julgo-o assim, segundo o observo.

O dia de hoje de aspecto agradável, ar fresco, belo sol, corre belo, depois dos dois últimos, em que as chuvas modificaram os efeitos atmosféricos.

20 e 21 — O dia 20 foi de folga para os trabalhadores e empregados do engenho em atenção ao Mártir São Sebastião, que a Igreja comemora, e ser aniversário da época em que deixou de haver escravos nesta Fazenda (1872), considerados daí seus serviços locados, cessando completamente esse ônus, e qualquer inerente ao estado servido em 1881 — dispensado o tempo a preencher de locação.

Correu o dia de folga do povo regularmente. Comigo apenas esteve meu primo amigo abolicionista capitão Tomé de Gouveia. Recebi lembranças de aniversário do meu irmão e caro amigo Prisciano, e de meu sobrinho e cunhado Sebastião Wanderley. São Sebastião interceda ao Altíssimo, para que a todos preserve dos males que afligem a humanidade.

Aparecem chuvas, antes, e em seguida ao amanhecer; aguaceiros fortes. Serviços interrompidos, continuados ao seguir melhora de tempo meio-dia.

27 — Depois de alguns aguaceiros, que mitigam algum tanto a secosidade da terra, volta o sol intenso, e calor com seus efeitos, de que até a salubridade ressentem-se. Há 4 dias cessou de chover. Moagem interrompida por partes pela dificuldade de reunir-se canas no engenho, faltando a uns cortadores, e a outros condutores. Açúcares desiguais. Preços baixos ainda no mercado, mesmo para os bons açúcares.

31 — Finda o mês com raros aguaceiros nos seus últimos dias, vento Nordeste. Calor sensível. O estado sanitário presentemente é sofrível na localidade. Meu filho Filinto sofrendo acessos de sua bronquite crônica, incomodou-se bastante de antes de ontem a ontem, hoje melhorou depois do uso de vomitório e laxante. Os mais de minha família sem maior alteração. As notícias ainda são tristes com relação ao cólera morbus nas repúblicas do Prata, não constando sua invasão no Brasil. Continua a ser péssimo o estado de segurança de vida e propriedade. Parece que as molas sociais aluam-se completamente. Ultimamente vê-se o triste espetáculo do desrespeito das autoridades policiais para com os magistrados, principalmente nos centros de quase todas as Províncias, e até mesmo em algumas capitais.

Não têm sido raros os Juizes de Direito em suas Comarcas desfeiteados pelos Delegados de Polícia, até o deponente e aviltante castigo a chicotes, como fora o de Palmares.

Não consta que o Governo conservador, que continua a dirigir os destinos do país, tenha empregado medidas enérgicas e repressivas, e menos tenha punido os que, (nem ao menos procuram negar) praticam tão tristes quanto reprovados



atentados. Assim continuando, teremos de ver por terra todo o elemento de ordem, dando-se ao povo péssimos exemplos, e donde podem resultar as mais sérias e lamentáveis conseqüências.

Faço votos para que cada um compenetre-se de seus deveres, e considerem quanto devem a si, à Pátria, aos pósteros, e sobretudo a Deus

O estado financeiro continua mau, principalmente para o norte do Brasil, em face do decréscimo do que forma sua principal indústria: açúcar e algodão. Os mercados exorbitam, o nosso Governo nenhum meio emprega de modo a melhorar a sorte do agricultor nortista.

Continuam os preços muito frouxos, em desproporção ao demais de que precisamos.

Existem moídos 1.845 pães de açúcar, continuando a colheita, que deve exceder o percurso do mês entrante. As plantas novas com algum desenvolvimento e tratadas as que são de Fazenda, e de meus filhos. Dos outros plantadores em caminho de trato, e de alguns tratadas.

Durante o mês despendeu-se com os serviços de campo e de moagem a quantia — 650\$000, sendo com o 1º, 254\$660, e com o 2º, 423\$340 — Com retame e lenhas, 60\$100.

Com criados de casa e estrebaria, e cozinheira para empregados — 30\$000.

#### FEVEREIRO — 1

Começa o mês com sol — Sofro forte acesso hemorroidal sem causa conhecida. Meu filho Filinto melhora, sendo preciso usar de vomíticos, e purgantes. Seu estado não é lisonjeiro: deve merecer de todo cuidado, e isso faço-lhe sentir muitas vezes, porém, parece ligar pouca atenção; ou será isso devido a efeitos de incômodo, que só me parece bronquite asmática crônica.

Minha filha sofreu acessos nervosos hoje. O resto da família em paz, a não ser queixas de diarréias sem caráter mau.

Hoje retirou-se para o Recife meu correspondente e amigo, Trajano da Costa Mello, que a visitar-nos apenas poude demorar-se um dia, e noite, tendo também estado com meu irmão Prisciano; este, com seus filhinhos, segue para a praia do Gamela à procura de saúde para os meninos, que sofrem.

8 — Antes e depois do amanhecer aparecem aguaceiros fortes, conquanto pouco demorados, torrenciais, mitigam o grande calor sentido. Meu filho Filinto com pouca melhora, recusa seguir para o sertão, segundo o voto de muitos que consideram os ares do sertão convenientes à sua cura ou melhora. Prefere a praia, para onde seguiríamos hoje a não ser desmanchada a viagem pelo incômodo de estômago, de que queixou-se meu filho João.

As necessidades se contrariam, os males divergem; restam somente firmes as aflições que cercam desde muito aqueles que lhe deram o ser sem saber mais a que recorrer para dar saúde aos filhos, que tanto sofrem.

Há horas em que o homem vacila, e chega quase a duvidar da vantagem da vida conjugal, quando pensa que não a realizando, nem sofreria como pai, nem faria sofrer os filhos; porém resta a fé para sustento da criatura nos maiores lances.

15 — Ontem com minha família seguimos para nosso sítio da praia, onde vou, não demoraremos, tanto por distração, como em procura de melhor saúde, como sucede às vezes com as deslocções. Chegamos, e nos conservamos sem alteração. Meu filho João seguiu hoje por mar na barçaça "Ester" para o Recife, onde chegou em a madrugada do dia 16 sem novidade. Vai tratar de dentes, e distrair-se com a vista dos máscaras e brinquedos carnavalescos, pequena compensação a seu longo sofrer.

Nada há de notável a referir com relação à localidade e ao meu alcance. Conserva-se a mesma pessimidade, de que hei tratado no resumo do final do mês anterior.

28 — Finda-se o mês tendo sido em mais de metade de seu percurso de sol abrasador, muito calor, ventos variáveis, falta água a muitos engenhos que por isso não moem. Aqui achando-se o açude já muito enfraquecido, resolvo-me no dia 25 suspender o corte de canas, receando completo esgotamento.

## FEVEREIRO — 26 — (sic)

Acham-se moídos 2.215 pães de açúcar, e remessadas para o Recife 1.800 caixas, inclusive retame, e 24 pipas de aguardentes. As canas novas vão tendo lento desenvolvimento de acordo com a estação seca, contudo não estão em estado de definhamento, e acham-se limpas. Os serviços da Fazenda correm se não bem, sofrivelmente. O estado sanitário não parece mau. Lucros não aparecem em face do completo desapreciamento dos açúcares nos mercados, que subsiste.

Desde o dia 14 acho-me com minha família na praia dos Carneiros na Barra do Rio Formoso, onde se conservam sem alteração, vindo eu somente por vezes ao engenho.

Meu filho João quis ir ao Recife, não só ver o Carnaval, procurando assim algum lenitivo a seus longos e tristes padecimentos, como também tratar de seus dentes, ao chegar ao Recife no dia 15 a 16 sofre repetidos acessos de nervos. Recorre a médicos a fim de ver se consegue se não cura completa, visto a impotência da medicina contra o mal que sofre, ao menos modificação, tratando-se ao mesmo de um dos olhos, que o faz um tanto vesgo, e também do incômodo de poluição. Trata-o dos olhos o Dr. Sampaio, oculista, e dos outros incômodos o Dr. Carneiro da Cunha, distinto médico do Recife.

Acha-se em tais tratamentos sem que tenha havido alteração até o dia 25 em que recebi carta e notícias.

Fatos notáveis ao meu conhecimento não têm chegado. Continua o mesmo estado com relação à sociedade em que vivemos. Não há melhoramento, somente verbiagem e misérias.

Despendeu-se durante o mês com serviços de campo, 238\$440 — com moagens e fabrico do açúcar, e retame, 684\$620 — Criados, 30\$000.

## MARÇO — 1

Desde ontem à tarde acho-me no engenho Tinoco com meu irmão Prisciano, onde assisto arrolamento e avaliação dos possuídos de seu casal, para, em inventário, partilhar-se com seus filhos órfãos. As avaliações foram de acordo com o depreciamento em que tudo se vê entre nós, trazido pela sensibilis-



sima baixa dos gêneros do país, e alta dos que importamos, e grandes impostos aos quais nos hão sujeitado governos e assembléias.

Juiz que presidiu ao ato, o efetivo de Serinhaém, Manoel P. de Mesquita Wanderley, escrivão auxiliar Pessoa da Gama, avaliadores João Pereira e Alexandrino Camargo. Concluiu-se às 6 horas da tarde a avaliação e declaração do inventariante, meu irmão. São atos que sempre chocam àqueles que têm razão de sentir a perda que os motiva. Aos mortos, assim como aos vivos, Deus ampare, e seja sempre benigno.

Desde as 3 horas da manhã, depois de nuvens espessas e muito calor, aparecem trovoadas, relâmpagos e chuvas que duram mais ou menos até 10 horas da mesma manhã. Foi grande auxílio às lavouras, à humanidade e aos engenhos que, à falta d'água já não moíam, ou estavam moendo mal. A terra muito dessecada pela ação do sol intenso e ventos, facilmente embebeu as águas pluviais; há necessidade urgente de mais chuvas, não só para vegetação e colheita, como não menos para a salubridade atmosférica que tanto interessa aos seres vivos.

O acervo dos bens do casal de meu irmão chegou, segundo os valores dados, a 80:000\$000, e pouco mais, tendo o engenho o valor de 60:000 anexada a propriedade Fluminense, e com utensílios, máquinas e logradouros, especificando-se no inventário suas extremas e limites com os engenhos seus vizinhos: Goicana, Boa Vista, Trapiche e povoado Sta. Ana.

3 — Voltam muito antes do amanhecer de hoje as chuvas com abundância, parecendo começo de inverno. O açude facilmente avolumou-se d'águas pluviais.

Continua a moagem interrompida.

5 — Chove desmedidamente desde duas horas da manhã até quase 3 horas da tarde, chuvas torrenciais, que tudo inundam, desmoronam, fazem goteiras e escarvam; moderam-se, e cessam, seguindo-se nos dias subseqüentes intenso sol e sensível calor e ventos variáveis.

Acho-me na praia com minha família e sei que no engenho apenas se deram pequenas avarias e estrago de lavouras.

Continua a moagem com fartura d'água. As canas já muito desoneradas não compensam o trabalho de sua moagem.

10 — Hoje recebo carta de meu filho João, em tratamento médico no Recife, e também tenho aviso de meu correspondente amigo Trajano Mello, que no dia 5 do corrente meu dito filho quis por seu motu sujeitar-se a operação médica nos olhos que sofrem de estrabismo, sendo operado de ambos. Sofreu com ânimo as dores que afligem aos que se sujeitam a tais operações, sendo médico operador Dr. Sampaio, e assistente Dr. Vaz, e outro que é lente na Academia Médica da Bahia. O trabalho correu regularmente, e sem acidentes sensíveis; quanto ao resultado, por ora nada se pode dizer, apenas boas esperanças.

Meu filho também trata-se de outros males, cujas curas serão difíceis se não impossíveis, pelo menos pelo que se sabe do estado atual da ciência médica.

Deus se amercie do filho, concedendo sua saúde, amerciando assim dos pais, que por ele tanto sofrem.

31 — Termina seu curso o mês de Março, dando-nos nos seus últimos dias, horas de aguaceiros mais ou menos copiosos, noite com vento do Sul e Leste, brandos, antes sol e N.E.

O estado de salubridade é sofrível para os da localidade; quanto à segurança de vida e propriedade, nada há melhorado. Os políticos continuam a ser os mesmos; seu governo inalterável no esquecimento de deveres patrióticos e mesmo humanitário. A colheita da safra acha-se quase finda, muito pouco resta. As novas plantas com desenvolvimento. Os preços de açúcares continuam frouxos e sem probabilidade de alta. Os serviços da Fazenda e os que a eles se prestam permanecem no estado do mês anterior, não tem havido excessos, nem esforços para adiantamento.

Tenho me conservado com família no sítio dos Carneiros, vindo eu ao engenho semanariamente. Gozamos na praia melhor saúde, principalmente na estação seca. Preparamo-nos para sair para o engenho, consentindo o tempo, que é chuvoso.

## MARÇO — 30 — (SIC)

Chega do Recife no vapor "Jiquiá", da Companhia Pernambucana, meu filho João Batista, sem alteração em sua saúde. Sofrendo a operação dos olhos, como antes notei, conserva ainda resto de inflamação no olho esquerdo.

Aperfeiçoou-se um pouco seu modo de olhar e ver, porém não perfeitamente, resta ainda estrabismo. Diz que a operação foi dolorosa.

Do incômodo de poluição, diz achar-se bom, quanto ao de nervos nada asseguram os médicos, ou antes confessam-se incapazes de o curar, ou garantindo não voltar. Assim, continua a ser sensível o estado de meus filhos João e Joana. Filinto tem tido na praia muita melhora de seu brônquico asmático. Eu, e minha companheira fazemos por viver e zelar os nossos inválidos.

31 — Existem colhidos 2.465 pães de açúcar, embarcadas 2.124 caixas, inclusive retame. 34 pipas de aguardentes, vendidos na praça do Recife.

Com o custeio dos serviços do engenho durante o mês, despendeu-se serviços de campo — 299\$500, moagem, fabrico do açúcar macho e de retame — 586\$800 — total no mês 885\$300.

31 — Com criados a serviço da casa, engenho e praia 38\$000 — Não compreende-se destilação e empregados de ordenado fixo.

## ABRIL — 1

Volto para o engenho, vindo da Barra do Rio Formoso com todos de minha família, chegados às 10 horas da manhã sem novidade e conquanto continuasse o tempo a indicar continuação de chuva, chegamos sem ela à nossa vivenda do engenho, depois seguiram-se aguaceiros durante dia e noite, a longos espaços e pouco grossos.

Agora, que pela recepção dos jornais da Capital, conheço o horror e mágoa de que toda população do Recife e de quantos lugares, dos que a triste nova vai chegando, se acham possuídas, cabe comemorar o horroroso choque entre os vapores



*Pirapama*, da Companhia Pernambucana, e o *Bahia*, da Companhia Brasileira, ficando o *Pirapama* bastante estragado, porém podendo voltar para o ancoradouro do Recife donde saíra para o Norte, e o *Bahia*, mais infeliz, varado no costado pelo *Pirapama* foi a pique em menos de 10 minutos, sem que houvesse tempo de nada prevenir para salvar mais de 200 pessoas, que continha, nem coisa alguma. O fatal abaloamento, devido a causas ainda desconhecidas e sem motivo justificado de força maior, deu-se às 11 e 1/4 da noite do dia 25 de março, a 9 milhas da costa, pouco antes de chegar a Goiana, e ainda não muito distante do Recife, com mar sereno e noite limpa, achando-se quase todos já entregues ao sono. Por um desses fatores que só a Providência concede, sucedeu vir em viagem, saídas do porto de Goiana duas barcaças, Marta e Gracinda, que receberam muitos dos naufragos que se debatiam sobre as ondas, aferrados a qualquer destroço que boiasse, e outros guindados na parte dos mastros do vapor perdido, que ainda sobressaiam da superfície da água de 3 a 4 metros. Ditas barcaças trouxeram os naufragos para o Recife em estado lastimoso e quase nús, alguns feridos, mais tarde em um vapor de reboque, o *Moleque*, mandado pela Agência da Companhia Brasileira, vieram outros que as barcaças deixaram em segurança na praia de Ponta de Pedras e Catuama, enquanto conduziam outros e levavam à capital a triste nova. Calcula-se em mais de 60 o número dos que pereceram, sendo do número destes o Comandante do *Bahia* e o imediato, homens, mulheres e crianças, médico, militares, marinheiros. É incalculável o prejuízo porque nada paga uma vida sacrificada. O prejuízo material calcula-se em 1.000 contos, ou mais. Cenas aflitivas e comoções, horror e mágoas. A ação do Governo, da Polícia, da Marinha, das autoridades provinciais foi criminosamente nula, ou tão tardia que nem ao menos serviu para enterrar os mortos, que, putrefatos, boiavam em torno do vapor perdido e em seus cadáveres cavavam-se carnívoros peixes.

Antítese da miséria, e vil procedimento das autoridades, sobressaiu a caridade do povo pernambucano, do comércio do Recife, e deu-se o maior afã de acolher-se os naufragos já em hospitais, já em hotéis, já em casas particulares, vestindo-se a todos quase nús, curando-se os doentes e alimentando-se a todos até pudessem obter recursos; promoveram-se imediatamente subscrições a favor dos naufragos e não faltaram caridosos óbulos de todas as classes. O Governo, Presidente Pedro

Vicente de Azevedo, paulista, conservou-se quase indiferente, ou só moveu-se tarde e a más horas. (23)

Os cadáveres que se puderam colher e sepultar, deve-se ainda esse serviço à caridade particular. Os do Governo tinham o cheiro que despiam pestilencial. É triste comemorar-se cenas tão aflitivas; porém é a realidade. Possam achar tantos infelizes que sobreviveram, proteção Divina que suavize a fatalidade sofrida, e os mortos o descanso dos justos na vida celestial. Anátema aos que não se moveram a tempo de providenciar sobre a sorte dos infelizes, quando revestidos de autoridade, corria-lhes com maior força tão humanitário dever.

A história fará a todos a devida justiça.

5 — Ontem ao meio-dia chegou meu sobrinho e cunhado, compadre Sebastião Wanderley, sua mulher D. Gertrudes, e D. Maria, sua filha, a visitar-nos e em despedida, visto tencionarem proximamente visitar a Europa, ou parte, não tanto por distração, como por interesse de saúde.

(23) — 4 dias depois da tragédia marítima, **A Província** — jornal da preferência do Barão de Goicana — salientava que o povo pernambucano e os estrangeiros vinham revelando que "a caridade é de todos os sentimentos generosos o mais belo". E mais adiante, arremetia contra o governo conservador com argumentos que mereceriam o apoio do leitor e correligionário Barão de Goicana:

"Só o governo, só os que em nome dele funcionam como autoridades, conservam-se inativos e ôlham indiferentes para a catástrofe com todo o seu cortejo de pranto e miséria. Dizemo-lo sem paixões sem prevenções e sem rancores, não fazendo política num assunto tão grave e tão triste, numa catástrofe que confundiu todas as crenças, igualou todas as hierarquias e só desperta os sentimentos de compaixão e dó.

Fique ao governo a glória de sua desumanidade para juntá-la a tantos outros títulos com que tem-se imposto ao descrédito público.

Nós não o julgaremos, porque para condená-lo aí está a opinião que o encara e o exproba desde o dia em que o viu impassível ante a terrível catástrofe". **A Província**, edição de 3a.-feira, 29 de março de 1887.

No dia 31, este jornal estampava dois ásperos editoriais contra o Presidente da Província, Dr. Pedro Vicente de Azevedo, e o chefe de Polícia, Dr. Antônio Domingos Pinto, "Perversidade ou ineptidão" e "Réu Confesso".

O Dr. Pedro Vicente de Azevedo, paulista, membro do Partido Conservador, foi Presidente da Província de Pernambuco de 10 de novembro de 1886 a 27 de outubro de 1887.

Retiram-se hoje ao meio-dia para sua vivenda e engenho Ubaquinha. Somos agradecidos a uma tal prova de amizade.

Tem continuado a chover mais ou menos dia e noite. Colheita de restos de canas bem atropelada e moagem inconveniente, prejudicada pelas chuvas, lamas e degeneração das canas que pouco rendem em açúcares.

Ontem deu-se começo à monda do cercado, visto não se poder limpar canas por causa das chuvas e águas. Moagem parada, e dificuldade de chegar-se a pouca cana que há longe, e pessimidade de caminhos, lamosos e atoladiços.

8 — Tem sido o tempo bastante chuvoso em aguaceiros que se sucedem dia e noite. Dificuldade em vir canas para o engenho e assim não pôde concluir-se ontem.

13 — Terminou-se hoje, às 11 e 1/2 horas da manhã, a colheita, ou moagem de canas e a safra de 1886 a 1887, perfazendo o número de 2.511 pães de açúcares, formas de 24 camadas, sendo pães de Fazenda 807, e de outros plantadores ou moradores no engenho 1.704, moídos em 109 tarefas de 24 horas, tendo princípio a moagem em 15 de setembro de 1886, continuada com pequenas interrupções até a presente data de seu termo.

Foi esta a safra mais crescida em número de pães que colhi neste engenho, desde 1857, em que para aqui vim e comecei por mim a maneá-lo: desde 1881 o trabalho é todo feito por braços livres, libertados então quantos haviam escravos.

Graças ao auxílio da Providência Divina e a reconhecida preferência do trabalho livre, só tenho a bendizer da superioridade que por experiência conheço, que há com relação ao trabalho escravo. Quiséssemos todos reconhecer tal verdade.

15 — O tempo tem sido constantemente chuvoso desde o começo do presente mês: o restante da moagem foi dificultado por isso e pelo estado lamoso das estradas.

Há dificuldades em adiantar-se serviços a vencer de campo.



Da safra supra colheram-se, de terrenos plantados, do ex-engenho Floresta, 1.083 pães, sendo do de Fazenda somente 72 — e de outros plantadores 1.011 —, e de terrenos propriamente do engenho Goicana 1.428, sendo Fazenda 735 e de outros plantadores 693.

Chega do Recife, bem reparado, o esquentador de garapa do alambique deste engenho, comprado em ponto grande pelo preço de 3:000\$000 a Vilaça, com caldeirana no Recife, no fim do ano de 1879 — e sentado pelo mesmo Vilaça no mesmo ano; a caldeira é de cobre bastante grosso, vinda de Inglaterra.

O esquentador de garapa feito no Recife, estragou-se facilmente, igualmente a carapação — 145\$000.

20 — A noite de ontem foi toda de chuva grossa e chuvoso o dia de hoje. Os rios avolumam-se bastante. Serviços de limpa de canas suspensos, cuida-se em monda do cercado, aguçamento de estacas e limpeza do pátio, levado o lixo para os partidos de canas.

Recolheu-se ontem, a seu engenho Tinoco, meu mano Prisciano com seus filhinhos, todos de volta de sua casa do Gamela, onde se conservavam por motivo de doenças de meninos.

Meu sobrinho e cunhado Prisciano Wanderley com sua mulher aqui chegam no dia 18 em visita de despedidas, visto tencionarem embarcar para a Europa à procura de saúde, que aqui os médicos não podem dar.

Demora-se pouco, seguindo para o engenho de seu sogro — Serra d'Água.

21 a 25 — Reapareceu o sol, continua-se no serviço de limpa de canas. 1ª em socas da varge "Urubu", e 4ª corrida na planta da Laranjeira em alguns intervalos, limpeza, horta, aguçamento e espalhamento de estacas, aproveitamento de lenha velha na velha medida.

30 — Finda-se chuvoso o mês, poucos dias de sol. O estado de salubridade no local é sofrível; quanto ao mais continua o mesmo estado de coisas, os médicos tratam pouco, ou nada da cura do país, que neles confia na boa fé.

Os serviços do engenho morosos, como permite a estação e a índole do povo, correm sofrivelmente. As lavouras quase limpas e com algum desenvolvimento. Monda-se o cercado e preparam-se estacas, varas e cipós para as novas cercas.

Com o custeio braçal do engenho despendeu-se durante o mês — compreendido carro, cavalos, cipós, lenha para cerca, lavagem de caixas — 454\$600 — Moagem ou fabrico do açúcar e retames 97\$400 — Com criados 25\$: total 577\$000 — Não mencionou-se empregados de ordenado fixo e alimento e nem o fabrico de aguardentes.

#### MAIO — 1

Como sucedeu ao seu antecessor, o entrante maio começa com chuva, conservam-se em seguida dias nublados, pequenos aguaceiros até hoje, 5. Limpam-se plantas, socas de Fazenda e de meus filhos.

15 — O mês tem sido de chuva mais ou menos intercalado de sol; há poucas lamas, e a terra ressequida pelos verões fortes anteriores e invernos escassos, pouco saturada se vê pelas águas ultimamente recebidas. Com qualquer sol facilmente enxuga.

As lavouras têm tido desenvolvimento mais demorado do que se observou nas da safra passada, havendo presentemente como nas da outra safra grande quantidade de flexas.

Os serviços têm sido em limpa de canas e do cercado, e fatura da maior parte das cercas.

Contudo, conhece-se que mais se poderia ter vencido, se outra fora a atividade dos empregados e homens do campo, dando-se o grande inconveniente de faltar minha assistência aos serviços em face da pouca saúde que tenho.

15 — Os açúcares acabam de baixar muito mais no mercado do Recife, regulando 1.600 B 1.400 — S — 1.000 III — 700 B. Aguardente sofre também grande desapreciamento, 230 por canada.

É o caso de desânimo para o agricultor, que conta dar conta dos seus compromissos com o fruto de seu trabalho agrícola. É preciso revestir-se de coragem para encarar a crise, se é que lhe faltam meios de tentar novas indústrias, e esperar seu resultado.

O Governo e representantes são indiferentes aos males que afligem especialmente ao Norte do Império, quando o açúcar, algodão e aguardente têm atingido a preços tão mínimos, e os gêneros que consome conservam preços altos e firmes. O café tem subido e sustentado há muito o preço elevado e tanto bastante para que o Governo, e os do Sul considerem-se em marés de rosa e pouco se dêem que os do Norte se aniquilem por inanição. Não indica isso a necessidade quando não da separação, que a mesma natureza, marcou, ao menos a da confederação das Províncias, com seu regime especial, que vede a corrente dos seus capitais para o empório Corte, ou Rio de Janeiro, Cápua, onde se esquecem tantos males que afligem aos que dela vivem distanciados e esquecidos?...

O nosso Monarca, que talvez não ignore o estado das coisas, mas, que dentro da esfera que lhe é traçado, pouco pode por si fazer, vai melhorando do grave estado em que se viu pela sensível alteração de sua saúde, devido, no dizer dos médicos da Corte, a efeitos da febre palustre que o acometera. Entendo, que interessa muito ao país a vida do Sr. Pedro 2º, já como homem bem intencionado, e já como elemento de ordem. A causa abolicionista, cujo triunfo todo brasileiro verdadeiro patriota tanto almeja, será realizado o mais breve e completamente possível, sofreria muito com a perda do Imperador, ao qual não se pode com razão negar grande parte cooperativa que tem tido no que já se há conseguido, ainda que incompletamente.

Pelo que toca ao movimento político, social, vamos sempre de mal a pior, nada havendo que esperar da atualidade que nos governa, ou antes nos desgoverna em todos os ramos em que se divide nossa forma de governo.

Continua a apelar-se para a Divina Providência.

20 a 24 — Desaparecem as chuvas e apresenta-se intenso sol.



Embarcam para a Europa, no vapor "Ville de Maranhão", meus sobrinhos cunhados Sebastião Wanderley com sua mulher e uma filha, e Prisciano Wanderley com sua mulher, o 1.º por distração e o 2.º por falta de saúde. Muitos que os apreciam, compareceram a seus embarques.

Senti que meu estado valetudinário, e circunstâncias a mim peculiares, me inibissem de dar-lhes o abraço de despedida, como amigo de ambos. Conheço que agora me cumpre guardar descanso; já me são penosas as viagens, principalmente montarias a cavalo. Seja Deus propício aos viajores em suas idas e voltas à Patria e ao seio dos filhos que deixam.

31 — Finda-se o mês tendo sido quase de constante sol; raras horas de chuva, pelo que hão desaparecido as lamas, e a continuar o inverno seco, como tem sido, augura-se mal para as lavouras que ainda dependem de chuvas, e para as que se houver de plantar, encontrando a terra dessecada, ou mal adubada pela escassez do inverno. Salta a qualquer compreensão o mal que daí resulta a muitos que vivem da agricultura e aos que nela esperanças melhora a suas transações.

O estado sanitário se não é ótimo, é bem sofrível. Os males sociais não minoraram e parece que tudo se vai afogando a tão triste estado de coisas; há da parte das autoridades um indiferentismo bem estranhável. Há excessos em algumas bem censuráveis e dignos de nota, e que exprimem o descalabro em que caminha-se. O Imperador, que há 3 meses sofre seriamente em sua saúde, ainda não se acha em estado lisonjeiro; sobre isso há versões contrárias, boas e más, onde a verdade o tempo dirá. Entendo que sua morte presentemente seria uma calamidade para o país, assim e por ser homem de qualidades apreciáveis, desejo que consiga restabelecer-se com boas disposições para dirigir a contento de todos os destinos do país, que, por certo, acha-se em circunstâncias bem difíceis.

O açúcar continua desapreciado nos mercados, e as notícias que aparecem não são esperançosas, entretanto luta-se com a falta de dinheiro e alta de muitos gêneros que consumimos.

Os serviços do engenho correm morosamente, conserva-se sossêgo na Fazenda.

As plantações tratadas, seus desenvolvimentos tardinhos e irregulares: as chuvas têm sido insuficientes. As cercas acham-se quase inteiradas, e a monda em 3 partes do cercado.

Cortam-se os dentes das carretas da moenda 3/8, operários os irmãos João Damasceno e João Gualberto, (Bazanhas) justo o serviço por 40\$000, sem sustento, nem servente 8 dias.

Com o serviço braçal despendeu-se durante o mês 405\$140. Com criados de casa e fora — 30\$000. Com fatura de retame 15\$000.

#### JUNHO — 5

O mês em seu começo a hoje tem sido de intenso sol, porém ar frio, ventos do sul tormentosos. Raros chuviscos de ontem a hoje.

8 — Remessa dos últimos açúcares da safra colhida. Poderia remessar ainda aguardentes se o preço obtido compensasse ao menos a despesa de fabrico, até a realização da venda; presentemente a despesa excede a receita. Vale a pena dar o mel ao gado, ou vender a 80 réis por canada.

10 e 11 — Chuvas em aguaceiros mais ou menos fortes, cessando logo a 12, voltando o sol forte e frio fora do comum com vento Sul e Sudeste.

14 — Achando-se terminado o serviço de monda do cercado no dia 11, hoje dá-se começo à fatura de lenha para o fabrico de açúcares da próxima safra pendente.

15 — Continua o tempo a ser pouco chuvoso, não obstante o muito frio e nublamento.

Sinto-me doente, alguma febre, mau estômago, peso de cabeça, dores parciais, fastio, mal-estar e desânimo.

22 — Há dois dias e noites chove bastante e constantemente. Enchente volumoso nos riachos e é de supor que nos grandes rios.

23 — Modifica-se ou melhorou o tempo, aparece sol, intercalam-se aguaceiros. Melhoro de saúde há 2 dias.

27 — Passo pior, reaparecendo febrículas, fastio, algum defluxo e dores no crânio ao tossir ou falar alto.

O tempo tem sido de aguaceiros e sol.

30 — Finda-se o mês com sol e pouca chuva, descem as águas de enchente em todos os rios.

O estado sanitário no local e circunvizinhanças ressentem-se de queixosos acometidos de febres malignas, intermitentes e catarrais.

O que respeita à segurança de vida e propriedades, continua a ser lastimoso, Governo e policia quase inertes. Dizem que o Imperador (?) de saúde, e procura restabelecer-se na Europa, obtida das Câmaras a respectiva licença para sair do Império, deixando o governo à sua filha D. Isabel, chegada para este fim há pouco da Europa, onde estava por recreação, quando tudo no país vai em maus lençóis e as finanças em péssimo estado. Entretanto, somas fabulosas e improdutivas, despendem-se com a família imperial. Até quando serão cegos os brasileiros.

Continua o desânimo causado pelo desapreciamento do açúcar, algodão e outros gêneros do país, constando que também baixara o café, que tinha subido a preços muito altos.

A Fazenda, ou engenho continua sem alteração, as lavou-  
ras com algum desenvolvimento, serviços um tanto atrasados devido às causas já apontadas. Ainda não se cuida em apontamento, demorando-se em limpas repetidas de canas.

Despendeu-se durante o mês com o trabalho braçal, ou de campo, 327\$160, com criados de casa e estrebaria, 30\$000, com o corte de carretas da moenda, feito pelos Irmãos Bazanhas, ferreiro e carpina, 40\$000, com outros serviços de carpina, reparo de carros, etc., ferreiro e pedreiro e lavagem de roupas e sacos e serragem de madeira, fatura de (ilegível), 150\$000 no correr do mês. Com feitor, caixeiro anual, destilador e ser-  
vente, 100\$000, não compreendida a mesa dada aos 2 primeiros.

Com despesas de casa, compreendido comedorias, fazendas, rendas, linhas, farinha etc., — 254\$860 — Com a compra de um cavalo, 1 boiote e 1 vácuo, 155\$000. Com presentes ou



ofertas em dinheiro, 200\$000. Ainda outras despesas miúdas que escapam à memória e assentos.

Despede-se hoje o feitor deste engenho, José Evaristo da Costa Zumba, que há 9 meses exercia o cargo.

Motiva a saída o seu estado sifilítico, quase crônico, que o veda de poder dar-se ao pesado serviço de campo e engenho, sendo preciso submeter-se a tratamento sério. Também não me agradava o seu modo de dirigir os serviços a seu cargo.

Contrato para substituí-lo, Vencesláu da Rocha, que pela 3ª vez ocupa neste engenho o lugar de feitor, devendo entrar em exercício no dia 4 de julho do corrente ano, mediante o salário de 300\$ anuais e mesa comum, sem mais outro ônus por parte da Fazenda, que lhe arbitrará alguma vantagem, se houver maior lucro e der ele boa conta de suas obrigações, e conduta civil e moral.

Embarca no Rio de Janeiro em direitura à Europa, D. Pedro 2º, Imperador do Brasil, por doente.

#### JULHO — 1

Começa o mês com alguma chuva e dia nublado. Sinto-me ainda adoentado, porém sem guardar cama. Alguns dos trabalhadores caem com febres, mais ou menos gravemente.

10 — O tempo tem sido mais ou menos chuvoso, poucos dias de sol.

Tenho sofrido diariamente febrículas à tarde, fastio e perda de forças, faço uso de pilulas de quinino e ruibarbo, conseguindo melhorar, seguindo-se acesso hemorroidal e dias consecutivos de dores de cabeça.

Meu filho João sofre há dias de carbúnculos pelas pernas, que bastante o vexam, trazendo ínguas e febre.

Minha filha sofre a miúdo dos nervos.

15 — Continuo com a saúde enfraquecida.

O tempo tem sido de muito frio, escassez de chuvas, muito vento. Serviços em corte de lenha, limpa última em plantas e

socas. Assentamento de carpina e pedreiro no engenho e serviços de ferreiro em carros. Não há maior alteração a meu conhecimento. Novas telegráficas de que chegava bom a Dakar o Sr. Pedro 2º e sua mulher.

23 — O tempo tem sido um tanto chuvoso e de sensível frio. Continuam meus sofrimentos lentos.

No dia 18 deu-se começo à roçagem de terras para novas plantas de canas para a safra de 88 a 89, sendo quase todo terreno de ladeira e córregos secos, fazendo por empreitada uma pequena roçagem em terrenos de Goicana, Pão-de-açúcar por 25\$000 com Francisco Pimenta, que cumpriu, ganhando pouco, a outra roçagem em terrenos de Floresta com os trabalhadores do engenho. Meu filho João findou de plantar a parte roçada, 800 feixes de semente; continua a roçar igualmente meu filho Filinto, ambos em terrenos de Goicana e Floresta: ladeiras.

31 — O mês que hoje termina, foi chuvoso em quase todo seu curso, raros dias de sol. Os rios avolumaram-se, sem que conste haver prejuízos de consideração, nem piorado o estado sanitário. Serviços embarçados, existindo terrenos roçados sem se poder queimar. Alguns moradores mui poucos plantaram alguma coisa em pequena escala. Sente-se geralmente frio elevado mais (?) o dos anos passados.

O estado sanitário não parece mau: minha saúde tem melhorado nesses últimos dias, meus filhos continuam como dantes.

Acham-se findos os apontamentos de carpina e pedreiro no engenho, apenas restando ligeiros reparos; as obras da casa e mais edifícios ressentem-se do efeito da internada, que tem sido mais constante e maior do que os dos últimos anos anteriores.

Nota-se grandes prejuízos causados por temporais em diversos dos nossos portos, muitos navios e vapores perdidos, havendo também perdas de vidas. Em um país de população escassa, torna-se isso ainda mais sensível.

Sobressai o relaxamento do nosso Governo, faltando com certas providências a tempo de minorar os males que não se podem evitar.

O estado de tudo é o mesmo. O Imperador já na França, seguindo por Portugal e Espanha, dizem que vai bem.

Despendeu-se com os serviços de campo 434\$840.

Com criados de casa e estribeiros 30\$000.

Com obras de carpina, pedreiro e ferreiro, cerragem, 320\$000.

A safra colhida produziu 131.672 quilos de açúcar e 64.332 retame, 66 pipas de aguardente. Não compreende-se os açúcares do gasto e dado. Açúcar no mercado do Recife e algum pouco vendido no engenho e 13 pipas de mel deu o total — 19:720\$290 — Açúcares de moradores no Recife foram 782 caixas de 75 quilos. Fazenda 2.640 purgado e 867 retame ao todo vendido.

#### AGOSTO — 1

Começou chuvoso, tormentoso e friorento o mês.

2 — Hoje prepara-se para receber semente 1ª das novas plantas de Fazenda, o terreno há pouco queimado no Pão-de-açúcar. Junta-se semente que sai das socas da Fofa, boa, porém longe, cava-se a rego de enxada e logo plantando sem cobrir-se.

3 — Continua a ser chuvoso o tempo, e por demais frio.

5 e 6 — Tempo enxuto, sol, dá lugar a queimar-se uma boa parte das roçagens.

8 — Findou-se a plantação do Pão-de-açúcar, estrumou-se e tomou-se sol à parte. Semente gasta, 800 feixes.

9 — Minha saúde ainda não vigorosa, continuando as alterações de calor e desensofrimento à tarde, sem que haja suor e mudança de cor de urinas, nem secura; conservo pouco apetite à comida e falta de forças. Não sei qual a causa de meus sofrimentos.

15 — Tenho continuado a sofrer em minha saúde, o mesmo incômodo sem conhecer a causa; tenho usado de sudorífi-



cos e laxantes, quase sem resultado, como não obtive com o uso do quinino. Disponho a procurar os banhos de mar, e só por causa do mau tempo, chuvoso ainda, não o fiz. Os dias têm sido quase sempre de chuva e as noites, e de bastante frio, pouco sol tem havido. Desde o dia 11 deu-se começo à plantação de canas a arado e a enxada, nos terrenos de Floresta — 2ª planta. Tem havido afluência de trabalhadores; porém os serviços correm morosos, devido a causas já ditas e à minha ausência deles em face de ver-me doente.

Sem outras novidades a meu conhecimento.

17 — Melhor. Há 2 dias chove constantemente, embaraça-me a viagem para o uso de banhos de mar, seguindo ontem a bagagem.

18 — Finda hoje a lavragem a arado, devendo o resto do terreno roçado e mal queimado ser plantado d'enxada, visto ser pedregoso e inconveniente para arado. Calcula-se em quatro mil feixes reguladores de semente o terreno lavrado.

20 — Continuo a sentir-me melhor; não obstante, tencio não ir sempre aos banhos de mar, e só devido ao tempo chuvoso já não o fiz. Há dois dias cessaram as chuvas, reaparecendo o sol com ventanias fortes; há bastante lama, principalmente onde se transita, porém nota-se que os terrenos facilmente enxugam-se e secam. Serviços ainda em plantação de cana, e tirada de lenhas. Alguma parte plantada acha-se com água, outra em lama; porém vão cedendo facilmente ao sol e ao vento rijo.

22 — Há 2 dias chove quase continuamente, serviços embaraçados. Viagem de Praia prorrogada, ou melhor adiada. Hoje nenhum serviço.

23 — Melhora o tempo, sigo somente com Feliciano para a praia dos Carneiros à procura de melhoras à minha saúde, deixando por poucos dias meus filhos, que ficam sem novidade.

30 — Voltamos apressadamente ao participar-me meu filho Filinto, que o irmão, meu filho João, achava-se mal; chegados ao engenho a 1 e 1/2 da tarde, encontrei meu filho João em estado bastante aflitivo, cérebro perturbado, acessos de loucura mais ou menos fortes, de modo a compungir-nos o mais

possível. Empregados os recursos de que podíamos dispor, auxiliados pelo meu irmão Prisciano, chamado o médico Dr. Mesias, que nada receitou, limitando-se a dizer que continuasse o tratamento em que estávamos, velamos noite e dia, e somente.

31 — hoje 31 — pôde conciliar certo sono, modificando-se os acessos fortes, à noite dormiu melhor, porém seu estado ainda não é animador. Expedi portador para o Recife a consultar o médico Dr. Carneiro da Cunha, a quem meu filho anteriormente consultara e recebera remédio.

Aguardo resposta.

Finda-se, sendo de bom sol e raros aguaceiros nos últimos dias. Ventos fortes, constando que em diversas paragens têm se dado muitos naufrágios com perdas de vida, fatos tão lastimáveis em todo sentido. O estado de salubridade aqui é sofrível; em outros lugarejos têm reinado febres de maior e menor intensidade, intermitentes e catarrais. Na praia onde estivemos, e temos sítio, vê-se grande número de anêmicos, pouco ou nada zelados, tratados e dietéticos.

Em um país onde a população é tão rara, é por demais estranhável a indiferença do governo e representantes da Nação pela salubridade pública e vida dos habitantes. Não basta isso, crescem os assassinatos e roubos por toda parte, a ponto de na capital cuidar-se em organização de polícia particular em garantia principalmente dos que têm o que perder. O governo descuida-se completamente de remediar os males. O país caminha mal tanto financeira, como socialmente.

Os trabalhos do engenho correm, como de costume, existem 72 carros, ou 7.200 feixes regulares de semente plantados, quase toda coberta, restando pouca por plantar, e então cuidar em moer o engenho que já devera estar moendo, a não ser o tempo tão invernososo e outros contratempos.

Durante o mês despendeu-se com serviços de campo:

624\$620 — Com criados no engenho e praia — 30\$000.

Com carpinas e pedreiros, inclusive 2 carros — 150\$000.

A 28 chegaram com saúde, da Europa, meu sobrinho Sebastião Wanderley, mulher e família.

SETEMBRO — 2

O mês começa sendo o tempo seco, ligeiros e fracos aguaceiros, fortes ventanias de sul e leste. O meu filho tem sentido modificação em seu grande incômodo, podendo dormir regularmente, conquanto o estado do cérebro ainda não seja normal, havendo intermitência de calafrios nas extremidades e calor na cabeça.

Têm sido empregado banhos mornos, água sedativa no crânio e remédios internos anti-nervosos de Gelineau. Sentindo muita sede, toma sempre água fria e flor de laranjeiras.

As 2 1/2 horas da tarde chega o portador enviado ao Recife com receita, fórmula e remédios, que só servindo para provocar sono e calma ao doente, não houve precisão de serem aplicados em face da melhora operada com os recursos de que podemos dispor, ou talvez à ação da natureza, melhor dos médicos. Queria remédio que evitasse a reprodução do mal, para tanto parecem impotentes médicos e medicina conhecida.

2 — Grande atraso, não se cura um mal tão velho!!! Valha-nos Deus.

5 — Meu filho tem tido descanso; o tempo tem corrido de sol, muito vento.

15 — Ontem às 6 horas da tarde, achando-me no engenho Tinoco em visita a meu irmão, recebo telegrama passado pelo meu correspondente e amigo, Trajano da Costa Melo, dando-me a agradável nova do triunfo eleitoral do abolicionista liberal Dr. Joaquim Nabuco, que obteve mais 137 votos do que o Ministro do Império, candidato Dr. Manoel Portela. Liberais abolicionistas lutaram contra a influência, preponderância, sugestões e suborno, mesmo perseguição do Governo, polícia e meios de todo modo empregados pelos conservadores e escravocratas. Foi glorioso para os amigos da causa o triunfo do Dr. Nabuco.



Possa e saiba este ser bem sucedido na Câmara geral e corresponder a tantas esperanças a bem do nosso país nele depositadas. (24)

Tem sido sempre de sol e ventos fortes o presente mês.

O estado sanitário é menos mau; os serviços correm, como possível, no meio das dificuldades com que todos lutam, falta de dinheiro, de braços, carestia de tudo e grandes baixas de açúcares. Hoje deu-se começo à moagem do engenho, ou princípio de colheita da safra pendente de 1887 a 1888. Canas solangô, rassocas, pouco caldo, grau 10 Beaumé. Corre a moagem sofrivelmente, não tendo os açúcares mau aspecto.

16 — Hoje completam-se trinta e dois (?) passados no estado de casado. A não ser o grave sofrer de meus filhos, apesar dos meus esforços para vê-los robustos, viveria satisfeito. Em todo caso louvores a Deus, sempre benévolo para com a criatura que tão corresponde à sua bondade Divina.

30 — Em todo seu percurso foi de sol, ventos variáveis de sul a norte, dando raros e escassos aguaceiros. Os terrenos dessecaram com grande facilidade, desapareceram as lamas. As lavouras novas vão se desenvolvendo com nascimento sofrível, aguardam a ação benéfica de chuvas em termos.

A moagem corre regularmente, observando-se que as canas apresentam diminuição de caldo, em relação ao bagaço, o rendimento do caldo apurado não é mau. Quanto à qualidade dos açúcares com acerto, só depois de purgados se poderá dizer, visto que as aparências enganam muitas vezes. Continua este gênero desanimadíssimo nos mercados; avalie-se a sorte que devem esperar os que só vivem desta indústria, tão desprotegida e perseguida.

(24) — A eleição de Joaquim Nabuco abalou profundamente o Gabinete Cotegipe, sua presença na Câmara dos Deputados contribuiu para a intensificação da campanha abolicionista que levou à Lei votada a 13 de Maio de 1888. Nabuco corresponderia, portanto, às esperanças dos pernambucanos e de todos os brasileiros que saudaram sua vitória a 14 de setembro de 1887, corretamente descrita pelo Barão de Golciana.

O estado sanitário na localidade continua como no mês anterior. Meu filho João, antes de completar um mês, sofreu repetição de seus males, conquanto menos gravemente, contudo o bastante para afligir dolorosamente a seus pais. Passada a crise, que durou do dia 23 a 24, aplicado vomitório e sedativos, entrou no dia 26 em uso de remédios receitados pelo Dr. Carneiro da Cunha.

Minha filha continua no mesmo estado aflitivo; meu filho Filinto tendo melhorado muito de sua bronquite, ultimamente devido ao excesso de sol e poeira, sofreu algum tanto, porém não gravemente. Os mais vão vivendo mais ou menos, lutando com os trabalhos da vida. Meu primo Tomás Luís de Barros Wanderley sofreu no dia 20 um acesso forte congestivo, trazendo paralisia do lado direito, e no dizer dos médicos, derramamento de sangue no cérebro. O mal foi muito intenso, e é provável que deixe perturbada a faculdade mental e o movimento do lado paralítico; por ora a melhora que apresenta não modifica muito o receio dos efeitos, principalmente voltando a congestão. Bom caráter, muitos que o apreciam sentem seus azares.

O estado de segurança de vida e propriedade é o mesmo, e nada há a esperar dos homens que nos governam. As idéias pela abolição da escravidão progredem e frutificam, apesar dos óbices que procura o Governo opor-lhes. Tem se dado em todo país grande número de libertações e trabalha-se por apressar o término de tão degraçante estado. A política caminha mal, os partidos tendem a se iracionarem, a ambição supera a abnegação, e isso resulta em grande embaraço para o bem-estar do país, que só lucra quando com calma e amor patriótico se discutem o meio e modo melhor de promover seus legítimos interesses. Há confiança em o novo paladino, Dr. Joaquim Nabuco, que saído com glória vitorioso da campanha eleitoral sustentada contra o Governo e todo poder, deve saber corresponder a tanta fé e confiança nele pelo povo liberal e abolicionista depositada. Veremos se satisfaz, ou se vem mais aumentar o catálogo das decepções, pelas quais de sobra temos passado, motivadas pelos nossos "soi-disant" políticos.

Os trabalhos de campo correm regularmente, achando-se limpa boa parte das plantas novas em 1ª limpa.

Durante o mês despendeu-se com o trabalho de campo 237\$960. Com o corte e condução de canas, 311\$060. Com o fabrico do açúcar de Fazenda e outros plantadores, 310\$140, sendo aqueles 171 pães e estes 107, ao todo 278 pães. Total das despesas: 859\$160. Com criados, 25\$000.

### OUTUBRO — 3

Com a entrada do novo mês reaparecem chuvas com aguaceiros, há dois dias, seguidos de ventos fortes; perturbam a moagem, porém animam muito as plantações novas e mesmo velhas, que ainda não estavam sazoadas.

Será o antigo cambueiro de São Francisco tão preconizado quando em estações com mais regularidade? É sempre de bom preságio entre os nossos agricultores as chuvas de outubro.

4 — Desapareceram as chuvas.

5 — Há 3 dias e noites meu mano Prisciano sofre gravemente do fígado e estômago, com febre e desassossego, repetição de iguais incômodos devido a inflamação crônica do fígado.

Visito-o, e durmo no Tinôco. A seu acordo aplico doses homeopáticas e outros meios simples, felizmente apareceu-lhe a melhora, e hoje deixei-o mais animado pela manhã.

6 — Sofrimento de minha cabeça ontem até a madrugada de hoje; grandes dores e vômitos, só melhorei depois do efeito de 10 pílulas de Ayer.

Meu mano e compadre passa melhor do fígado, ainda volumoso. Telegrama: o Nabuco reconhecido Deputado Geral.

15 — Tem sido o tempo bastante seco, ventos fortes, variáveis e ultimamente de norte e nordeste, tormentoso, que vai tudo dessecando. Reinam febres intermitentes. O estado de coisas com relação ao estado social e econômico continua pouco agradável.

O Dr. Joaquim Nabuco foi reconhecido Deputado Geral e teve assento no dia 5. A sorte dos míseros escravos con-



tinua na dependência de seus verdugos, favorecidos estes pelo Governo, que também não poupa com sua polícia aos liberais de crenças firmes e infensos à triste ordem de coisas. (25)

15 — A Fazenda e seus trabalhos sem maior alteração, continuando-se no trato das plantas novas e colheita da safra pendente, existindo moídos 530 pães de açúcar, sendo 270 de Fazenda, formas todas de 24 camadas.

Meu mano Prisciano à procura de saúde para si e seus filhinhos doentes, procura os recursos dos banhos de mar em sua casa na praia do Gamela, para onde seguiu no dia 11 do corrente com toda família; vão se dando melhor, ainda que lentamente.

21 — Embarque dos 1<sup>os</sup>. açúcares da presente safra. Continua rigoroso sol.

23 — Meu filho João Batista desde 3 horas da manhã sofre de seus males nervosos, sucedendo-se acessos fortes e repetidos, de modo a fazer compunção. Há um mês justo sofreu igualmente, porém sem tanto excesso. Tem estado em uso de remédios receitados pelo Dr. Carneiro da Cunha, desde o dia 26 do mês passado, guardando cautela e dieta; porém infelizmente qualquer medicina conhecida, ou aconselhada e empregada, tem sido improfíqua.

Só Deus por sua infinita bondade pode dar remédio a tanto sofrer. Duraram os acessos até às 3 horas da tarde, empregando-se 8 pílulas de jalapa, 6 colheres de Rícino durante o tempo dos sofrimentos, só tarde houve efeito depois do emprego de clister carregado de pimentas.

Com as evacuações excitadas pela pimenta, modificaram-se os acessos, e auxiliando-me com sinapismos, foi minorando o grande arrocho das fontes e dores de cabeça, restando um estado de atociaia e abatimento de forças. Terrível doença. Zomba da medicina e dos melhores médicos, e dilacera o coração dos pais que vêm filhos sofrer tanto sem remédio a dar, restando a confiança em Deus somente.

(25) — Não exagerava o Barão de Golcana quando afirmava que em Pernambuco o clima era hostil aos liberais abolicionistas, sobretudo durante a campanha eleitoral em que Joaquim Nabuco, apesar de tudo que contra ele armou o governo conservador, derrotou o Ministro do Império, Conselheiro Machado Portela.

Só por alta noite foi obtendo descanso depois de muitas evacuações de fezes motivadas pelas altas doses laxativas, aparecendo sonolência e descanso.

24 — Manifesta-se no fim de 24 horas depois do 1º acesso em a noite de 22 a 23, um ímpeto mais de loucura ou exaltação de cérebro, à semelhança da que já sofrera no fim de agosto do ano corrente; a loucura parece mansa, porém requer todo cuidado e aumentam nossos dissabores. Trata-se de empregar meios de modificar tão triste estado do meu filho.

26 — Continua o estado de meu filho a ser mau: alteram-se os acessos da loucura, e são quase iguais aos da acima dita. A família vela e aflige-se, tanto mais quanto na medicina não acha recursos para debelar uma tão terrível doença e seus efeitos: é impotente. Venha Deus em socorro dos que sofrem, é essa a esperança inata do homem. O doente só por poucos momentos consegue conciliar o sono; sente sede invariável e urinas alvas correspondentes, língua muito saburosa, extremidades frias, cabeça quente, olhos vidrentos, rosto cansado e mudável de cor, estômago de azedumes, arrotos. Passou a noite sofrivelmente, conquanto fora ainda do estado normal. Dormiu durante o dia e durante a noite algumas horas, com o uso dos banhos mornos e calmantes.

27 — Parecia que o dormir trouxesse progressiva melhora ao enfermo, porém ainda decepção, pela manhã, pouco depois do despertar alterou-se o sofrer do cérebro e assim conservou-se durante o curso do dia. Empreguei banho quente, sedativos ou calmantes, e em seguida um laxante de sal de Glober, por haver prisão de ventre e também azedume no estômago, de que o doente se queixava. As evacuações vieram no fim de uma hora, deitando abundância de bilis; pouco modificou o seu estado o efeito purgativo. Conserva falta de apetite à comida, que aceita a muito pedido; reapareceu a sede, não com o grande excesso anterior.

Das 11 horas da manhã a quase 1 da tarde, depois do peso atmosférico e nublamento, caíram aguaceiros torrenciais, que cessaram, vindo algum sol, calor, nublamento e variedade de ventos. Talvez isso influencie sobre o doente.

Continua em espécie de intermitência, de alteração e calor. A noite, como a anterior, dorme sossegadamente.

28 — Ainda sofre o cérebro, e suas intermitências parece que só lentamente irão chegando a estado normal. A noite sossega e dorme bem.

30 — Continua a melhorar, parecendo tender a restabelecer-se; dirige-se ao piano toca com algum acerto, depois de ter se preparado, tomando fato domingueiro; contudo ainda se conhece que o cérebro ainda ressent-se da terrível crise por que passou todo o corpo.

31 — Meu doente parece caminhar em sua melhora e restabelecer-se a menos que não reapareçam os acessos nervosos que tanto influem sobre o corpo, máxime sobre o cérebro ultimamente. Se por infelicidade voltarem os acessos, como na última fase, presumo que tristes sejam as conseqüências ainda mais sérias em seus efeitos e duração. Deus se compadeça, e sua Mãe Santíssima interceda pelos que tanto sofrem, sofrendo e vendo sofrer.

Finda-se o mês, sendo de sol inteiro seus últimos dias e de ventos tormentosos de sul e leste.

O estado sanitário é o mesmo do mês anterior, tanto para a família como para os a serviço do engenho e localidade. Não há alteração no estado social, repetem-se as mesmas coisas. Os escravizados continuam a gemer sob o azorrague dos bárbaros senhores, o governo, autoridades e polícia indiferentes senão coniventes. Socorra a todos a Divina Providência.

Os serviços do engenho correm regularmente, existindo moídos 781 pães de açúcar, embarcados 280 caixas e 4 pipas de aguardentes. As canas novas em desenvolvimento bem sofrível.

Despendeu-se durante o mês com o serviço de campo .....	375\$240
Idem com a moagem do interior do engenho	505\$540
Idem corte e condução de canas de Fazenda-99 pães .....	151\$120
Idem fabrico dos açúcares no mês 503 pães ..	61\$200



Idem idem do retame 101 meias pipas ou cubas . . . . .	86\$900
Com criados de casa e fora .. . . .	30\$000
Total das despesas supra . . . . .	1:210\$000

Não compreende-se feitor, carreiro, purgador, destilador e algumas gorjetas e extraordinários, ou reparos.

Seguem para o Recife no vapor "Giquiá", acompanhados pelo amigo correspondente Trajano Mello, os dois filhos menores do meu irmão Prisciano, João e Ana, a fim de ver (ilegível) se do pertinaz incômodo que sofrem, e aqui sem melhora segura.

#### NOVEMBRO — 1

Começa o mês de sol intenso, como findou o anterior. Meu doente se não completamente bom, bastante melhorado do cérebro. Visito à tarde ao meu primo amigo Tomás Wanderley Lins e acho-o seriamente doente e quase em desengano de vida, continuando os efeitos congestivos, paralíticos, parecendo que a paralisia já afeta os intestinos pela falta de ação do reto e via urinária. Conserva-se em prostração, sonolência, indiferentismo, fala difícil, pouco perceptível; assim deixei-o à noite. Médicos e remédios sem eficácia para dar-lhe melhora.

4 — Faleceu hoje, logo depois da meia-noite, meu primo, amigo, o Major Tomás Lins de Barros Wanderley, senhor de engenho Serra d'água, viúvo, de 57 anos incompletos, devendo completá-los no fim de dezembro.

Atacado há mês e 1/2 de forte congestão cerebral com derramamento de sangue, poucos dias sentiu ligeira melhoras, existindo porém o mal, caí no estado latente, sem que os médicos Brito Bastos e (ilegível), que o assistiram, pudessem ou soubessem combatê-lo e curar.

Dotado de boas qualidades, espírito manso e benfazejo, era de muitos apreciado e estimado e a não pequeno número socorria e prestava-se francamente. Como todos sujeitos à fraqueza da carne, teve seus tropeços na vida, porém não ocasionando males a outrem. Deixa duas filhas casadas e netos.

Além do grau de parentesco que nos unia, fomos companheiros de infância, apreciando dele, então, suas boas qualidades, fui-lhe dedicado e amigo em todo tempo. Hoje resta, prestado o último serviço, acompanhando o seu cadáver à sepultura, pedir a Deus que acolha benigno, aquele cuja falta muitos sentem e pranteiam. Assisti ao enterro com meu filho Filinto, tendo lugar às 3 horas da tarde, inhumado o cadáver em sepultura própria no Cemitério de Rio Formoso.

10 — Os últimos dias têm sido de um sol abrazador, seguido de constante nordeste tormentoso, o que tem trazido dessecação do pasto e das lavouras, embaraço à navegação, achando-se nos portos sem poderem romper para o Recife muitas barcaças cheias de açúcares, e grande quantidade de açúcar nos depósitos dos engenhos do litoral e povoados, à espera de boa monção para saída ao centro comercial do Recife.

15 — Tem continuado o tempo de sol intenso e ventos norte e nordeste, tormentosos e constantes, embaraçando a navegação costeira, trazendo febres de mais ou menos cuidado, dessecação das plantas e (ilegível) do gado nos cercados.

O estado sanitário de minha família, sem alteração, continuando meus filhos João e Joana em constante uso de remédios. Filinto desde ontem no Recife, onde foi a negócio. Os filhinhos de meu irmão Prisciano, mandados para o Recife à procura de melhor saúde, entregues a médicos e ao desvelado zelo de meu correspondente amigo Trajano Mello e sua família, por ora não contam melhora, nem piora; conservam-se doentes e seu pai cheio de cuidados.

O estado social sempre o mesmo: mudam-se figuras, ficam as cenas as mesmas. Até quando? Dificilem rem.

Os trabalhos do engenho correm sofrivelmente, as plantas novas sentindo o rigor do sol e nordeste, as velhas secando prematuramente. Açúcares desiguais e tirado parte bruto. Pequeno transtorno no assentamento do engenho, suspenso o trabalho por 3 dias, enquanto se repara: serviço ligeiro. Preços na praça do Recife de novo descendo, tendo sido de pouca duração a pequena alta para diversas qualidades, principalmente brutos e retames.

Com o reaparecimento do cólera em Buenos Aires, esmorecem os açúcares e sobe a carne de charque; os mais efeitos, à exceção da farinha conservam-se caros e não muitos bons. Eufrázio Correia. Acha-se no Governo, o novo Presidente, Deputado por Paraná, donde é filho. Homem partidário exaltado, iniciou sua administração demitindo sem motivo os poucos liberais que ainda ocupavam cargos remunerados: é cruel. Ao assumir as rédeas do governo, deram-se logo excessos da policia em Afogados, resultando ferimento grave do subdelegado, sucumbindo posteriormente em poucos dias. (26)

18 — Chega meu filho Filinto de volta do Recife, saindo ontem. Deixou com pouca melhora os filhos do padrinho, meu irmão Prisciano. Novidades não trouxe: subsistem as mesmas misérias sociais; açúcares pouco procurados, principalmente purgados.

28 — Recebi hoje dos Srs. Capitão Minervino Bandeira de Mello e Francisco Ferreira de Albuquerque, rendas das partes que possuo nos engenhos 2 Bocas e Carrapato, dos quais são dois bons rendeiros. Foi por mim entregue a parte que toca a meu mano Prisciano na renda de 2 Bocas, de que é também co-senhor, 125\$000.

29 — Devido à falta de barças para o carregamento dos açúcares, embarçada a navegação pelo constante e tempestuoso vento nordeste, acumulam-se os açúcares e aguardentes do engenho, o que me obriga a fazer vir uma barça de Tamandaré, de nome Vênus, do mestre e dono Zeferino Muniz Salgado, que prestou-se a vir dando eu a carga que ela comporta, 400 caixas, o que realizou hoje mesmo dando 315 caixas de açúcar e 8 e 1/2 pipas de aguardente. Foi este o maior carregamento feito neste engenho.

30 — Finda-se o mês tendo sido todo de sol intenso e de raras aguaceiros, ainda mais acompanhado quase sempre de vento norte e nordeste, tormentoso, ocasionando o desseca-

(26) A administração do paranaense Manoel Eufrázio Correia, — aluno da Faculdade de Direito do Recife nos 3 primeiros anos do seu Curso —, criticada pelo Barão de Goicana baseado, como sempre, na imprensa oposicionista, foi curta. Empossado a 7 de novembro de 1887, o Presidente Manoel Eufrázio Correia faleceu no exercício do cargo, no Recife, — engenho São Francisco — vitimado por "linfite pernicioso", a 4 de fevereiro de 1888. Contava 48 anos de idade.



mento de tudo e trazendo febres, catarrais e outros incômodos a diversos. O pasto, assim como as plantações muito sentidas e acanhadas.

A saúde de minha família conserva-se como dantes. Dentre os do trabalho e empregados, alguns incômodos felizmente sem perigo de vida; febres intermitentes ou sezão, é o que mais os persegue, assim a outros em lugares diversos. Consta terem melhorado no Recife os dois filhos de meu irmão Prisciano: os mais de sua família em paz.

Os serviços vão indo conforme os tempos e circunstâncias. Canas de Fazenda tratadas, moagem em andamento, aproximando-se de 1.300 pães moídos — 779 de sacos embarcados e 120 1/2 pipas.

Quanto à política, estado social, persistem os mesmos inconvenientes. Ao estado financeiro uma pequena animação com a alta dos preços do açúcar e algodão, como quanto ainda pouca para compensar o penoso e brutal custeio, contudo as condições são melhores do que as do ano agrícola passado.

Durante o mês despendeu-se com serviços de campo, limpa de canas, tombo de lenha e ensaque de açúcares etc. . . . .	256\$860
Serviços de moagem no interior do engenho	298\$240
Corte e condução de canas de Fazenda para 174 pães . . . . .	270\$200
Fabrico dos açúcares durante o mês 447 pães	218\$480
Idem dos retames durante o mês — 84 cubas	68\$200
Com criados de casa e fora . . . . .	30\$000
Soma . . . . .	1:141\$980

Continuo a não mencionar o que consta das notas anteriormente com relação a outras despesas que fazem parte de outros livros de notas.

## DEZEMBRO — 5

Meu filho João desde o dia 1º sente-se de saúde alterada, depois de 33 dias de descanso. O mal e seus efeitos sobre ele têm sido já descritos, apenas agora com menos intensidade ou excessos. Ultimamente alguns aguaceiros têm suavizado o rigor do sol, e talvez devido ao efeito atmosférico fosse a exacerbação do mal nervoso de meu filho. À noite concilia o sono e passa calmo.

Dando-se discussões e dúvidas mais ou menos incandescentes entre os herdeiros do falecido Major Tomás Wanderley e o credor Antonio Martins, fui convidado por eles a intervir de modo que cessassem as dúvidas e queixas que vão tomando caráter sério e desagradável por imprudências de ambos os lados. Atendendo-os, convidei-os a uma reunião em minha casa do engenho Goicana, vindo também o Dr. Luís de Andrada, advogado dos herdeiros, e o procurador de causas, Antonio Pimentel, reunidos, expus-lhes com a franqueza de que uso, o meio que julguei acertado para tudo somar-se e promover-se o inventário amigável a contento de todos, como desejavam; feitas pequenas observações, foi finalmente aceita minha proposta espontaneamente por todos, e aqui escriturou-se a descrição e avaliação dos bens, débitos ativos e passivos, partilhou-se e deu-se aos credores bens suficientes para seus pagamentos integrais, sendo a pedido de Martins lançados à conta de seu débito o valor dos escravizados (16) sob condição de dar-lhes imediatamente, quando julgado o inventário, plena liberdade, sem ônus, o mesmo com relação ao seu genro Dr. Francisco Romano Brito Bastos, médico, que tratou por poucos dias, sem proveito algum ao Major Tomás, quando atacado do mal que o levou à sepultura, cobrando o Dr. 1:000\$000 por suas visitas; ficou tudo convencionado e escrito; devo crer que seja observado e cumprido praticamente. Aparentemente, ou realmente (não sei) porém manifestaram todos suas adesões e agradecimentos à minha pessoa por havê-los conciliado, livrando-os de pleitos e contestações, que poderiam ter resultados tristes, principalmente se se deixasse Martins levar pelos conselhos do advogado Dr. Amazonas, homem inconveniente e mal pensante, gênio sófrego e grosseiro, apesar de não ser destituído de inteligência. Em seguida, declarou o Dr. Andrada perante os presentes, que hoje mesmo concedera liberdade sem condições, a 22 escravizados seus, e de sua sogra D. Celina. Seu

ato humanitário foi muito aplaudido, louvado, assim como o do Sr. Martins.

Receberam meus sofrimentos morais devido ao mau estado de saúde de meus filhos, uma compensação, sendo hoje livre do deponente cativo mais trinta e oito criaturas humanas das muitas nele conservadas por algumas leis viciosas, calçamento de outras e falta de execução pelos seus sacerdotes e sobretudo pelo direito da força.

Deus ilumine os que ainda retêm em cativo a tantos filhos Seus e faça com que abertos os olhos, reconheçam quanto é justo, humano e civilizador acabar-se de uma vez com um estigma que tanto depõe contra o caráter do homem.

Retiram-se todos amistosamente às 10 e 1/2 horas da noite para seus aposentos, ou casas.

O inventário será submetido, depois de pagar os impostos e preparado, ao conhecimento e julgamento do Juiz competente da Comarca do Rio Formoso

31 — Finda-se o mês, tendo sido em quase todo percurso de sol forte, poucos aguaceiros parciais, mais ou menos volumosos. O estado sanitário não tem sido bom, febres de resultados mais ou menos perniciosos têm atingido a muitos, sucumbindo alguns. Meu filho João sofreu no dia 20 repetidos acessos de seu mal, seguindo-se afecção cerebral, melhorando apareceu sofrendo febre consecutiva, depois tornou-se intermitente de mau caráter, somente no dia 29 cedeu, deixando-o muito abatido, e conservou-se recusando alimento pela inapetência que não cessou com o uso de vomitórios e laxantes, vai convalescendo. Os demais da família não se queixam, conquanto faltos de robustez. Meu irmão Prisciano com família na praia do Gamela, também tem sofrido febres e acham-se ainda doentes. Entre os trabalhadores e moradores do engenho as mesmas queixas.

Finda-se o ano bem cheio de recordações desagradáveis para muitos. Deixa também o estado social ainda muito a desejar, para o caminho de lisonjeiro, e descuido, relaxamento, e indiferentismo, junto ao filhotismo desenvolvido desde muito, vai enervando o progresso que todos deveriam tomar a peito desenvolver.



O elemento servil ainda perdura para maior miséria, notando-se que seja o Governo e polícia quem maiores obstáculos ofereça ao seu término, já pondo embaraços ao pronunciamento devido à boa índole de muitos, já animando os refratários dos sentimentos, que por amor a Deus e à humanidade, deveriam animar a todos que foram criados para viver como irmãos, em sociedade.

Continua dominando a política conservadora, que nada tem melhorado, e antes agravado a situação e estado em que recebeu das mãos dos liberais o legado político, se é que entre nós existe verdadeiramente política. Predomina o roubo, assassinatos e desfalques dos cofres públicos, agravando mais a introdução de dinheiro falso. Providências que modifiquem, ou vedem tão triste estado de coisas, não constam hajam sido dadas energicamente. Política mesquinha, lutas de regateira parecem absorver a atenção dos políticos, como se dizem, militantes.

O estado financeiro continua mau para a Província, por isso mesmo que seus gêneros de exportação, açúcar e algodão, continuam desapreciados, e por altos preços o que importamos, devido em parte aos impostos penosos. Remediar ainda a tais males é coisa de que pouco curam os poderes do Estado. Caminhamos para crises mais ou menos dolorosas pelos seus efeitos, se não houver uma mão enérgica e patriótica que contenha e tudo coloque em melhor terreno.

Os serviços da Fazenda têm corrido se não bem, sofrivelmente, conforme ainda com o estado conservado, não havendo código que regularize o serviço agrícola, nem vantagens que o animem. Tem se colhido 1.628 pães de açúcar de formas de 24 camadas, sendo 444 de Fazenda, restam por moer canas calculadas em 700 a 800 pães. Tem se vendido no Recife — 1.122 caixas; sendo 330 de retame, Fazenda e 13 e 1/2 pipas de aguardente, líquido de tudo 8:394\$480.

As plantações novas, pouco têm progredido, uma vez que a pouca chuva e intensidade de sol, dificultam o crescimento e filiação; contudo estão em estado de esperar a ação benéfica das chuvas, se estas não se demorarem muito.

Durante o mês despendeu-se em serviços de campo, constante de limpa de canas, lenhas,

ensaque de açúcar, reparo de estradas e pontes, e algumas minudências .. . . . . .	230\$400
Serviços de moagem no interior do engenho	494\$300
Fabrico de açúcar — 396 pães .. . . . . .	161\$920
Dito de açúcar — 108 caixas retame .. . . . . .	78\$700
Com criados de casa, e fora .. . . . . .	25\$000

Não compreende-se o serviço de destilação e alguns extraordinários de pedreiro, carpina, ferreiro etc. e empregados anuais.

Recapitulando as notas mensais de acordo com suas observações, despendeu-se durante o ano de 1887, hoje terminado, com serviços de campo, de moagem, de fabrico de açúcares para purgar e do retame, criados de casa e fora, e empregados justos por ano, que pelo menos percebem dez contos de réis, e mais despesas extraordinárias calculadas em um conto de réis — mínimo — dá o cômputo de Réis 12:386\$890.

Não subindo os preços dos açúcares, ou não vindo esforços reunidos dos agricultores a bem da modificação do trabalho e melhoramento do fabrico, junto a severa economia e bom método, por certo a despesa vencerá a receita.

Fim de 1887

---

## 1888

### JANEIRO — 1

Continua o mesmo tempo de sol e arrumação de chuva que parece favorecer a outras localidades que não esta.

5 — O mesmo tempo seco e sol intenso. Os doentes melhoram; aparecem outros com febres intermitentes. Serviços em continuação de moagem desde o dia 2, e no campo plantação de Filinto em Floresta, terreno baixo.

9 — Sigo com minha mulher e filhos, João e Joana, para nosso sítio na Barra do Rio Formoso, não tanto por distração,

como recurso à melhora de saúdes alteradas, esperando obtê-la com uso dos banhos salgados. Meu filho Filinto e sua mulher, desde o dia 4 saem em visita a seus sogros e pais e daí do engenho Camaçari, Filinto, só, seguirá para a Comarca de Palmares a visitar alguns parentes, desejando ver também a Colônia Isabel. (27)

15 — Conservamo-nos na Barra, vindo eu ao engenho ontem. Melhorei alguma coisa, meu filho João ainda sofrendo dos intestinos, os mais de minha família sem alteração.

Tem reinado constante sol e ainda mais o pernicioso vento norte e nordeste, que tudo desseca e acarreta incômodos a muitos, que se vêem afetados de febres, diarréias e defluxeiras fortes, dores reumáticas. A navegação para o Recife feita por barçaça, morosa e quase impossível. Deus permita que maiores males não sobrevenham.

Os serviços do serviços (sic) ressentem-se da falta da vista do dono; porém vão indo, como podem ser mediante os recursos deixados, ou disposição dos que dirigem em minha ausência. A moagem pouco foi adiantada, lutando com falta de veículos condutores de canas.

Os doentes vão melhorando. Aparece o mortificante catarro nos animais cavaleares deste engenho, onde ainda se não tinha manifestado, apesar de desde muito grassar em outros engenhos.

31 — Finda-se o mês tendo sido de sol, havendo para o fim bons aguaceiros que reanimaram as plantas, conquanto as chuvas fossem insuficientes. As plantas novas com acanhado desenvolvimento.

(27) — A Colônia Orfonológica Isabel, hoje Educandário São Joaquim, foi instalada no antigo sítio Pimenteiras, estação de Marajal, sul de Pernambuco, onde funcionara uma colônia militar. O Governo Imperial organizou no local uma colônia agrícola, posteriormente cedida ao Governo de Pernambuco. Na década de 70, do século passado, os capuchinhos da Penha construíram um grande colégio destinado a alunos órfãos e filhos de escravos nascidos após a Lei do Ventre Livre. A colônia voltou à administração do Governo Estadual, denominando-se então "Frei Caneca", e depois de um período em mãos da Ordem Salesiana, está hoje sob a gerência da Santa Casa de Misericórdia.



O estado sanitário sem maior alteração; o social estacionário nos males já apontados. Os serviços do engenho ainda em colheita, trato de canas etc., correm menos mal.

Conservo-me com minha família em nosso sítio dos Carneiros, onde passamos na forma sabida, não contando meus doentes alívio seguro a seus males crônicos. No dia de ontem (30) chega meu filho Filinto de sua excursão a Garanhuns e à Colônia Isabel, cujos lugares visita pela primeira vez, nada encontrando de notável, e sem alteração de saúde chega ao engenho.

No mesmo dia chegam do Recife os dois filhos menores de meu irmão Prisciano, em companhia do nosso correspondente e amigo, Trajano da Costa Mello, sua irmã D. Leocádia, e de sua filha D. Maria, vindos no vapor "Giquiá"; dirigem-se à nossa casa nos Carneiros e horas depois para o Gamela, praia onde já se achava meu mano, que aqui veio esperar os filhinhos. Voltaram melhorados.

Durante o mês de janeiro despendeu-se com serviços de campo, ensaque de açúcares etc.	242\$840
Com moagens de engenho, e corte de canas	355\$920
Com fabrico de açúcares e retames ....	313\$100
Com criados no engenho e praia ..	35\$000
Total ....	946\$860

Fora empregados e despesas permanentes.

FEVEREIRO — 7

Vou ao Gamela com Feliciano visitarmos os chegados do Recife e a meu Mano, trazendo na volta parte da família do nosso correspondente, que havia acompanhado os menores de meu irmão em sua volta do Recife. Depois de passarmos alguns dias nos Carneiros, dirigimo-nos todos em família ao engenho, onde nos conservamos poucos dias, indo a 15 e fazendo um passeio ao Rio Formoso e ao engenho Serra d'Água, onde visitamos meu sobrinho e cunhado Major Prisciano Wanderley e sua família, no dia 19, voltando para a praia dos Carneiros

com todos no dia 21, saindo eu bastante doente de forte deflueira e febre aparecida no engenho, e que muito me afligiu durante vinte e tantos dias.

29 — Finda-se o mês, tendo sido chuvosos seus últimos dias, chuvas em aguaceiros, curtos e pouco duráveis. Os terrenos exigem mais e constantes chuvas, visto o dessecamento havido.

Não há alteração que agrade em relação a finanças, segurança e melhoramento social.

O estado de tudo continua o mesmo. No dia 16 terminou-se a moagem do engenho, resultando 2.228 pães de açúcar, sendo 536 de Fazenda e 1.692 de plantadores ou moradores, destes a Fazenda 279, à razão de 8\$ por pão.

Durante o mês gastou-se com serviços de campo, ensaque de açúcares e outras minudências . . . . .	255\$520
Moagem de engenho e corte de canas etc. . .	222\$360
Fabrico do açúcar e do retame . . . . .	180\$400
Com criados no engenho e praia . . . . .	35\$000
	673\$280

#### MARÇO — 15

O mês tem corrido seco e sol intenso.

Continuamos a estar na praia dos Carneiros, onde meus filhos João e Joana continuam a sofrer. O primeiro, além do mal velho, mais sezão e anemia. Acha-se em tratamento.

Retira-se a contragosto da Governança do país, o Ministério Cotegipe, caindo desmoralizado no dia 5. Chamado para organizar novo Ministério conservador o Conselheiro Senador por Pernambuco, João Alfredo, somente no dia 10 pôde apresentar-se à Regente com companheiros organizados, e assumirem a direção dos negócios públicos.

Assoberbados pela idéia dominante do País, a abolição dos escravos, infelizmente ainda existentes, prometem realizar quanto antes a extinção de tão feia mancha, que tanto depõe contra nossos costumes e civilização.

Esperamos. Muito há a fazer com relação a outros ramos dos negócios do Estado, presentemente em completo descabro. Terão os novos palinuros forças, coragem e moralidade graúda para empreender e realizar tão sublime missão? É o que veremos, ou verá quem tiver tempo para isso. Deus os illumine e dê coragem para praticar o que for a bem de todos.

31 — Finda-se o mês deixando nos seus últimos dias alguns aguaceiros, que muito serviram para moderar os efeitos atmosféricos e animar a vegetação. Algumas lamas, que criaram as chuvas, vão já facilmente cedendo ao rigor do sol. Quanto ao estado sanitário não há alteração, é bem sofrível em geral na Província. As lavouras desenvolvem-se, entretanto precisam ainda muito da ação das chuvas, que têm sido escasas, principalmente para os engenhos montanhosos, ou secos.

Quanto aos negócios políticos e sociais, nenhum melhoramento ainda se divisa, a ação benéfica do novo Ministério não se conhece ainda. Achamo-nos ainda em estado de dúvida.

O estado financeiro continua mau: o câmbio baixando, não obstante o açúcar continua em desânimo. A onda abolicionista vai se estendendo por todos os ângulos do Império. Possamos ver já terminado tão sensível quanto deponente mal.

Os serviços correm lentamente, limpas as canas, feita a medida para cercas, trata-se da monda do cercado, entretanto ainda as limpas se reproduzirão, as plantas exigem.

Despesas com serviço de campo . . . . .	399\$700
Fabrico do retame — 85 cubas . . . . .	72\$800
Criados no engenho e praia . . . . .	35\$000
	<hr/>
	507\$500

Existem muitas outras despesas não contempladas no cálculo supra.



## ABRIL — 3

Recolho-me com toda minha família à nossa vivenda no engenho, de volta de nosso sítio na Barra do Rio Formoso, para onde nos transportamos no princípio de janeiro, não só por distração, como também por higiene. Dei-me bem, como sempre sucede quando procuro os banhos de mar; os de minha família sem maior alteração; felizmente não apareceram incômodos graves. Encontramos sem novidade a Fazenda: as plantações ainda precisam de chuvas; conquanto verdes, estão curtas, e em parte terrenos ainda descobertos. Observa-se grande abundância de flexas.

5 — Indícios de chuvas, ontem e hoje sensível calor; hoje começa a nublar-se o horizonte de leste, a 6 antes do amanhecer e depois aguaceiros moderados e repetidos; parece continuar a chuva, conservando-se o horizonte todo nublado noite e dia.

7 — Repetem-se os aguaceiros. Reaparecem as lamas.

10 — Meu filho João desde ontem, 11 horas da noite, sofre de seu mal velho; acessos repetidos e fortes até pela manhã, depois brandos no correr do dia, conservando-se congestivo. Compunge-me o mais possível tão terrível sofrer, sem que possa remediar.

Deus e Maria Santíssima o ampare e me dêem paciência. Os acessos tornam-se mais fortes e sucessivos, até às 6 da tarde, quando descansa para sofrer outro às 8 e 1/2 da noite, conseguindo sono mais regular e consentindo a natureza na ação do laxante de óleo de ricino, que tomou ao meio-dia, obrando bastante por vezes.

11 — Conserva-se em calma, calado, nada pede e há alguma febre, bastante abatimento de forças.

12 — Meu filho conserva-se em estado de indiferença, sofrendo ainda do cérebro, efeitos dos acessos, por demais repetidos. Não apetece nada, responde ao que se pergunta, às vezes sem nexo de idéias.

Por duas vezes observei escarros com pequenas mesclas de sangue, atribuindo à garganta que ele diz doer-lhe. Urinas raras e depois do efeito laxativo de 10 não mais obrou.

13 — Continua o mesmo estado, sem que dormisse momento algum.

Hoje fala mais, chora e reza, responde com calma e pausa ao que se pergunta. A tudo indiferente. Bem repicado por sínapsismos, rara vez diz doer. Hoje aparece segura e ainda catarro com pequenas mesclas de sangue, que me parecem vir do cérebro. À noite, depois de 8 horas, acalma-se e concilia o sono e passa a noite sossegadamente.

14 — Altera-se com o crescer do dia.

15 e 16 — Sente-se ir modificando-se o exacerbo do cérebro, dando-se ainda horas de exaltação.

17 — Dormiu das 8 horas de ontem às 5 da manhã de hoje sossegadamente, e depois continuou a dormir até quase 8. Seu estado ainda não é normal.

Continua a usar o medicamento receitado pelo Dr. Messias.

À tarde sofre alteração muito mais modificada, à noite dorme bem.

Minha filha sofre um acesso de nervos à noite, e aplico medicamento aconselhado pelo Dr. Luís Porto Carreiro, que veio trazer-me, dirigindo-se da praia dos Carneiros, onde presentemente se acha. O acesso não foi repetido, não dormiu no resto da noite.

20 — Os doentes passam sem alteração: parecem convalescer-se.

23 — Reapparecem as chuvas durante horas, cessando logo.

24 — Embarcam para o Recife os últimos açúcares da safra colhida.

30 — Finda-se o mês com sol, como foi em quase todo seu curso. Não há alteração maior no movimento social do país e nem no peculiar a esta Fazenda.

Os serviços têm sido em monda de pasto quase terminada e fatura de alguns lances de cercas. Ainda limpa de canas por dar-se, últimas.

O estado sanitário geral alterado pela coqueluche e sarampo, que com mais ou menos intensidade tem se desenvolvido, ceifando muitas vidas de crianças e de alguns adultos.

Não consta providências do Governo em socorro dos desvalidos.

Meus filhos continuam no mesmo que anteriormente. Os mais de minha família sem alteração.

No dia 25 à tarde, saí de casa com destino ao Recife, seguindo no vapor da Companhia Pernambucana, depois de massado, só a 26 pelas 10 horas da noite, pude embarcar em Tamandaré, visto o vapor "Jaguaribe" ter chegado às 2 da tarde, não poder entrar na barra do Rio Formoso. Em 5 horas chegamos ao Recife, demorando o vapor no lagamar, porque só com dia poderia tomar porto. Conservo-me em paz, apenas sentindo o grande calor do Recife, exagerando-se os meus incômodos hemorroidais.

A praça em sossego, porém o comércio ressentindo-se das baixas de preços dos gêneros de exportação do país, açúcares a preços miseráveis, e recusados.

A 30 recebo de meu mano Prisciano telegrama de 29 em que me diz achar-se doente, pedindo consulta médica e remédio, o que satisfaço. Seu mal, congestão do fígado e mais tarde soube que gravissimamente complicada com febre palustre, cuja infecção recebera por sua constante assistência à factura de um novo balde de açude em lugar paludoso, suportando a cavallo o rigor do sol e umedecendo pés, fazendo evoluções em cavallo desinquieto.

Em seguida, recebo novo telegrama passado por meu sobrinho Prisciano Wanderley, dizendo o Padrinho achar-se muito mal; trato imediatamente de voltar para o engenho, não havendo tempo mais de tratar de meus negócios nem outras coisas no Recife. Recebido o telegrama passado a 30, no dia 1 de maio às 11 da manhã, parto às 3 horas da tarde na barçaça "Novo Amor", saída do porto do Recife, chegando às 11 da



noite na praia do Guadalupe, e a 1 e 3/4 da manhã de 2 no engenho Tinôco, encontrando o doente livre do perigo, porém ainda bastante doente, comaticado e em tratamento médico pelo Dr. Messias, chamado na ocasião de perigo.

Com serviços de campo despendeu-se .. ....	354\$180
Com criados .. .... .	25\$000
Retame 13 cubas finais .. .... .	9\$100
	<hr/>
	388\$280
Durante a safra despendeu-se com o fabrico do açúcar, mestres e banqueiro .. .... .	394\$000
Com o mestre retameiro .. .... .	319\$200
Com purgadores dos açúcares .. .... .	410\$000
Com o destilador .. .... .	201\$000
	<hr/>
	1.324\$200

Não menciono serviços de feitor, caixeiro, carpinas, pedreiros, ferreiros e despesas outras inerentes ao dispendioso manejo de engenho, não compensado pelos preços infames dos açúcares no mercado.

#### MAIO — 1

Ao receber o último telegrama a que me referi, trato de ouvir novamente o Dr. Carneiro da Cunha, médico da confiança do doente e preparado para embarcar, sigo e chego como fica já dito.

2 — Depois de algum descanso, e demora com o doente, venho a Goicana ver minha família, encontrando meu filho João sofrendo febres intermitentes e minha filha com acessos de nervos, os mais sem alteração.

3 — Volto para o Tinôco, o doente tende a melhorar muito lentamente, continuado o tratamento pelo Dr. Messias.

Os meus doentes são purgados, e, vomitados, melhoram.

7 — Continuo minhas visitas e assistência a meu mano, que vai passando sem alteração, porém enfraquecido, com o fígado ainda fora de estado normal, falta de sono e desejo de estar gemendo.

Hoje às 6 horas da tarde, morre inesperadamente o meu amigo Capitão Carlos José de Siqueira, residente na cidade do Rio Formoso, atribuída sua morte à lesão da aorta, ou moléstia de coração.

Ainda moço, parecendo robusto, bom amigo, homem honrado, afável e caridoso, liberal de todos os tempos, deixa sentimentos extremos a sua infeliz consorte, sobrinhos órfãos aos quais servia de arrimo, e aos amigos que o apreciavam. Não deixa filhos.

Enterrou-se no Cemitério do Rio Formoso no dia 8, às 5 horas da tarde. Sua idade, pouco mais de 50 anos.

Por incômodos de meu irmão, não assisti ao funeral, indo por mim, e por si, meu filho Filinto.

Deus ampare benignamente ao Cidadão Carlos.

10 — Por telegrama do nosso correspondente e amigo Trajano da Costa Mello, passado do Recife, para meu irmão Prisciano, chega-nos a grata nova de ter passado em 3ª discussão na Assembléia Geral Legislativa, o projeto que põe completo termo à escravidão do Brasil. Nenhuma condição hoje obriga a pessoa alguma a servir, como escravo, foram revogadas todas as leis e contratos que animavam ainda o espírito dos emperrados escravocratas. Viva Deus, viva a Religião, viva a liberdade, viva a Pátria. O entusiasmo, diz-se, tem sido imenso e extensivo aos lugares onde a boa nova vai chegando.

Louvores à constância dos abolicionistas sinceros que nunca se acobardaram na pugna longa e renhida a bem da humanidade, a bem da libertação dos cativos.

14 — Novo telegrama da mesma procedência (datado de ontem) confirma a sanção do ato legislativo, e portanto por lei ninguém é mais escravo no Brasil. Glória aos esforços e abnegação dos abolicionistas puros, que tanto batalharam e alcançaram esplêndida vitória. Entre tais tornou-se notável pelo seu

acrisolamento e inflexibilidade de propósito, quaisquer que fossem os sacrifícios, meu irmão Prisciano de Barros Acioli Lins. Outros muitos companheiros na Província distinguiram-se pela abnegação e defesa com que se houveram para o triunfo da causa justa e santa. Louvores imensos aos denodados patriotas humanitários, anátemas aos governos e a todos quanto procuraram criar-lhes obstáculos de toda ordem. Louve-se a boa índole da maior parte dos brasileiros, à qual se deve o triunfo quase incruento, bem dissemelhante dos que ocorreram em outros países, onde existiram escravos, onde a vitória foi regada de muito sangue e vítimas, como diz a história, que a diversas nações se refere.

Prazer indizível — Congratulações.

20 — Desde o dia 16 acho-me no Tinôco, visto meu irmão sentir-se pior; felizmente melhora depois de minha chegada e continua sem alteração, pelo que resolvemos que deve tratar de sua ida para o Recife, e daí procurar o centro da Província, meio higiênico aconselhado pelos médicos, merecendo nosso apoio, que deve ser posto em prática a fim de facilitar a convalescença da saúde, tão comprometida pelo gravíssimo mal sofrido.

Efetivamente chegados ao Gamela às 3 horas da tarde de ontem, pernoitamos em sua casa em dita praia, passando o doente bem, e hoje às 8 horas e 10 minutos da manhã embarca em sua barcaça "Libertadora" em viagem para o Recife, acompanhado de pessoas, a cujo cuidado recomenda-se. O tempo é bom e boa deve ser a viagem. Deus o permita. Não podendo acompanhá-lo ao Recife, visto que ficam todos da família dele e minha, sobre os quais preciso velar, volto ao engenho depois de vê-lo seguir viagem.

Estou algumas horas no Tinôco com seus filhinhos, e venho à nossa casa de Goicana ao meio-dia de hoje. Não há alteração.

Temos tido chuvas mais ou menos fortes; a noite de hoje, depois de um belo dia, foi bastante chuvosa.

22 — Inesperadamente anuncia-me meu irmão por telegrama, ontem, sua volta do Recife para o engenho no vapor "Mandu", e de fato chega ao engenho às 5 horas da tarde e aí



o recebo, pouco melhor do que saiu. Motivos que considero atendíveis o levaram à volta precipitada, quando os médicos aconselharam ares novos e benéficos, até de sertão, para sua convalescença.

De minha parte considerava muito prudente tal opinião, e sinto que não a pudesse por em prática.

Volto à noite doente para minha residência. Meu mano trouxe do Recife a Professora D. Pórcia de Mello para encarregar-se do ensino e educação de seus filhos e direção da casa. É senhora respeitável, porém alquebrada pelos anos. Tem conhecimentos precisos para o fim proposto.

31 — Foi o mês de maio, que hoje passa aos fatos consumados, um mês auspicioso, em que coincidiu a alegria com que os fiéis festejam a Conceição Imaculada de Maria, com outra alegria entusiástica e jubilosamente manifestada pela quase total população do Brasil ao ver consagrada, sancionada e executada a lei de 13 de maio de 1888, n.º 3.353, que condenou a escravidão que infelizmente ainda existia até então, e garantiu a plena liberdade de todos os brasileiros, igualando-os nos direitos, e constituindo um só povo de irmãos.

Honra à constância dos primeiros abolicionistas que deram vulto à idéia da libertação dos escravos, honra ao espírito público que a fomentou, honra à Princesa Regente, que prestou seu auxílio importante, honra aos Legisladores de todos os grupos políticos, que se abraçaram para com toda presteza apresentar o projeto de lei, votá-lo em ambas as Câmaras quase por unanimidade, sendo logo em seguida sancionado pela Princesa Regente D. Isabel e pelo Governo representado pelo ministério de 10 de março de 1888, presidido pelo pernambucano — Conselheiro e Senador João Alfredo Correia.

Raríssimos Deputados e Senadores se pronunciaram contra o projeto de lei referida. O prazer causado pela vitória da Liberdade é tão alto e tão sublime que nos seus eflúvios cobre com um véu de esquecimento, e perdoa o erro em que caíram os raros espíritos desvairados ou pela cobiça, ou pela péssima compreensão do fim social da criação do homem pelo Criador Supremo, que, por certo, nunca o criou por ser escravizado pelo seu semelhante.

Viva Deus, Viva a Religião que contém o homem nos gozos ou nas dificuldades.

Viva a Liberdade, vivão os Brasileiros; concorram todos para o brilhante futuro da nossa Pátria, a Nação Brasileira.

Outro bem nos trouxe o mês de maio: sendo em seu percurso quase sempre chuvoso, trouxe o adubo fertilizador das terras, que resentem-se do dessecamento causado pelo sol prolongado mesmo nas estações anteriores, que marcam inverno, então muito deficiente para animar a fecundidade da terra, que causa o desenvolvimento da cultura, lucro para ocorrer às necessidades da vida e até mesmo à salubridade dos seres viventes. Os seus últimos dias principalmente foram chuvosos, quase consecutivamente, sem constar que causasse danos. O sertão começava a temer os efeitos da seca que tanto horrorizam, e começavam a manifestar-se.

O estado sanitário se não é muito lisonjeiro, visto que tem grassado ainda sarampo, coqueluche e febres que têm ceifado vidas importantes, principalmente quando o país resente-se da falta de população; contudo louvores a Deus, outros países têm sofrido mais dolorosamente.

Minha Família e seu chefe de saúde sempre precária, vai vivendo como Deus consente. Meu irmão Prisciano ainda não restabelecido do gravíssimo incômodo que o tem afetado; sua melhora tem sido lenta e ainda não desembaraçada dos entaves que traz o mal do fígado, e efeitos da febre palustre de que fora infeccionado no seu engenho Tinôco. Os filhos passam sofrivelmente.

O estado social deixa ainda muito a desejar: é de crer que dele não descurem os homens que dirigem as rédeas do Governo e representação do Estado.

Os serviços da Fazenda correm se não bem, sofrivelmente, achando-se limpas as canas, cercas feitas, cercado mondadado, alguns reparos de obras e lenhas derrubadas para o serviço de moagem, ou colheita da safra nova, pendente.

Despesas com serviços do campo .. . . . .	368\$620
Com criados de casa e fora .. . . . .	40\$000
Soma .. . . . .	<hr/> 408\$620

Não menciono outras despesas inerentes ao engenho, como sejam serviços de carpina, pedreiros, etc., porcentagem de canas longe, factura de formas de madeira, lavagem e concerto, ou factura de caixas, o que calculo montar pelo menos em 1:000\$000 de janeiro ao fim de maio supra.

#### JUNHO — 1

Acha-se escriturado e firmado o novo contrato de renda do que possui no engenho Carrapato nas mesmas condições do anterior, somente diminuída um pouco a renda, atendendo a suas queixas, constando tudo de escritura pública de renda e hipoteca registrada, e de três letras a vencerem-se anualmente, sendo a última em maio de 1891 — quando termina o contrato e pagamentos, sendo o capital de cada letra seiscentos mil réis, tanto importa a renda anual que comigo contrata o Sr. Francisco Ferreira de Albuquerque, em Rio Formoso, escrivão Lima, representando-me com procuração bastante o Tenente-Coronel Francisco Pereira.

Pelo Sr. Albuquerque pagou João (ilegível) a última letra da renda finda e anual.

5 — O mês começou oferecendo-nos dois belos dias de sol, noites frias, no fim do 3º renovam-se as chuvas, intercaladas de algum sol e hoje dia de verdadeiro inverno.

As 11 da noite meu filho João inesperadamente e sem causa, começa a sofrer fortemente dos nervos, acessos repetidos de hora em hora e assim amanhece; às 6 horas emprego um purgante de Le Roi, cujo efeito modificou os acessos, que se sucederam com maior espaço e força até 10 horas da noite. (6)

7 — Melhorsinho, porém não bom, sendo de recear os tristes efeitos já conhecidos de outras ocasiões.

Declara-se o sarampo epidêmico, em pessoas de minha casa e do campo, por ora sem perigo.

8 — Declara-se alienação esperada em face dos efeitos dos acessos anteriores, porém sem excesso e para bem aceitar qualquer persuasão, para seu sossego e melhora.



9 — Pouco dormiu; seu estado ainda não melhorou de modo a consentir-se a saída do quarto, pois conquanto sem outra maior, contudo conhece-se ainda o estado congestivo (ilegível). Sem achar remédio na alopatia para tão triste doença, emprego presentemente a homeopatia. Deus me auxilie.

Chove desde a noite de ontem, muito, e a chuva torrencial, produzindo a maior cheia do corrente ano. Grassa aqui o sarampo, que reina como epidemia em lugares diversos. Atacadas pessoas de casa e do campo, vão indo sem perigo e algumas convalescendo.

10 — Continua o estado de meu filho João melhor. Ainda chuva.

15 — Cessa a chuva e aparece nesses 4 últimos dias, sentindo-me ar bastante frio.

Não há alteração nos doentes. Serviços em limpa de canas de meus filhos.

16, 17, 18 e 19 — Cessam as chuvas fortes e reaparece o sol; frio sensível.

30 — Os últimos dias do mês foram intercalados por sol e chuva. O estado sanitário da família é o mesmo que dantes; entre os que servem e moradores, grassa ainda o sarampo e coqueluche, como succede em outras localidades; aqui felizmente sem perda de vidas.

Meu mano Prisciano ainda sofrendo de congestão do fígado e mais incômodos intestinais que muito o têm acabrunhado e enfraquecido, sem poder dar-se a trabalhos. Ultimamente, a instâncias minhas, deliberou-se a sair do seu engenho Tinôco para sua casa do Gamela (praia) onde parece ter obtido alguma melhora. Para seus males, penso que a mudança de residência onde respire novos ares, deve ser sempre útil. Deixou os filhinhos a meu cuidado: alguns doentinhos, porém sem perigo.

Os serviços em moroso andamento, limpas as canas, feitas as cercas e mondado o cercado, próximo a findar-se o picamento de lenhas, deve-se breve cuidar da roçagem para as novas plantações de canas.

O estado social continua mal a certos respeitos, como dantes. Vencida a gloriosa batalha pelos abolicionistas da escravidão, muito há ainda a tentar para acabar de vencer os preconceitos dos emperrados escravocratas, como a mil dificuldades que surgem com a passagem do trabalho servil ao livre, e a conveniente acomodação e educação dos libertados e dos ingênuos, principalmente tirando estes das garras de desumanos senhores que foram dos pais, cujos filhos a título de tutelados querem reter em serviços penosos, sem curar de sua moralidade e garantia de melhor futuro. Nota-se o relaxamento de muitos Juizes dos Órfãos e pessoas miseráveis com relação aos direitos de tantos infelizes à sua guarda confiadas por Lei. Espera-se a ação do Governo assim sobre isso, como também sobre outros ramos de interesse social e nacional. (28)

(28) — No mesmo dia em que a Princesa Isabel assinou a Lei Aurea e o país inteiro, por dias seguidos, promoveu o primeiro grande carnaval com o povo nas ruas participando das passeatas, dos desfiles de clubes, dos batuques etc., além das solenidades cívicas e religiosas, o Governo Imperial revelando compreensão diante da profunda reforma social começada a ser implantada, expediu circular aos Presidentes de Províncias recomendando a "pronta e imediata execução" da libertação dos ex-cativos. A nação, dizia a mensagem, por certo compreenderia que a celeridade com que fora votada a lei, nascera de impulsos generosos que envolveram toda a sociedade e o trono, mas convinha levar tudo isto à população. "Pelo uso útil da liberdade", o governo imperial esperava "que os recém-libertos se mostrem dignos da condição de cidadãos a que acabam de ser chamados". E recomendava: "Dirá V. Exa. que a liberdade, a troca dos direitos que confere, impõe deveres necessários à boa ordem social e que a melhor de todas aplicações que o homem agora livre pode fazer da condição é o emprego da sua atividade". Preocupado com a produção agrícola, sujeita, talvez, a um colapso com a inevitável evasão dos ex-cativos, concluiu o aviso assinado pelo Ministro Rodrigo Augusto da Silva: "Convertida à dignidade da pátria, a terra já não representa para ele o trabalho forçado e gratuito, mas o benefício comum". Publicado pelo **Diário de Pernambuco**, "Parte Oficial — Ministério da Agricultura", edição de 29 de maio de 1888.

Em Pernambuco, o governo não tinha dúvidas de que a agricultura receberia o impacto mais forte da liberdade incondicional determinada pela Lei n. 3.353. Uma circular reservada, distribuída pelo Desembargador Presidente da Província, em 16 de maio, admitia que alguns senhores rurais não seriam favoráveis, de início, à libertação, recomendava que "conviria, quanto possível, evitar no interesse mesmo deles, qualquer manifestação nesse sentido", e apontava como um dever de todos esclarecer os senhores que não deviam recear que a extinção do elemento servil fosse "um perigo à fortuna particular e o aniquilamento da lavoura". Recomendando aos setores competentes o cumprimento da decisão do Governo Imperial, a circular admitia a existência de tensões, daí julgar prudente o emprego de "meios suaves e brandos no intuito de evitar ressentimentos ou atos de hostilidades entre os emancipados e os seus ex-senhores". Os agricultores deveriam ser convencidos da necessidade de efetuarem contratos de locação de serviços com os emancipados, concedendo-lhes inclusive, "como

Despesas com serviços durante o mês .. . . .	226\$380
Com criados de casa e fora .. . . .	35\$000
Soma .. . . .	261\$380

## JULHO — 2

Volta meu mano Prisciano de sua casa da praia do Gamela de Serinhaém. Mui pouco obteve de melhora à sua saúde há tempos bem comprometida. Devido à estação invernos, com tantas tormentas, não pôde usar dos banhos de mar; mui pouco melhorado volta a seu engenho Tinoco.

O mês começou com chuva e a espagos sol: muito vento de leste e sul e sudeste, bastante frio.

3 — Compro por escritura pública passada na Vila de Serinhaém, no cartório do escrivão Pessoa da Gama, a parte do

faziam já antes aos seus moradores livres", permissão para pequenas lavouras, além daquela a que se obrigassem pelos contratos. E se os fazendeiros dessem fiel execução aos tais contratos, procurando "vencer com brandura" os primeiros desvios ou faltas esperadas "de indivíduos tão mal educados", evitariam dificuldades e a miséria que a tantos ameaçava. Que os senhores salvando os próprios interesses, concorressem "para a calma e pacífica transição do trabalho escravo ao trabalho livre; o que constituirá o maior título de glória para a sua pátria". Arquivo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

Decorrida uma semana da assinatura da abolição, o *Diário de Pernambuco* assinalava que, segundo a Presidência da Província, "eram as mais satisfatórias" as notícias acerca da execução da lei que libertara o elemento servil. "Nenhuma oposição, nenhuma revolta, nenhum obstáculo aos santos ditames da referida lei. Apenas algumas pessoas, que tinham, como fazendo parte de sua família, escravizados moços e honestos, têm-se recusado a deixá-los sair de suas casas para evitar que se exponham às seduções e vícios. Convém que os respectivos juizes de órfãos facilitem em tais casos o amparo dessas moças, nomeando-lhes tutores, que poderão sê-lo os que as têm sob sua proteção, uma vez que sejam idôneos.

O honrado desembargador, presidente da província, o incansável magistrado que dirige a polícia, não poupou esforços em fazer executar a lei de 13 de maio, sendo eficazmente secundados pelos juizes de direito e autoridades da província.

Honra esta província o procedimento dos que não quiseram ou não puderam antes da lei restituir liberdade aos que, como escravos, estavam sujeitos e acreditamos firmemente que o mesmo se terá passado em todo país". "Revista Diária", edição do domingo, 20 de maio de 1888.

— Noutra circular também existente no I.A.H.G.P., expedida em 25 de junho de 1888, a Presidência da Província de Pernambuco chamava atenção para o modo como eram tratados os ingênuos que, "em consequên-



engenho Carrapato, do qual eu já era cosenhor, a qual parte do valor de 499\$047 réis na avaliação de 25:000\$000 dada a todo dito engenho, pertencia a D. Rosa Emília Fernandes de Albuquerque, casada com Vicente Albuquerque Ferreira, moradores em Santo Amaro de Serinhaém, havida por herança do pai e sogro Antonio Fernandes de Albuquerque Camarão, sendo a mim vendida por 250\$000, pagos na mesma ocasião em que foi dita escritura assinada. Foi meu bastante procurador, visto minha impossibilidade de comparecer, o Sr. Tenente Manoel Francisco Pereira, procurador no foro da Comarca. Despendi com emolumentos, sisa etc. e juntamente gratificação ao procurador, mais 60\$000.

Dei aviso ao atual rendeiro do engenho Carrapato, Francisco Ferreira de Albuquerque, para ficar ciente do negócio e pagar-me a renda a correr de maio de 1888 a 1889 e por diante, conforme as forças da escritura firmada.

Visitei meu irmão Prisciano na sua volta do Gamela; julgo-o pouco melhorado. Fiz-lhe ver a necessidade de ainda deslocar-se do Tinoco para o mesmo Gamela, ou outro lugar, onde os ares e as águas sejam-lhe mais propícias.

5 — Chove torrencialmente desde a madrugada, ou 2 horas até 10 do dia. Avolumam-se de novo os rios. Serviços embaraçados: mais chuva.

6 — Dá-se começo à roçagem de terrenos do partido Barreiros (ladeira) para novas plantações de canas da futura safra. Cessam as chuvas, continuando ventos tormentosos. Continua o sarampo a grassar aqui e em outros lugares.

cia da Lei de 13 de Maio último ficaram sujeitos à legislação comum a todos os menores e devem ser dados a soldada, apenas contem idade suficiente". Além disso, dizia adiante, "cumpre exigir que aos menores se dê instrução primária e até esse tempo, 12 anos ao menos, deverão eles frequentar escolas".

No domingo, 27 de maio de 1888, o Diário de Pernambuco divulgava uma comunicação da comissão de colonização, avisando "a quem interessar possa", que, na cidade de Fortaleza existiam cerca de 3 mil libertos "que desejam ardentemente voltar a esta província". Se os agricultores estivessem interessados em ter de volta nas suas fazendas, aqueles trabalhadores que haviam fugido em busca da liberdade e agora, estavam "açotados talvez pelas privações e miséria" que procurassem a dita comissão que funcionava no Palácio da Presidência, declarando não só que garantiriam as passagens, como "em que condições os querem contratar; trabalho do qual se incumbirá a comissão ou pessoa por ela autorizada".

8 — Meu filho João Batista sofre acessos repetidos de nervos com intervalo de hora e pouco mais, desde 11 da noite, que seguem-se até o dia seguinte.

9 — No seu curso mais modificados: emprego o purgante de Le Roi e sinapismos com fraco aproveitamento. Velo constantemente, os sofrimentos duraram e ainda à noite os acessos tornavam-se muito fortes.

10 — O doente parece hoje conseguir algum descanso. Desde o dia 8 voltam as chuvas e são constantes, pequena interrupção.

11 — Finda-se a reconstrução do assentamento de açúcar (ilegível) e retoque nos tanques de mel de furo, gastando 52\$ em 30 dias de pedreiros, serventes, e mesa; também ficou pronto o apontamento de moenda.

12 — Continua tempo chuvoso. Meu filho com pouca melhora, o cérebro ainda fora do estado normal.

15 — O meu doente persiste no mesmo estado, somente conciliando o sono durante oito horas somente ontem à noite depois de um banho quente, e água sedativa na cabeça; porém ao despertar não se modificou o exacerbo cerebral

Nestes 3 últimos dias tem havido sol e raros aguaceiros. Acha-se findo o serviço de apontamento do assentamento de açúcar e reparo de tanques do mel de furo, assim como o apontamento de moenda e roda. Melhoram os sarampentos e por ora não há caídos novos.

17 — O meu filho melhora, restando alguns momentos de alteração sem excesso, o mal lentamente tem cedido; à noite dormiu bem. Reaparece a chuva mais ou menos incessante.

20 — O doente acha-se sem novidade inalterável. Chuvas constantes. Desde ontem findou-se a roçagem de ladeira, destinada à nova plantação de canas, sem que se possa queimar em virtude do incessante chover. Trata-se de tombar lenhas picadas para a moagem.

25 — Morte de D. Maria Wanderley, mulher de meu sobrinho e cunhado Francisco da Rocha Wanderley, senhor do

engenho Coelhos, falecida na cidade do Recife, para onde fora no dia 14 gravemente doente, resultado de febre tífica e anemia, achando-se grávida. Deixa na orfanidade 8 filhinhos em idade tenra. Dotada de virtudes; Deus acolha benigno, sua alma.

28 — Morre às 5 horas da manhã, minha sobrinha Ana, filha de meu irmão Prisciano e de sua falecida mulher D. Rosa, tendo a idade de 2 anos e 20 dias.

Enterra-se na capela deste engenho em sepultura rasa, no mesmo dia à tarde.

31 — O mês foi quase todo chuvoso. De 21 a 26 algum sol e muito frio com ventos tormentosos, dessecados algum tanto os matos roçados, há lugar para queimar-se, o que se faz com algum êxito, seguindo-se o ciscamento e começo de cava-gem a enxada, de regos que recebem 2.600 feixes regulares de semente, sem que possa cobrir-se, visto o tempo chuvoso que também embarça o andamento dos serviços. É estranhável o frio, que geralmente sente-se. Existe ainda terrenos roçados para queimar-se. Acha-se feito o apontamento de carpina e pedreiro nas obras do engenho, restando pequenos reparos que não embarçam a moagem, sendo precisos.

As canas pendentes não prometem grande vantagem para a colheita: acho fracas as seivas. Os açúcares no mercado continuam desanimados.

A salubridade de minha família não é lisonjeira, eu mesmo tenho sofrido na estação invernosamente dos intestinos, privando-me de sair a qualquer viagem, ou montarias demoradas. O sarampo e tosse coqueluche que atacou aos fâmulos de casa e aos do serviço de campo, e moradores, têm declinado, felizmente sem perigo de vida.

Sendo extensivo a muitas localidades, persistem, e para muitos de fatais conseqüências.

O estado social ressentem-se dos anteriores inconvenientes apontados: antolha-se uma crise financeira que se julga de efeitos desastrosos; espera-se com ânsia providências salvadoras do Governo; porém eu descreio deste, que, como outros, só cura do seu eu, do bem-estar de seus filhos e protegidos, e, portanto,



por tal modo escarnecem da Mãe Pátria e dos que nele confiam. Cada um faça por si e reunindo em sociedade suas forças crêem à iniciativa individual e assim obriga-se o Governo e falsos representantes a entrar na órbita de seus deveres. Tais descabros trazem a impaciência a uns e desânimo a outros, e daí um pronunciamento já bem notável pela mudança de sistema de Governo, deixando a velha monarquia pela ridente República. Será um bem? Será um mal? Dificil resposta no atraso de educação em que geralmente se acha nosso povo, imiscuido pelo aluvião de libertos, criados na maior parte, como animais de carga, sem que os governos curassem dos meios de recebê-los e educá-los para a vida social em que entram. (29)

Durante o mês despendeu-se com serviços de campo .....	355\$900
Com criados .. .. .	25\$000
Soma .....	380\$900

(29) — Apesar da massa de ex-escravos ter sido jogada à própria sorte, recusando-se não raro a prestar qualquer serviço, até os de ordem doméstica, embriagada pela "liberdade", algumas iniciativas sociais cedo surgiram no Recife, em favor dos libertos. Uma delas, seria amplamente divulgada pelos jornais: "Escola para libertos" — Realizou-se na sexta-feira, 25 do corrente, pelas 7 horas da noite, a solene abertura da escola primária gratuita noturna para os libertos, no Colégio Emulação, prédio nº 36 da rua Velha, paróquia da Boa Vista, ideado e levado por iniciativa pelo Sr. Júlio Soares de Azevedo, diretor e professor do mesmo Colégio.

Reunido em numeroso concurso de senhoras, acadêmicos professores e cavalheiros, foi aberta a sessão pelo Exmo. Sr. conselheiro Dr. Pinto Júnior com um eloqüente discurso, tocado nesta ocasião o hino nacional a piano a 4 mãos. Depois foi ocupada a Tribuna pela Exma. Sra. D. Maria Aucélia Queiróz, Dr. Afonso Olindense, Abilio Pereira M. Furtado, J. de Araújo, D. Júlia Marques da Silva por parte do Clube Pinto Júnior, Dr. Galdino Loreto por parte da Sociedade Propagadora, Henrique Martins, Tomás Cavalcante da S. Lins Fernando Xavier da Silveira Guerra, aluno do mesmo colégio e Tomás Landim.

Esgotado o número de oradores, tornou a ocupar a tribuna a Exma. Sra. D. Aucélia Queiroz, na qual recitou uma arrebatadora poesia. Foram todos freneticamente aplaudidos, sendo encerrada a sessão com uma salva de palmas, ao som do hino nacional, executado a piano.

Foi extraordinário o número de visitantes que muito apreciaram a grandiosa idéia do professor Júlio Soares de Azevedo, digno de aplausos e de louvores".

**Diário de Pernambuco**, "Revista Diária", domingo, 27 de maio de 1888.

O julho entrega ao agosto o bastão com bastante chuva.

AGOSTO — 1

Continua a chuva: serviços morosos, muita lama e frio.

4 — Ainda chuva e algum sol, muito frio: finda-se a cavagem da 1ª roçagem, plantando 3.550 feixes de sementes grandes, restando coivaras e mato que podem levar mais 100 feixes; resta cobrir e estrumar.

5 — Aqui e no Tinoco ainda doentes da família; médico inútil.

8 — Meu mano segue com os filhos para a praia do Gamela à procura de melhoras a suas saúdes, bem comprometidas.

15 — Poucos dias de sol, seguidos sempre de bastante chuva e frio continuado e estranhável. Serviços embarçados. Queima-se não bem o resto do terreno roçado e dá-se começo a ciscar e encoivadar para o plantio a enxada. Reune-se lenha para a moagem, quando o tempo consentir.

Continuam os incômodos de meus filhos, pouco tempo lhes é concedido ao apreciar da vida, tanto importa dizer, que poucos dias passam com saúde. Meu mano Prisciano continua no Gamela com a família, esta melhorada e ele ainda doente. Meu filho sofre desde ontem, 10 da noite, renovação do seu incômodo com as fases anteriores; melhora à tarde e passa a noite sem novidade. É de crer que siga a marcha dos acessos anteriores.

20 — Meus filhos João e Joana, hoje começam a fazer uso de um outro remédio formulado pelo Dr. Messias Patury para incômodos nervosos que eles sofrem, sendo para usar de 2 em 2 horas, por largo tempo. Depois de alguns dias de sol, reaparece a chuva.

27 — Começo de moagem ou colheita da safra pendente de 1888 a 1889, às 8 horas da manhã, depois da ação de graças ao Altíssimo dirigida por minha família. (30)

(30) — No engenho Goicana, como em todos os engenhos, a "botada", isto é, o início da moagem, era assinalada com festas religiosas e profanas que reuniam a gente das casas grandes e trabalhadores.

O dia tornou-se chuvoso antes e depois do amanhecer, o que dificulta o trabalho de moagem e condução de canas. Recordo-me de sempre haver chuva aqui por ocasião dos princípios de colheita. Acho-me há dias doente, os mais sem alteração.

31 — Finda-se o mês, sendo seus últimos dias de belo e intenso sol, com raros chuviscos; desapareceram as lamas

O estado sanitário se não é lisonjeiro, não é assustador; aparecem doenças inerentes à passagem da estação invernososa para o verão. Febres intermitentes, ou malignas, sarampo e tosse convulsa, ou nervosa, ainda se conservam conquanto minoradas.

Em minha família continuam as mesmas queixas descritas, e o continuado uso de medicamentos na esperança de cura. Eu sinto-me de dia-a-dia enfraquecer, como é natural ao corpo, que não só verga ao peso dos anos, como dos dissabores, sendo sem remédio o sofrer de tantos que lhe são caros. Meu mano Prisciano e seus filhos, continuam na praia Gamela de Serinhaém por doentes, sem ainda terem conseguido se não aparente melhora, que se esvai depressa; ele acha-se abatido de forças, pés grossos e receando lesão de coração, supondo eu que todo mal depende do estado do fígado, que só com ares do sertão, ou viagens pelo mar alto conseguiria restabelecer-se. Opõe-se a isso pelo apego aos filhos, dos quais não quer apartar-se.

O estado de segurança individual e de propriedade continua ainda o mesmo de antes; as molas sociais cada vez mais frouxas, os políticos corruptos e corruptores, nada melhoram com seus governos agiotas e traficantes, distinguindo-se o chefe do Gabinete pelo arrojo escandaloso dos seus filhos, parentes e afins, com o maior cinismo. Aos liberais não dá quartel e tira-lhes o mais que pode. (31)

(31) — Esta opinião do Barão de Goicana a respeito de João Alfredo Correia de Oliveira, fundava-se, por certo, em notas como "O Filhotismo", publicada pelo *Jornal do Recife*, edição de 6 de abril de 1888:

"S. Exc. quando trata de distribuir as elevadas posições políticas, em vez de olhar para o seu partido, só olha para sua família; daí resulta



A chegada ou volta do Imperante à corte no dia 22, dizem uns que curado, outros que não, nada alterou o *statu quo*: veremos o que se segue, assumindo logo ele as rédeas do Governo Supremo. O estado financeiro é triste, principalmente para o Norte, cuja agricultura com o depreciamento do açúcar e algodão de fibra, e tende a aniquilar-se, visto que assim convém aos míseros Governos, aos desprezíveis representantes e à corrupta Corte que absorve toda a seiva das míseras Províncias, pouco se lhe dando de suas sortes. Continuará por muito semelhante estado de coisas? Só Deus o sabe.

Os serviços do engenho ou fazenda continuam sem alteração, feixada a planta nova de canas para a safra de 1889 a 1890 — e em princípio de limpa, começada a colheita da pendente no dia 27 — vão em seguimento os serviços, conforme a colocação dos queridos fedelhos, com preterição geral dos homens encañecidos nas lutas políticas”.

E exemplificava:

“O filho de S. Exc., o Sr. Pedro Correia, preterindo a velhos empregados da secretaria, foi aquinhoado com o lugar de Secretário do Governo desta Província, anunciando-nos agora o telégrafo que os paternais sentimentos do Sr. João Alfredo o colocaram na Presidência da Paraíba, onde irá dar provas dos seus altos dotes (?) administrativos”.

Além desse “ilustre pró-cônsul”, dizia a folha, havia, também, “os ilustres filhotes”:

“Ao seu filho mais velho, o Sr. Dr. Alfredo Correia, S. Exc. fez presente de uma cadeira de deputado geral, a despeito da negação absoluta que sempre revelou para o mister.

O Sr. João Batista, último descendente do ilustre Conselheiro, tem exercido, à sua escolha, diversas promotorias, e hoje acha-se como juiz municipal em uma das melhores comarcas desta província”.

O *Jornal do Recife* proseguiria relacionando genros, primos “parentes e aderentes” do Conselheiro, todos por ele aquinhoados às custas dos cofres públicos, e arrematava:

“S. Exc. precisa manifestar, por outra forma, os sentimentos de provincialismo, que se lhe atribui; por ora, só se tem revelado ótimo chefe de família.

**Já não é pouco!”**

As críticas ao Conselheiro aumentavam, e Joaquim Nabuco, seu adversário político, mas reconhecido pelo 13 de Maio, fez a sua defesa na tribuna da Câmara, num discurso, para muitos, corajoso, posto que melancólico, a 22 de maio de 1889, justificando os contratos que beneficiavam a família Lóio, cujo chefe, o Comendador José da Silva Lóio Júnior, era sogro do Presidente da Paraíba, Pedro Correia, filho de João Alfredo. No *Diário de Notícias*, Ruy Barbosa replicando a Nabuco, a quem considerava portador de um ceticismo já antigo, indagava: “Perdeu, pois, o nosso amigo

as circunstâncias e minhas forças. Plantados 6.000 feixes de semente. Despendeu-se durante o mês:

Com serviços de plantação, coberta e limpa inclusive o despendido no mês de julho 583\$	
— outro findo . . . . .	203\$440 = 786\$440
Com a moagem do engenho . . . . .	89\$760
Com corte e carroto de Fazenda — 52 pães ..	81\$500
Com os mestres e mais pessoal para o fabrico do açúcar. 136 pães . . . . .	57\$000
Com criados de casa e fora .. . . .	28\$000
Total . . . . .	1:042\$700

Não compreende-se os empregados de salário anual e despesas com carpinas, pedreiros, ferreiros etc.

Apurado no armazém durante o mês . . . . . 226\$500

SETEMBRO — 1

Começou como findou seu antecessor.

4 — Raimundo Bezerra pagou 1º trimestre dos coqueiros (ilegível) — 20\$.

7 — Sigo do engenho Tinoco com destino ao Recife por mar acompanhando meu irmão Prisciano, gravemente doente e com edema quase geral. Chegando à praia do Gamela, foi

a faculdade de indignação?" Nesse artigo aparecido no domingo, 26 de maio de 1889, Ruy relacionava os casos graves, em que considerava João Alfredo envolvido: 1) engenhos centrais em terras do próprio João Alfredo; 2) iluminação de Manaus, distribuída a um Lóio; 3) contratos de imigrantes a outros; 4) Engenho Central em Água Preta ao representante do Barão de Araçagi, sogro de seu filho deputado; 5) usina de açúcar em Gameleira a um primo co-irmão; 6) empréstimo a Pernambuco; 7) contrato do porto do Recife; 8) concessão da via férrea de Itabira; 9) empréstimo de dez mil contos, — um milhão de libras esterlinas, na época — ao comendador Lóio que, depois de assinar o contrato, foi para Petrópolis, hospedando-se na casa do Presidente do Conselho, João Alfredo.

a viagem embaraçada por ventos contrários, não sendo possível vencer principalmente em face do estado do doente, e tivemos de abrigar-nos à sua casa no Gamela, esperando monção favorável. O doente sempre em estado aflitivo pelas ânsias constantes e desassossego, reclamava recursos médicos difíceis na localidade. Em tais lances acudiu a feliz lembrança do nosso correspondente e amigo Trajano da Costa Mello, conseguindo de amigos do Recife ceder o vapor de reboque "Moleque" para o transporte do doente, indo também Mello, chegados às 2 1/2 da tarde de 8, embarcávamos no "Moleque" e seguimos às 5 para a cidade do Recife, onde aportamos às 10 e 3/4 da noite em paz, o doente fez bem a viagem. Às 11 e 1/2 tomamos um escaler a 4 remos e seguimos para o meu sítio da Torre, onde só às 4 horas podemos chegar por ter a viagem contra a maré e esta seca e o rio Capibaribe já sentindo o efeito do sol e nordeste. Logo pela manhã foi chamado o Dr. Carneiro da Cunha, médico da confiança do doente que bem examinou e diagnosticou o grande sofrimento já afetando o coração — edema geral, dispnéia, inflamação crônica do fígado, nova do baço, estômago e pulmão também prejudicado pelo mal velho do fígado, de que o doente não tratou em tempo, como devera, e menos observou a dieta e cautela devida.

Peço no 2.º dia a consulta de outro médico, sendo vindo o Dr. Adrião (32), que examinou com atenção o doente e combinou com o diagnóstico e tratamento do primeiro. A pedido do doente, foi também ouvido e examinado pelos Drs. Pitanga e Barros Sobrinho, que opinaram do mesmo modo, com a diferença de que os 2 primeiros reprovaram as viagens por mar que o doente desejava fazer, e os 2ºs. foram de parecer que embarcasse quanto antes, sendo esse o principal remédio, visto que a causa de todos os males era o fígado, que melhorando este com a viagem de mar e novos ares, as mais vísceras voltariam a seu estado normal.

17 — Em tais emergências, e não havendo resultado lisonjeiro do tratamento do médico e remédios ingeridos, foi resolvida como experiência uma viagem à Ilha de Fernando, termômetro para outra em carreira larga, ou nenhuma, conforme se desse o doente.

Assim embarcou para a Ilha de Fernando no dia 17, acompanhado por um amigo e bem recomendado, entre ida e



volta gastaram-se 8 dias, chegando a 25, não experimentando melhora animadora, o estado quase o mesmo, apenas modificado o edema dos braços, peitos, costas, pescoço, conservando-se como dantes o do rosto e a dispnéia, ânsia etc. Continuando a ser medicado pelo Dr. A. de Siqueira Carneiro da Cunha sem êxito, foi pelo doente resolvida nova viagem ao Rio de Janeiro, e conforme se desse, seguiria para Minas, às caldas de Caxambu. Para este fim, aguarda o vapor "Alagoas", da Companhia Brasileira, que, chegando do Norte, segue a 4 de outubro para os portos do sul.

30 — Finda-se o mês, sendo quase todo de sol e nordeste e assim prejudicadas as lavouras e pastos que esperam chuva para sua vegetação.

O estado sanitário conserva-se como dantes e tudo mais se não pior, no mesmo estado.

Açúcares desapreciados no mercado: câmbio nunca aqui visto 27 1/8. Gêneros estrangeiros caros e açúcar baixo — admira.

Conservo-me no sítio da Torre de companhia a meu irmão auxiliado pelo nosso correspondente e sua família. Na minha ausência ficou a direção do engenho e o mais a cargo de minha mulher e filhos. Acham-se em nossa vivenda do engenho meus sobrinhos, filhos de meu irmão, que confiou a meu cuidado e de minha mulher, que tomou conta deles e trouxe-os consigo no mesmo dia em que o pai seguiu para embarcar do engenho Tinoco. Conservam-se em paz.

A moagem e mais trabalhos do engenho correm menos mal, açúcares maus, gado sentindo a seca; o estado sanitário do povo sofrível.

A planta nova tratada: moídos 581 pães, sendo 279 da Fazenda — 77 cubas de retame.

Despendeu-se durante o mês com serviços de engenho, planta e limpa — 524 dias . . . . .	302\$080
Moagem: engenho 288 dias e 483 caixas . . . . .	337\$340
Corte e condução de canas 138.900 feixes 20\$	495\$860

Com fabrico do açúcar 1º e 2º cozimento, 581 pães, 77 caixas . . . . .	366\$600
Com criados . . . . .	30\$000
Total . . . . .	1:533\$880
Não compreende-se muitas outras despesas.	
Gêneros vendidos no armazém . . . . .	253\$060

## OUTUBRO — 4

Embarca meu mano Prisciano, ainda gravemente enfermo, à procura de melhora que não conseguiu no Recife, para o Rio de Janeiro, bem recomendado e muito bem acondicionado em cômodo beliche a bordo do vapor já dito, "Alagoas", levando do Recife um ótimo e cuidadoso criado junto de si, de nome Sebastião Grande de Araújo. Parte do porto o vapor às 6 horas da tarde.

## 7 — Notícias da Bahia: o mesmo estado. Telegrama.

Chego ao engenho a reunir-me à minha família e à do meu irmão, hoje às 5 horas da manhã, tendo saído por mar do Recife na "Libertadora" às 5 horas da tarde de ontem. Encontro todos e tudo sem maior alteração.

17 — Recebo carta de meu correspondente por um correio particular, transmitindo-me também telegrama passado da Corte, ou Rio de Janeiro, pelo Dr. Ramos, médico, em que diz meu irmão sofrer do coração (não é novidade, pois já os médicos aqui o disseram) sem possibilidade de cura; o mal tendo a agravar-se, voltaria o doente para sua Província e para sua família no dia 20, no vapor "Maranhão". Tão desagradável, contrista-nos ainda mais. Deus se compadeça de suas criaturas.

Meu filho Filinto seguiu para o Recife hoje às 5 da manhã, a receitar-se, pois acha-se de saúde bem enfraquecida. Não me é fácil seguir para o Recife a receber meu irmão, achando-me só, com duas famílias quase inválidas, além dos serviços de duas Fazendas hoje a meu cargo. Meu filho sofreu bastante de seus males nos dias 15 e 16 e conserva-se sentindo as conseqüências de costume. Melhora em seguida.

21 — Filinto chega do Recife, dá novas de haver o doente embarcado mais calmo, no vapor “Maranhão” no dia 20, como se sabia. Resolvo-me seguir para o Recife a esperá-lo.

22 e 23 — Sigo para a praia a tomar o vapor de mar em Tamandaré, como anunciou nos jornais e se me telegrafou: balhada viagem, o vapor não veio, sigo na “Libertadora” e arribo de Ponta de Serrambi com mau vento norte e por a barçaça não estar em estado de suportar temporal com carga de açúcares. Distingo o vapor, que só às 8 horas de hoje chega a Tamandaré, regressando no fim de 4 horas, contra as indicações do contrato com o Governo, que obriga a demora pelo menos de 24 horas nos portos de Rio Formoso e Tamandaré; assim todos e de tudo se zomba em nosso país cada vez pior dirigido. Quando tomo um paquete e sigo para o vapor, este se havia feito inesperadamente ao mar e eu tive de voltar a casa contrariado e marfadíssimo, a saúde fraca, já não suporto excessos de certa ordem.

24 — O dever e amizade me obrigam a não faltar ao recebimento de meu mano no dia 26, e conquanto com sacrificio da minha saúde, forçam-me a seguir pelo vapor de terra, tornando-o amanhã cedo em Gameleira, saindo de minha casa para o engenho Camaçari, hoje, às 6 horas da tarde.

Falecimento de meu primo Manoel Hilário de Gouveia, às 10 1/2 da manhã no engenho Mato Grosso, do qual era cosenhor e rendeiro. Ainda moço, muito trabalhador e homem sisudo em seus tratos, casado sem filhos, porém arrimava alguns desvalidos, sucumbe a padecimentos crônicos, dos quais sobreveio febre palustre de mau caráter.

25 — Chego ao Recife pelas 11 horas da manhã em paz e sem nada sentir, seguindo depois da refeição em hotel para o meu sítio na Torre.

26 — Sigo cedo como o meu correspondente amigo Trajano a receber meu irmão, que efetivamente chegou no porto do Recife no vapor “Maranhão” às 7 horas, imediatamente subimos para o vapor, onde abracei um homem antes robustíssimo e hoje reduzido a esqueleto com vida; desapareceu todo o edema com que embarcara no “Alagoas” e a dispnéia; contudo seu estado, no dizer dos médicos de Pernambuco e da Corte, onde se demorou somente 10 dias, é gravíssimo, sendo bem ca-



racterizada e adiantada a lesão cardíaca e congestão do fígado. Aconselharam os médicos considerados sumidades e lentes da Academia de Medicina da Corte, Drs. Benício e Francisco Castro, que voltasse para o seio de sua família, visto serem inúteis e talvez de fatal consequência, as viagens que quisesse empreender; o mal era sem remédio a cura. Assentou-se ser o sofrimento lesão dupla do orifício aórtico, com hipertrofia do ventrículo esquerdo, tornando já parte em seus sofrimentos uma insuficiência mitral subsequente.

A grande hiperérnia do fígado e o edema que no braço reaparecera nas pernas, era devido à lesão cardíaca. No Rio passou pessimamente a ponto de crer-se em perigo fatal. Felizmente pôde voltar à sua província com vida, graças a Deus e a S. M. Santíssima.

Trouxemos para o nosso sítio da Torre, logo em seguida e depois de alguma refeição em bom hotel, recolhido a carro, passou bem os dias em que no dito esteve, conquanto tenha já consciência do que sofre, está resignado.

27 — Não sei se devido a banho no rio Capibaribe em principio de maré de enchente, sinto-me às 10 horas da manhã doente seriamente, frio nas extremidades, seguindo febre contínua durante 4 dias e 4 noites, regulando de 39 e 1/2 a 38, o que obrigou-me a tomar médico Dr. Carneiro da Cunha, que classificou o mal, febre constante palustre.

30 — Só depois de vomitório cedeu a febre, aparecendo suor copiosíssimo. Deixou-me a terrível palustre muito prostrado e completa inapetência a comida qualquer. Felizmente melhorei; ao tratamento médico juntou-se os desvelos e constante vigília do meu amigo Trajano Mello, seu primo Francisco Genuino e a família de Mello, cujo zelo por mim e por meu irmão em nossos sofrimentos, só podem [ser] retribuídos por uma gratidão eterna.

31 — Meu irmão sem alteração notável, conserva-se com algum descanso, conseguindo dormir. Finda-se o mês, tendo sido de constante sol e nordeste tão nocivo às lavouras velhas e novas, tudo dessecando e atacando em seu desenvolvimento, sem ter chegado ao tempo de maturidade para muitos engenhos, o que leva a grande diminuição das safras e variedades nos açúcares, além de já lutarmos com o grande desapreciamento

de tal gênero, onde o monopólio também predomina na praça. Tudo se conspira contra o agricultor, que por muito tempo sofrerá a maldição do trabalho escravo.

O estado de salubridade não é bom, febres de mau caráter, sarampo, bexigas, catarrais. intermitentes, a muitos vai atingindo, a alguns fatalmente. Minha família tem sofrido no seu tanto, igualmente os do serviço e moradores, felizmente vivem. Deus por todos. O estado de segurança pública e o mais que depende do Governo e seu cortejo, continua mal.

Os serviços do engenho correm morosamente; sobrecarregado de minha família e da de meu irmão e de ambas as Fazendas, com meus filhos doentes, faço esforços para resistir à luta como permite o peso dos anos, junto à saúde fraca.

Acham-se tratadas a maior parte das lavouras da Fazenda, e moídos 1.036 pães ao todo da presente safra, e continuam os serviços.

Despendeu-se durante o mês com serviços diversos:

Campo, limpa de canas e pequena roçagem ..	229\$360
Com moagem, corte e condução .. . . . .	528\$800
Com fabrico dos 310 pães de açúcares 1º e 2º cosimento. 90 cubas .. . . . .	262\$800
Com criados .. . . . .	30\$000
Total .. . . . .	1:050\$900
Armazém rendeu .. . . . .	190\$740

NOVEMBRO — 15

A 13, chuva torrencial à tarde, com trovoadas, estende-se à noite e ainda na manhã de 14. Serena o tempo, que se conserva fresco e agradável, com sol e nublamento.

O doente nos dias 6, 8 e 13 sofre terríveis crises que o põem em completo desassossego e tormentos com alguma febre; queixa-se fortemente do fígado e estômago, sentindo dores que

o prostram e confrangem aos que o velam e zelam. A 13 pela manhã, sem ser esperado chega o médico do doente, Dr. Carneiro da Cunha, achando-o na sala gozando do período de descanso, em que nos parece o mal ceder; examinado, porém, pelo médico, este diagnostica que o mal cardíaco conserva-se como dantes, e assim burlam-se as esperanças dos que anseiam pelas melhoras daquele cuja saúde e existência a muitos interessa. Deus se compadeça dele e assim compadecer-se-á dos inocentes filhinhos, já privados do zelo e amplexo materno.

Meu filho Filinto e sua mulher há 4 dias seguiram para o engenho do sogro e pai, à procura de melhor saúde, visto aqui não se acharem bons. Conservam-se na presente data quase na mesma. É de toda conveniência que procurem lugares mais elevados e secos, onde encontrem clima benigno. Os mais de minha família e de meu mano, sem alteração. Nada de notável sei ocorrido.

16 — À noite, João Batista, meu filho começa a sofrer pungentes acessos nervosos, a ponto de cair, ferindo-se.

17 e 18 — O mesmo estado, moderando no crescer do dia e durando as repetições menos fortes até a madrugada do dia 18, em que acalmam-se, deixando no estado de torpor e indiferença, alguma febre, língua grossa saburra, e inapetência.

Meu irmão ao contemplar a cena, entristece-se e sente alteração de saúde, que parecia ir conseguindo.

19 — Hoje, por insistência própria, a meu pesar e de minha família, segue meu irmão, muito melhorado, para seu engenho Tinoco, levando os filhos, apenas nos deixando o menor João de Barros, tão interessantinho quanto inocente. Seguiu a cavalo sem inconveniente às 10 horas da manhã, acompanhando-o, conservei-me no Tinoco até 9 horas da noite, quando voltei à casa, deixando-o em paz.

Encontrou motivos de aborrecimentos no engenho, seus interesses bastante prejudicados pela inércia, relaxamento, e ignorância presumida de saber dos seus empregados, feitor, vacueiros e mestres de açúcar, que além de inutilizarem uma das peças fortes e mais importantes do vácuo, fizeram péssimos açúcares, dificultando a moagem, que sendo de safra grande, exigia mor andamento. Outros inconvenientes se deram em



nossa ausência. Lutam sempre os agricultores com a falta de pessoal auxiliante e de vergonha, que o ajude nas ocasiões precisas. Irá o doente, conforme suas forças enfraquecidas por tão longa e pertinaz moléstia, procurando trazer tudo ao seu verdadeiro eixo.

23 — Há três noites sofre do estômago e fígado, porém muito menos do que já sofreu antes e depois de sua chegada dos (ilegível); ontem saiu a cavalo a ver suas plantas e serviços, nada alterou-o, nem diminuiu. Ainda pálido e magro, apesar da boa disposição por alimentar-se, o que faz moderadamente, conforme seu estado abraça.

Soube ontem que meu filho Filinto não seguiu para o sertão e conserva-se em Camaçari, retido por forte febre intermitente cotidiana; em tratamento.

Mais este dissabor: mando que volte à casa paterna; não me é fácil a todos acudir, quando dispersos.

24 e 25 — Sigo com minha família à tarde para o engenho Tinoco, em visita a meu irmão doente. Passou sem alteração a noite. Voltamos à tarde, deixando o doente sossegado, tendo passado parte do dia no trabalho vácuo, cujo serviço corria muito mal.

28 — Chega do engenho Camaçari meu filho Filinto; acho-o fraco e bastante abatido. Não se deu bem no lugar donde veio e onde sofreu febrículas e outras queixas constantemente. Trata-se de melhorá-lo aqui, ou onde for útil. Veio só, deixando a mulher melhorada, porém não de todo boa.

30 — Finda-se o mês com sol; pouco frio, o que deu novo curso com relação a chuva; tudo ressentia-se da falta, e a que apareceu não saciou a lavoura, apenas alentou um tanto.

O estado sanitário continua, como foi no mês passado, assim como no mais nada alterou para melhor.

Os trabalhos do engenho na forma do costume; mal de assentamento, que consome muito material combustível e pouco despacha, devido ao erro de pedreiro no assentar das tachas, contrário ao que recomendei; forçado por isso a suspender a moagem hoje, verei como remediar tão grande inconveniente

em ocasião tão propícia à colheita de canas, que tendem a dessecar. Existem moídos 1.522 pães sendo 401 de Fazenda; destes já seguiram para o Recife 909 caixas, 77 quilos por vezes.

Despesas com serviços do campo, limpa, monda etc. ....	361\$820
Dita com a moagem do engenho e carros com lenha etc. ....	505\$100
Fabrico do açúcar 1º e 2º cozimento 558 pães, 189 cubas ....	375\$500
Com criados ....	30\$000
Total ....	1:272\$420
Não menciono extraordinários e alguns empregados etc.	
Recebo de Raimundo Bezerra o trimestre deste mês: ....	20\$000

#### DEZEMBRO — 15

Tem sido o tempo de sol intenso, junto a dessecante vento norte e nordeste, reinando por dias e cedendo ao sul e leste, não oferece chuva; tempo favorável à colheita e nocivo ao desenvolvimento das plantas novas.

O estado sanitário tem sido o mesmo com relação a minha família e aos que vivem na dependência do trabalho agrícola, ou serviços do engenho. Existem colhidos 1.706 pães de açúcares sofríveis em qualidade e peso; continua este gênero em grande desânimo nos mercados, o que contribui para o arrefecimento de todas as profissões, visto o açúcar e algodão é a principal fonte que fornece seiva a tudo e a todos.

Não há alteração no movimento da Província, que me conste: o estado de tudo é o mesmo já descrito.

Meu irmão tem passado com algum descanso; porém o mal sério do coração existe, como parece, e ele conhece pelos efeitos que alguma (?) sente.

Conserva-se pálido, abatido, em dieta, e acautelado, quanto permite o trétego e penoso viver de engenho e chefe de família com filhos, alguns doentes e tenros, sem a companhia de que Deus o privou.

17 — Sigo para a praia dos Carneiros não a interesse de minha saúde, que por certo se ressentido das provações morais pelas quais há anos passo, como para ver meu filho Filinto, que para ali seguiu à procura de melhora à sua saúde gravemente alterada, desde maio. Conservo-me por poucos dias, passando bem de saúde, conseguindo forças com os banhos de mar e cajús; meu filho, porém, não melhora e resolve-se a voltar, para o engenho, onde chegamos no dia 22 pela manhã em paz, continuando ele no seu estado morboso.

24 — É examinado pelo Dr. Carneiro da Cunha, médico, que vindo ao engenho Trapiche de Serinhaém, a viagem de recreio, chegou à nossa casa e diagnostica grande incômodo de meu filho, prescrevendo remédios por ora, enquanto não se resolve a sair do local por meses, para clima diferente, mais seco e fora de exalações palustres, sendo este o remédio que ele considera mais eficaz à sua cura. Considera a causa dos sofrimentos caquexia palustre, que já tem agravado a parte dos intestinos, baço, fígado e circulação. À noite de hoje entra no tratamento aconselhado.

25 — Sem proveito por ora, continuando a febre constante, que se agrava de 38 a 40° e 2 décimos, depois do meio-dia. Suspendo o uso dos remédios e consulto ao médico para guiar-me, ou voltar a ver o doente.

Vê-se quão cheio de dissabores foi para mim e minha família, o passar de festas, crescendo o mal-estar de meu filho João Batista, e estado precário de meu irmão e melhor amigo Prisciano, cujo mal cardíaco, diz o Dr. Carneiro da Cunha subsistir. (*Deus super omnia*). Compaixão para todos, quantos sofrem.

Consulto de novo ao Dr. Carneiro da Cunha, visto agravar-se a febre de Filinto, com seu tanto congestivo, subindo o termômetro a 40 graus e 2 décimos. Novos remédios, que aplicados fazem descer a 37 e 2 décimos. Pouca transpiração de suor.



26 — Melhora; porém seu estado não é ainda lisonjeiro. Volta a febre depois do meio-dia, e vai a meia-noite com calafrios.

27 — Chamo, indo condução, o médico Dr. Carneiro da Cunha, encontra o doente já sem febre, porém ainda em estado melindroso. Aconselha vomitório de ipeacaonha, em pouco, toma a 1 da tarde, fazendo muitos até às 7, sendo preciso impedir com chá de canela. Passou o dia e à noite sem febre, porém sempre amargo de boca, tontice, mal-estar, recusa obstinada à alimentação. O médico retira-se às 10 horas da manhã, chegando às 7.

28 — Doente sem febre: grande fastio. Toma mais quinino.

Retira-se para a companhia de sua mãe, no engenho São Pedro, minha afilhada Maria Rita, que com seus padrinhos passou algum tempo; segue em liteira daqui, acompanhada por seu irmão Antonio Emílio, sempre boasinha para todos. Deus a proteja, enchendo-a de suas graças.

Hoje vem ver-nos, e aos doentes, meu irmão Prisciano, que pelo seu estado ainda seriamente morboso raras vezes sai de casa. Tem passado melhor, porém pela natureza do sofrimento nada se pode contar de seguro. Desde o dia 19 do mês passado, em que saindo de nossa companhia com sua família para seu engenho Tinoco, hoje é o 1.º dia em que pôde vir ver-nos; com demora de horas voltou a seu engenho.

30 — Meus doentes, Filinto melhor, já erguido, porém não bom de todo; João Batista sofrendo dos intestinos, dejeções (ilegível), também sangüíneas, quase coagulado o sangue, algumas vezes puro; ainda fluxo catarral. Não há febre.

31 — Só a tardinha ou noite deixou meu filho João Batista de sofrer evacuações sangüíneas e menos dores intestinais. Novamente consultado o Dr. Carneiro da Cunha. Filinto melhorado, porém não bom, sentindo ainda restos de queixas anteriores; ambos medicando-se com o mesmo Dr. Minha filha no seu padecer de nervos, tendo voltado em paz de seu passeio ao engenho São Pedro, no dia 30, ontem. Visitou em São Paulo, engenho, minha irmã e família.

Finda-se o mês e o ano bissexto de 1888, deixando de si cópia agradável para os brasileiros, como fosse a completa extirpação da escravidão pela Lei de 13 de maio, imposta e sancionada pela vontade e pronunciamento da maioria dos brasileiros, a que Monarquia, Ministros e Representantes da Nação foram forçados a obedecer: glória a Deus, e à boa e generosa índole dos filhos do Brasil, que na maior calma e com a maior abnegação deram prova do maior civismo até hoje conhecido. Hosanas.

A má cópia que deslustra a outra parte da medalha é a incúria com que o Governo e seus adeptos, entregues dos destinos do país têm curado dos verdadeiros interesses sociais e econômicos do Império, o que vai dando lugar ao desenvolvimento do espírito republicano que vai se estendendo por todo o Império; (32) se não foi isso modo de vida, de que ultimamente usam alguns *políticos* para adquirir empregos, graças, ou patotas que dependam do Governo, ou partido dominante, qualquer que seja o matiz com que se crismem. Se em alguma coisa há progresso, é devido à marcha natural das coisas. Os entraves sempre são criados pelos que deveriam extirpá-los desde o nascedouro: não se aproveita, nem trata-se de desenvolver a riqueza natural a fim de evitar a pobreza das classes.

O estado sanitário se não foi dos mais lisonjeiros, não foi dos piores em geral. A estação correu fraca de chuva e abundante de sol, calor, ventos dessecantes do norte, mares tormentosos e vários desastres em terra e mar.

Meus filhos ou minha família, como dantes, saúde precária. Meu irmão Prisciano, conquanto apresente melhor

(32) — "A adesão de senhores de engenho ao movimento republicano refletia uma mudança importante na política por parte dos republicanos. Durante a campanha abolicionista, os republicanos tinham denunciado os senhores de engenho, donos de escravos, como reacionários ignorantes, cujas queixas sobre a falta de capital e escassez de mão-de-obra mereciam pouca atenção. Entretanto, abolida a escravatura, os republicanos mostraram uma nova compaixão pela "desprotegida e infeliz" classe de agricultores da província, e eles aspiravam em atraí-los para o contingente republicano. Os senhores de engenho que, no princípio, eram responsabilizados pelos seus próprios problemas, recebiam agora afirmações de que a Monarquia era a principal responsável por suas dificuldades".

Marc Jay Hoffnagel, "O Movimento Republicano em Pernambuco, 1870-1889" — Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Vol. XLIX, Recife, 1977, p. 31-60.

aspecto, contudo, sendo seu mal cardíaco, incômodo melindroso, nada se pode assegurar sobre sua saúde, que inspirou cuidados tocando quase ao desânimo.

Os serviços do engenho morosos e privados de minhas vistas, já pelo comodismo exigido por minha idade e saúde fraca, e já pelos constantes incômodos de pessoas que muito me interessam e pelas quais estremeço.

As lavouras à espera de chuvas, tratadas, têm desenvolvimento muito lento; açúcares a preços desanimadores continuam frouxos nos nossos mercados; não compensam as despesas de cultura e fabrico. Inúmeros os queixosos, sem jeito a darem.

Colhidos 1.856 pães de açúcar, sendo 401 de Fazenda. Embarcadas 1.321 caixas de açúcar, sendo 410 retame e 25 pipas de aguardentes.

Despesas com serviços de campo durante o mês: . . . . .	288\$000
Moagem 337 pães 255\$360 — fabrico do açúcar 337 caixas e retame 74 cubas, 231 pipas . . . . .	487\$160
Com criados de casa e fora . . . . .	30\$000
<b>Soma:</b> . . . . .	<b>805\$160</b>
Despendido durante o ano com serviços de campo, moagem, carretos, corte de canas, fretes de açúcares . . . . .	6:667\$940
Com fabrico de açúcar 1.856 pães e 381 cubas de retame . . . . .	1:492\$400
inclusive o restante da safra passada, açúcares e retames concluídos em março. Com vantagens de canas longe, moradores . . . . .	620\$000
Com criados de casa e fora, e comedoria . . . . .	575\$000
Com feitor, carreiro, purgador, destilador e mesa . . . . .	1:550\$000





O tempo corre por demais seco, sol abrasador, safra velha diminuída e a nova mal amparada, faltando seiva, que a chuva dá para a vegetação, filiação e crescimento. Açúcares desanimados.

15 — O tempo tem sido de intenso sol, calor sensível, apesar dos ventos do sul e do leste, nada de chuvas, alguma vez raros chuviscos. As lavouras definham: a salubridade resente-se, casos graves de febre. Meu filho Filinto seguiu para o Recife, onde deve ter chegado no trem da tarde. Foi ainda doente, consultar médico e saber o que aconselha a fim de ver se restabelece-se [sic]; os que ficam, uns bem, outros na mesma que dantes e é sabido.

Meu irmão parece melhorado, porém não é coisa que se possa ainda garantir, segundo a natureza do mal. Gravemente mal de pneumonia Joaquim de Santa Ana, trabalhador no engenho, homem do sertão, de conduta irrepreensível. Seu mal originado de comida de fruta a hora inconveniente, tem sido rebelde ao tratamento e periga.

A colheita quase finda, diminuiu muito do que devesse dar, se não fosse a irregularidade dos tempos, das estações. O sol fez diminuir muito, e as novas canas já bem prejudicadas, auguram pior colheita futura.

16 — Completam-se hoje 60 janeiros, ou 60 anos de minha existência nesse mundo de ilusões. Muitas páginas no livro da vida, se não tristes, ou sujas, bem pobres de fatos que recomendem-me à posteridade. Tenho procurado viver sem envergonhar a memória dos meus antepassados, sem legar maus exemplos aos que de mim descendem, e menos escandalizar a sociedade em que vivo e aos que se ligam à vida pelos laços do sangue, meus irmãos e parentes. Se mal cumpriram-se e cumprem-se meus desejos, a culpa é mais da fraqueza humana do que de meu propósito. Deus se amercie de mim, todos me desculpem.

Passaram comigo o dia dos meus doze lustros, meu irmão Prisciano, seus filhinhos, Capitão Tomé de Gouveia, artista João da Mata, meu afilhado Manoel, filho do Barão de Granito, (34) e outro sobrinho meu, filho de meu sobrinho Francis-

(34) — Dr. J. Manoel Wanderley, senhor do engenho Belém, Ipojuca. Tornou-se republicano, ocupou cargos de Estado, e faleceu a 22 de 1909.

co da Rocha, José, estes últimos casualmente. O número foi pequeno, porém para mim muito valioso, único abrilhantamento que poderia ser festivo se não fosse mesclado pela ausência de meu filho Filinto, à procura de saúde, e pelos repetidos males sem cura dos irmãos, meus filhos João e Joana. Mesmo assim rendo graças mil ao meu bom Deus e Senhor e a sua Mãe Santíssima, nos quais sempre confiei e confio para valer-nos na vida e na morte.

Retiram-se à noitinha os que me visitaram e obsequiaram, deixando a mim, à minha muito prezada e verdadeira amiga, minha mulher, e a meus filhos, saudosos e gratos. Possa, ou antes Deus queira conceder-me anos de vida em Sua Graça, para poder valer aos meus filhos quase inválidos. A todos Ele ampere.

17 — Hoje deve seguir em viagem para Garanhuns, conforme seu telegrama e carta de 15, meu filho Filinto, a conselho do médico Dr. Carneiro da Cunha, a quem de novo ouviu no Recife, onde em nosso sítio da Torre demorou-se muito poucos dias, como convinha.

Além do provimento no Recife, como o caso exigia, fiz seguir do engenho dois homens de confiança, Lourenço e Juventino, que devem prestar-lhe bons serviços e zelar de acordo com minhas recomendações.

Aluguéis e impostos, inclusive foro do sobrado da rua Bela do Rio Formoso, até 1 de janeiro de 1889 — 143\$980.

18 — Meu filho João Batista sofreu muitos acessos tão fortes no intervalo de horas, que só pareciam terminar a vida, melhorou às 2 horas da manhã de hoje, durante 24 horas. Seu mal se agrava de mais a mais. Só Deus o poderá valer. A irmã também sofrido mais freqüentemente, sendo porém os acessos mais moderados, conquanto sucessivos.

O irmão Filinto, devo crer, que esteja hoje em Garanhuns.

31 — Finda-se o mês, tendo sido no seu correr quase todo de sol abrasador, e apesar dos ventos reinantes serem sul e leste, bem pouca chuva nos deu em seus últimos dias, seguindo logo o mesmo sol e calor de antes. Contudo as lavouras respiraram alguma coisa, e se não houver desmedida seca, salva-se grande parte.



Acha-se finda a safra com relação à moagem e que terminou a 28, pelas 11 horas da noite, computando 2.225 pães de formas de 24 camadas e muito poucas de 18 e 22, sendo 481 de Fazenda e o mais de plantadores, inclusive meus filhos com auxílio da Fazenda.

A Fazenda a plantadores comprou 446 pães a razão de 8\$000 cada pão, e pagou de vantagem a plantadores de cana longe 712\$700, e a benefício de meus filhos 1:440\$000, não compreendido trabalho de animais da Fazenda, tiragem, dessecação e embarque dos açúcares remessados para o Recife; ainda pequenas desanimações a plantadores em face da crise má para todos em geral na Província, devido não só à estação como principalmente à depreciação do gênero açúcares nos mercados onde foram e são vendidos. A continuar semelhante estado, tristíssima será a sorte da agricultura se a Misericórdia Divina não vier em seu socorro, visto que dos governantes e espírito de associação, tão amesquinhado entre nós, nada a esperar.

O estado sanitário de minha família continua a não ser bom; meu filho Filinto de estada em a cidade de Garanhuns desde o dia 18, seguindo do Recife à procura de melhorar sua saúde bem alterada; de suas cartas até 24, diz-me ter obtido já melhora, devendo continuar onde está a ver se consegue completa; meus filhos João e Joana nos mesmos sofrimentos crônicos. Os mais de minha casa sofrivelmente. Meu irmão, conseguida alguma melhora, procura nas viagens e distrações, segurar o descanso, como precisa e dele precisam seus tenros filhos e amigos. Dirigindo-se ao Recife no dia 27 a ouvir o médico que o trata, espera deste o conselho higiênico e indicação do lugar onde melhor convenha passar algum tempo para assegurar a saúde que fora gravemente alterada. Ignoro ainda para onde seguira do Recife, onde a 29 continuava em sua melhora. Os filhinhos em minha companhia, vindos no mesmo dia de sua partida, conservam-se bons.

O estado sanitário da Fazenda conserva-se menos mau. O efeito terrível da seca estende-se desde as Províncias do Norte até o sertão desta e da Bahia. Deus se amercie da sorte de tantos aflitos.

O estado social e desgoverno continua o mesmo e não há paradeiro a tantos inconvenientes. O desespero leva a muitos a engrossar o partido republicano de Sul a Norte. Os

trabalhos correm na forma sabida: as plantas limpas de Fazenda e parte de socas, continua a limpa e também nas canas de meus filhos. Tem seguido para o Recife 1.903 caixas, sendo 602 retame e 35 pipas de aguardentes.

Despendido com serviços de campo no mês ..	234\$060
Moagem de engenho, carro e burros — corte	531\$340
Fabrico do açúcar 1º e 2º — 373 pães, 129 cubas de retame .....	227\$370
Com criados 30\$ Eventuais 50\$ .....	80\$000
Armazém 206\$520 .....	1:072\$770

Hoje encerraram os ossos de minha sobrinha e cunhada Rosa, mulher de meu irmão Prisciano, na Capela deste engenho, em sepultura construída em paredes de tijolo e cal, (ilegível) fundo a competente lousa, mandados lousa e ossos vir do Recife por seu marido.

#### FEVEREIRO — 1

Começa com intenso sol.

6 — Nublamento em alguns dias, apenas ligeiros chuviscos; calma, calor e em algumas horas rajadas fortes de vento sul, leste e oeste, que põem em perigo a navegação, principalmente em a noite de ontem.

Recebo cartas de meu filho Filinto em Garanhuns, de 1 do corrente, melhora, porém fracamente. De meu irmão apenas sei que a 1 estava na estação de Una, de viagem para Garanhuns. Seu estado era sem alteração.

Os açúcares purgados sobem e aguardentes. Os brutos tendem a descer, e descem.

O sossego público, devido à péssima polícia e governo descurado, altera-se em várias localidades, dando-se já mortes em Barreiros, sendo a polícia a autora. Reune-se mais tropa no lugar, à requisição dos que provocam o povo, entretanto os ladrões e assassinos passeiam e continuam impunidos, sobressaindo na Capital, Recife.

10 — Antes do amanhecer de hoje, e depois chuvas em aguaceiros, acompanhadas de trovoadas ao longe, em direção diversa, principalmente ao norte e oeste. Consta em vários lugares que a seca já tinha produzido seus tristes efeitos.

Notícias de Filinto, meu filho, e de meu irmão em Garanhuns, em carta de 3 e 4, achava-se aquele restabelecido e este no mesmo estado em que fora, ambos de volta brevemente a seus lares, contra meu voto, opinando por maior demora em o sertão de nossa Província, que considero de ares muito benéficos.

O menino João de Barros, filho de meu irmão Prisciano, sofre desde ontem de febre urticária, por ora sem ser de maior cuidado.

12 — O doentinho restabelece-se.

28 — Termina o mês dando em seus últimos dias alguns aguaceiros; sempre calor sensível.

Não há maior alteração, que modifique ou melhore a situação descrita em meses anteriores.

Com relação a mim e minha família, temos a chegada a 13 a noite, de meu irmão Prisciano, de volta de sua excursão higiênica ao Recife e Garanhuns, sem novidade; seu estado estacionário, o mal se existe, não se manifesta como dantes.

No dia 14 levo seus filhinhos, que estavam em Goicana, para a companhia de seu pai no Tinoco. Voltam bons.

A 15 chega pela manhã meu filho Filinto à casa paterna, de volta de Garanhuns e Palmeira, onde encontrou muito bom acolhimento e também importante melhora à sua saúde bastante alterada; pode-se dizer que voltou bom, conquanto muito pouco fosse o tempo de demora, que por meu voto seria mais prolongada. Conserva-se sem novidade. Meu filho João sofreu de seu mal, como é costume no prazo de mês, sempre pela lua cheia. Passada a crise forte, seguiu o efeito, que muito influi sobre o cérebro. A irmã sempre mal.

Para condescender, resolvo-me a seguir com a família, quase mudado para o nosso sítio da Torre; de fato, embarca-



dos por mar o indispensável para a nossa vivenda em duas barcaças, nos dias 18 e 20, foram as barcaças entregar no porto do dito sítio, nos dias 20 e 22.

Sigo por terra, saindo de Goicana às 8 horas e 40 minutos da noite com destino à estação da via férrea de São Francisco, Gameleira, onde chegamos em paz às 5 e 3/4 da manhã, vindo minha mulher e minha filha em liteira e os mais a cavalo, viagem bastante morosa. (35) Tomado o trem às 7 horas da manhã, chegamos ao sítio quase a 1 e 1/2 hora da tarde, aguardando carros que nos trouxeram à Torre e sítio onde fixamos residência.

Compõe-se a comitiva de minha pessoa, filha e filhos, e de minha mulher e de minha nora, e criados indispensáveis.

O estado sanitário nosso é o mesmo que gozávamos no engenho, por ora, menos minha nora que há 4 dias sofre de febre e anemia.

Apesar dos atrativos que dizem haver na cidade, eu de bom grado prefiro o sossego e entretenimento do meu viver e lidas de engenho, donde por certo saí com pesar e saudoso do povo com quem tenho lidado e vivido, e de algum modo servido nos seus vexames, conforme meus recursos, e...

Finalmente, desde o dia 21 instalamo-nos em o nosso sítio.

Meu irmão Prisciano, de quem me separei com bastante saudade, deu-nos a grata esperança de logo que tiver concluído a moagem, vir também com seus filhos para o Recife, tendo já uma casa na freguesia da Boa Vista por sua conta. Aguardamos tão apreciável e estimada companhia.

Despesas durante o mês, com serviço de campo .....	286\$160
Com moagem de engenho 1.378 feixes carros .....	123\$000
Com fabrico de açúcar retame ou 2º cozimento — 35 caixas .....	24\$500

(35) — Júlio Bello, em suas *Memórias de um Senhor de Engenho*, 2.<sup>a</sup> edição 1948, pgs. 89/90, descreve com detalhes como era uma viagem da gente do açúcar naqueles trens de Gameleira.

Com criados do engenho e do sítio . . . . .	35\$000
Eventuais com a mudança . . . . .	250\$000
Soma . . . . .	718\$660

Fora outras despesas que não se mencionam aqui Armazém, 180\$260.

A direção dos trabalhos do engenho sob as vistas de meu irmão, ficaram entregues ao empregado Vencesláu da Rocha e ao caixeiro anual João Torquato da Silva, nos quais confio.

### MARÇO — 1

Começou com preparos de chuva, seguindo-se bons aguaceiros, nublamento, depois de 10 horas cessada a chuva, volta o calor bem notável e sensível, no Norte como no Sul.

31 — Finda-se o mês, oferecendo somente no seu final alguns aguaceiros fracos, tendo sido quase sempre seguido (ilegível) e calor fatigante na Cidade.

O estado de saúde de minha família foi como nos anteriores, o mesmo pungir não compensado pela pouca distração e prazer que possamos ter. Paciência e esperança em Deus. Conservamos sempre em o nosso retiro da Torre, pouco frequentando a cidade, onde o calor mata, ou enlanguêce os corpos.

O estado sanitário da Província não é muito bom, é sofrível, dando-se poucos casos de febre de mau caráter, que tanto tem afligido e ceifado as Províncias do sul, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, onde a mortandade tem sido espantosa. O Governo, corte e Ministros refocilam-se em Petrópolis e bem escasso se tem mostrado nos socorros higiênicos e providentes para com os que têm sofrido horivelmente. Inúmeros são os órfãos e famintos. Nas Províncias do norte iguais horrores continuam a causar a seca; só a Divina Providência remediará tão grandes males.

Com relação ao estado social nada melhorou: a ganância, relaxação e indiferentismo têm atacado a aqueles que os deveriam espancar; os males partem dos que os devem conter. Até quando? Só Deus sabe.

O viver na cidade é monótono, há falta de distração a não ser as corridas dos prados, onde predomina imoralíssimo jogo que tem arruinado a diversas famílias e pervertido: o Governo consente.

Há notícias de chuvas copiosas no Ceará e mais províncias do Norte, flageladas terrivelmente pela seca; o norte de Pernambuco mais chovido do que o sul. Consta que também choveu para as do sul, que estavam flageladas mais pelas febres de mau caráter, mitigando assim o furor da peste.

Notícias do fim do mês dão a nossa fazenda Goicana em paz e seus habitantes com saúde; as lavouras com algum desenvolvimento, os serviços em andamento.

O viver no Recife e custeio de sítio, demanda despesas que insensivelmente avultam e muito diferem das que se fazem no viver da Fazenda. 5

Excede no fim do mês que hoje termina, contando do dia 20 de fevereiro, quando deixamos o engenho, até a presente data, de 1:885\$000, as despesas em transporte, passadio, transportes, vestimentas e jóias, (muito poucas) empregados do sítio, e criados — oito ao todo (160\$000) por mês e verbas miúdas, madeiras, estrumes, etc.

Despesas com serviços do engenho durante o mês . . . . .	530\$200
Armazém durante o mês . . . . .	225\$620
Criados no sítio, serventes e feitor . . . . .	160\$000
No engenho mais despesas com empregados e (ilegível) para a Fazenda, gêneros, etc. que constam de outras notas e que excedem de 400\$ no mês	
Soma: . . . . .	915\$820

Renda dos coqueiros: trimestre do 1º de março foi pago pelo rendeiro Raimundo Barbosa — 20\$.

ABRIL — 30

Finda-se o mês tendo sido quase todo de intenso sol, calor, rara vez aguaceiro, dissipado logo por ventos tormen-



tosos; nota-se que para o Norte e sertão houve mais chuvas, contudo não foram de segurar as plantações, que pelo dessecação dos terrenos, precisam de inverno, ou chuvas mais frequentes, para seu adubo. A safra de açúcar continua a dar pouca esperança, espera-se seja muito fraca. O estado sanitário conquanto não seja péssimo, contudo não se pode dizer bom. Febres de mau caráter, catarradas, papeiras, atacam aos da cidade em maior escala, e pelos centros apresentaram-se alguns casos fatais, ou benignos.

O estado de segurança e propriedade continua a ser mau, e o sistema de governo e política em sua desmoralização e relaxamento, pervertidos os caracteres dos chefes, avalia-se da sorte dos que jurisdicionam. O caráter público cansado ou gasto estorce-se, sofrendo resignado, não reage contra a corrupção que lavra no Governo e representantes dos ramos, salvas raras exceções.

O comércio pouco animado, em compensação há o entusiasmo pelos prados, onde se joga ilicitamente com a proteção do Governo e político, e é perene fonte de imoralidades, além de ladroeiras, que chamam tribofes, têm aparecido cenas de sangue e mortes. Poderia ser importante distração se outro fosse o sistema adotado e não se banisse a sinceridade; como jogo não faltam-lhes adeptos e adeptas!!!

Tenho continuado a residir com minha família no nosso sítio da Torre, felizmente com saúde, menos os meus filhos, que já sofriam males, no dizer dos médicos, incuráveis (mais difícil de cura talvez seja a inércia, indiferentismo, ou falta de estudos que a tantos atinge). A 28 retirou-se para nosso engenho Goicana, meu filho Filinto e sua mulher. Está incumbido de dirigir os afazeres e trabalhos do engenho e campo. Passou aqui bem de saúde.

No engenho sob as vistas dos empregados que deixei, vai caminhando tudo regularmente, sem ocorrências que vexem as lavouras tratadas, tudo esperam da ação do tempo, mais para os engenhos secos, ou altos.

O viver do sítio é dispendiosíssimo e nada lucrativo, acho superior aos meus recursos, sendo preciso cortar, porém, despesas ainda necessárias para viver-se sem ser depois pesado a outros.

Serventes e feitor durante o mês . . . . .	123\$400
Criados de casa durante o mês e engenho . . . .	25\$000
Fretes de barcaça, carreto, carpinas, ferragens	60\$000
Despesas com serviços do engenho no mês . . .	275\$340
Resultado do armazém . . . . .	157\$540
Soma: . . . . .	640\$280

## MAIO — 19

Retira-se para a sua residência, à rua da Matriz da Boa Vista, meu mano Prisciano com sua filha Joana, já restabelecida, conservando-se aqui 20 dias, como recurso ao desaparecimento da febre que a prostrou e ameaçou a existência. No mês anterior e começo do presente, colocou em colégios no Poço da Panela e na Estância, sua filha Gertrudes e filho Sebastião a aprenderem 1<sup>as</sup> e 2<sup>as</sup> letras. Meu mano conserva-se sem maior alteração, conquanto digam os médicos que a sua saúde não é segura, sendo provável a volta dos sofrimentos anteriores; não desanima e crê que não ser (sic) como pensam.

O tempo tem sido de sol intenso e raros aguaceiros, vai sendo rico de mau preságio.

Meus filhos João e Joana no mesmo que dantes, os mais sem se queixarem.

Continuamos no sítio inalterável com relação ao que já observei.

31 — Finda-se o mês com chuvas grossas e incessantes nos 2 últimos dias.

Embarca na barcaça "Ceres", para o seu engenho Tinoco, meu mano Prisciano, com parte de sua família, apesar do mau tempo de chuva para o mar. Deixa em minha companhia o filhinho João de Barros e em colégios, Gertrudes e Sebastião. Deixa-nos saudades e cuidados, por sua saúde e viagem. Deus os conduza felizmente e conserve sua saúde tão preciosa.

Nada de novo com relação a mim e minha família em a nova residência, em que vivemos; os bens e males são os mes-

mos. No engenho os negócios correm menos mal; meu filho e minha nora conservam-se com saúde, o mesmo sucede aos que nos servem no engenho, e moradores, apenas a contusão provida da queda de um pau em derruba sofrida pelo trabalhador José Gonçalves, de Timbaúba. Meu filho teve bastante cuidado, o doente melhora.

Despesas com serviços do engenho .... .	244\$540
Renda do armazém .... .	172\$850
Criados do engenho e sítio .... .	35\$000
Despesas com o sítio .... .	151\$040
Armazém — 172\$850 — Soma: .... .	603\$430

O viver aqui é pesado, depende de muito lucro, ou capital para se poder viver sem ser pesado aos mais, ou sem atropelos, o que tanto incomoda a quem se sente, ou tem vergonha.

Fala-se muito em mudança de ministros, porém não de política; toda esta considero péssima, como a entendem os que com ela giram.

De fato, depois de chamados vários chefes conservadores, que se julgaram inabilitados para formar Ministério, o presidente do Conselho, Conselheiro e Senador João Alfredo, pede dissolução da Câmara, o que é negado pelo Conselho de Estado de acordo com o imperante. Em face disso, o ministério de 10 de maio demite-se e sendo chamado Saraiva, liberal, recusa-se, seguindo Visconde de Ouro Preto, ou Afonso Celso, que organiza a 8 de junho, durante 10 dias de acefalia de governo bem desmoralizados, como outros serão.

#### JUNHO — 1 e 2

Chuvas torrenciais; consta não serem gerais, porém em Goiana e parte do Norte foi muito escassa, nada modificando a sequidão dos terrenos. Para o Sul foram como aqui; as lavouras animam-se tanto ou quanto em face do definhamento em que o comprido (?) as tinha posto.

15 — Tivemos bons dias de chuva, seguindo-se sol intenso desde o dia 10.



Meu filho João sofre a 6 um acesso que repete-se sucessivamente nos dias 10 e 11 com grande fúria. Melhora no dia 12, deixando-lhe o cérebro perturbado, deve seguir-se a marcha sabida. Triste condição a em que vêm-se filhos e pais. Os sofrimentos físicos e morais consomem o prazer e gosto pela vida: é um peso.

30 — Finda-se o mês tendo sido de alguma chuva, que mal compensa ao efeito do verão prolongado e seco. O inverno escasso, suspenso cedo, trará por certo diminuição da safra pendente e mau começo da que houver de fundar-se novamente, sobretudo influência sobre a salubridade pública pelos efeitos atmosféricos, que a ação das chuvas por certo contrabalança, purificando o ar, destruindo os miasmas mórbidos.

O estado sanitário em geral, presentemente, se não é dos piores, ressentem-se de queixas ocasionadas por sofrimentos febris, beribéricos, papeiras etc.

Minha família aqui no sítio da Torre, onde permanecemos, passa como dantes; os mesmos padecimentos crônicos de meus filhos João e Joana; meu filho Filinto no nosso engenho Goicana e sua mulher, sofrivelmente. Os pais, como velhos, velam como podem.

A 8 de junho, deixadas as rédeas do Governo pelo que se diz Partido Conservador, assumiu-as o que se chama Partido Liberal. Por ora nada se pode ajuizar da nova administração e seus fanais. Aceitou um legado bem triste e cheio de dificuldades. Somente com bom senso, ilustração e muito esforço patriótico vencerá as dificuldades, e trará melhor futuro ao país que a política decaída tanto estragou física e moralmente.

Aguardem-se os fatos. (36)

Meus interesses a cargo de meu filho Filinto, no engenho, vão indo por ora sofrivelmente. A vida aqui na cidade continua a ser pesada, e para mim sem atrativos; porém é preciso variar para ir conservando as forças que os anos gastam lentamente, quando não precipitadamente.

(36) — O Gabinete de 7 de junho de 1889, chefiado pelo Visconde de Ouro Preto, último governo do Império.

Engenho: despesas com serviços de campo ..	449\$800
Carpinas, pedreiros etc. . . . .	54\$420
Sítio, custeio e empregados .. . . .	233\$400
Bonds . . . . .	28\$000
Criados no sítio e no engenho . . . . .	30\$000
Soma: . . . . .	795\$620

Neste mês deu-se começo à plantação de canas para a nova safra, roçando no partido Fofa.

Armazém . . . . .	190\$720
-------------------	----------

31 — Finda-se o mês sendo nos seus últimos dias de mais freqüentes aguaceiros, sempre acompanhados de ventanias tempestuosas, que não consentem a infiltração das águas no solo, que continua a não ser suficiente umedecido, não pela escassez do inverno, como pelos fortes ventos.

O estado de saúde de minha família é o mesmo que dantes. Meu sobrinho João de Barros, filho de meu irmão Prisciano, sofre febres e papeira; abate-se muito e não tem melhora segura. Em geral a saúde não é das mais lisonjeiras, devido, talvez, à irregularidade do tempo e descuido da higiene pública. O estado social por ora não difere do passado; espera-se os atos dos novos palinuros, por ora nos seus afãs para a campanha eleitoral, que querem mais pelo interesse individual do que público. Caminhemos.

Conservo-me ainda no sítio da Torre, continuando o engenho na direção de meu filho Filinto.

Despesas durante o mês, serviços de campo, carretos e corte de semente .. . . .	502\$520
Carpinteiro e pedreiro .. . . .	20\$000
Criados do engenho . . . . .	10\$000
Criados no sítio . . . . .	15\$000

Serventes .....	63\$000
Bonds .....	7\$200
Soma: .....	617\$720
Roçagem e plantação ..	403\$480
Armazém vendeu ..	154\$880

## AGOSTO — 31

Em seu percurso foi o mês de aguaceiros e mais tempo de sol rigoroso, seguido de ventos tormentosos do sul e este e alguma vez sudeste. O inverno sendo fraquíssimo, a entrada do verão com sol intenso, como se mostra, perturba, por certo, não o florescimento das novas plantações, esbarrará o crescimento das velhas, manterá o terrível estado de seca em que geme todo o Norte do Brasil e não menos a falta de salubridade que se nota.

Deus, que tudo dispõe com acerto, se amerciará de todos.

Novidades tivemos as que trouxe a visita do Conde d'Eu, genro do Sr. Pedro 2º e marido da princesa herdeira do trono, não só a esta Província, como as de todo o Norte, que percorreu. Chegado de volta do Norte no dia 14, embarcou a 19 para as províncias do Sul, em direção à Corte, onde com calma fará o merecido juízo que seu bom senso ditar com relação às ovações que lhe manifestaram por onde percorreu, sobresaindo as recebidas na capital de Pernambuco (Recife) que tocou ao delírio, se não adulação, uma vez que em face de outras manifestações anteriores, difícil é ajuizar-se da sinceridade com que se apresentam os que se disseram, do que já disseram. O tempo demonstrará a versatilidade, ou firmeza dos caracteres. O senhor Conde deve ter lição na história com aplicação ao que observou. Seja feliz.

Passado o furor ou entusiasmo áulico, atiram-se grandes e pequenos ao afã eleitoral, cuja vitória disputam 3 facções, grupos ou partidos, como queiram, Monarquistas, Conservador, e Liberal e o Republicano, que no sul cresceu muito devido mais ao ressentimento pelo sempre louvável término da escravidão no Brasil, por efeito da lei de 13 de Maio, do que à cons-



ciente convicção política. Esperemos sobre isso ainda o correr dos tempos.

Correram as eleições para Deputados Gerais sem maior alteração, triunfando quase geralmente o Partido Liberal, atualmente no poder. O Partido Conservador, ou por cálculo, ou por ter caído em descrédito e esfacelado, perdeu muito. O Republicano avultou pouco. É sempre um suicídio político Câmara unânime para o partido que governa; porque sendo de necessidade oposição radical, quando esta não existe, aparece a sistemática, que nascendo do seio da compacticidade, desmoraliza e enfraquece a política que a gerou, ou a promoveu, ou mesmo obteve pelo arrefecimento ou fraqueza do partido contrário. É a experiência que se tem observado. Sejam felizes e compenbrem-se dos verdadeiros deveres a bem da Pátria, a bem do povo, é quanto desejo. (37)

Não tem havido maiores excessos no atual Governo: muito há ainda a fazer-se a bem do estado de segurança de vida, de propriedade, salubridade, e finanças do País. Sejam os novos eleitos bons e amestrados palinuros, e tudo conduzam a feliz porto.

O estado de saúde de meus filhos é o mesmo, os padecimentos sucedem-se e a cura improficua. Os pais e filho mais velho vão se conservando apesar das lutas. Meu irmão Prisciano sofreu no engenho, no fim deste mês bastantes dores nervosas do estômago, febre e congestão no fígado, melhorando, sobreveio icterícia, a última notícia.

A família parte no Recife e parte no engenho, vai indo sem maior vexame.

Os negócios do engenho continuando sob as vistas de meu filho Filinto, vão caminhando se não bem, menos mal. Moi desde o dia 26. Canas ainda bastante aquosas, pouco rendem; a moagem regular. As canas novas, em começo de vegetação, precisam de chuvas que foram raras, seguidas de sol abrasador, e fortes ventanias. Tudo seca: o norte do Brasil ainda flage-

(37) — Em Pernambuco, entre os liberais reconduzidos à Câmara dos Deputados, estava Joaquim Nabuco, que não participou da campanha eleitoral, permanecendo no Rio de Janeiro. Nabuco não tomaria posse desse mandato, devido ao advento da República.

lado pela seca e falta de viveres, ou fome. Até quando? Deus sabe.

Continuo com minha família aqui no nosso sítio da Torre, onde passamos de saúde, como no engenho, e só por distração nos demoramos, visto que só reunidos podemos auxiliar aos que sofrem.

Despesas com criados e serventes no sítio ....	128\$000
Idem com bonds .... . . . . .	5\$000
Comedorias, médico, botica, fazendas etc. etc. . . . .	650\$000

#### ENGENHO

Trabalhos do campo, incluindo carros (ilegível) .... . . . . .	270\$960
Corte de canas, condução, moagem .... . . . .	184\$640
Pessoal da casa de caldeira .... . . . .	18\$970
Criadas para casa .... . . . .	8\$000
Despesas outras .... . . . .	92\$000
Soma: .... . . . .	<u>574\$570</u>
Armazém rendeu .. . . . .	214\$900
Entrou para o mesmo .. . . . .	334\$500

Não menciona-se empregados e ainda fornecimentos do Recife para o engenho.

SETEMBRO — 16

Completam 34 anos de meu consórcio com Feliciano, graças a Deus temos passado esse percurso na melhor harmonia, só tendo a lamentar os sofrimentos longos e sem remédio dos nossos filhos João Batista e Joana; os mais sofrimentos peculiares à criatura humana no seu peregrinar, mais ou menos sérios,

passaram, e Deus consente, por sua Grande Bondade, que ainda vivamos, e em paz. Ele nos proteja e guie, comparecendo-se dos padecentes que por ora só têm tido vida de sofrimentos, o 1.º há 17 anos, e a 2ª há 28.

Continuamos em o nosso sítio da Torre, presentemente no engenho à testa dos serviços meu filho Filinto, que me substitui, João seguiu no dia 12 do corrente, a ver o irmão e distrair-se um pouco de seus males. Minha mulher, ontem, por ocasião de tomarmos o bonde da Torre com tenção de ouvirmos missa, foi atacada de tontice e vômitos, e isso obrigou-nos depois de alguma pausa, a voltar à casa, não continuando o incômodo sofrido, nem outro. Achei prudente aplicar um vomitório, e de fato usou hoje.

Novidades fora do comum, nada sei. Hoje chega do Rio de Janeiro (corte) o Dr. Joaquim Nabuco a visitar e agradecer ao eleitorado do 1º Distrito de Recife, que o elegeu por notável maioria espontânea de votos. (38)

O tempo tem corrido seco, raros aguaceiros, o sol sempre abrasador. Continuam ao Norte os efeitos da seca.

30 — Finda-se o setembro, tendo sido de constante sol, raros aguaceiros, sendo o último dia mais favorecido por chu-

(38) — "Dr. Joaquim Nabuco — No paquete nacional Maranhão, veio ontem da corte, acompanhado de sua Exma. consorte, o Sr. Dr. Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo, deputado eleito pelo 1º distrito desta província. S. Exc. foi recebido, no cais da Praça do Comércio, onde desembarcou, por crescido número de seus amigos políticos, que lhes fizeram grande festa. Depois de ter ido ao palacete da Associação Comercial Beneficente, onde falou, veio a pé até o palácio da presidência, sendo acompanhado por toda a gente que foi ao seu desembarque, sendo que no trajeto tocaram duas bandas de música e foram atacados muitos foguetes. Após algum repouso em Palácio, S. Exc. agradeceu aos amigos a manifestação que lhe era feita, sendo muito saudado; e seguiu de carro para a casa do Derby Club, na Madalena, onde foi hospedar-se. Cumprimentamos o digno pernambucano pela sua visita à terra natal". *Diário de Pernambuco*, "Revista Diária", edição de 3a.-feira, 17 de setembro de 1889 — Era a primeira vez que Joaquim Nabuco, casado recentemente, trazia sua mulher, D<sup>na</sup> Evelina, para conhecer a província natal. Durante sua permanência no Recife, Joaquim Nabuco pronunciou conferências, manteve-se em contato pela última vez, com seus eleitores, regressando à Corte pelo vapor americano *Finance*, no dia 27 de outubro. Uma quinzena depois, o Brasil era República.



vas ao amanhecer, cessando no crescer do dia. O estado sanitário sofrível, minha família sem alteração. Conservamo-nos no sítio da Torre, menos meus filhos João Batista e Filinto, que se conservam no engenho sem novidade até o dia 26, em que me escrevem; à noite João sofreu.

O estado social ainda não é agradável, dominam ainda o punhal e furtos; a ação policial é nula ou morosa e diz-se que não escolimada a polícia de quem precisa ser policiado, ou punido. Urgem providências ativas, de modo que impeçam o desmoraonamento, fruto da inércia ou condescendências dos partidos que se revezam no poder.

O estado financeiro do país, dizem uns caminhar bem, outros mal, difícil, e a mim impossível bem ajuizar. Com relação a meus interesses aqui, nada lucro de modo a fazer face nem mesmo à 4ª parte do que despendo, só com o sítio e empregados. Resta o engenho entregue à direção de meu filho Filinto, que me informa já ter moído 300 pães de açúcar desiguais, e não ir bem de moagem (falta a vista do dono que por experiência melhor deve prover e prever); contudo estou satisfeito. As lavouras novas em trato, e consta não estarem más. Os açúcares que animaram, já começam a baixar de preços na praça: de 5.500 — 4 — 32 — 2.800, desceram a 48 — 32 — 24 — 2 — Aguardente 600. Gêneros vendidos aos do país sempre caros: impostos aumentados, ou ganância, são as versões.

No dia 28 embarcaram-se no engenho Goicana na barcaça "Livramento", os primeiros açúcares da presente safra de 1889 a 1890.

Rendimento no mês 29\$500 — Despesas:	
Com o pessoal do sítio, servente .. . . . .	109\$000
Com bondes — 10\$800: (ilegível) conduzindo gado — 24\$ .. . . . .	\$800
Com fazenda, feito, comedoria, carro etc. ...	477\$000
Ainda despesas avulsas .. . . . .	55\$000
Total Sítio: .. . . . .	<u>685\$800</u>

## Engenho:

Serviços de campo ....	197\$020
Moagem, corte, carroto ....	369\$140
Fabrico de açúcar 1. <sup>o</sup> e 2. <sup>o</sup> cosimento — 417 pães e 55 cubas ....	461\$500
Criados no engenho ....	8\$000
Gêneros para armazém e outras despesas ...	333\$880
Total do Mês = engenho ....	1:369\$540
Armazém vendeu 218\$360 — Soma geral ....	2:055\$340

## OUTUBRO — 15

O mês tem sido de ardente sol, calor sensível, raros chuviros em localidades dispersas do interior.

A seca do norte continua a manter seus efeitos. Ao sul as plantas novas em alguns lugares paralizam-se, se não morrem.

Ontem chegou do engenho a ver-nos, meu filho Filinto, devendo voltar breve; desde o dia 12 acha-se de volta do engenho meu filho.

Ontem levei a embarcar para o engenho Inoco, meu sobrinho Sebastião, filho de meu irmão Prisciano, que estando na Estância, em aprendizagem, foi atacado de febre palustre e bronquite, melhorado e em franca convalescença, volta a febre, o que observado por mim o trouxe para o sítio da Torre, onde parece ter apresentado melhora. Receoso do clima do Recife e do tempo, e desse lugar à volta da febre, quando o menino em estado débil e anêmico, como o vejo, resolvi fazê-lo seguir para a casa paterna, onde creio lhe será mais fácil o restabelecimento da saúde, geralmente alterada no colégio da Estância.

Demais, já o pai me pedira que o enviasse. Embarcou na barcaça "Libertadora", às 6 horas da tarde, com bom vento e tempo seguro, para amanhecer no engenho; fi-lo acompanhar por Sebastião Grande, pessoa de confiança.

31 — Correm as coisas sem alteração para melhor; o estado sanitário não é mau, finança e o estado social marcham mal. Açúcares depreciando-se.

Conservo minha família ainda no sítio da Torre, onde se sente também o efeito da seca; quanto à saúde, sofrível.

No dia 29 embarco apressadamente para o engenho a ver meu filho Filinto, gravemente doente; febre e insulto congestivo cerebral. A 30 chego à casa, já encontrando o doente melhorado, sendo médico Dr. Messias.

Combate-se o que resta de sofrimento e grande abatimento. O engenho sob sua direção caminha com a regularidade possível e compatível com sua aptidão e bons desejos, não podendo melhor fazer em face da saúde sempre precária e penosa e pesado lidar sempre de engenho. A safra velha em quase meia colheita, mais de 800 pães, e a nova bem começada; porém sentindo o efeito do grande verão depois do pequeno inverno. Tudo tende a definhar, se não nos acudir a Divina Providência.

O estado sanitário do pessoal do engenho é sofrível.

Preços atuais de açúcar baixando e com tendência a baixar muito, entretanto tudo mais encarece e não obstante a alta do câmbio; impostos volumosos tudo atrofia e os sanguessugas dos cofres públicos, suor do povo, não se fartam.

Despesas ocorridas durante o mês:

Serviços de campo . . . . .	205\$780
Engenho, moagens, carros, corte . . . . .	464\$840
Fabrico de açúcar 18 e 1/4 tarefas. 381 pães	182\$500
Fabrico de açúcar Retame 90 cubas . . . . .	63\$000
Criados no engenho . . . . .	8\$000
Armazém vendeu 197\$030 — Soma: . . . . .	924\$120



Sítio —

Empregados .. ....	88\$000
Criados de casa .. ....	18\$000
Carretos, gorjetas, objetos para o sítio ....	58\$000
Bondes .. ....	16\$000
Despesas no sítio, remédios, roupa etc. ....	455\$800
Soma: .. ....	<u>635\$800</u>
Total: .. ....	1:559\$920

NOVEMBRO — 6

Continua o sol estranhável pela sua intensidade que seguida de vento norte e nordeste, tudo desseca.

15 — Bem longe de supor-se tão próximo, surpreende a todos o inesperado advento da República no Brasil, proclamada hoje no Rio de Janeiro pelo Exército de terra e mar ali existente, confraternizando o povo e unidades, ecoando logo pelo telégrafo nas Províncias, as quais manifestam logo suas adesões à proporção que vão recebendo as novas, sem que se dessem perturbações sérias do sossego público e menos cenas de sangue. Como que ficaram todos parvos, atônitos: só os militares tinham alguma tal ou qual ciência do ato que veio a realizar-se.

O descalabro completo a que o País, nos seus melhores interesses, ia sendo atrasado pelos governos conservadores e liberais, desde anos, obliterado o pundonor dos políticos, visando somente escandalosamente vis interesses pessoais, o desprezo com que ia sendo tratado o Exército, que sempre foi pronto em sacrificar sua vida pelo bem, integridade e defesa da Pátria, qualquer que fossem as circunstâncias em que se visse colocado, a convivência ou indiferença do Monarca, talvez devido à perturbação mental, em que o estudo, trabalho e doenças o fizeram atingir, a aquietança do Príncipe Consorte, Conde d'Eu e sua fiel companheira, D. Isabel, tudo constituiu o direito de salvação para o Exército e não menos para a

Pátria, a quem em morte lenta iam levando ao abismo, dirigindo tão triste plano o Sr. Visconde do Ouro Preto, a quem foi entregue o leme do Estado, presidindo e organizando o Ministério de 7 de junho. Ouro Preto, que dotado de grande inteligência, perfeitamente cultivada e cheia de experiência de negócios públicos, aberrou do muito que poderia servir e ser útil ao País, deixando-se arrastar pelo espírito de ganância, desmarcado orgulho, motivando e ocasionando geral desregramento de Sul a Norte, o que plantou descrença tal, que todos encaravam a República, apressada pela sedição militar como o salva-vida para os brasileiros. Deu o grito de alarme, ou levante, o General Manoel Deodoro da Fonseca, (ilegível): está a República plantada no Brasil desde 15 de novembro de 1889.

30 — Não há alteração, continua o estado de pasmaceira, tudo por fazer-se visto que deve haver nova organização, sendo nova a forma de Governo. Devendo as regras a estabelecer-se serem emanadas da Assembléia Constituinte, é reprovável a pouca pressa em ser convocada, nem mesmo ordem para o arrolamento eleitoral, inconveniente que dá lugar a ir surgindo intrigas, recriminações, queixas dos atos do governo provisório e isso pode ocasionar dificuldades futuras, que poderiam ser poupadas pela Constituinte.

Contudo o estado por hora é todo de paz, e adesões; convém aproveitar e obrar com calma e discernimento para moralidade e engrandecimento do país que muito espera do são patriotismo e amor de seus filhos.

Continua o tempo por demais seco, ausência completa de chuvas, faltando a muitos engenhos água para moagem, os serões depauperados.

Açúcares desanimados, comércio fraco por (ilegível).

Salubridade por hora sofrível.

Minha família na forma sabida. Chego ao meu sítio da Torre de volta do engenho no dia 22, deixando os serviços em andamento sob a direção de meu filho Filinto que, de saúde fraca e desânimo, me diz não querer continuar na direção, o que muito me contraria e obriga-me a voltar para o engenho logo que entre o novo ano. A vida é a luta, lutemos até que

as forças se esvaíam e chegue o descanso eterno. Deus e Maria Santíssima me valham e a minha família.

Meu irmão Prisciano continua no engenho no seu viver de sofrimentos físicos, cercado de seus filhinhos, que se acham de sofrível saúde.

Engenho, despesas do mês — serviço de campo	424\$140
Moagem, carretos, corte . . . . .	638\$960
Fabrico do açúcar 1.º e 2.º cozimento — 88 cubas . . . . .	289\$600
Despesas e objetos para o engenho, Recife e Rio Formoso .. . . .	686\$200
Apurado no armazém 230\$880 . . . . .	2:038\$200
30 — Sítio — Despesas diversas, médico, botica e bondes . . . . .	250\$000
Criadas de casas e serventes .. . . .	68\$000
Rendimento do sítio 25\$800 — Total das despesas . . . . .	2.356\$800

#### DEZEMBRO — 5

Depois de algum nublamento e calor muito intenso, caem fortes aguaceiros à tarde e noite, seguida quase de ventos próximos de tufão, que impedem a continuação da chuva, que parecem procurar o centro a beneficiar a tudo e a todos que ansiosamente as esperavam, sentindo por demais o efeito da seca. A noite nublada, cessando a chuva já ao aproximar-se a meia-noite.

11 — Chega o primeiro Governador do Estado de Pernambuco, nomeado pelo Governo Geral, no Rio de Janeiro, vindo no vapor "Pernambuco", General José Simeão de Oliveira.

Foi bem recebido por grande [sic] de pessoas de todas as classes, que se mostravam satisfeitas e esperanciamas de que



o novo governador, que logo foi empossado, saiba com prudência, imparcialidade e sábia discreção, harmonizar a família pernambucana com seus verdadeiros interesses, e de acordo com os interesses gerais, concorrendo assim para a moralização, força e prosperidade do país, que tão pacificamente aderiu geralmente ao novo sistema de governo que o país adotou em substituição ao antigo, que de certo tempo em diante desequilibrou-se completamente, e ia levando ao cáos nosso abençoado Brasil.

Deus ilumine a todos, e conceda-nos a felicidade desejada pelos bons patriotas.

15 — Alguma chuva hoje, depois de intenso sol e um terrível calor. Que continue sem excesso, porém de modo a contrabalançar os efeitos da seca.

Chega a 13 meu irmão Prisciano, vindo do seu engenho Tinôco a Gameleira, onde tomou a via férrea em direção ao Recife, ao nosso sítio Torre, onde residirá durante os dias que quiser. Seu estado de saúde ainda compensação do muito sofrido, segundo os médicos, lesão cardíaca, e segundo ele, congestão do fígado, estômago, e afecções reumáticas; enfim vivendo, e sempre corajoso.

Meu filho João, em tratamento do Dr. Ermírio Coutinho, chegado da Europa, onde foi dar-se ao estudo de sua especialidade, afecções nervosas, sofre horripelmente desde uma hora da manhã, acessos fortes e repetidos que cessam às 10 horas da noite, ficando em estado de coma, indiferença e apatia. Continuará sob as vistas do Dr. Coutinho. Noto que os acessos sofridos antecederam muito a época em que costumam repetir-se — 30 a 35 dias, para reaparecerem em 18 dias depois dos últimos. Devido a que? Vem o aumento do mal.

Minha mulher submete-se a exame do Dr. Malaquias, reclamado por mim ao médico assistente, Dr. Carneiro da Cunha, que diagnosticou há muito sofrer ela de insuficiência mitral, ou afecção cardíaca, o que muito e muito me penaliza. O Dr. Malaquias depois do exame chegou ao mesmo diagnóstico. Vê-se quanto dobram-se meus vexames, cada vez mais acumulados e difíceis de suportar na idade adiantada em que me vejo. Resta-me a muita confiança em Deus, que a todos valerá!

Continua sob o tratamento do Dr. Carneiro da Cunha, que prescreveu laxante, poção, e em seguida o continuado uso do oximel diurético de Guber.

Minha filha também, como seu irmão João Batista, desde o dia 29 do passado, em uso de remédio prescrito pelo Dr. Coutinho, Elixir de Yarn, receitado pelo Dr. Charcot de Paris. Não tem tido maior vexame.

#### DEZEMBRO — 25

Passei a festa no meu sítio da Torre com minha mulher, filhos e nora, ouvindo todos a missa do Natal a meia-noite na Matriz da Boa Vista, onde assim nas demais, onde se celebrou, houve numeroso concurso de povo e famílias, não se dando distúrbios, porém notando-se no correr da noite e dia pouca animação de folganças próprias de tal dia e tempo.

Meu filho Filinto chegou do engenho no dia 22 com a mulher ainda doente e opilada. No 2.<sup>o</sup> dia, ouvido o médico, Dr. Malaquias, examinou a doente, e a urina, sem classificar a doente, receita oximel diurético de Gluber, de que entra em uso.

Retirou-se no dia 22 meu mano Prisciano, que no dia 13 veio de seu engenho e assistiu em nossa casa; deu-se bem.

O estado de saúde de minha mulher e filhos, sempre precário.

O tempo sempre seco, quente em toda Província. O engenho na ausência de meu filho, sob as vistas de empregados, por ora em paz, achando-se moídos 1.582 pães.

31 — Finda-se o mês sem que houvessem chuvas que mitigassem o excessivo calor, o ressequimento dos terrenos, paralisação, ou definhamento das lavouras e plantações.

O estado de saúde de minha família é sempre precário, não vale coisa alguma a medicina para ela, todos meus esforços e cuidados são baldados.

Durante o mês despesas:

Engenho — Campo, moagem, fabrico de açúcares 358 pipas e 47 caixas retame . . . . . 903\$780

Criados no engenho e no Recife . . . . .	60\$000
Despendido com sustentos, e despesas de víveres . . . . .	881\$240
Procurador Manoel Francisco Pereira .. . . .	50\$000
Pelo correspondente por minha ordem .. . . .	1:538\$300
Bondes .. . . .	13\$600
Armazém — 147\$840 — Aguardente e mel ...	141\$800
Total . . . . .	3:446\$920

Finda-se o ano 1889, bem cheio de notáveis acontecimentos para o Brasil. Terminação do elemento escravo e proclamação do Governo republicano em substituição ao monárquico, por que se regeu o Império perto de 70 anos, tornam memoráveis os dias 13 de Maio e 15 de Novembro de 1889, e constituem épocas bem salientes por serem tão altas e surpreendentes revoluções executadas em mesclas de sangue, e por adesões quase gerais do Prata ao Amazonas. Para consolidação do último evento julgou-se necessária a deportação, e mais tarde banimento do Imperador D. Pedro II e toda sua família, mais alguns homens notáveis, cuja residência no país julgou-se ofensiva e prejudicial à nova forma constituída de Governo, e nisso por ora cifram-se os fatos mais notáveis.

Desorganizar tudo quanto ia levando o país a uma morte certa, porém lenta; organizar de novo, e bem, extirpando os vícios, máus hábitos, purificando os caracteres, é missão bem espinhosa e difícil, e nem pode exigir que a República o faça sofregamente; assim não admira que pouco tenha feito de bom em tão curto prazo de vida; tudo estuda, compara, pensa e mede, visto desejar obrar com acerto, moralizar e engrandecer a pátria brasileira para com seus filhos e também perante os povos em nações estrangeiras que nos contemplam. Esperemos.

A 28 do findo dezembro, sucumbe em Portugal, cidade do Porto, a ex-Imperatriz do Brasil, D. Teresa, alma dotada de raríssimas virtudes, gênio inteiramente caridoso. Terá, por certo, recebido do Supremo Distribuidor das graças o prêmio justo na Celestial morada.



## 1890

## JANEIRO — 1

Começa o novo mês e ano, como entregou o último dia e mês do 1889. Nada de chuvas, o mesmo calor sensível e intenso, e portanto o dessecamento de tudo.

Novidades locais de pequena monta, regozijam-se muitos, e festejam de modos diversos a entrada do novo ano, que todos devemos desejar venha com bom pé, concedendo Deus seus favores e superiores dias à aflita humanidade, tornando a todos iluminadas virtuosidades e bem encaminhadas depois de que um dia sem embaraço alcançar a celeste morada e repouso dos justos.

9 — Continua rigoroso verão, ausência completa de chuvas, tudo desseca; dos sertões consta virem descendo os habitantes acoitados pela seca, baldos de recursos para se conservarem. Os engenhos, muitos com suas moagens paralisadas à falta d'água.

Novidades importantes não consta locais: continua o Governo republicano no seu labor reorganizador. Esperemos a realidade.

Minha mulher sem mais confiança nos remédios usados sem ao menos darem alívio a seus sofrimentos, resolve-se a não ingerí-los mais; nessas condições obtenho que use de remédios homeopáticos que eu mesmo [sic] aplicar, e de fato aplico desde o dia 30 do mês e ano passado, quando a encontrei com febre, frios alternados e dores de cabeça; melhora, e em seguida aplico para as dores mortificantes que sentia por todo corpo, falta de ar e cansaço, parecendo ter sido com bom resultado segundo a grande melhora que tem conhecido, cessando os incômodos fatigantes, se não no todo ao menos presentemente não se queixa.

Passa sem cansaço, dorme sem dores e tem apetite à comida, finalmente acha-se muito mais animada. Deus segure seu restabelecimento, não voltem os sofrimentos que tanto nos contristava.

No meu fraco pensar, julgo que não há sofrimentos cardíacos como diagnosticaram os médicos, porém sofrimentos reumáticos que já sofridos em tempos anteriores, renovaram-se mais seriamente devido à idade e seus efeitos.

Os remédios foram durante o estado febril e ainda depois, Ac. e Bell. alternados, em seguida Brion, repetidas vezes.

Minha família sem cura de remédios a seus males velhos, começa de usar exclusivamente da homeopatia desde ontem, Lach. 3 vezes por dia. Ao menos não repugna ao estômago, já tão saturados de medicamentos de toda espécie, sempre debalde empregados. Meu filho João ainda em uso do elixir de Brion, receitado pelo Dr. Ermírio Coutinho.

#### JANEIRO — 16

Completam-se os meus 61 anos. Passo tal aniversário somente com minha mulher e filhos, e passaria despercebido a não ser a manifestação amistosa do meu correspondente, Sr. Trajano da Costa Melo, que com suas filhas e irmão vieram-me cedo saudar e presentear, servindo-se apenas do nosso almoço e retirando-se ao meio-dia. Agradecido a tal prova de lembrança e amizade.

Marcado pelo Governador do Estado de Pernambuco por ordem do Governador Geral, foi o dia de hoje considerado de gala e feriado para todas as repartições em homenagem à República do Paraguai, que com grande expansão festejou a República brasileira ao saber de seu início, mudada a forma de governo monárquico. Assisti ao arrumamento e movimento de tropas, bombeiros, (ilegível) às diversas, que reunido a grande número de pessoas gradas e povo percorreram pacificamente algumas ruas, vendo-se à frente o General José Simeão, Governador do Estado de Pernambuco.

Conquanto o entusiasmo fosse morno, ou não sobressaísse, contudo foi a melhor das manifestações aqui realizadas depois do advento republicano. Da boa direção e cuidadosa educação do povo, tão abatido, devemos esperar a animação para tudo e para todos. À noite alguma iluminação em edifícios públicos e poucos particulares.

Voltei às quatro horas e conservei-me em família vendo correr em paz os meus 61. Deus me auxilie para bem terminar o resto de vida que se dignou conceder-me, facilitando-me os meios e modos de poder gozar de Suas Graças, quando o corpo fraco voltar à fria terra, voando o espírito ao Criador de tudo. (39)

Meu filho João Batista sofreu no dia 14 repetição de seu mal velho: dessa vez com muito menos excesso e vezes. No dia seguinte melhorado, parece convalescer mais suavemente. Empreguei tratamento homeopático administrado por mim, já desanimado de tantos remédios alopáticos aplicados há anos sem o menor proveito.

15 (sic) — Desde ontem à tarde nubla-se o tempo e chove aguaceiro que se repete com mais constância à noite, trovoadas para o mar, ao longe, e relâmpagos, e assim corre a noite em aguaceiros fortes, e maior não foi a quantidade d'água, porque rajadas de vento fortíssimas de leste e sul, rarefizeram as chuvas ou levaram-nas a outros lugares, parecendo serem grandes na província.

16 — Ainda no dia 16 ao amanhecer chuvoso, cessando ao crescer do dia, conservando-se tempo nublado e vento leste. Tudo ressentido da necessidade de chuvas ainda ambicionadas. Tudo dessecava, e para muitos engenhos faltava água para moagem.

20 — Hoje dia de São Sebastião, de quem deu-se-me o nome de batismo, reuniram alguns amigos e parentes com famílias, em pequeno número, porém que por suas delicadas maneiras e expansão com que quiseram tornar o dia agradável a mim e à minha família, muito nos penhoraram. Jantamos em família, dançaram, cantaram, jogaram inocentes jogos de pren-

(39) — Embora as folhas recifenses registrassem que "uma grande massa popular" comparecera à "Marcha Cívica", vale notar que pelo testemunho idôneo do Barão de Goicana o entusiasmo "morno" parecia indicar que o povo voltava a se mostrar "bestificado" diante da banal manifestação prestada com surpreendente estardalhaço ao país por aqueles mesmos que o haviam combatido, não para atender o Imperador, mas para repellar uma invasão do território nacional pelas forças do tirano Lopez, declarado inimigo do Brasil.



das e vísporas, tocaram, todos se entretinham, e satisfeitos divertiam-se. Com saudades, tendo cada um de voltar às suas casas, separamo-nos depois das 9 1/2 horas da noite. Agradeço a todos.

21 — Desde antes do amanhecer chove chuva fina, porém constante, tendo havido ontem, antes e depois do amanhecer, bons aguaceiros. É de crer que continuem as chuvas, e as plantas se reanimem e prosperem.

Minha mulher passa melhor de seus males cardíacos, no dizer de dois médicos, e reumáticos e brônquios no meu pensar, fez hoje excursão ao Recife, à missa no Hospital Pedro II, e depois ao Liceu de Artes e Ofícios, Ginásio, Nova Hamburgo, e transporta-se à tarde a Olinda, indo a Nossa Senhora do Monte e outros lugares, voltando em noite, sem maior incômodo. Acompanhou-a meu filho Filinto e mulher, minha filha, o sobrinho Pedro e nossa amiga D. Francisca, filha de meu correspondente. Deixei de ir, voltando do Recife por causa de uma contusão simples na perna que me incomodava pelo andar, e sol quente.

O tempo tem sido de sol desabrido, vento nordeste, calor.

31 — Finda-se o mês sendo em quase todo percurso de sol ardente, calor, ventos fortes do nordeste que mais crestam do que refrescam. Os negócios públicos sob a nova forma de governo correm com melhor caráter, porém continua o estado de marasmo de muitos que parecem ainda indecisos sobre o verdadeiro estado de coisas presente e futuro. Por ora sobressai o governo militar, predominando os denominados conservadores; muito a fazer-se, pouco há feito, medidas rigoristas para os desprotegidos e ignorantes, vadios, porém sem curar-se de tirá-los da ignorância, iluminando-os assim para a prática do bem, o que nem sempre pode ser conseguido pelo terror.

Em um país cujos habitantes na grande parte analfabetos, um governo bem intencionado, patriótico e ilustrado, deve ter como um dos primeiros cuidados, dar educação ao povo, liberalizando escolas, obrigando-o ao ensino das letras e artísticos, prevenindo montepios para subvencionar aos que sofrem falta de recursos para decentemente se apresentarem às

escolas ou aulas. Disso, bem pouco ou nada por ora tem curado o governo militar republicano: há falta de trabalho. É de esperar que essa e outras necessidades importantes sejam supridas, se deseja-se para o Brasil futuro seguro e brilhante. Não se contentam com o triunfo incruento da República sobre a Monarquia, nem se seguem com os proventos, tudo se derrocará se não for firmado em bases sólidas da moral e ciência refletida sobre todas as classes. Por ora noto a falta de economia que ainda se vê, quando se crimina o governo anterior por alimentá-la. Criação de emprego, aumento de honorários, de Exército, aposentadorias em massa (capital inerte) edifícios custosos, compras dispendiosas e outras inconveniências, não são, certamente, o melhor meio de moralizar-se o país, prover a seu futuro, nem de remover o grande débito interno e externo fabuloso de que os governos anteriores o deixaram onerado.

Façam por não aparecer a descrença, a anarquia, o desespero, o suicídio finalmente que será a perda da nacionalidade brasileira: *quod Deus avertat*.

Continua minha permanência no sítio que tenho na Torre com minha família. Passamos presentemente sessão de saúde robusta com algum descanso, ou alguma modificação dos males anteriores, desde muito acabrunhadores para parte de minha família e para mim que observo sem encontrar remédio que os extirpe.

Impossibilitado pelo cuidado com meus doentes, pouco posso sair a ver meus negócios e afazeres do engenho, donde somente tiro recursos para a vida. Meu filho Filinto não querendo continuar na direção do engenho, reside comigo, achando-se os serviços entregues aos empregados Sebastião A. de Albuquerque e José Torquato da Silva, aquele administrador, e este caixeiro anual e dedicado, dirigem por ora satisfatoriamente, aquilo de que os incumbi, não deixando de ser sensível a falta do dono no local, que certamente dispõe com maior franqueza e determina o preciso, sendo natural o acanhamento dos empregados para excederem-se do estritamente preciso.

A ordem e salubridade não têm sofrido alteração que vexa, e os serviços vão de acordo com o tempo e circunstâncias menos mal. A falta de chuvas e água para moer tem demorado a colheita da safra e desenvolvimento das novas plantações. Existem moídos e exportados para a praça do Recife.





11 — Alguma chuva, pouca hoje, nublamento ao sul, para onde há 4 dias seguidos observa-se o horizonte bastante rubro ao anoitecer, durando até 7 e 7 1/2 ou 8 da tarde. O calor é sensível, muitas cacimbas locais secam.

12 — Desde onze da tarde meu filho João Batista sofre acessos nervosos até à noite de 13, com 24 horas de sofrimentos em intervalos de 1 a 2 e 3 horas. Desaparecem, conservando a 14 e 15 em verdadeiro estado de torpor e indiferença. Cena compungente por demais para seus pais.

14 — Segue na barcaça "Livramento", em que veio, para Goicana o tambor cujo eixo apareceu quebrado, completamente reparado para continuar a moagem.

18 — Finda-se o carnaval de 1890. Correu na cidade do Recife e arrabaldes sem alteração, pacificamente. A polícia conseguiu por modos persuasivos e previdentes o desaparecimento completo do pó e água nas ruas, prazer bárbaro e bestialógico ao qual grandes e pequenos se davam nos anos anteriores com excesso bem prejudicial. Felizmente passou-se bem sem ele, faço votos para que não renasça em tempo algum. Poucas máscaras, alguns clubes, raros a caráter e com algum espírito; espectadores pelas ruas e nas casas em número extraordinário, apesar de pouca variedade nas folias doidejantes dos dias carnavalescos. Alguns clubes dansantes públicos, e familiares abriram seus salões, consta alguns esplêndidos e muito divertidos. Tal correu sem alterar o sosseg público.

A falta completa de chuva mantém-nos em calor e poeira asfixiantes.

Assisti com minha família algumas horas as vistas carnavalescas, ora na rua, ora em casa.

Meu filho melhorado.

22 — Hoje recolhi em meu nome à Caixa Econômica, reformando o que já tinha, a quantia de 3:000\$000, e em nome de meu filho João Batista a quantia de 1:500\$000.

28 — Finda-se, como foi em seu correr, sempre sol, calor intenso, raríssimos e curtos aguaceiros. Chegam de muitas localidades da Província e mais vizinhas queixas desagradáveis da seca e seus cortejos. Deus se amercie da humanidade

sofredora. O estado sanitário sofre o efeito da estação seca e cálida. Alguns casos fatais de febres e outros males aflitivos.

Os negócios públicos continuam sem maior alteração, não sendo ainda lisonjeiro e confiante o estado de coisas, que caminha lentamente, alguns tropeços, desgostos, como é natural, visto que é natural que muitos se dêem engano na procura do acerto. Não devemos desesperar da República nascente, cujos passos infantis ainda não podem ser firmes; procurem os bons patriotas ampará-la para que chegue ao estado de vigor moral e físico. O caminho é longo e cheio de espinhos.

O estado de minha família continua como dantes. Do engenho, para onde seguiu meu filho Filinto, (2 de março) nada de novidade. Continua a falta de chuvas e água para moagem, que por isso vai bastante morosa, e as canas que restam dessecando. As novas canas para futura safra vão menos mal.

Despesas do engenho no mês:

Serviços de campo, estrebaria e engenho . . . . .	253\$840
Moagem, corte e carreto . . . . .	301\$640
Fabrico do açúcar — 170 pães e Retames, 74 cubas . . . . .	136\$350
Idem de aguardentes — 9 e 1/2 pipas (fora mel e 1 <sup>a</sup> ) . . . . .	58\$000
Gêneros entrados para o armazém . . . . .	215\$720
Idem saídos, ou vendidos . . . . .	170\$980
Réis . . . . .	1.136\$530

Sítio durante o mês:

Serventes — 72\$000 — Criados — 20\$000 Co- medorias e outras despesas acessórias . . . . .	412\$620
Bondes . . . . .	15\$900
Réis . . . . .	428\$520
Total de despesas . . . . .	1:565\$050

Finda-se a escrituração do presente livro, e segue-se em outro”.



Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas  
da Companhia Editora de Pernambuco —  
Rua Colôno Leite, 530 - Sto. Amaro - Recife  
C.G.C. 10.921.252/0001-07 - Insc. 180.011.170



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)